

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ADRIANE DE ANDRADE

GEO-GRAFIAS DA SAÚDE POPULAR COMUNITÁRIA: MULHERES, SABERES E
PRÁTICAS COTIDIANAS DE CURA, UMA EXPERIÊNCIA DESDE O MOVIMENTO
DE BENZEDEIRAS DO PARANÁ E DO SETOR DE SAÚDE DO MST PARANÁ.

CURITIBA
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ADRIANE DE ANDRADE

GEO-GRAFIAS DA SAÚDE POPULAR COMUNITÁRIA: MULHERES, SABERES E
PRÁTICAS COTIDIANAS DE CURA, UMA EXPERIÊNCIA DESDE O MOVIMENTO
DE BENZEDEIRAS DO PARANÁ E DO SETOR DE SAÚDE DO MST PARANÁ.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Geografia, no Setor de Ciências da Terra, na
Universidade Federal do Paraná, como requisito
parcial a obtenção do Título de Doutora em
Geografia.

Orientador: Professor Doutor Jorge Ramón
Montenegro Gómez.

CURITIBA
2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Andrade, Adriane de

Geo-grafias da saúde popular comunitária: mulheres, saberes e práticas cotidianas de cura, uma experiência desde o movimento de benzedeiras do Paraná e do setor de saúde do MST Paraná. / Adriane de Andrade. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Orientador: Professor Doutor Jorge Ramón Montenegro Gómez

1. Mulheres – Medicina popular. 2. Benzedeiras. 3. Movimento dos trabalhadores rurais sem terra (Paraná). I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Gómez, Jorge Ramón Montenegro. IV. Título.

Bibliotecária: Roseny Rivelini Morciani CRB-9/1585



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GEOGRAFIA -
40001016035P1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação GEOGRAFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **ADRIANE DE ANDRADE** intitulada: **GEOGRAFIAS DA SAÚDE POPULAR COMUNITÁRIA: MULHERES, SABERES E PRÁTICAS COTIDIANAS DE CURA, UMA EXPERIÊNCIA DESDE O MOVIMENTO DE BENZEDEIRAS DO PARANÁ E DO SETOR DE SAÚDE DO MST PARANÁ**, sob orientação do Prof. Dr. JORGE RAMÓN MONTENEGRO GÓMEZ, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Março de 2024.

Assinatura Eletrônica
14/05/2024 17:29:50.0
JORGE RAMÓN MONTENEGRO GÓMEZ
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
30/09/2024 17:11:00.0
GISLEI SIQUEIRA KNIERIM
Avaliador Externo (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ)

Assinatura Eletrônica
07/04/2024 13:35:53.0
JOSIANE CARINE WEDIG
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
06/06/2024 09:33:29.0
ROSELI ALVES DOS SANTOS
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
18/06/2024 12:04:27.0
ADRIANA DE HOLANDA CAVALCANTI
Avaliador Externo (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ)

Assinatura Eletrônica
08/09/2024 19:48:06.0
MÔNICA COX DE BRITO PEREIRA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO)

Av. Cel. Francisco H dos Santos, 100 - Ed. João José Bigarella - 1º andar - sala 108 - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 81531-980 - Tel: (41) 3361-3450 - E-mail: posgeografia@ufpr.br
Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 352781
Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 352781

Dedico essa tese a todas as mulheres da minha família que vieram antes de mim e que me permitiram chegar até onde cheguei, e que possamos ser livres para trilhar pelo caminho que o coração nos faz sentir.

AGRADECIMENTOS

Sobre os afetos que me rodeiam

Há doze anos que estou na geografia e doze anos que me sinto retornando para casa. Loucura, mas é exatamente assim que me encontro, num longo processo de reencontro de pertencimento e lar. Nesses 12 anos de geografia, desde a graduação até o fim do doutorado eu me despi, virei do avesso e me joguei no que a universidade poderia me dar de melhor. Apaixonada por clima, terra, meio ambiente, foi na geografia rural e na educação onde finquei meus pés, mas sem esquecer as inúmeras possibilidades que essa ciência pode lindamente nos proporcionar. Eu que nunca achei que chegaria a cursar uma universidade federal. A única da família a ter mestrado, a única até o momento, a cursar na federal, e a única a chegar aqui na defesa do doutorado.

Não foram poucas as mãos que me acolheram desde o dia que pisei nesse chão. Não poderia antes de me debruçar para falar nome por nome agradecer imensamente todo apoio da Helô e do Zezinho, da secretaria da graduação. Foram tantos documentos, tantas conversas, que confesso que vou sentir saudades. Meu agradecimento especial aos professores que atravessaram meu caminho e que, apesar das contradições, me possibilitaram enxergar como a geografia se completa, e que graças a eles chego aqui.

Agradeço também o apoio da CAPES, pela bolsa de pesquisa, pois sem a bolsa de apoio, não seria possível vivenciar tudo que aprendi nesses anos de mestrado e doutorado como bolsista e pesquisadora.

Assim como a proposta dessa tese e como não poderia deixar de ser, quero me debruçar ao miúdo, nas mãos que me fizeram chegar até aqui hoje.

Primeiramente agradecer a todas que vieram antes de mim, todas minhas ancestrais, em especial, mulheres que carregaram em seus corpos a dor e o amor de ser mulher, e que infelizmente, já não estão por essas bandas de cá, mas que com certeza me observam e me protegem de longe. Obrigada por terem tornado a minha caminhada menos dura, em especial a Babá Eudóscia e a Vó Preta Quintilhana.

Agora aos presentes.

À pessoa mais importante da minha vida, a minha mãe. Dona Ana, que foi e é sem dúvida a minha grande inspiração. A primeira a estender a mão, a dar o braço, a perna e a me incentivar a seguir uma nova profissão e que desde pequena me dizia: *-Vai estudar filha, estude, para não ter que trabalhar tanto como eu. Estude porque nós que somos pobres, a única forma de mudar é estudando!* Mal sabia ela que isso ia reverberar na minha vida por tantos anos.

Obrigada mãe, por ser meu aporte, por estar do meu lado todos os dias da minha vida, por me apoiar nas decisões mais difíceis, por seu afeto na cozinha e por sempre me colocar em suas orações. Sou infinitamente grata por ter tido a oportunidade de aprender tanto com você, mãe, e juntas nos desconstruirmos. Obrigada pela força!

Não poderia deixar de agradecer também minha irmã Fabi, pelos dias que estive ausente e não consegui dar o suporte necessário, queria ter sido mais presente, principalmente com meu sobrinho, o Lucca, nas suas infinitas possibilidades de descobrir o mundo. Sou muito feliz de ter vocês ao meu lado, mesmo entendendo minhas ausências. Você sempre foi uma inspiração, um exemplo de mãe, de trabalhadora e tenho muito orgulho de caminhar ao seu lado. Vocês com certeza são minha luz.

Ao meu pai, Manoel Afonso, seu “Gigi”, que mesmo me dizendo várias vezes “*meu deus, não vai parar de estudar nunca? quando vai começar a trabalhar?*” (rs) Mesmo não entendendo a pesquisa como um baita de um trabalho, suas dúvidas de alguma forma me impulsionaram a seguir em frente, me desprendendo de todas as amarras e correntes. Foi meu companheiro de campo na graduação, me estendeu a mão várias vezes. Hoje eu entendo que nossas discussões e brigas constantes também me fizeram caminhar para frente e me entender enquanto uma mulher “feminista” nesse mundo.

Ao Lucca, meu pequeno grande guri, por me ensinar desde pequeno a não ter medo por coisas bobas e ter coragem para enfrentá-las caso elas apareçam. Meu pequeno menino desde cedo ensinando as coisas mais fofas do mundo, a contar histórias e me fazer olhar para o mundo e a importância das pequenas coisas diárias. Que sorte a minha ter você por perto.

Ao coletivo Encontra, primeiramente ao meu orientador Jorge, querido Jorge. Quantos anos me aguentando, desde a graduação me orientando e chegamos aqui nesse exato momento do ponto que finda. Parecia que esse fim não ia chegar, não é mesmo? Não vou esquecer dos momentos em que tive vontade de desistir e não foram poucos e você pacientemente estendeu sua mão, me fez enxergar coisas bonitas que este trabalho trazia, me fez perceber o meu papel dentro dessa pesquisa e me trouxe vários livros de inspiração. Abraçou minha ideia desde começo, de fazer algo, metodologicamente falando, diferente. Apontou caminhos, me mostrou possibilidades. Nesses 11 anos de encontra aprendi muito com você Jorge, com seus rabiscos e correções. As suas orientações sempre me fizeram ir além do que buscava. Me deu as mãos mesmo quando nem eu mais acreditava que era possível. Deixo a ti os meus mais sinceros agradecimentos. Me deixou mergulhar fundo, mesmo sabendo que eu não sabia nadar.

A Fernanda Ikuta, a minha grande amiga “Fer”, que abriu a casa, a vida e me apoiou em vários momentos dessa jornada, acompanhou minha pesquisa de perto, ouviu minhas dúvidas, minhas indagações, meus medos e receios. Obrigada Fer! Muito bom ter você presente em minha vida.

A Katuta, que foi uma das minhas grandes inspirações para continuar a graduação e então encontrar um caminho que fizesse meus olhos brilharem, “à educação”. Jamais vou esquecer a importância das suas palavras em minha vida.

Às meninas do Encontra que tive a grata oportunidade de conhecer e conviver, que não são poucas: Nathalia, Leticia, Thânia, Danielle, Carmem, Maria, Mara, Sandra, Marina, Thais, Luiza, Iara, Camila, Helô, Glaucia, Mailaine, Jéssica, Gabi e Georgia, foi muito bom dividir os anos, as oficinas, o Encontra com vocês. Que a gente ainda possa se cruzar muitas e muitas vezes.

Aos meninos: Vini, Giordano, Fernando, Bruno, Otávio, Jansen, aprendi muito com cada um de vocês.

Aos Jurássicos dos Encontra, Laura, Mercedes, Ralph, Adriano, William e agora o mais novo Jurássico Gus. Amo de coração e sou grata em poder compartilhar a vida e momentos de festa e de luta com vocês, que a gente possa cruzar nossos caminhos tantas outras vezes, amo vocês.

E ao raio de Sol Aline, em especial, puro amor. Amo ter você por perto, acompanhar seus passos na luta, no corre e no gole. Foi, e é a minha inspiração de força e mulher.

À minha dupla preferida: Janaína e Joana, mudaram minha percepção do que é perceptível nessa vida (rs). Amo vocês. Um agradecimento especial para a família Amarante, pelo pouso, pelas trocas e por tanto acolhimento nesse nordeste lindo e quente do meu Brasil. Logo eu volto!

À irmã aquariana que ganhei, Thiara, a senhora boné veio, a mãe de todos os bonés(rs). A que adora inventar apelidos engraçados. Eu inclusive tenho alguns: Benze, Ariadne, Lexa e por aí vai. A dona dos jargões mais diferenciados, a que me indicou duas das principais referências dessa tese, que foi o Luiz Rufino e Antônio Simas, me mostrou tanta coisa linda e me faz enxergar todos os dias como a vida pode ser leve e linda. Amo sua risada, sua companhia, me inspira como mulher e professora.

À minha amiga irmã Ednubia que ganhei nesses últimos três anos de pandemia. Minha companheira de casa, de luta, a que me inspira todo o dia. A madrinha do café, que me ensinou a gostar de batata doce, temperos, comida vegetariana, bananeiras e de gatos. É tanto aprendizado que não cabe no papel.

À minha amiga Michele companheira da geografia, do terreiro, do samba, da Bahia, dos choros, das viagens mais engraçadas. A que puxa a orelha, mas oferece o ombro, um café um bolo, um pagode (rs). Ah amiga, a vida com você é mais divertida com certeza.

Às amigas de longa data, Vivi, Karina, Mari, Karol, Deisy, Cintia, Viviam, por entenderem minhas constantes ausências nesses últimos anos, mas por não desistirem de mim, amo vocês.

Aos amigos do MST que fiz nessa caminhada:

Primeiramente minha amiga Priscila, companheira de mestrado que se tornou irmã de vida, os laços que criamos jamais serão desfeitos, admiro a mulher que é, que se tornou, como mãe, artista, agrofloresteira, você é pura inspiração amo-te.

À amiga Silviane, da luta e da festa, da cultura e do terreiro, amiga você é mais que importante nessa caminhada, obrigada.

A tantas mulheres que me inspiram como a Neia, Nicky, Isabela, Vitória, Mirelle, Daiane e Daiana, Ana e a tantas outras mulheres que tive a grata oportunidade de cruzar. Ao Cristiano meu amigo de tantos forrós e festas e que foi embora para o Ceará. Ao Cassiano, ao Tarcísio, Luana e são tantos! Amo todo essa galera linda do MST.

Em especial às mulheres do coletivo de saúde, minha gratidão imensa por abrirem as portas e estarem sempre disponíveis para ouvir e me deixarem aproximar, em especial Maria Izabel Grein, uma mulher que me inspira pela sua força e coragem, a Serla e Dona Maria que também me ensinam sempre sobre como fazer desde a base, saúde popular comunitária, e às benzedeadas que amo desse movimento e tive a grata oportunidade de conhecer, Dona Vera e Dona Alicinha.

Às companheiras que assessoram o movimento de benzedeadas. O trio que admiro muito: Milene, Taísa e Mariana, quanta generosidade, amorosidade. Trabalhar ao lado de vocês é sem dúvida um dos melhores presentes que a vida me proporcionou. O vento mudou, o sol apareceu e bora colher os bons frutos que plantamos! Amo vocês!

Ao Movimento Aprendizes de Sabedoria em especial. Sem deixar de agradecer às benzedeadas que compartilharam suas vidas, suas tristezas, suas alegrias diárias e seu cotidiano, em especial Dona Sebastiana, minha terceira avó, que enfrentou duras batalhas nesses últimos três anos. Dona Ana, guerreira, é pura inspiração, que mulher potente! É cantora, compositora, animadora. Defensora da vida e da mata das araucárias e principalmente do Monge João Maria e suas fontes de água. Que felicidade partilhar a vida com uma pessoa como a senhora.

Meu abraço forte a dona Agda, que foi a primeira benzedeadas que tive contato, a que fez eu me encantar pelo movimento, uma baita de uma remedeadas, a conhecedora das plantas a que

me deu inúmeras mudas para eu cultivar, a que domina um conhecimento admirável sobre as propriedades das plantas e que continua a estudar mesmo aos seus mais de 70 anos de idade.

A Dona Dejanira, que mesmo com tanta dificuldade não perdeu a alegria de viver, a que carrega um riso solto aonde quer que vá. Nos apresenta a possibilidade de andar leve por onde passa.

A Dona Glorinha, uma lindeza de mulher, com um sorriso imenso nos olhos.

A Dona Nilza por partilhar tanto conhecimento, tantas histórias.

A Dona Rosinha, minha companheira de viagem com quem aprendo todo dia.

A Matilde, Marli e Maria que começaram recentemente a acompanhar o movimento, mas que já dispõem de uma energia enorme e uma disposição para ensinar admirável, nossas visitas em campo são sempre muito animadas com vocês.

Às que já se encantaram e viraram estrelas, em especial Dona Hilda com quem tive a graça de compartilhar alguns momentos, e que nos deixou recentemente e a Dona Alzira benzedeira que nos acompanhou por muito tempo.

A Dona Jacira que também é um exemplo de mulher, Dona Terezinha da Invernada, que sempre nos recebeu em sua casa com muita disposição e sempre nos ensinou a importância de não desistir da luta independentemente do tamanho dela.

Às benzedeiros de São João do Triunfo: Dona Tila, Dona Heleninha e a Marilu e a todas as outras benzedeiros que tive grande poder cruzar o caminho tomar um mate, um café, um bolo, e dividir um pouco que fosse as histórias de vida.

À espiritualidade que me deu força para não desistir no caminho.

Aos meus pais de santo, Pai Thiago de Ogum, e em especial ao Pai Bruno de Ogum por me auxiliar deveras, todas as vezes que precisei e que não foram poucas, por todos os seus ensinamentos e pela humildade em compartilhar tanta sabedoria, obrigada por estender as mãos quando mais precisei.

À espiritualidade em especial que me acompanha. Agradeço imensamente a todos os guias que me protegem: A Vovó Cambinda, Pai Guiné, Pai Benedito, Cabocla Iracema, Caboclo Cobra Coral, Caboclo Sete Montanhas, Cabocla Girassol, seu Zé Boiadeiro, Zé Pelintra, Cigana Aurora, Pomba Gira Rosa Vermelha e ao Exu Caveira. Aos que me acompanham nessa caminhada espiritual, em especial ao Pai João de Aruanda. Um salve!

RESUMO

Esta tese propõe uma leitura das geo-grafias da saúde popular comunitária feminina com foco nas práticas realizadas por dois movimentos sociais no Paraná: o Movimento Aprendiz de Sabedoria (MASA), protagonizado por Benzedeiras da região centro-sul do estado e o Setor de Saúde do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do PR. O objetivo central do trabalho consiste em analisar o papel das mulheres desses dois movimentos sociais na construção de outras geo-grafias a partir das práticas de saúde popular comunitária e das diferentes relações que se tecem ao redor, dando relevância ao estreitamento de vínculos, ao afeto e à partilha coletiva para romper os cercamentos impostos pelo sistema-mundo moderno-colonial-patriarcal-medicalizado. Parto do princípio que as práticas de saúde popular comunitárias, coletivas, formam diferentes redes, atravessam e ressignificam territórios desde o cuidado/afeto, desde o fazer junto, do confluir e desde o cotidiano. No campo teórico e metodológico, buscamos construir análises pautadas na abordagem dos estudos descoloniais (com forte presença de autores que falam a partir do Brasil), da ontologia relacional e dos comuns, e a partir de uma perspectiva política poética e metodológica da pedagogia das encruzilhadas, da pesquisa-ação-participante-militante e desde “dentro”. Também mobilizamos um conjunto de verbos para captar nas práticas dessas mulheres a geografia como ação: FAZER com, do SER, do CUIDAR, CONFLUIR e SENTIR. E utilizamos a escuta geográfica, que está embasada na educação popular, na pesquisa-ação-participativa, nas pedagogias do território, para reconhecer as outras e meu lugar na pesquisa. Foram 10 anos de participação nas mais diversas atividades de mobilização social e política junto ao MASA e de 06 anos junto ao MST, que permitiram um mergulho profundo na realidade dos dois movimentos, e uma análise pautada em COMO as mulheres confluem entre os desencantos (cercamentos) de geo-grafias que são fortemente marcadas pela colonialidade/modernidade da expansão capitalista geradora de violências, conflitos, expropriações, subalternização, silenciamentos, apagamentos, com uma geo-grafia do encanto, das r-existências, de saberes, de conhecimentos diversos, da relação com a natureza, da ancestralidade, do viver em comunidade, e que geo-grafam territórios educativos. Quando olhamos para essas práticas, que existem, resistem, entendemos que elas não são resquícios do passado, de algo longínquo com os dias contados para acabar, muito pelo contrário, quando observamos a quantidade de práticas se capilarizando, ganhando força em diferentes trocas como os coletivos de mulheres, de movimentos sociais, de identidades coletivas que pautam saúde enquanto forma de vida, percebemos que elas estão cotidianamente emergindo das frestas e ressignificando territórios desde um olhar para o cuidado e para a centralidade da vida. As discussões e reflexões desenvolvidas ao longo desta pesquisa nos levam a afirmar que a saúde popular realizada por esses movimentos é um ente potencializador, mobilizador e transformador do território, portanto, crucial para a manutenção dos “comuns” e para entender a diversidade de formas de ser e estar no mundo a partir de quem o constrói no cotidiano.

Palavras-chave: Comuns, Cuidado, Confluência, relacionalidade, saúde popular, mulheres.

ABSTRACT

This thesis proposes a reading of the geographies of popular female community health with a focus on the practices carried out by two social movements in Paraná: the Movimento Aprendizes de Sabedoria (MASA), led by Benzedeiros from the center-south region of the state, and the Health Sector of the Movimento Sem Terra (MST) of PR. The central objective of the work is to analyze the role of women from these two social movements in the construction of other geographies based on popular community health practices and the different relationships that are woven around them, giving relevance to the strengthening of bonds, affection and collective sharing to break the enclosures imposed by the modern-colonial-patriarchal-medicalized world-system. I assume that community, collective popular health practices form different networks, cross and re-signify territories from care/affection, from doing together, from confluence and from everyday life. In the theoretical and methodological field, we seek to build analyzes based on the approach of decolonial studies (with a strong presence of authors who speak from Brazil), relational ontology and the commons, and from a poetic and methodological political perspective of the pedagogy of the crossroads, participant-militant-action-research and from “within”. We also mobilized a set of verbs to capture geography as an action in these women's practices: DOING with, BEING, CARE, CONFLUENCE and FEEL. And we use geographic listening, which is based on popular education, participatory action research, territorial pedagogies, to recognize others and my place in the research. There were 10 years of participation in the most diverse social and political mobilization activities with MASA and 6 years with the MST, which allowed a deep dive into the reality of the two movements, and an analysis based on HOW women converge between disenchantments (enclosures) of geographies that are strongly marked by the coloniality/modernity of capitalist expansion that generates violence, conflicts, expropriations, subalternization, silencing, erasures, with a geography of charm, of r-existences, of knowledge, of diverse knowledge, the relationship with nature, ancestry, living in a community, and which geograph educational territories. When we look at these practices, which exist and resist, we understand that they are not remnants of the past, of something distant with the days numbered to end, quite the contrary, when we observe the number of practices spreading, gaining strength in different exchanges such as collectives of women, social movements, collective identities that guide health as a way of life, we realize that they are daily emerging from the cracks and giving new meaning to territories from a perspective of care and the centrality of life. The discussions and reflections developed throughout this research lead us to affirm that popular health carried out by these movements is an entity that enhances, mobilizes and transforms the territory, therefore, crucial for maintaining the “commons” and for understanding the diversity of forms of being and being in the world from those who build it on a daily basis.

Keywords: Common, Care, Confluence, relationality, popular health, women.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: METÁFORA DO DENTE DE LEÃO.....	32
FIGURA 02 : PALAVRAS GERMINANTES DA TESE	36
FIGURA 03: RAÍZES 2018- RAIZEIRO SR. MIGUEL	52
FIGURA 04: IV ENCONTRO DE SABERES DA CAATINGA, 2020	53
FIGURA 05: CARD FEITO PARA AS REDES SOCIAIS PARA DIVULGAR O MAPEAMENTO.	61
FIGURA 06: LINHA DO TEMPO SETOR DE SAÚDE MST	71
FIGURA 07: ESPAÇO DE SAÚDE LAPA - PR.....	74
FIGURA 08: COOPERATIVA RAÍZES DA TERRA MST-MG	76
FIGURA 09: COOPERATIVA DE PLANTAS MEDICINAS-COOPPLANTAS	77
FIGURA 10: I OFICINA DE FORMAÇÃO AGENTES DE SAÚDE VILA DAS TORRES-CURITIBA -PR DATA 26.09.2020.	81
FIGURA 11: II OFICINA DE FORMAÇÃO DE AGENTES POPULARES DE SAÚDE NA CAPELA NOSSA SENHORA APARECIDA- VT.	82
FIGURA 12: VILA DAS TORRES, CURITIBA, PR- AÇÃO DOS AGENTES POPULARES DE SAÚDE.	83
FIGURA 13: AÇÃO DE MUTIRÃO AGENTES POPULARES DE SAÚDE, CAMPO MAGRO-PR.....	84
FIGURA 14: MÉDICOS POPULARES FAZENDO ATENDIMENTO VOLUNTÁRIO NA COMUNIDADE NOVA ESPERANÇA, CAMPO MAGRO-PR.	86
FIGURA 15:MUDAS DE PLANTAS MEDICINAIS DOADAS PELO CPRA.	87
FIGURA 16: SEPARAÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS DOADAS PELO CPRA.	88
FIGURA 17: MUTIRÃO DE LIMPEZA DOS AGENTES POPULARES DE SAÚDE MST E MPM.	88
FIGURA 18: MUTIRÃO DE LIMPEZA DOS AGENTES POPULARES DE SAÚDE, MST E MPM	89
FIGURA 19: MUTIRÃO PARA PLANTIO HORTA MEDICINAL OCUPAÇÃO NOVA ESPERANÇA- CAMPO MAGRO-PR.	91
FIGURA 20 : REUNIÃO DO COLETIVO DE SAÚDE – IMBAÚ-PR.....	99
FIGURA 21: ESPAÇO SAÚDE- JORNADA DE LUTA DAS MULHERES MST PARANÁ	100
FIGURA 22: LINHA DO TEMPO MOVIMENTO DE BENZEDEIRAS	105
FIGURA 23: - LIVE MUSEU PARANAENSE- MARÇO DE 2021	111
FIGURA 24 :PODCAST -MULHERES DE FÉ	111
FIGURA 25: CARD DA LIVE DA REUNIÃO DA ANEPS-PR	112
FIGURA 26: PRIMEIRA REUNIÃO PÓS-PANDEMIA MASA.	113
FIGURA 27: OFICINA “PLANTAS E MODOS DE BENZIMENTO.	116
FIGURA 28: CARD DO ENCONTRO DE BENZEDEIRAS DE IRATI	117
FIGURA 29: ENCONTRO ESTADUAL DE BENZEDEIRAS EM IRATI	118
FIGURA 30: VISITA A BENZEDEIRAS NA COMUNIDADE DE ENGENHEIRO GUTIERREZ IRATI-PR.	119
FIGURA 31: DESENHANDO O PROCESSO DE DESENCANTO	137
FIGURA 32: ÁRVORE DE ESPINHEIRA SANTA CAÍDA NO CHÃO	140
FIGURA 33: OLHO D'ÁGUA NO MEIO DA PLANTAÇÃO DE FEIJÃO.....	155
FIGURA 34: INAUGURAÇÃO DA GRUTA COM A ESTÁTUA DO MONGE JOÃO MARIA	156
FIGURA 35: OFICINA DE TINTURAS CASEIRAS.....	158
FIGURA 36: FARMACINHAS COMUNITÁRIAS - FAXINAL DOS SEIXAS- SÃO JOÃO DO TRIUNFO	162
FIGURA 37- QUINTAL DE BENZEDEIRA, DONA TILA EM SÃO JOAO DO TRIUNFO-PR	164

FIGURA 38: QUINTAL DE BENZEDEIRA, CASA DE DONA AGDA REBOUÇAS-PR	165
FIGURA 39: DONA AGDA COLHENDO LIMÃO PARA FAZER REMÉDIO PARA GRIPE.	168
FIGURA 40: DONA ANA BENZEDEIRA NA TRILHA DO PARQUE DO MONGE EM REBOUÇAS- PR.	175
FIGURA 41: BARRACA SETOR DE SAÚDE MST NA ROMARIA DA TERRA - ORTIGUEIRA -PR- AGOSTO DE 2023.....	211
FIGURA 42: DONA AGDA SEPARANDO SEMENTES CRIULAS DE FEIJÃO	213
FIGURA 43: CONCEITOS DE SAÚDE MST.....	216
FIGURA 44: CASA DA DONA SEBASTIANA, ENTRE UM CAFÉ E UMA BOA PROSA	219
FIGURA 45: AMOSTRA DA ROMARIA DE SÃO GONÇALO NO ENCONTRO MUNICIPAL DE BENZEDEIRAS	225
FIGURA 46: II FESTA DO MONGE JOÃO MARIA, AGOSTO DE 2023- REBOUÇAS- PR.....	228
FIGURA 47: FACILITAÇÃO GRÁFICA DAS FALAS DE DONA ANA NA FESTA DO MONGE	229
FIGURA 48: DESENHO BASEADO NAS FALAS DAS COMPANHEIRAS DO MST NO ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE EM ORTIGUEIRA- PR AGOSTO DE 2022.	236
FIGURA 49: OFICINA DE COSMÉTICOS NATURAIS- ASSENTAMENTO CONTESTADO, LAPA- PR- JULHO DE 2019.FONTE: A AUTORA, 2019.	242

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: TEMAS PRIORITÁRIOS DO MAPEAMENTO DE AGROECOLOGIA EM REDE.....	54
GRÁFICO 02: GÊNERO PREDOMINANTE NA ATUAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS MAPEADAS	58
GRÁFICO 03: IDENTIDADES	59
GRÁFICO 04: CONFLITOS	60
GRÁFICO 05: SITUAÇÃO DE ERVAS MEDICINAIS NATIVAS NOS FAXINAIS.....	147

LISTA DE MAPA

MAPA 01: MAPEAMENTO DE PRÁTICAS EM SAÚDE POPULAR COMUNITÁRIA	44
MAPA 02: ESPACIALIZAÇÃO DOS ENCONTROS E TROCAS DE SABERES.....	50
MAPA 03: MAPA DE MULHERES INTOXICADAS POR AGROTÓXICOS NO BRASIL.	143
MAPA 04: MAPA DE INTOXICAÇÃO POR AGROTÓXICO NOS MUNICÍPIOS DO PARANÁ.	144
MAPA 05: MAPA DE CONTAMINAÇÃO POR AGROTÓXICOS EM BEBES E GESTANTE NO BRASIL.	145
MAPA 06: MAPA DA COBERTURA FLORESTAL DO PARANÁ 1980-2016	150
MAPA 07: MAPA DOS TERRITÓRIOS DO MASA E MST.	151
MAPA 08: MAPA DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS E DOS TERRITÓRIOS DE REFORMA AGRÁRIA DO PARANÁ.....	152
MAPA 09:MAPA DE CONFLITOS EM TERRITÓRIOS DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS E DE REFORMA AGRÁRIA DO ESTADO DO PARANÁ.	153

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: MAPEAMENTO DE PRÁTICAS ANCESTRAIS DE CURA.....	40
TABELA 02: CATÁLOGO DE EXPERIÊNCIAS MAPEADAS DESDE A AGROECOLOGIA EM REDE. ..	55

SUMÁRIO

MEMÓRIAS.....	17
INTRODUÇÃO	25
O Semear	
Mapeamento de práticas em saúde popular comunitária.....	38
Mapeamento da Agroecologia em rede.....	53
Formulário de experiências em práticas ancestrais de cura.....	61
1. AÇÕES POTENCIALIZADORAS DE TRANSFORMAÇÃO DESDE UM “FAZER COM”: SOLUÇÕES POPULARES PARA A TRAVESSIA DA PANDEMIA DO COVID-19.....	65
1.1- QUEFAZER DESDE A EXPERIÊNCIA DO SETOR DE SAÚDE DO MST/PARANÁ	68
1.2- EXPERIÊNCIAS QUE FISSURAM O SISTEMA-SOLUÇÕES POPULARES ENCONTRADAS PARA DRIBLAR A PANDEMIA – SETOR DE SAÚDE MST.....	78
1.2.1 Agentes Populares de Saúde MST- Atuação nas periferias urbanas de Curitiba	78
1.2.2 Agentes populares de saúde nos territórios de reforma agrária do Paraná	92
1.2.3 O caminhar pós-pandemia- setor de saúde Paraná	98
1.3- QUEFAZER DESDE A EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO DE BENZEDEIRAS (MASA) DA REGIÃO CENTRO SUL DO PARANÁ.	101
1.4 EXPERIÊNCIAS QUE FISSURAM O SISTEMA- SOLUÇÕES POPULARES ENCONTRADAS PARA DRIBLAR A PANDEMIA – MASA	108
2. CONFLUIR ENTRE O DESENCANTO E O ENCANTO: DOS CERCAMENTOS DA SAÚDE POPULAR COMUNITÁRIA AOS PROCESSOS DE RESISTÊNCIA- MOVIMENTOS MASA E MST.....	123
2.1 CERCAMENTOS PRODUTORES DE ESCASSEZ: UM OLHAR PARA A SAÚDE POPULAR COMUNITÁRIA FEMININA DESDE OS MOVIMENTOS MASA E MST.....	127
2.1.1 Cercamentos da saúde popular comunitária ocasionados pelo desmatamento e pelo uso de agrotóxicos	139
2.1.3 Cercamentos da saúde popular comunitária relacionados ao “fazimento” de remédios caseiros	158
2.2. ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA ENCONTRADAS PELO MST E MASA NO CONFLUIR DO DESENCANTO E ENCANTO	163
3. GEO-GRAFIAS DO AFETO E DA SAÚDE DESDE UM CORPO-TERRITÓRIO FORJADO NO COTIDIANO E NO CUIDADO.....	177
3.1 GEO-GRAFIAS DA ESCUTA DO TERRITÓRIO	180
3.1.1 Dona Agda.....	180
3.1.2 Dona Eva.....	183

3.1.3 Marli	184
3.1.4 Dona Rosinha	185
3.1.5 Dona Nilza.....	186
3.1.6 Dona Ana.....	187
3.1.7 Dona Maria.....	189
3.1.8 Dona Vera	192
3.1.9 Serla.....	194
3.2 GRAFIAS AFETIVAS: DIÁLOGO DESDE O CORPO-TERRITÓRIO. “NÓS PELAS QUE VIERAM ANTES DE NÓS”	198
3.3 GRAFIAS AFETIVAS DA ESCUTA E DA SAÚDE: DIÁLOGO DESDE O COTIDIANO - “NÓS POR NÓS”	203
3.3.1. Cotidiano da luta e a luta no cotidiano	204
3.4 GRAFIAS DA SAÚDE POPULAR DESDE O CUIDADO- “PARA AS QUE VIRÃO DEPOIS DE NÓS”	209
4. GEO-GRAFIAS DA SAÚDE POPULAR COMUNITÁRIA FEMININA-	222
4.1. GEO-GRAFIAS DAS PRÁTICAS DE SAÚDE POPULAR NA MANUTENÇÃO DOS COMUNS.....	223
4.2 GEO-GRAFIAS DESDE OUTRAS ONTOLOGIAS RELACIONAIS E POLÍTICAS	227
4.2.1 COMO a saúde popular comunitária se constrói desde o cotidiano do comunitário?	234
4.3 AS PEDAGOGIAS POTENCIALIZADORAS DE OUTRAS GEO-GRAFIAS E GEO-APRENDIZADOS DESDE A SAÚDE	237
REFERÊNCIAS	257

MEMÓRIAS

Sempre fui uma boa observadora e desde pequena o mundo das plantas é o meu refúgio, o meu mundo mágico. Eu via minha *babá*¹ Eudóscia colhendo as plantas no jardim, tinha remédio para tudo. Camomila, hortelã, erva-doce, picão, folha gorda, arruda e uma infinidade de outras plantas. Minha *babá* era camponesa, nascida e crescida na roça, fez lá sua família. Mãe de nove filhos, sempre teve orgulho de dizer que os criou com os remédios do mato. Naquela época, década de 50, na comunidade rural de Queimadas, em Prudentópolis-PR, região, centro-sul do estado, hospital e médico era algo distante e inacessível (em alguns lugares ainda são, mesmo após a criação do Sistema Único de Saúde - SUS). Criou seus filhos através de chás, emplastos e de muita reza. Seus nove filhos nasceram pelas mãos de Dona Conceição, uma parteira bastante conhecida na comunidade.

Segundo relatos da família, os ucranianos, dos quais minha *babá* fazia parte, tinham medo e respeito pela velha senhora. Sem condições de acesso a hospitais ou médicos, era ela que estava sempre presente, ensinando como usar diversas plantas e ajudando a curar os males de quem procurasse. A língua nunca foi um empecilho. Os ucranianos, por vezes, não entendiam seu português caboclo, e Dona Conceição tampouco o ucraniano deles, mas utilizavam outras formas de linguagem, como os sinais. Além da parteira Dona Conceição, também existiam na comunidade outras benzedadeiras: a Dona Xicuta e Dona Maria Bicha, e eram a elas que a comunidade recorria.

Essas mulheres detinham um vasto conhecimento sobre as plantas e sempre que possível ensinavam a quem quisesse aprender. Dona Eudóscia, com nove filhos, precisou da ajuda diversas vezes das benzedadeiras e acabou aprendendo muita coisa com elas. Realidade de quem vivia no campo e que dependia dos ensinamentos das grandes anciãs, benzedadeiras, curandeiros, bocoieiros, erveiros, como eram chamados. Eram o socorro para o povo para males como: mordida de cobra, aranha, contusão, quebra de algum osso, machucadura, febre, tosse, anemia, dor de dente. Minha admiração por essas mulheres que detém um poder sobre as plantas vem desde pequena. Fomos criados com a ajuda de nossa *babá* que fazia questão de primeiro nos levar em uma benzedeira, sempre que alguma doença aparecia. Em Curitiba, nós as encontrávamos em toda parte e sem grandes dificuldades. Na década de 80, quando minha *babá* veio para Curitiba, as condições para se manter no campo não eram nada fáceis, estávamos vivenciando a Revolução Verde que expulsou muitos camponeses do campo. Meus avôs com

¹ *Babá*: avó em ucraniano

muito custo foram convencidos a vir para a cidade. Apenas um dos meus tios acabou ficando por lá, onde mora até hoje com sua família. A *babá* contou que a vida era muito difícil, passou fome, frio, e que incansáveis vezes perdiam a plantação de batata, feijão, por não ter para quem escoar a produção, ou ainda não ter como salvar de uma praga, do excesso de chuva ou da falta dela.

A localidade chama-se “Queimadas”, e fica entre o município de Guamiranga e Prudentópolis, no Paraná. O lugar era um faxinal² que foi sendo desagregado com a chegada das fumageiras e hoje, além do fumo, está tomado de plantação de pinos e eucalipto. A comunidade se baseava em trocas comunitárias, puxirão e na criação de animais soltos, mas pouco a pouco foi sendo desterritorializada. Não vou me ater aqui aos detalhes de como minha mãe veio para Curitiba, mas acredito ser importante pontuar que não foi nada fácil. Desde os nove anos, ela trabalhava como empregada doméstica na casa de pessoas que ofereciam comida, dinheiro e moradia. Minha mãe sempre teve uma saúde frágil, e durante muito tempo utilizou das medicinas alternativas e da saúde popular para buscar alívio e cura. Extremamente católica até hoje, sempre bebeu na fonte de um catolicismo mais popular, das festas, das mesadas de anjo, dos santos e dos benzimentos, promessas, simpatias, etc.

A minha ligação com a lua vem dela, de minha mãe, desse olhar constante para as fases, para os ciclos. Ela utilizava desse conhecimento para plantar, colher, podar uma planta, para cortar o cabelo, a unha, enfim. Até hoje ela sempre indica olhar o calendário lunar para coisas simples como procurar um emprego, tomar decisões, mudar de casa. Quando criança, lembro das inúmeras simpatias que ela fazia para crescer cabelo, para dor de dente, para arranjar emprego, etc.

Segundo minha mãe, quando criança, tive mal de *míngua*, que segundo a sabedoria popular é algo muito parecido com anemia ou desnutrição. Foi alertada por uma amiga, e sem pestanejar foi logo atrás de uma benzedeira que a ensinasse alguma simpatia para curar o tal mal. Fez banhos, chás, até que a doença, segundo ela, foi embora. E foi assim meu primeiro contato do qual tenho memória com a arte do benzer. Sim, eu chamo arte. Uma bela arte que mistura conhecimento popular, rezos, receita, lua, ciclos e fé. As simpatias sempre foram o forte de minha mãe, até hoje a vejo usar de algumas delas e ensinar outras tantas.

² São comunidades que possuem formas peculiares de apropriação do território tradicional, baseadas no uso comunal das áreas de criadouros de animais, recursos florestais e hídricos e no uso privado das áreas de lavoura, onde é praticada a policultura alimentar de subsistência com venda de pequeno excedente. Baseados em normas de conduta e de uso ambiental próprias, sobretudo na combinação de uso comum e privado dos recursos naturais, os faxinais são considerados uma forma de organização camponesa diferenciada no sul do país (SOUZA, 2015).

A *babá* era analfabeta. Não dominava a escrita nem sabia ler, mas seu conhecimento matemático e lógico era admirável. Decifrava o céu. Sabia o horário certo só de olhar o sol. Era uma observadora da natureza e dos ciclos, não plantava e nem colhia sem antes observar a lua. Tinha uma memória admirável, lembrava as receitas dos bolos e pães só de memória. Foi assim que minha mãe e minha avó nos criaram, misturando a arte da medicina popular com simpatias e rezos, muita sabedoria e memória.

Uma das benzedadeiras que sempre me vem à memória é a Dona Tereza, que derramava cera e morava lá no Pilarzinho (bairro da região norte de Curitiba). Lembro de ter ido me consultar diversas vezes. Eu gostava do ar misterioso que ela tinha. Dona Tereza era uma senhora com uma idade mais avançada, cabelo branco, lenço na cabeça, usava sempre um vestido cobrindo o joelho, meias e chinelo. A casa estava sempre cheia. Precisava chegar cedo se quisesse ser atendida no dia. Ela distribuía algumas senhas apenas e só atendia pela manhã. A casa era simples, de madeira, com um lindo quintal cheio de flores e plantas. O local onde ela atendia era na extensão de sua cozinha. Tinha um fogão à lenha, um bule a esquentar água para o chimarrão e sempre alguma comida gostosa no fogo. O cheiro confundia, era uma mistura de vela e comida no fogão. Tenho ainda a memória do cheiro.

Os santos estavam por toda a parede, pendurados ou emoldurados em quadros, poucas eram as imagens em gesso, não sei se era um costume dos polacos - como os ucranianos eram chamados aqui - mas notei diferença nos inúmeros altares que conheci. No altar dela lembro de sempre ver Nossa Senhora Aparecida. Ela atendia com um terço em uma das mãos e um galho de arruda no outro. Era assim que Dona Tereza trabalhava. A especialidade dela era virar cera. Poucas benzedadeiras usam essa técnica para prever doenças e acontecimentos. Para nós ela era uma conselheira-vidente, médica, psicóloga e rezadeira. Infelizmente, com o tempo, a rotina de trabalho fez com que as consultas fossem cada vez menos frequentes, até deixarem de existir. Recentemente, Dona Teresa deixou esse mundo. Por mais que a rotina incansável de trabalho me afastasse do mundo mágico das plantas, simpatias, rezos e santos, vez ou outra eu voltava a me conectar com ele.

Chegando perto dos 30 anos, tive a oportunidade de mudar de profissão. Comecei a trabalhar antes dos 18, como auxiliar administrativo, recepcionista, operadora de ‘telemarketing’ até me formar em Administração e entrar numa instituição financeira, onde fiquei por nove anos trabalhando. Remuneração boa, mas rotina exaustiva. Sentia que não me conectava com o ambiente e precisava fazer algo para mudar. As crises de enxaqueca, ansiedade, depressão, tendinite que me acompanhavam era simplesmente o corpo dizendo que

eu não me encaixava mais. Optei em seguir outros caminhos. A geografia nessa história toda foi o que chamo “encontro perfeito”, ou ainda, “reencontro”.

Em 2010 tentei vestibular na UFPR e passei. Não hesitei em mudar de profissão, apesar de muitos acharem loucura. Optar por um novo caminho, na verdade, foi o início do retorno para casa, para dentro. Iniciei a graduação em 2011 e em 2013 consegui meu desligamento do banco, e com isso consegui me dedicar ao que a geografia poderia me proporcionar. Fiz estágio num órgão do estado de desenvolvimento e planejamento urbano, passei pela área ambiental e encontrei no Coletivo Encontra³ um lugar aberto a dialogar com as minhas inquietações. Entrei tímida como bolsista de iniciação científica, para entender o processo de degradação ocasionado pela fumicultura. O tema tinha muito relação com minha história familiar, de como o fumo chegou e desagregou uma comunidade faxinalense de agricultores familiares do qual a minha família fazia parte. A universidade me fez voltar para minhas raízes, olhar a fundo minha história, querer entender os detalhes.

Sempre fui muito curiosa e penso que a curiosidade me impulsionou inclusive na forma de fazer pesquisa. O olhar apurado e o exercício de escutar o outro foi cada vez mais tomando um espaço nas minhas vivências acadêmicas. Estudar as empresas de fumicultura da região, entrevistar as famílias, perceber nas falas o processo de endividamento, a jornada exaustiva de trabalho, os perigos relacionados à saúde no manuseio da planta, as interligações relacionadas aos casos de suicídio, depressão, alcoolismo e o uso de agrotóxicos, fizeram com que eu entendesse a perversidade do agronegócio. Mas as inquietações ainda me acompanhavam e algo me dizia para mudar o caminho, e novamente assim o fiz. Finalizada a pesquisa de iniciação científica optei em mudar meu tema de pesquisa (sem consultar a lua, diria minha mãe), acabei optando em pesquisar o município de Prudentópolis e os conflitos ocasionados pela implantação de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCH's) nas terras das cachoeiras gigantes⁴, e que resultou meu TCC de Bacharelado: Conflitos Ambientais ocasionados por pequenas centrais hidrelétricas no município de Prudentópolis-PR: O caso da PCH Dois Saltos.

Apesar de tudo que aprendi, ouvi, vivi, ainda não era o tema que fazia meus olhos brilharem. Faltava o encantamento. Nunca pensei que a licenciatura poderia ser o caminho, até

³ O Coletivo de Estudos sobre Conflitos pelo Território e pela Terra – foi criado por professores e estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia da UFPR (<https://encontra.wordpress.com/>).

⁴ ANDRADE, A. Conflitos Socioambientais ocasionados por pequenas centrais hidrelétricas no município de Prudentópolis-PR: o caso da PCH dois saltos. Monografia (Bacharel em Geografia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná. p.87. 2014.

mergulhar nela com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)⁵. Cai nas garras e aqui estou graças a ela. Foi a educação que me trouxe para perto, para dentro e para aqui onde eu me encontro hoje. Foi o chão da escola, as trocas com os alunos, a sala de aula, as ocupações das escolas em 2016⁶ me deram ainda mais energia. Além da efervescência da luta estudantil, conheci e me aproximei do Movimento de Benzedeiras da região centro-sul do estado do Paraná (MASA)⁷. O Coletivo Encontra foi convidado pelo MASA a participar de um mapeamento social no município de Irati, e pude acompanhar de perto todo o processo. Foram algumas viagens até lá, e entre reuniões de planejamento e campo, tive a grata oportunidade de vivenciar um pouco da luta das benzedeiras pelo reconhecimento do ofício tradicional de cura. O acompanhamento da cartografia social e a própria pauta do movimento naquele momento me fez pensar em como esse saber tradicional poderia ser usado em sala de aula, e optei no TCC de licenciatura por criar um material didático sobre os saberes populares e a geografia. Foi o fato de estar em sala de aula, o projeto PIBID do qual era bolsista, mais a vivência com o movimento que me proporcionaram pensar esse material.

Não poderia deixar de destacar minha inserção nas terapias complementares enquanto reikiana em 2014, e a formação me abriu inúmeras outras possibilidades e portas, inclusive a possibilidade de trabalhar como terapeuta voluntária. Após finalizar a licenciatura e com o encantamento nos olhos de quem encontrou o tema que buscava, ingressei no mestrado e pude trazer em minha dissertação um panorama relacionado à luta do movimento social das benzedeiras do Paraná e suas territorialidades desde sua construção em 2008 e o processo que culminou em leis municipais e no reconhecimento estadual. Apesar de o foco ser voltado para as territorialidades construídas na luta, também pautei a discussão relacionada à colonialidade do saber e ao desperdício de experiências relacionado à expropriação das benzedeiras que, historicamente, foram criminalizadas e perseguidas, ora pela igreja, ora pela medicina moderna

⁵ É um programa de incentivo e valorização do magistério e de aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica, vinculado a Diretoria de Educação Básica Presencial – DEB – da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

⁶ Movimento de Estudantes secundaristas que ocuparam mais 300 escolas estaduais no Paraná para protestar contra a reforma do ensino médio. O movimento lutou contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241/2016 que limita os gastos do governo federal pelos próximos 20 anos. Os estudantes também são contra a reforma do ensino médio, proposta pela Medida Provisória (MP) 746/2016, enviada ao Congresso.

⁷ Movimento Aprendizes de Sabedoria (MASA), formado por Benzedeiras e Benzedores, Curandeiras e Curadores, Costureiras e Costureiros de rendidura e/ou machucadura, Rezadeiras e Rezadores, Remedeiras e Remedeiros, Massagistas tradicionais, Parteiras e Aprendizes de benzedura representados como Detentores do Ofício Tradicional de Cura e de Saúde Popular, da região centro sul do Estado Do Paraná e que fazem parte da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná (Almeida, 2013).

colonial que, com o apoio do Estado, perseguiu e prendeu muitas dessas mulheres e homens que exerciam a medicina popular.

Nos relatos em campo observei muito preconceito, perseguição e criminalização. Chamadas charlatãs, muitas inclusive sendo denunciadas e presas, resistiram e existem atualmente em várias partes do país. Não é, portanto, algo cultural da região sul, ou do Paraná, do interior, do rural. As benzedeiras estão por toda parte, chamadas rezadeiras, mezinheiras, curandeiras, parteiras, está no ‘DNA’ da nossa cultura. Desde antes da invasão portuguesa, o uso das plantas era usado por indígenas, depois pelos africanos escravizados e pelos próprios colonizadores. Foi por muito tempo a única forma de encontrar alívio para os males do corpo. Eram os sangradores, as benzedeiras, as parteiras, os erveiros, pessoas com vasta experiência nas ervas e plantas do mato que de alguma forma traziam alívio às mazelas das pessoas, dos animais. Eram médicos sem título (Del Priori, 2007).

Quando escuto a afirmação: — *As benzedeiras estão desaparecendo, sumindo, morrendo!* - tenho logo uma resposta pronta: — “*Não, não estão! Estão por toda a parte*”. Só nos municípios onde o MASA está organizado, Rebouças, São João do Triunfo e Irati, no estado do Paraná, foram mapeados através da parceria com o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia⁸, mais de 480 benzedeiras. Sabemos que estão em todo território, nas cidades também. Elas se ressignificam o tempo todo. Hoje estão utilizando técnicas como reiki, cromoterapia, florais, aromaterapia e cristais. Sim, estão se ressignificando, atendem por telefone, fazem benzimento a distância, fabricam suas próprias tinturas, ensinam.

Ingressei sem pestanejar no doutorado em seguida do mestrado, com muitas indagações. O ano de 2019 foi um ano onde pude apresentar os resultados da minha pesquisa ao MASA e contribuir nos projetos que o movimento estava desenhando. Iniciamos as conversas relacionadas ao mapeamento social de benzedeiras no município de Rio Azul, realizamos encontros, participamos de feiras, intercâmbios comunitários, o IV Encontro Intermunicipal de Benzedeiras, a 1.^a Festa do bosque Monge João Maria em Rebouças-PR. Tivemos a primeira escola para novas aprendizes de Benzedeiras em Irati, “o despertar da benzedeira”, que contou com uma participação de mais de 50 inscritos e já tinha data para nova turma em 2020 - no

⁸ O Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA) tem como objetivo dar ensejo à autocartografia dos povos e comunidades tradicionais. Com o material produzido, tem-se uma ênfase e um novo instrumento para o fortalecimento dos movimentos sociais que nela existem. A força deste processo de territorialização diferenciada constitui o objeto deste projeto. A cartografia se mostra como um elemento de combate. A sua produção é um dos momentos possíveis para a autoafirmação social. É nesse sentido que o PNCSA busca materializar a manifestação da autocartografia dos povos e comunidades nos fascículos que publica, que não só pretendem fortalecer os movimentos, mas o fazem mediante a transparência de suas expressões culturais diversas (Nova Cartografia Social da Amazônia, 2021).

entanto, foi cancelada devido à pandemia de Covid-19. Além da minha participação com o movimento de benzedeadas, tive a grata oportunidade de contribuir com a 1.ª Escola de Mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST-PR), organizada pelo Setor de Gênero do Movimento, do I Seminário do Setor de Saúde do MST-PR, também como voluntária de práticas integrativas de saúde (reiki) do espaço de saúde permanente na Vigília Lula Livre, em Curitiba, também organizado pelo setor de saúde do MST.

Além das inserções, somam à minha trajetória alguns encontros interestaduais. Trago dois que foram muito importantes para entender o vasto mundo dos saberes populares, das plantas medicinais e da potência feminina nesses processos. O primeiro foi o Encontro Raízes que participei em 2018, ainda no mestrado, mas que abriu possibilidades de entender as coletividades e redes das mulheres e da saúde popular. O encontro foi realizado em dois municípios de Goiás, Alto Paraíso e Vila de São Jorge, onde benzedeadas, raizeiras, pajés, mestras e mestres dos saberes populares de cura se reuniram num grande encontro de trocas. O segundo foi o Encontro Nacional de Mulheres Sem Terra, que aconteceu em Brasília em 2020, antes de estourar a pandemia mundial. Lá pude ver o espaço de saúde funcionando ao nível nacional, com voluntárias de várias regiões, com muitas plantas, ervas regionais e práticas integrativas de saúde. Com essa imersão nos dois movimentos, tive a oportunidade de visualizar as redes, as conexões e os entrelaçados que se formam desde um conhecimento ancestral sobre plantas medicinais e de um saber fazer comunitário.

Nesses dois anos de pandemia, mesmo tendo adiado o trabalho de campo, ele acabou acontecendo de diferentes formas, e uma delas foram as trocas virtuais. Participei em companhia das benzedeadas de algumas lives sobre o fazer saúde popular desde esse saber da benzedeadas, sendo algumas focadas na articulação política de como o movimento caminhou até a conquista de leis municipais, e outras relacionadas ao conhecimento sobre as plantas medicinais e sobre benzimentos mais específicos. Em 2021 fui convidada a me inserir na Articulação Nacional de Educação Popular em Saúde (ANEPS) do Paraná⁹ e as Benzedeadas tiveram a oportunidade de participar de dois momentos bem importantes para o movimento, que foi uma mesa sobre as práticas ancestrais de cuidado organizado pela ANEPS, com a

⁹ A Articulação foi criada em 2003 e é uma instância de interlocução entre movimentos e práticas populares, profissionais de saúde, pesquisadores e técnicos do governo, representados, na base, por centenas de entidades espalhadas pelo país afora, cujo perfil será de conhecimento público com a edição de um Catálogo de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde. Seu papel é o de articular e apoiar os movimentos e práticas de educação popular e saúde a fim de qualificar suas práticas, desenvolver processos formativos e reflexivos a partir das “práxis” e construir referências para a formulação de políticas públicas. Sua forma específica de ação é o encontro onde se constituem as “rodas de conversa”, e os fóruns permanentes estaduais.

participação de benzedeadas do Distrito Federal, e outro pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), sobre saberes tradicionais no Brasil e suas regiões, resultando na formação de um novo GT sobre saberes tradicionais no Banco de Práticas e Soluções em Saúde e Ambiente (IDEIASUS)¹⁰.

As conexões e as raízes foram se fortalecendo, da graduação para o mestrado e agora no doutorado. Pude participar de inúmeros eventos, costurar redes com os movimentos sociais, vivenciar desde a prática o protagonismo de mulheres que lutam pelo direito a uma saúde do povo, por uma autonomia do plantar e cuidar e que se fortalece nas trocas de conhecimento. Nesses anos pude também desenvolver meu aprendizado enquanto terapeuta voluntária de reiki, e médium de terreiro de umbanda e aprendiz de benzedeadas, que são aprendizados que atravessam inclusive minha pesquisa.

Nas próximas páginas vamos encontrar a metodologia do trabalho e por isso separei em introdução que consiste no arar a terra e a cozinha da tese que está relacionado a metodologia de trabalho construída para o desenvolvimento dos capítulos

¹⁰ Banco de Práticas e Soluções em Saúde e Ambiente (IDEIASUS) é uma iniciativa da cooperação técnica entre a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS) e o Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (CONASEMS), no âmbito da Rede de Apoio à Gestão Estratégica do SUS. Pretende identificar, reunir e disponibilizar um banco de “práticas e soluções” em Saúde & Ambiente, e parte do princípio que a troca de experiências, “exitosas ou não”, são essenciais ao processo de consolidação e fortalecimento do Sistema Único de Saúde.

INTRODUÇÃO

Arar a terra- sobre o meu fazer

Bem diferente de tudo que planejei no início do doutorado em 2019, os caminhos que foram sendo traçados me levaram a repensar e reconstruir caminhos. Impossível não mencionar a crise do Sistema Único de Saúde (SUS) que passamos e mais precisamente o ano de 2020 onde iniciou um colapso mundial de saúde relacionado à pandemia do covid-19. No mundo ultrapassamos nesses 3 anos de pandemia mais de 6,19 milhões de mortes pelo vírus covid-19, e no Brasil, passamos de 704 mil, sendo o Brasil, o terceiro país com mais mortes registradas desde o início da pandemia. Foram três anos de pandemia, onde lutamos diariamente para não virarmos estatísticas, já que além do medo diário, tínhamos até final de 2022, um presidente que desdenhava da ciência e dos números crescentes de mortes pela pandemia, que seguiu incentivando e participando de aglomerações, desdenhando dos milhares de mortes, afirmando que o vírus era apenas uma “gripezinha”, seguiu ainda incentivando a automedicação, tornando ainda mais difícil passar por esse momento tão difícil que foi a pandemia.

Vivemos um momento para a ciência realmente muito desafiador. Nunca na história tínhamos conseguido fazermos uma vacina em tempos tão curtos, e apesar dos excelentes laboratórios no Brasil, como o Instituto Butantã e a FIOCRUZ que estão produzindo a vacina em série, lidamos com um estado genocida que não estava preocupado com a saúde de sua população, dificultando e postergando a sua chegada, promovendo o colapso na saúde pública, o ataque contínuo ao SUS, além do alto índice de desempregados, voltamos a fazer parte do mapa da fome, vivenciamos um cenário de caos.

Estamos sendo desafiados por uma espécie de erosão da vida, atravessamos pela modernidade, pela ciência e novas tecnologias e somos também consumidos por ela, o que deixa marcas cada vez mais profundas na terra (Krenak, 2020). Estamos vivendo, e não é de agora, uma profunda crise sistêmica, muito mais ampla que o campo da saúde. Quanto mais cresce o acesso a informações e a tecnologia, mais entendemos que a humanidade está adoecida. Segundo dados da OMS, 45% da população mundial sofre com distúrbios do sono e insônia, 30% de depressão e ansiedades patológicas, o câncer e os problemas cardíacos continuam em alta desde a década de 30. No Brasil, elas representam a principal causa de morte da população, mais 40% da população adulta é cardiopata e farmacodependente, ou seja, necessita de algum medicamento diário para cuidar de doenças crônicas ou por um mal-estar persistente e isso vem acontecendo mesmo antes da crise avassaladora do covid-19. Cabe-nos perguntar até onde

nossas bases epistemológicas, técnicas e terapêuticas têm interferido na nossa interpretação sobre saúde, doença e cuidado. Será que já não é hora de reconhecer e aprender com essas outras visões de mundo que já coexistem em nosso território, que nos ensinam como olhar e sentir a vida e como essa mudança pode impactar profundamente nossa forma de estar no mundo e responder demanda no campo da saúde (Barreto, 2021). Será que o conhecimento ancestral não pode nos dar pistas?

Difícil ainda falar sobre o ciclo que representa 2020 e 2021. Inimaginável, perverso, difícil e, ao mesmo tempo, de muito aprendizado, tempo de ressignificar inclusive métodos e caminhos. Cronogramas cancelados, campo e eventos também, a grande pergunta e desafio: como fazer pesquisa participante estando longe? Com certeza, desafiador. Busco desde a graduação como metodologia de pesquisa o estar/fazer junto, e o trabalho de campo sempre foi o guia para todas as outras questões. Está aí um desafio posto.

Com o início do trabalho de campo, em novembro de 2021, as conexões feitas ao longo desses mais de oito anos de trabalho acompanhando o Movimento de Benzedeiras, sinto-me agora ainda mais orgânica, vivenciando o dia a dia na assessoria mais que urgente de alguns projetos em andamento, sempre caminhando ao lado de quem tem muito a ensinar e está sempre também disposta a aprender.

Hesitei em fazer escolhas apressadamente, e mais uma vez tive a oportunidade de continuar contribuindo nas articulações do Movimento de Benzedeiras. Com o advento da pandemia, as reuniões e encontros que antes eram presenciais passaram a ter o formato virtual, o que no começo parecia impossível de acompanhar foi se tornando rotina, e as benzedeadas, antes receosas com tanta tecnologia, acabaram se rendendo também aos benefícios que a internet trouxe, sendo uma delas a conexão com pessoas de diferentes lugares por todo o canto do Brasil.

O ano de 2020 foi um ano de participação efetiva, porém de forma remota, e dessa forma, outras redes encontrei. Participei de encontros virtuais que me possibilitaram outras conexões. No ano de 2020 me somei como voluntária em Curitiba “ação das marmitas da terra¹¹”, e também na formação de agentes populares de saúde, pelo MST em parceria com a

¹¹Ação Marmitas da Terra produzia e distribuía 1500 marmitas para a população em situação de rua, trabalhadores e famílias de Curitiba. A atividade começou em abril de 2020 por iniciativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e depois passou a ser realizada com a atuação de dezenas de pessoas voluntárias, militantes de movimento sociais urbanos, coletivos, sindicatos e campanhas. As refeições são preparadas, na maioria, com alimentos da Reforma Agrária e da Agricultura Familiar de todo o Paraná. - MST, Marcha Mundial de Mulheres (MMM), Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), APP Sindicato, Pastoral do Migrante, Campanha 1 Milhão de 1 Real, Campanha Periferia Viva. (Instagram:@marmitasdaterra)

Periferia Viva¹², com a intenção de formar agentes que possam trabalhar nas comunidades, auxiliando e tirando dúvidas relacionadas à pandemia.

Nesse trabalho que iniciou em 2020, tive a oportunidade de acompanhar a formação, a elaboração de projetos e oficinas que estão sendo ministradas no bairro da Vila Torres em Curitiba, na ocupação Nova Esperança em Campo Magro e na Ocupação Nova Guaporé em Curitiba. O objetivo da ação é a formação de pessoas da própria comunidade que auxiliem e sejam um ponto de apoio, de referência entre os médicos e a comunidade no combate e prevenção do Covid-19.

Ainda em 2020 tive a oportunidade de participar como ouvinte da formação de agentes populares de saúde organizada pelo Setor de Saúde do MST, com o foco na formação de integrantes do movimento para atuarem nos acampamentos e assentamentos do movimento. O curso foi realizado de forma virtual e contou com a participação média de 70 pessoas. Além de práticas sobre métodos de prevenção do Covid-19, as aulas tiveram ênfase na saúde como um todo, perpassando temas de saúde da mulher, da criança, do jovem e do idoso. Envolvendo os agentes nas práticas e levantamento de saberes populares sobre uso de plantas medicinais nas comunidades onde estão inseridos.

Acho necessário mencionar a importância das redes nesse trabalho e de nos entendermos também por vezes “dentro/fora” nos processos, portanto, afirmo que esta pesquisa não é uma pesquisa neutra, ela está posicionada. Se posicionar atualmente é um grande risco. Mas não vejo outra possibilidade frente ao descaso com que a pesquisa científica foi tratada no momento de pandemia em nosso país. É cada vez mais comum ouvirmos relatos de casos de perseguição, violência e “cancelamento”. Ter posição não significa negligenciar informações, mas temos e podemos apostar em caminhos que façam sentido para nossa caminhada, numa pesquisa militante, de ação-participativa, onde a “práxis” seja a base para a teoria. Por isso, mais uma vez acredito ser importante nos colocar dentro, mostrar nossa caminhada, para entendermos de onde o pesquisador parte, como se construiu socialmente e qual o motivo de suas escolhas e apostas.

Falando em caminhos e apostas, o texto que aqui escrevo tem como base a educação popular, essa que me cerca pelos lados, me travessa enquanto educadora em formação. Uma

¹² A Periferia Viva nasce como resposta ao governo genocida com sua política de morte que nos deixou a própria sorte em uma pandemia. Com o princípio da solidariedade entre os movimentos populares do campo e da cidade e a classe trabalhadora, organizamos doações e entrega de alimentos saudáveis, marmitas e itens de necessidade a todos. A ideia é conectar iniciativas, campanhas e demandas da sociedade que podem contribuir e fortalecer essa rede de solidariedade.

educação popular viva, que está presente nas formações dos movimentos, no aprender com o outro, ouvir, num quefazer freiriano, construído desde, e na luta dos movimentos sociais, no caminhar dos povos e comunidades tradicionais, que bebem na fonte dos saberes tradicionais, ancestrais relacionados à forma de viver e fazer comunidade, saúde, educação.

Na potência existente na pedagogia do território¹³ e que atravessa de forma transversal a tese, pois me posiciona enquanto pesquisadora universitária e me abre possibilidades de produzir uma ciência crítica com os pés fincados nos territórios, nessa tese o território de saúde popular comunitária feminina que se constrói com os movimentos sociais no Paraná (Rigotto; Rocha, 2014, p. 2).

Mergulhei profundo na pedagogia das encruzilhadas¹⁴, que me encontrou no cruzo entre MASA e MST, encanto e desencanto, ali onde tudo pode ser ou não ser, nas frestas, quando olhei para o dente de leão na calçada nascendo, nas possibilidades de vida existentes meio ao concreto, vi que ali existiam possibilidades, e foi na pedagogia de exu, dos encantados que busquei inspiração, que o sentir me pegou no colo e me mostrou caminhos outros. Me fez enxergar as práticas de saúde popular comunitária como práticas transgressoras de escassez, como política de encantamento e de vida (Rufino, 2019), e também a potência existente e vinda dos cruzos.

Preciso enaltecer também a importância das confluências¹⁵, desse saber poético do Nego Bispo (2023), que me abraçam e me inunda como rio, me faz olhar para o encanto e desencanto para os cruzos como possibilidade de ampliação, de força e resistência e que atravessam todo o desenhar da tese.

Aqui peço licença à escritora Conceição Evaristo, que cunhou o termo “escrevivência”, baseado nas histórias das mulheres negras, esse não é o meu lugar, mas o tomo emprestado, pois ele me atravessa nos meus relatos e na minha forma de viver e escrever poesia e fazer pesquisa. Acho justo e ético, em vez de criar um termo, referenciá-la. Para autora, a

¹³ Caminho que perpassa organicamente essa inter-relação formação – construção compartilhada de conhecimentos – co-laboração social, oferecendo-nos uma base para a construção de uma ciência emancipatória. Afirmam que o propósito da Pedagogia do Território é construir coerência entre a visão crítica que temos sobre a ciência moderna e as nossas práticas acadêmicas, perscrutando caminhos que potencializem a articulação entre opção ética, políticas e teórico-metodológicas contra-hegemônicas, a formação e a produção de conhecimento na universidade (Rigotto; Rocha, 2014).

¹⁴ Noção de encruzilhada emerge como disponibilidade para novos rumos, poética, campo de possibilidades, prática de invenção e afirmação da vida, perspectiva transgressiva a escassez, ao desencantamento e a monologização do mundo. A encruza emerge como a potência que nos possibilita estripulias, mirada na descolonização como ação de desobsessão do carregamento colonial imposto pela c

¹⁵ Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio. Ao contrário: ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente-a gente rende. A Confluência é uma força que rede, que aumenta, que amplia (BISPO, 2023 p.15).

“**escrevivência**” é escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora, onde tanto a memória como o cotidiano, como o que acontece aqui e agora, se transformam em escrita. Ela quer justamente provocar a fala do que “não pode/deve ser dito”, da maneira mais poética possível (Evaristo, 2020). Entendo como parte do que trago aqui minhas próprias escrevivências, que foram ganhando misticidade, arranjo, cor, cheiro. Caminhando com essas mulheres e vivenciado o cotidiano de quem luta pela saúde desde um olhar popular e comunitário, o exercício da escuta geográfica me encontrou de uma forma que nem eu esperava, fui carregada, pelo exalar das plantas e me deixei bailar, e nisso aproveitei o sentir que existia nessa aproximação onde muitas vezes as palavras foram a única forma que encontrei para que o sentimento saísse do coração e ganhasse vida e poesia.

O Semear

Eu começo essa tese pelos “nós”. Por tudo que se entrelaça e se cruza. Desde minha experiência com o movimento de benzedadeiras percebo que as coisas só são, porque estão juntas, nada é sozinho, tudo é coletivo e em movimento. Quando me perguntam por que são e como são, a resposta estará sempre no coletivo, nas trocas, nos intercâmbios e é por isso que os saberes perpassam gerações, transformam-se e se ressignificam e se mantêm resistindo perante o sistema mundo moderno- colonial- patriarcal e medicalizado. Por isso fazemos o exercício de olhar “para” e “pelas” frestas. É lá que encontro ar, vida, movimento, r-existência¹⁶ rebeldia, vivências outras. Saberes estes que muitas vezes não estão nos livros. Ora subjetivo, ora materializado nos cantos, rezas, altares e quintais. Sabedoria dos nossos mais velhos, presente nos frascos, das garrafadas, das tinturas, na combinação de ervas, nos chás, nas velas, na oração gravada no papel e na memória, no cozer, na farmacopéia popular, nos sentidos dado a cada fruto colhido sobre o orvalho, na lua cheia, minguante ou nova, na observação das estações do ano, no entendimento empírico das coisas, no fazimento, no atravesso, no cruzo (Simas, 2019), entre sabedoria e conhecimento é por aí que vamos caminhar.

Não pretendo romantizar nem essencializar a luta dos coletivos, movimentos e muito menos as relações que são conflituosas também, mas quero enfatizar que outros mundos não só

¹⁶ (...). Aqui, mais que resistência, que significa retomar uma ação anterior e, assim, é sempre uma ação reflexa, o que temos é r-existência, isto é, uma forma de existir, uma determinada matriz de racionalidade que atua nas circunstâncias, inclusive re-atua a partir de um topoi, enfim, de um lugar próprio, tanto geográfico como epistêmico. Na verdade, atua entre duas lógicas” (Porto-Gonçalves, 2013, p. 169).

são possíveis como eles já existem, já estão sendo construídos, no cotidiano das coisas, no parar para ouvir, no exercício de aprender e ensinar.

Corroboro com Alberto Melucci (2010), que os “movimentos sociais são os profetas do presente”, e aqui incluo também as organizações, os coletivos, os povos originários, o fazer coletivo e comunitário, ainda segundo autor “Não têm a força dos aparatos, mas a força da palavra. Anunciam a mudança possível, não para um futuro distante, mas para o presente da nossa vida”. Surgem e ressurgem nas frestas deixadas pela, medicina-moderna-patriarcal-colonial-medicalizada¹⁷. Afetam de alguma forma os códigos culturais e o sistema dominante. Partindo desse entendimento, que existe potência nas fissuras, nas frestas, são nelas que pretendo caminhar, olhar, ouvir, sentir, falar. Fazer o exercício que se questionou Ítalo Calvino (2010, p.17):

Se um novo mundo fosse descoberto agora, saberíamos vê-lo? Será que saberíamos descartar as expectativas criadas em nossa mente do que seria um mundo novo e diverso para então acolher a verdadeira diversidade que se apresentaria a nossos olhos? Será que não passaríamos despercebidos pelo novo, porque nosso olhar está habituado a escolher e catalogar apenas aquilo que entra na classificação do possível. Talvez um novo mundo se abra aos nossos olhos todos os dias e não o vejamos (Calvino, 2010, p. 17).

Nesse trecho do livro *Coleções de Areia*, no capítulo que versava sobre “Como era novo o novo mundo”, Calvino observa imagens relacionadas ao ideal que os europeus faziam da América após as viagens de explorações por novos mundos, ressaltando o quanto o nosso olhar está habituado a ver somente aquilo que se impõe a ele, de modo que ressaltando a frase “nossos olhos e nossas mentes estão habituados a escolher e a catalogar apenas aquilo que entra nas classificações assentadas. Talvez um Novo Mundo se abra aos nossos olhos todos os dias e não o vejamos”. Nesse sentido, o exercício que essa tese pretende fazer é o de reformular o olhar para enxergar as subversões, inclusive as epistêmicas e metodológicas, deixar a mente aberta para enxergar um “novo mundo” em todas as questões que investigamos.

No desenrolar dos capítulos será possível mergulhar em outras formas de grafias, poesias, desenhos, facilitações gráficas, linguagens essas que aprendi na minha caminhada fazendo “com” e que por muitas vezes foi a contribuição que pude oferecer às parceiras das

¹⁷ Está relacionado à forma como a medicina foi construída. Moderna e positivista, na qual a ciência que detém toda a verdade e o saber científico é indiscutível. Patriarcal, por ser o conhecimento sobre o uso de plantas medicinais historicamente um saber das mulheres, que foi expropriado pelas cercas do capitalismo. Colonial, por ser um conhecimento eurocentrado, imposto de cima para baixo, sem dialogar com a medicina realizada pelo povo que aqui já existia e é, portanto, produtora de ausências. Medicalizada, por influência de Foucault (1978) e seu conceito de Biopolítica, e Illich (1975) e seu trabalho “Nêmesis médica”, ao entender a medicina como uma estratégia de saber e poder que responde a diversos interesses em disputa no campo social. (Andrade, 2023).

redes, dos movimentos, soltar o verbo em forma de poesia, de desenho, de prosa. Mergulhei também na sistematização de experiências que aprendi com os movimentos, por caminhos vários e outros como forma de retroalimentar o processo de escrita. Deixei literalmente a mística me envolver e aprendi muito nesse processo também. Aquela menina tímida, despretenhosa, se soltou e continua sendo movida pela curiosidade de entender as coisas, hoje, com certeza, mais atenta, sabe a importância do despercebido, dos silêncios, das cores e dos cheiros.

As plantas medicinais sempre estiveram presentes em todo meu caminhar de pesquisadora, sendo o meu principal combustível. Foram elas que fizeram os nós das redes se amarrarem, me ajudaram inclusive nas inserções em campo, com as mulheres que tecem essa rede, foi o interesse em comum, e foram nelas que busquei inspiração. Confesso que não foi fácil sair da caixinha, é necessário o tempo todo uma dose de coragem e ousadia, mas cá estamos.

Na tentativa de buscar diferentes metodologias para o desenho desta tese escolhi usar uma planta medicinal como uma metáfora para representar os nós que a laçam e faz as conexões como um esqueleto que sustenta a formatação da escrita, portanto, a escolhida foi o dente de leão, que além de ser uma planta com várias propriedades medicinais, ser uma Planta Alimentícia Não Convencional (PANC), tem uma característica bastante salutar para esse trabalho, o dente de leão é ruderal, ou seja, nasce em ambientes pouco favoráveis, nas frestas. E é para esse lugar das frestas que me direcionarei.

O desenho abaixo representa os temas geradores que “suleiam” o tecer da tese.

FIGURA 1: Metáfora do dente de leão

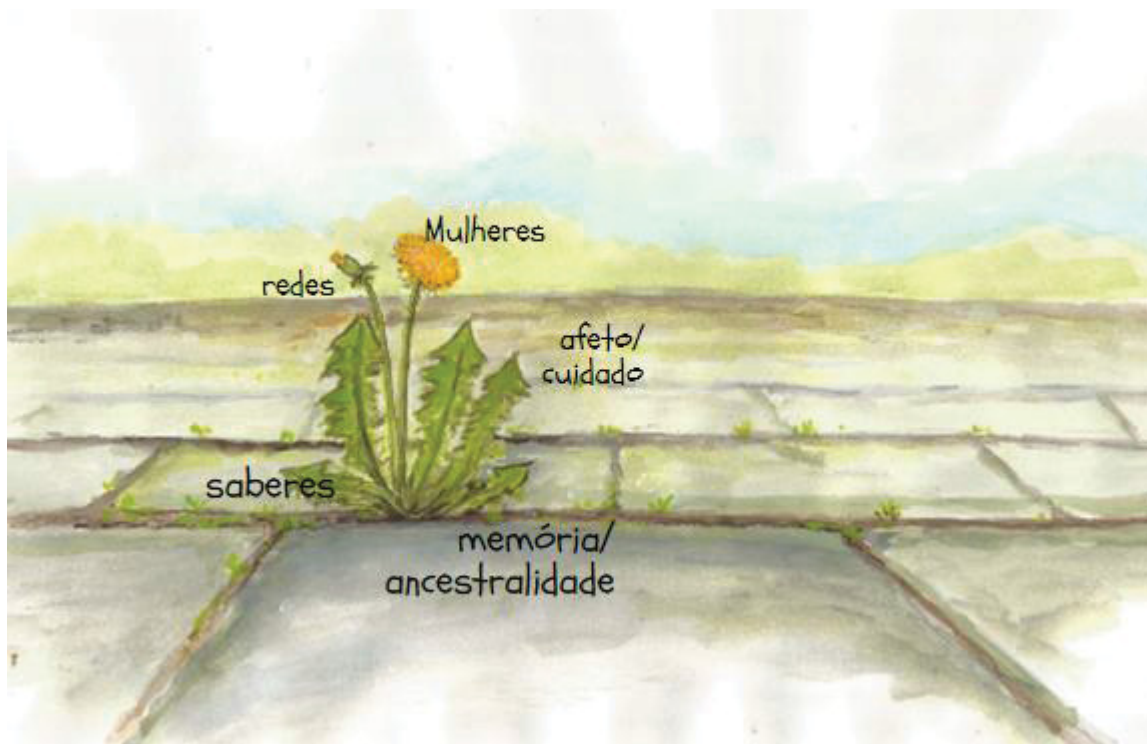


Ilustração: Priscila Monnerat, 2022. Adaptação: a autora, 2022.

No desenho, *as raízes* são a parte da planta que absorve a água e sais minerais, fixa a planta no solo e armazena os nutrientes, na metáfora do dente-de-leão representa os saberes populares, presentes na memória, na oralidade, e armazenados pela ancestralidade; a seiva é o que alimenta a planta, representado pelo afeto presente nas relações, que sustentam as práticas com potência de transformação; as *folhas* são os canais por onde a planta transpira e recebe a luz solar, está relacionado a retroalimentação das relações e as práticas relacionadas aos saberes populares e a saúde popular é por onde as práticas transpiram; as *flores* com função reprodutiva são representadas pelas mulheres e suas coletividades, são as que dão origem após a fertilização, e após a transformação de suas partes, a um fruto que contém as sementes. As *sementes* são as que carregam o ‘DNA’ da planta e garantem a perpetuação da espécie, representado pelas redes, que se capilarizam e ganham outros territórios, e representam as estratégias de resistência tecidas diariamente, trazendo na sua germinação outras possibilidades de florescer. À terra representa o território onde o dente-de-leão está plantado, ou seja, o território dessas diferentes práticas.

Trago essa metáfora pois ela perpassa a construção dessa tese. São desde as frestas que as mulheres que protagonizam as práticas de saúde popular comunitária re-existem, assim como o dente-de-leão. Esses elementos citados são os que juntos constroem o ser, o estar, o fazer, o

cuidar e o sentir que amarram os nós que entrelaçam as mulheres e as práticas de saúde no território onde elas se encontram e desde os movimentos sociais dos quais elas fazem parte.

A tese vai se aprofundar nas práticas de saúde popular comunitárias de dois movimentos com os quais tenho a oportunidade de caminhar “com”, e construir novas possibilidades de saúde. São eles o MASA, que é o Movimento de Benzedoiras da região centro sul do estado do Paraná, como já mencionei anteriormente, acompanho como assessora desde 2016, e o Movimento de Trabalhadores Rurais- MST, mais especificamente o setor de saúde do Paraná.

Lembro ainda de algumas vezes ser questionada sobre o papel da geografia no meu trabalho. *Ah, essa mania que a gente tem de colocar as coisas nas caixinhas mesmo elas muitas vezes transbordando.* A geografia é ponte necessária para o diálogo de saberes, é corresponsável e, são as lentes que uso para observar os territórios grafados por essa saúde feita de forma comunitária, com reciprocidade, afeto e cuidado. A Geografia que me fez mergulhar nas potências das relações com os movimentos sociais, com a educação popular, das cartografias sociais que tanto me ensinaram e ainda me ensinam a inclusive como, errando, aprendendo e construindo, a minha trajetória enquanto educadora popular.

Nas próximas páginas da introdução, o que vamos observar é como se desenha o mapa das práticas de saúde popular, as grafias, suas especificidades e características que as conectam. Adianto que se trata apenas de um panorama de parte das inúmeras práticas coletivas existentes, mas que devido tempo e acesso, foram possíveis mapear. O objetivo quando fiz o levantamento era de ESCUTAR o que essas outras formas de fazer saúde/cuidado/cura estão nos dizendo há muito tempo. E principalmente através do mapa observar que as práticas que os movimentos desde o território do Paraná fazem, não estão desconectadas, elas fazem parte de uma memória muito viva e presente em toda “Abya yala”¹⁸ e se retroalimentam pelas redes, encontros e trocas de saberes.

O exercício de ouvir, silenciar, escutar se torna cada vez mais difícil e raro, afinal o tempo parece escorrer sobre os nossos dedos, não se vende e ninguém quer doar. Parafraseando Rubem Alves (1999, p. 59). *“Todo mundo quer aprender a falar, ninguém quer aprender a ouvir”*. Me propus já há algum tempo praticar o verbo escutar, mas confesso que nem sempre é um processo fácil, requer dedicação e paciência, mas sempre quando paro para o exercício da escuta percebo que o tempo está sendo devolvido e de alguma forma, ganho. Ouvir a experiência do outro requer atenção, empatia. Necessita retirar as correntes de preconceito e

¹⁸ Abya Yala na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América. (Enciclopédia Latino Americana, 2022).

abdicar do papel de juiz. Escutar tem a ver com sentir. No exercício mergulho fundo, sinto, deixo os olhos falarem, as lágrimas muitas vezes também. Esse é meu lugar, por isso me ative no começo a contar um pouco da minha história porque faz, com certeza, diferença para o olhar dentro e o olhar de fora, mesmo dentro.

Acredito que a denominação mais apropriada para o tipo de pesquisa desenvolvida aqui seja a pesquisa-ação-participante (Fals Borda, 2013) e militante. Justifico ao afirmar que a tese que escrevo aqui, busca trazer a dialogia do sujeito-sujeito e não sujeito-objeto, e para mim isso significa que as protagonistas dessa tese serão as mulheres, elas terão voz ativa, não serão apenas colaboradoras ou participantes. Justifico que serão as mulheres pois são as que protagonizam a ação da saúde popular comunitária nos territórios e movimentos dos quais irei me aprofundar.

Desde que comecei a acompanhar o MASA em 2015, me propus a estar junto, fazer pesquisa com e não sobre, me inseri no grupo, nas dinâmicas que perpassam o cotidiano do fazer movimento, das reuniões, dos intercâmbios comunitários, das viagens, das lutas por políticas públicas, das festas, das prosas, dos campos, das visitas, do fazimento dos documentos necessários para projetos, etc. Entendo meu papel enquanto colaboradora, enquanto alguém que está inserida nas ações do movimento e não apenas uma observadora. Para Fals Borda na pesquisa-ação-participante a inserção:

Concebe-se como uma técnica de observação e análise de processos e fatores que inclui, dentro de seu desenho, a militância dirigida a alcançar determinadas metas sociais, políticas e econômicas [ou comunicacionais]. Aplica-se por observadores atuantes com a intenção de levar a cabo, com maior eficácia e entendimento, mudanças necessárias (Fals Borda, 2013, p. 243).

“Diferente da observação participante ou da pesquisa etnográfica, a pesquisa ação o pesquisador além de observar atua” (Peruzzo, 2016, p. 12). Essa frase resume um pouco da minha pesquisa militante. Muito do que vivi, ouvi e senti ao acompanhar o movimento nesses anos não está no papel, não está escrito e nem precisa ser contado. Está no fazer as coisas, na ação. Para as benzedeiças sou uma assessora, para outras tantas pessoas, professora, motorista, enfim, eu prefiro me apresentar como aprendiz.

Como aprendiz me coloco no processo de quem está aprendendo, portanto, em movimento. O aprendiz é um principiante, um novato, aquele que aprende uma arte ou um ofício, e assim me sinto contemplada. “Não existe um saber não aprendido. **Aprender** não significa acumular, possuir ou incorporar conhecimentos. É uma atividade relacional” (Garcez, 2022). Enquanto aprendiz, me sinto completamente apta a errar, a mudar as receitas, modificar,

fazer de novo e de novo até acertar, estou no processo e já entendi que ainda tenho uma longa caminhada. Por ora o termo aprendiz me descreve muito bem, me sinto confortável com ele.

Tenho certo apreço pelo exercício da escuta, do prestar atenção nos mais velhos, no que dizem as crianças, nada passa despercebido, inclusive o não dito e o silêncio, por isso, acho importante também o exercício de silenciar. Para ouvir a ancestralidade gritando é necessário silenciar. A gente aprende desde cedo a falar, perguntar, mas demora mesmo para aprender a ouvir. Nesse quesito sempre vou me considerar uma aprendiz.

Para entender é preciso caminhar junto e desenvolver outra esfera de escuta que aqui chamarei escuta geográfica. A escuta geográfica está embasada na educação popular, na pesquisa-ação-participativa, nas pedagogias do território e das encruzilhadas, como já mencionamos antes, nas metodologias participativas e em tantas outras possibilidades que encontrei desde o chão, desde o fazer junto e desde o caminhar entre e com os movimentos sociais.

A escuta geográfica consiste em caminhar nos territórios observando as paisagens e o que as pessoas nos contam sobre elas, sobre os lugares, sobre o fazer no cotidiano. Se me perguntarem sobre a receita dessa cozinha de tese, diria que consiste em sentar para ouvir uma conversa despretensiosamente, sem o papel de juiz e sem o papel de pesquisadora, sem fazer perguntas que induzam respostas, ouvir e deixar falar livremente, se dispor a estar presente, ali, sem questionar, mesmo que as histórias se repitam mais de uma vez, por vezes é na repetição, no contar diferente que o despercebido aparece. Estar presente e observar inclusive o que não é dito, o que às vezes fica só nas entrelinhas, nas feições do rosto. Quando falo em caminhar junto, é trabalhar junto, exercer a sororidade, criando relações de afeto, de doação com doses de empatia e de despretensão. Não se usa gravadores, não são feitas filmagens, o nosso maior caderno é a memória, usar a potência da oralidade e da memória. Portanto, a escuta geográfica vai além da história oral, ela cria relações de afetividades, de respeito, de diálogos e perpassa a militância. Não a criei pensando num novo instrumento de pesquisa, apenas nomeei minha forma de fazer pesquisa, lembrando que falo desde a geografia, acredito que a antropologia tenha dado um outro nome para talvez o mesmo tipo de pesquisa que me propus a fazer aqui. Mas o que quero explicitar é que se trata de uma escuta longe da neutralidade, muitas vezes exigidas pela academia, ela consiste em criar laços de sororidade, de um novo jeito de fazer e pensar a pesquisa, com intencionalidade sim de captar os caminhos, as resistências cotidianas, o que muitas vezes no dia a dia passa despercebido. O exercício da escuta geográfica é trazer questões que estão no miúdo das relações, precisa de atenção, comprometimento inclusive com o fazer pesquisa.

Foi no exercício da escuta geográfica que captei muitas frases, falas de impacto, verbos que se repetiam e foi através dela que cheguei nas palavras germinantes (Bispo, 2021), coletadas no fazer com a comunidade, no andar ao lado, nas práticas realizadas desde o coletivo de mulheres benzedadeiras e do setor de gênero e saúde do MST.

As palavras germinantes são sementes. Essas palavras vão ser armazenadas nas mentes e vão alimentar. Elas são alimentos, são frutos que vão alimentar os sentidos, todos os sentidos. E assim as palavras vão nos movendo pela oralidade, pela escrita ou pelas imagens (Antonio Bispo, 2021 *apud* Dorneles, 2021, p. 20).

FIGURA 2 : Palavras germinantes da tese



Ilustração: Priscila Monnerat, 2023.

Uso o termo “palavras germinantes” pois vejo elas brotando, desabrochando, germinando nos territórios, pela potencialidade de alcance e transformação. Nos emaranhados que compõem a tese busco ainda enxergar/analisar as experiências através da ação que elas

estão proporcionando (Esteve, 2013), recuperando os verbos e o protagonismo dado aos sujeitos na ação. Segundo o autor:

La recuperación de los verbos parece denominador común de las iniciativas que se están tomando desde la base social. La gente sustituye sustantivos como educación, salud o vivienda, que serían “necesidades”, cuya satisfacción depende de entidades públicas o privadas, por verbos como aprender, sanar o habitar, lo cual expresa el intento de recuperar agencia personal y colectiva, así como habilitar caminos autónomos de transformación social. Explorar lo que está ocurriendo en las esferas de la vida cotidiana en que esto ocurre muestra el carácter de la insurrección en curso (Esteve, 2013, p. 132).

A ação se faz presente em todo desenhar da tese, começando pelo exercício metodológico de escutar o que essas vozes estão gritando. Buscando encontrar respostas e tentando analisar desde o FAZER com, do SER, do CUIDAR, CONFLUIR e SENTIR.

Adianto que no decorrer do texto busquei também trazer meus relatos cotidianos, embasados nas experiências que vivenciei com os coletivos. De uns tempos para cá, na verdade, desde minha inserção acompanhando os grupos de mulheres do MST, a mística tomou frente nos meus relatos, a poesia, a arte, o desenho têm escapado das mãos e transformou o sentir e o escutar em versos e ensaios com ar de poesia. Não pude deixar de trazê-los, pois acredito que fazem parte desse descolonizar inclusive a forma de fazer pesquisa e de escrita.

O desenhar da tese foi desde um olhar para as fissuras, frestas, tentando entender como as práticas de cura, rompem as cercas, resistem, e criam possibilidades de fazer outras formas de saúde. Como as práticas desde os territórios, as comunidades e os movimentos sociais, descolonizam a saúde, dialogam, criam e recriam estratégias de resistência.

O objetivo principal da tese é entender o papel das mulheres dos movimentos sociais na construção de outras grafias territoriais desde a saúde popular comunitária, a importância do estreitamento de vínculos, do afeto e da partilha coletiva para romper os cercamentos impostos pelo sistema mundo moderno-colonial-patriarcal-medicalizado. Parto do princípio que as práticas de saúde popular comunitárias, coletivas, formam diferentes redes, atravessam e ressignificam territórios desde o cuidado/afeto e desde o fazer junto e do confluir. Para isso mergulharei nas duas experiências que atravessam meu caminhar: o Movimento de Benzedeiras (MASA), e o Coletivo de Saúde do MST-PR.

Quando falamos em práticas de saúde popular comunitária feminina, menciono as práticas realizadas pelas, benzedadeiras, raizeiras, mezinheiras, remedieiras, erveiras, parteiras, grupos que resgatam o saber e conhecimento sobre as plantas medicinais, grupos que tem um estreito relacionamento com a natureza, com o alimento, com o plantar e colher sem veneno, na preservação de sementes criolas, das nascentes, das florestas, que respeitam os ensinamentos

passados de geração em geração pela oralidade através dos mais velhos, que formam uma farmacopeia popular, e que perpetuam esses ensinamentos nas trocas entre diferentes povos e comunidades.

Como procedimento metodológico, espacializei no mapa algumas das práticas de saúde popular em diferentes territórios desde Abya Yala, buscando visualizar as diferentes práticas e analisar conexões. Como? Criando um banco de dados com informações secundárias e primárias, levantadas através das notícias, artigos, revistas, redes sociais, dissertações, teses, e desde as redes que faço parte. O levantamento de dados se faz necessário para entendermos que diferentes práticas criam esses territórios de cura.

A pretensão é evidenciar através das práticas mapeadas, que elas existem e são mensageiras da ancestralidade que é viva e presente na memória e sabedoria dos povos, que estão espalhados por todo territórios da Abya Ayla. Perpetuam um saber comum desde os povos do campo, das águas e da floresta, outras possibilidades de sanar/curar/cuidar, com um olhar comunitário, baseados numa cultura e sabedoria popular, passada de geração em geração e que r-existem mesmo tendo a monocultura da saúde, através da medicina-moderna-patriarcal-colonial-medicalizada instalada como sistema hegemônico e universal.

Mapeamento de práticas em saúde popular comunitária

Por que mapear? Justifico que inicio apresentando as práticas no mapa justamente na tentativa de evidenciar que elas estão materializadas nos territórios e não habitam apenas o imaginário. Elas existem em diferentes territórios, desde as comunidades quilombolas, ribeirinhas, indígenas, nas periferias urbanas, nos centros de terreiros, nas comunidades rurais espalhadas por toda a Abya Ayla. O fio condutor que as liga são os saberes comuns, os saberes passados de geração em geração de forma oral, relacionados aos diferentes usos de plantas medicinais e também a uma centena de práticas relacionadas a saúde, desde o partejar, o benzer, o curar, o cuidar da terra da natureza, o cultivar sementes crioulas, etc. As práticas mapeadas possuem características distintas, são protagonizadas por identidades coletivas, grupos, redes, movimentos sociais. Foi por onde iniciei, busquei abrir o leque de possibilidades e também entender a confluência existente nessas práticas, apesar de distintas. Deixo claro que a minha intenção não foi esgotar as possibilidades, mas mostrar as diferentes práticas territorializadas. Os caminhos são inúmeros, utilizei das redes sociais (Facebook, Instagram), artigos, teses, dissertações, reportagens (revistas, “blogs”) e diferentes notícias relacionadas à medicina tradicional (busca com palavras-chave), como práticas ancestrais de cura, plantas medicinais, e

também utilizei das redes (ANEPS, MASA, MST, FIOCRUZ, RAÍZES) que fui tecendo nesse caminhar de pesquisadora. Dos grupos de trabalho que participo de educação popular em saúde, agroecologia, das redes que se formam com e desde o MASA e o MST, e as outras tantas que encontrei nesses anos pesquisando o assunto.

O primeiro passo para chegar ao mapa, foi a criação de um banco de dados com a catalogação das experiências encontradas. Para isso criei uma planilha onde coloquei as informações encontradas. Ao todo foram mapeadas 77 experiências. O objetivo do mapa é entender onde essas práticas estavam territorializadas, quais as particularidades e as semelhanças. Abaixo segue a planilha que criei para a catalogação das informações.

Tabela 1: Mapeamento de práticas ancestrais de cura

Nº	País	Localidade/ Cidade/ Estado	Experiência	Identidade/ Encontros/ Mapeamentos/ Hospitais	Endereço reportagem
1	Argentina	Buenos Aires, Argentina	Trabajadoras de la Tierra realizaron el 4to Encuentro de Mujeres y Plantas Medicinales	Encontro	https://n9.cl/rh42j
2	Argentina	Província de Neuquén, Argentina	Primeiro Hospital Mapuche Argentina	Hospital	https://n9.cl/kl0hk
3	Brasil	Brasília-DF	Escola de Benzedeiras	Escola	https://n9.cl/kbr8d
4	Brasil	Chapada dos veadeiros-GO	Encontro Raizes	Encontro	https://encr.pw/df4xA
5	Brasil	Chapada do Araípe-PE	Encontro saberes da caatinga	Encontro	https://11nq.com/tsvCH
6	Brasil	Irati-PR	Movimento de Benzedeiras- MASA	Mapeamento	https://acesse.dev/mzAZh
7	Brasil	Rebouças-PR	Movimento de Benzedeiras- MASA	Encontro	https://acesse.dev/jS1YO
8	Brasil	São Joao do Triunfo-PR	Movimento de Benzedeiras- MASA	Identidade coletiva	https://acesse.one/cDrWB
9	Brasil	Dois vizinhos- PR	Lei Municipal Reconhecimento as Benzedeiras	Identidade coletiva	https://encr.pw/yi8B1
10	Brasil	Guajara Mirim- RO	Hospital Bom Pastor adptado a cultura indígena	Hospital	https://n9.cl/zdutf
11	Brasil	Goiânia-GO	Raizeiros	Identidade coletiva	https://n9.cl/8wlf3
12	Brasil	Olinda-PE	Cais do Parto-Centro Integrativo do Ser	Escola	https://n9.cl/odku0
13	Brasil	Maranhão	Parteiras Tradicionais	Identidade coletiva	https://n9.cl/6pwdu
14	Brasil	Amazonas	Parteiras Tradicionais	Identidade coletiva	https://n9.cl/hljwl
15	Brasil	Amapá	Parteiras Tradicionais	Identidade coletiva	https://n9.cl/dq75y
16	Brasil	Acre	Parteiras Tradicionais	Identidade coletiva	https://n9.cl/xsz2pl
17	Brasil	Rio Grande do Sul	Encontro de parteiras tradicionais em Santa Maria	Encontro	https://n9.cl/v8ok4r
18	Brasil	Brasília-DF	Encontro Nacional de Parteiras Tradicionais	Encontro	https://n9.cl/jz9kt
19	Brasil	Florianópolis- SC	Mapeamento de benzedeadas da cidade	Mapeamento	https://n9.cl/reaaa1
20	Brasil	Minas Gerais	Articulação Pacari	Identidade coletiva	https://n9.cl/7d3ei

Fonte: a autora, 2021.

Continuação..

20	Brasil	Minas Gerais	Articulação Pacari	Identidade coletiva	https://n9.cl/7d3ei
21	Brasil	Goiás	Articulação Pacari	Identidade coletiva	https://n9.cl/7d3ei
22	Brasil	Rio Grande do Sul	Comite de PCT do pampa	Identidade coletiva	https://n9.cl/we251
23	Brasil	Minas Gerais	Rede cerrado	Identidade coletiva	https://n9.cl/ykh2e
24	Brasil	Lapa-PR	Bionergia -setor de saude MST	Identidade coletiva	Visto de forma empírica
25	Brasil	Belo Horizonte	Articulação Embaúba: Parteiras, Benzedeiras e Raizeiras da Região Metropolitana de Belo Horizonte	Identidade coletiva	https://n9.cl/pssgp
26	Brasil	Pará	Quilombolas e o uso de plantas medicinais	Identidade coletiva	https://n9.cl/d9ayp
27	Brasil	Alagoas	I Encontro de Parteiras, Benzedeiras e Mezinheiras Indígenas e Quilombolas de Alagoas	Encontro	https://n9.cl/qaku7r
28	Brasil	Noroeste Paulista	Benzedeiras	Identidade coletiva	https://n9.cl/cynbx
29	Brasil	Minas Gerais	Encontro da articulação de raizeiras, benzedeiras e parteiras	Encontro	https://n9.cl/bkbj5
30	Brasil	Vilhena-MT	I Encontro de Medicina Tradicional	Encontro	https://n9.cl/4s5m5a
31	Brasil	Rio Grande do Sul	Encontro de Medicina Tradicional Kaingang	Encontro	Visto de forma empírica
32	Brasil	Pirinópolis-GO	Curandeiros: I Encontro de culturas, medicina tradicional e alternativas	Encontro	https://n9.cl/e3zmf
33	Brasil	Pernambuco	Medicina tradicional e parto indígena é tema de encontro em Pernambuco	Encontro	https://n9.cl/gkrlj
34	Brasil	Pernambuco	Encontro promove troca de experiências entre benzedeiras, rezadeiras e parteiras	Encontro	https://n9.cl/dwipx
35	Brasil	Minas Gerais	Encontro de Benzedeiras e Rezadores	Encontro	https://n9.cl/c6xrt
36	Brasil	Bahia	Rezadeiras	Identidade coletiva	https://n9.cl/r4x9g
37	Brasil	Goiás	Raizeiras	Identidade coletiva	https://n9.cl/b24u2u
38	Brasil	Bahia	Plantas Medicinais	Prática com Plantas Medicinais	https://n9.cl/2qy4x
39	Brasil	Pará	Plantas Medicinais	Prática com Plantas Medicinais	https://n9.cl/uweka
40	Brasil	Rio de Janeiro	Grupo ASAS - Rede de Saberes Populares em Plantas Medicinais na Comunidade da Maré	Identidade coletiva	https://n9.cl/6d48vd

Fonte: a autora, 2021.

Continuação

40	Brasil	Rio de Janeiro	Grupo ASAS - Rede de Saberes Populares em Plantas Medicinais na Comunidade da Maré	Identidade coletiva	https://n9.cl/6d48vd
41	Brasil	Goiania	Benzedeiras de Goiânia mantêm tradição de cura pela fé	Identidade coletiva	https://n9.cl/bjd4q
42	Brasil	Piçarras-SC	1º Encontro Regional de Benzedeiras, Benzedores e Rezadeiras,	Encontro	https://n9.cl/5yqnbz
43	Brasil	São Paulo	Escola de Benzedeiras - Florescer Bento	Escola	https://n9.cl/98xjw9
44	Brasil	Rio de Janeiro	REDESFITO	Prática com Plantas Mediciniais	https://n9.cl/40mtu6
45	Brasil	Itapeva-SP	COOPLANTAS	Prática com Plantas Mediciniais	https://n9.cl/oshmu1
46	Brasil	Rondonópolis-MT	Mapeamento de saberes populares	Mapeamento	https://n9.cl/cndk3
47	Brasil	Itajaí-SC	O projeto Educação para Transformação-Plantas Mediciniais	Escola/identidade de	https://n9.cl/lp7k1
48	Brasil	Turvo-PR	COOPAFLORA	Prática com Plantas Mediciniais	https://n9.cl/wkhgl
49	Brasil	Irutuí-PA	Cooperativa D' Irutuí	Identidade Coletiva	https://n9.cl/f67hr
50	Brasil	Vera Cruz do Oeste-PR	Cooperativa Grande Lago	Identidade Coletiva	https://n9.cl/2p4vw
51	Brasil	Vale Gaporé-MT	Comunidades tradicionais e o uso de plantas medicinais	Prática com Plantas Mediciniais	https://n9.cl/6p7ta
52	Brasil	Alto Jequitinhonha-MG	Comunidades tradicionais e o uso de plantas medicinais	Prática com Plantas Mediciniais	https://n9.cl/lrtiq
53	Brasil	Chico Gomes-PE	Mezinheiras Pé da Serra	Identidade	https://n9.cl/27i3k
54	Brasil	Bahia	Comunidades tradicionais e o uso de plantas medicinais	Prática com Plantas Mediciniais	https://n9.cl/eb4sy
55	Brasil	Manaus-AM	Centro de medicina indígena tradicional	Hospital	https://n9.cl/l8458z
56	Brasil	Recife-PE	Mercado de plantas medicinais	Prática com Plantas Mediciniais	Visto de forma empírica
57	Brasil	Bahia	Encontro Estadual setor de saúde MST	Encontro	https://n9.cl/33wpl
58	Brasil	Belém-PA	Mercado de plantas medicinais	Prática com Plantas Mediciniais	https://n9.cl/7b3pa
59	Brasil	Palmeira das Missões-RS	Plantas Mediciniais	Prática com Plantas Mediciniais	https://n9.cl/ljgsz
60	Brasil	Salvador-BA	Censo cultural de benzedeiras	Mapeamento	https://n9.cl/vf0ru

Conclusão

60	Brasil	Salvador-BA	Censo cultural de benzedeiras	Mapeamento	https://n9.cl/vf0ru
61	Brasil	Maranhão	Associação de parteiras tradicionais	Identidade Coletiva	https://n9.cl/c35y5
62	Brasil	Chapada Diamantina-BA	Curandeiros do Jarê	Identidade Coletiva	https://n9.cl/22vqtt
63	Brasil	Pinhalzinho-SC	Mapeamento de benzederias	Mapeamento	https://n9.cl/6jhxh
64	Brasil	Campo Grande-MT	Saberes Ancestrais e Práticas de Cura	Identidade Coletiva	https://n9.cl/r06sf
65	Brasil	Nossa Senhora do Livramento-MT	Benzedeiras e quilombolas	Identidade Coletiva	https://n9.cl/s01e8
66	Brasil	São Paulo	Mapeamento Benzedeiras	Mapeamento	https://n9.cl/s1c2x
67	Colômbia	Buenaventura	Asociación de Parteras Unidas del Pacífico ASOPARUPA	Identidade Coletiva	https://n9.cl/wzy3d
68	Costa Rica	Costa Rica	Curandeiras e uso de plantas medicinais	Identidade Coletiva	https://n9.cl/2z80z
69	Guatemala	Iximulew - Territorio K'iché	TZK'AT, Rede de Curadoras Ancestrais do Feminismo Comunitário de Iximulew-Guatemala	Identidade Coletiva	https://n9.cl/h7uvut
70	Guatemala	Guatemala	Parteiras tradicionais	Identidade Coletiva	https://n9.cl/z3m4p
71	México	Oaxaca	Congreso de Parteras, Médicas Tradicionales y Justicia Ambiental	Escola	https://n9.cl/jcq9r
72	México	Cidade do México	Mulheres Hierbeiras	Identidade Coletiva	https://n9.cl/fnqca5
73	México	México	Parteiras Tradicionais	Identidade Coletiva	https://n9.cl/4icoe
74	México	México	Encontro Nacional de Parteiras	Encontro	https://n9.cl/9r1m8
75	México	México	Graduação em Medicina Tradicional	Escola	https://n9.cl/0n5cc
76	México	Oaxaca	Escuela nove luas- parteiras tardicionais	Escola	https://n9.cl/wby6i
77	Peru	Calca	Convergencia Intercultural de Mujeres: Somos Medicina	Encontro	https://n9.cl/9wfa1

Fonte: a autora, 2021.

Nessa catalogação inicial, busquei classificar as experiências com temas que apresentavam semelhanças, como os inúmeros encontros para trocas de saberes; o protagonismo das identidades coletivas (parteiras, benzedeiras, raizeiras) na luta por políticas de inclusão e reconhecimento; os mapeamentos e levantamentos sociais, como o levantamento censitário da Bahia, com o objetivo de levantar o número de detentoras de ofício tradicional de saúde (benzedeiras), e outros mapeamentos realizados em algumas regiões do Brasil; e as

experiências com plantas medicinais como a criação de grupos, coletivos, cooperativas, em torno da temática das plantas, etc.

Com os filtros definidos e as legendas criadas saiu o primeiro esboço desse levantamento:

MAPA 01: Mapeamento de práticas em Saúde Popular comunitária



Fonte: a autora, 2022.

Ao todo foram levantadas 36 experiências relacionadas a identidades coletivas, 19 encontros, 7 mapeamentos e 15 experiências com plantas medicinais. As práticas apontam algumas características importantes de serem analisadas. Primeiro o protagonismo das mulheres nas ações, tanto nas experiências relacionadas ao ofício tradicional de cura como benzedeiras, parteiras, raizeiras, e predominante também o papel das mulheres nas criações de coletivos e iniciativas relacionadas às plantas medicinais.

Não por acaso, o Brasil é o país que se destaca no mapeamento de experiências devido à facilidade de acesso às informações. No infomapa abaixo podemos perceber que das 78 experiências mapeadas, 67 são do Brasil, representando 85%.

Cabe aqui lembrar que o objetivo não é esgotar as ações, mas entender como experiências locais se conectam, se territorializam e como essas práticas têm uma potência transformadora. Não busquei comparativos e sim ampliar a lupa para todo Abya Yala. Busquei caracterizar as experiências com os locais, práticas feitas, as denúncias e anúncios que essas experiências nos trazem para entender, semelhanças e por onde caminham as lutas das mulheres pela soberania do cuidar. Nesse mergulho trago três experiências bem pontuais, da Guatemala, Colômbia e México.

Na Guatemala a experiência da Rede de “Sanadoras Ancestrales del Feminismo comunitário, Tzk’at”¹⁹, formado por mulheres indígenas maias, que traz para o debate a questão da luta de um feminismo indígena territorial, trazendo para o debate a questão da violência e como os corpos sentem essa violência. Para elas o bem viver está no cotidiano e defendem a cura como processo de libertação do patriarcado e todos os meios de opressão (Cabnal, 2018).

Todas integrantes hemos vivido experiencias de procesos de sanación ancestral en comunidades indígenas: somos sanadoras, comadronas, hierberas, sobadoras, *kamalb’e* o guías espirituales, contadoras del tiempo o médicas originarias, y algunas tienen conocimientos de medicina occidental, psicología, leyes, contabilidad o justicia ambiental, así como experiencia en prácticas de sanación de otras culturas (Cabnal, 2018).

Segundo Lorena Cabnal (2019), uma das lideranças da rede, o objetivo é a partir de uma abordagem ancestral cosmogônica e feminista-comunitária-territorial, colaborar com a recuperação emocional, física e espiritual das mulheres indígenas defensoras da vida em suas comunidades e que atualmente sofrem as múltiplas opressões sobre seu corpo. Seguem com cinco objetivos principais que são: defesa do território corpo-terra; demarcação territorial; a cura como caminho cósmico político; alianças territoriais; proteção integral das mulheres defensoras. A rede busca recuperar o saber plural de cura indígena e elaborar uma releitura da proteção integral dos defensores da vida em territórios indígenas.

Trazemos também a experiência da Colômbia da “Asociación de Parteras Unidas del Pacifico ASOPARUPA”²⁰, uma organização de base, constituída e gerida majoritariamente por

¹⁹Nasceu em 2015, formado por mulheres indígenas maias, e tem como principal objetivo defender seus territórios ancestrais contra perseguição política e criminalização, estigmatização, deslocamento político territorial, imposição de estado de sítio. As mulheres que participam da rede fazem parte também de outras organizações comunitárias e indígenas, relacionadas à ação política de defesa territorial e do corpo, com a luta pelo direito à água, a defesa dos rios, florestas e montanhas, autonomia alimentar, os saberes ancestrais das avós parteiras, bem como contra as hidrelétricas, mineração e violência contra mulheres.

²⁰ ASORUPA já realizou seis Encontros Nacionais e três Congressos Internacionais de Parteiras. Criou a Rede Nacional de Parteiras Tradicionais com a aprovação de 150 Parteiras Tradicionais representando os Departamentos da Colômbia, com o apoio inestimável das Parteiras Coordenadoras das Redes Latino-Americanas do Uruguai, Brasil, México, Argentina, Cuba e os Estados Unidos em nome das parteiras africanas (Zâmbia, Moçambique, Zimbábue, Somália). Atualmente, esta Rede tem incidência nos departamentos de Choco (21 comitês locais de

mulheres, com 1.600 parteiras associadas. O objetivo do grupo é conservar a sabedoria ancestral das parteiras tradicionais afrodescendentes e o uso sustentável das plantas com propriedade medicinais, nutricionais e aromáticas. Atendem entre 4500 a 5000 mil partos por ano na região, o trabalho das parteiras é também uma única alternativa para as gestantes e recém-nascidos. Em 2016 a obstetrícia afro do pacífico colombiano foi proclamada como patrimônio imaterial do país, mas ainda há um caminho a percorrer o reconhecimento social e institucional. Apesar de a parteira ter sido reconhecida pelo estado colombiano como parte do sistema de saúde do país por meio da Lei Estatutária da Saúde²¹ é necessário continuar trabalhando para a construção de mecanismos e estratégias que permitam integrar diferentes práticas e conhecimentos em ambientes tradicionais de cuidados de saúde médica. Isso permitirá, a partir da institucionalidade, um maior reconhecimento da legitimidade e adequação do trabalho das parteiras do pacífico colombiano (ACUA, 2008).

Essa experiência coloca em evidência outras questões como o cercamento da medicina moderna-patriarcal-colonial-medicalizada, a violência da colonialidade do saber expressa na descriminalização de um saber ancestral face ao saber científico e médico, além da violência silenciosa que incide nos corpos das mulheres gestantes. Outro ponto que merece destaque é a luta pelo reconhecimento institucional do ofício de parteira e por uma política de reconhecimento dos saberes locais das mulheres, além de formação de redes de apoio e articulação internacional.

No México as experiências encontradas são inúmeras, e permeiam sobre o direito de exercer uma medicina outra, chamada pelos povos originários indígenas de medicina tradicional, onde o papel das mulheres é primordial. São elas, as grandes protagonistas, médicas tradicionais que detêm o conhecimento amplo sobre o uso de plantas medicinais, são conhecidas como sanadoras, curandeiras, parteiras e estão espalhados por todo o território, tanto urbano quanto rural.

Trago para o debate também a experiência do coletivo de mulheres parteiras da Organização de Médicos Indígenas Maias do estado de Chiapas (OMIECH)²², composta por 51 parteiras tradicionais de quatro municípios e oito comunidades das regiões Altos, Norte e

parteiras) Nariño (4 comitês locais de parteiras), Vale del Cauca sede da ASOPARUPA com parteiras ligadas em Buenaventura, áreas urbanas e rurais.

²¹ 2015- Ley estatutária n1751:por meio de la cual se regula el derecho fundamental a la salud y se dictan otras disposiciones

²² que se constituiu em 1985 e formada por promotores de saúde e médicos tradicionais. O Objetivo da organização é resgatar, defender, sistematizar, difundir, desenvolver e praticar a medicina maia tradicional.

Selva de Chiapas, México. Trabalham através de oficinas comunitárias visando fortalecer o intercâmbio e a transmissão de conhecimentos e práticas. Nas oficinas são discutidos temas como: mortalidade materna, gravidez, parto e puerpério, cuidados com o recém-nascido, planejamento familiar, adolescência da mulher indígena, direitos da mulher, conservação e defesa de plantas medicinais e nutrição. As parteiras fazem um trabalho comunitário essencial para as comunidades indígenas de acompanhamento das gestantes e do bebê, muitas são também curandeiras e erveiras. Nos últimos anos, a associação se concentrou no desenvolvimento de estratégias para conter as políticas públicas que ameaçam a sobrevivência das parteiras indígenas tradicionais no México. Segundo uma das lideranças, Micaela Icó Bautista (Tzotzil) ²³, A organização promove encontros para troca de conhecimentos entre as parteiras, e é através desses encontros que fazem a articulação do movimento.

Esses encontros são muito importantes porque aprendemos como as outras parteiras cuidam de suas pacientes, que plantas usam. Eles também são importantes para nos encorajar. Porque, embora as mulheres continuem a nos procurar, são poucas as parteiras tradicionais. Isso porque o governo e o Setor de Saúde buscam cada vez mais uma forma de obrigar as parteiras a receberem treinamento de médicos. Nesses treinamentos, eles nos ensinam que o conhecimento que herdamos de nossas avós é inútil, que nosso remédio é inútil, que os remédios de farmácia são melhores, que não devemos estender a mão para esfregar nossos pacientes, melhor enviar mulheres para o hospital. Isso está causando muitas cesarianas no México. Essa coisa das cesarianas só beneficia as empresas farmacêuticas que vendem medicamentos e aparelhos para hospitais para cuidar de gestantes. Quanto mais mulheres forem ao hospital, mais dinheiro as empresas farmacêuticas ganharão e nossa tradicional obstetrícia comunitária estará perdida e morrendo. E então, quem vai cuidar de nossas netas? As próximas gerações sofrerão. Por isso, vamos continuar lutando para que o governo respeite nossas formas de pensar e costumes, para que, em nossas comunidades, não deixemos de valorizar e praticar nossa própria obstetrícia (Entrevista Micaela Icó Bautista (Tzotzil), tradução própria).

As parteiras indígenas maias exigem o respeito à livre determinação das suas práticas culturais e a criação de suas próprias leis. Lutam contra a legislação imposta que legisla a medicina tradicional, que obriga as mulheres a serem atendidas em hospitais, e exige que as parteiras sejam certificadas e passem por uma capacitação realizada por médicos. A experiência do México é um caso que merece destaque devido à influência da medicina tradicional nas práticas de saúde do país. Mas o caso que trouxermos das parteiras trazem novamente para o debate a desvalorização, negação e cercamento da medicina moderna colonial e a violência do estado ao negarem o direito dos povos indígenas de autodeterminação e consulta prévia.

²³ Nascida em 1959, originária de San Andrés Puerto Rico, município de Huixtán, promotora de saúde comunitária pelo Instituto Nacional Indigenista (INI) aos 17 anos. Em 1981 começou seu trabalho como defensora da medicina maia tradicional. E co-fundadora da Organização de Médicos Indígenas do Estado de Chiapas (OMIECH), desde 1985 como Coordenadora da Área de Mulheres Parteiras.

Nos três casos acima, verificamos o protagonismo das mulheres nas ações relacionadas à saúde, ao cuidado, e também uma luta intrínseca na defesa de seus corpos, sua ancestralidade, cultura e território.

Nas bandas de cá do Brasil, as experiências que mapiei são inúmeras e protagonizadas também por mulheres, com várias particularidades e semelhanças, mas vou chamar a atenção para a experiência da Articulação Pacari²⁴ por ser uma das entidades presentes na criação do Movimento de Benzedeiras do Paraná. As organizações participantes representam principalmente mulheres agricultoras, extrativistas, assentadas da reforma agrária, indígenas, quilombolas, agentes das pastorais da saúde e da criança, que se auto identificam como “raizeiras”. A partir dos conhecimentos tradicionais e ancestrais, da espiritualidade e das experiências adquiridas e transmitidas por gerações, as raizeiras produzem e comercializam remédios caseiros e tecem uma rede solidária de atendimento à saúde das comunidades locais, valorizando a cultura alimentar e o modo de vida tradicional.

As raizeiras são também grandes defensoras dos territórios do cerrado, e a PACARI tem como objetivo estratégico, realizar o registro coletivo dos conhecimentos tradicionais para a sua proteção e transmissão, além de promover a elaboração de instrumentos políticos que assegurem o direito consuetudinário dos povos e comunidades tradicionais de praticar a medicina tradicional e fazer o uso sustentável da biodiversidade de seus territórios.

A PACARI luta pelo registro dos ofícios de raizeiros e raizeiras do Cerrado, como Bem Cultural de Natureza Imaterial, processo que já está em tramitação junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Enquanto articulação, participa de espaços políticos relacionados ao uso sustentável da biodiversidade, no âmbito da Convenção da Diversidade Biológica²⁵ da Organização das Nações Unidas (ONU), e de espaços relacionados à saúde e ao meio ambiente, no Comitê da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e no Conselho Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais.

²⁴ A Articulação Pacari, nasceu em 1999, é uma rede socioambiental formada por organizações comunitárias e pessoas que praticam a medicina tradicional através do uso sustentável da biodiversidade do bioma Cerrado. A medicina tradicional praticada pelos povos do Cerrado se expressa por meio de diferentes ofícios de cura, resultantes, principalmente, da síntese das medicinas dos povos indígenas brasileiros, povos africanos e imigrantes europeus que chegaram ao Brasil. Os praticantes destes ofícios utilizam diversos recursos para a prevenção e o tratamento da saúde, tomo os remédios feitos de plantas medicinais, dietas alimentares, banhos, benzimentos, massagem e aplicação de argila. Hoje, a sua atuação abrange cerca de 50 organizações de 10 regiões dos estados de Minas Gerais, Goiás, Tocantins e Maranhão.

²⁵ Convenção da Diversidade Biológica (CDB) de 1992, artigos 8 e 10 que discorre sobre respeitar e manter o conhecimento das comunidades tradicionais relevantes a conservação e a utilização da diversidade biológica, etc.

As raizeiras reivindicam, principalmente, a liberdade do uso de seus conhecimentos tradicionais para a prevenção e o tratamento de saúde e a conservação do bioma Cerrado. No entanto, a conquista destes direitos consuetudinários está diretamente relacionada à compreensão das políticas públicas pelas raizeiras e a elaboração de instrumentos políticos que possam influenciar. Neste processo político, as raizeiras são representadas institucionalmente pela Articulação Pacari. Essa criminalização impacta negativamente a dinâmica, transmissão e salvaguarda da medicina tradicional, por isso, precisa ser revista a partir de um esforço coletivo e amplo diálogo entre governo e povos e comunidades tradicionais.

A experiência nos faz entendermos a importância da luta coletiva, e da articulação política para a garantia de direitos consuetudinários. Trata-se de uma luta coletiva e política para garantir o direito de existir no território onde estão inseridas. Traz também a pauta a violência do estado na negação dos direitos e a disputa de saberes com a indústria farmacêutica.

Esses são apenas alguns dos exemplos das inúmeras experiências mapeadas, mas que de alguma forma estão interligadas por redes que as conectam, através de encontros, trocas de experiências e articulação política. Percebemos diversas semelhanças entre os territórios desde Abya Yala.

Destaco a luta pelo reconhecimento das práticas ancestrais desde uma identidade específica como as benzedeiras, parteiras, raizeiras e médicas tradicionais, desde um saber fazer protagonizado por mulheres. Destaco o papel do reconhecimento da saúde enquanto um direito, e busca por políticas públicas de reconhecimento e inclusão. A importância dos saberes populares e uso das plantas medicinais para a construção e manutenção de uma saúde popular e comunitária, colocando em discussão a centralidade da vida e a importância da defesa dos territórios de vida. As estratégias de resistência contra o cercamento dos saberes ancestrais de cura pela medicina-moderna-patriarcal-colonial-medicalizada e a luta para que esses saberes possam continuar o caminhar da palavra, passada de geração em geração, tendo a saúde como bem comum da humanidade.

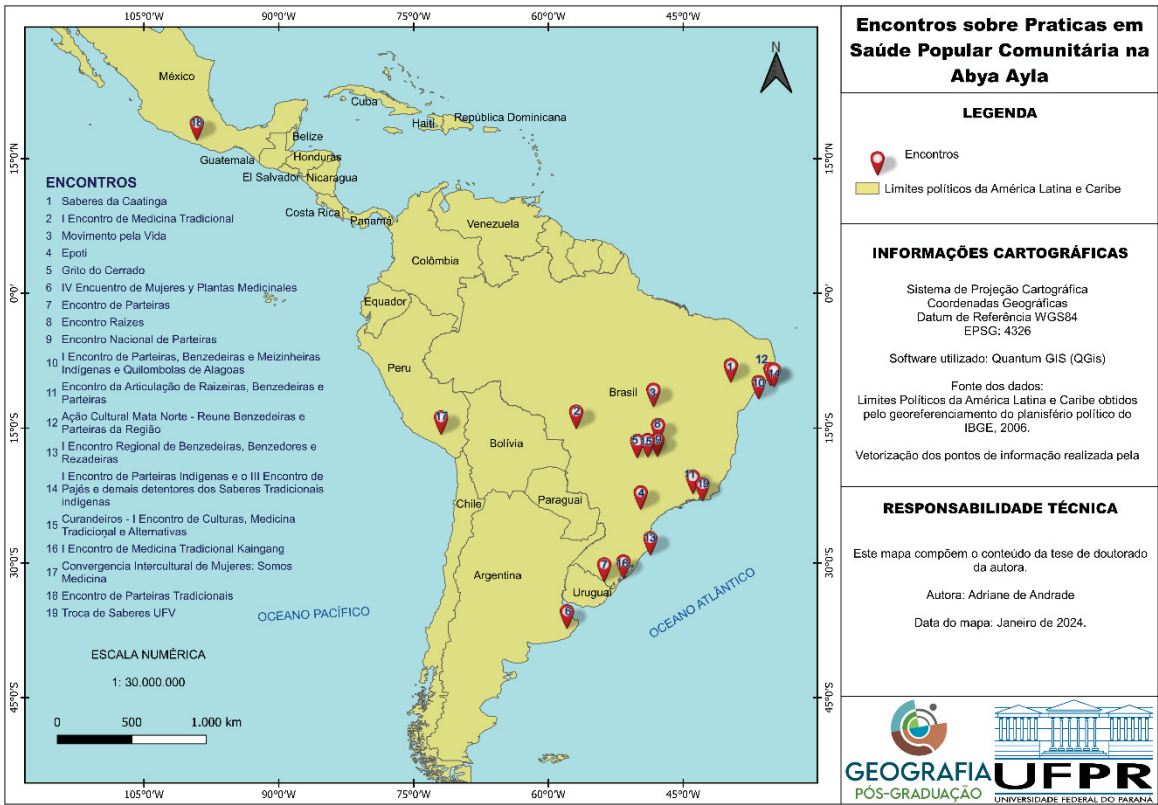
As experiências mapeadas sobre as práticas de saúde popular nos apontam caminhos para entender que existem diferentes formas de se fazer/pensar saúde, onde a saúde não é mercadoria, é um direito, que está articulado com a vida, com a harmonia da natureza, com uma autonomia dos povos, experiências que desde um sentipensar²⁶ constrói outro olhar para essas

²⁶ Conceito proposto pelo sociólogo Orlando Fals Borda para enfatizar que a razão e a ciência não são exclusivas na construção dos mundos ou na sua interpretação, pois esta também se faz a partir dos sentidos, do “coração” (Escobar, 2014).

práticas construídas desde as mulheres e nos faz querer entender que perspectiva de saúde está sendo ressignificada por esses sujeitos? O que esses territórios querem nos contar?

Outro dado levantado, que merece destaque, são os encontros e trocas de saberes, que são estratégias de resistência utilizadas pelos grupos coletivos na defesa, resgate e ressignificação dos saberes ancestrais de cura e saúde popular. Além dos intercâmbios comunitários e encontros organizados pelos próprios grupos e coletivos, é cada vez mais frequente a articulação desses encontros por agentes externos como universidades, organizações não governamentais e os municípios por meio de apoio das secretarias de agricultura, cultura e saúde. Ao todo nessa prévia, foram registrados 19 encontros, que são também um processo marcante de formação onde as benzedeiras ensinam e aprendem além de ser por onde as redes vão sendo construídas e sendo fortificadas.

MAPA 02: Espacialização dos encontros e trocas de saberes



Fonte: a autora, 2024.

No mapeamento podemos observar que eles se multiplicam em todo território, como semente do dente de leão, os encontros voam com o vento e brotam em diferentes localidades. Acho importante mencioná-los, pois demonstram que para além do MASA e MST, essas práticas de saúde popular coexistem em diferentes territórios indígenas, quilombolas, em periferias de cidades do

norte ao sul do país e da Abya Ayla. Não são, portanto, práticas isoladas, estão sempre de alguma forma conectadas em redes.

Os encontros e trocas de saberes são estratégias de resistência utilizados pelos grupos coletivos na defesa, resgate e ressignificação dos saberes ancestrais de cura e saúde popular. Além dos intercâmbios comunitários e encontros organizados pelos próprios grupos e coletivos, é cada vez mais frequente a articulação desses encontros por agentes externos como universidades, organizações não governamentais e os municípios através de apoio das secretarias de agricultura, cultura e saúde. Ao todo, foram registrados 19 encontros e para o debate vou trazer dois dos quais tive a grata oportunidade de acompanhar.

O encontro RAÍZES é realizado anualmente desde 2016. Conta com a participação de cerca de 2000 pessoas. O encontro reúne mestras, mestres e aprendizes dos saberes tradicionais de cura em uma viva imersão, cerrado a dentro. Organizado de forma colaborativa e independente por voluntários, doadores e patrocinadores de todo o Brasil, o RAÍZES tem como missão salvaguardar e difundir os saberes e fazeres tradicionais, valorizando mestras e mestres como bibliotecas vivas das ciências ancestrais que curam o corpo, a mente e a alma (RAÍZES, 2020).

Cerca de 70 raizeiros, benzedeiras, parteiras e pajés de diversas comunidades, povos e nacionalidades compartilham sua sabedoria e história de vida no encontro. Oficinas, rodas de conversa, benzimentos, saídas de campo (passeios no Cerrado com aulas ao ar livre), documentários, minicursos, exposições, feiras e noites culturais são os espaços de aprendizagem deste encontro-escola. Toda a programação é oferecida de forma gratuita ao público, distribuída entre a Vila de São Jorge e Alto Paraíso de Goiás. Para além de fortalecer a rede dos saberes tradicionais de cura na Chapada dos Veadeiros, o RAÍZES busca também espalhar novas sementes relacionados a saúde popular e inspirar a realização de encontros semelhantes pelo Brasil afora.

Em 2018 tive a oportunidade de acompanhar Dona Rosinha, coordenadora do Movimento de Benzedeiras de Irati, no evento. Foram dias de muita troca onde ela pode compartilhar a trajetória política do MASA e a luta pelo reconhecimento do ofício de cura. Assim como entender também um pouco das realidades da luta das raizeiras do cerrado.

FIGURA 03: RAÍZES 2018- Raizeiro Sr. Miguel



Foto: a autora, 2018

Acho importante destacar também o Encontro de Saberes da Caatinga (ESC), realizado pela Rede Araripe e colaboração de um conjunto crescente de pessoas e instituições, enquanto espaço de fortalecimento de conhecimentos tradicionais. O Encontro é realizado anualmente desde 2017 no município de Exu/PE na Região da Chapada do Araripe. O objetivo do evento é a busca pelo conhecer, construir e trocar conhecimentos ancestrais e tradicionais, com um patrimônio a serviço da saúde e do bem viver entre as pessoas e todas as formas de vida.

O encontro reúne pessoas de todo Araripe (PE, CE e PI), mas também de diversos outros estados e biomas do Brasil, e, inclusive, de outros países. É uma vivência de muita solidariedade, gratidão, colaboração, trocas de energias, saberes e cuidados. Na avaliação geral, o sentimento é que o processo vem crescendo a cada ano em número de participantes e atividades realizadas no pré-encontro (sete dias de oficinas) e nos três dias finais de encontro dos protagonistas - Raizeiros/as, Benzedeiras e Parteiras, assim como toda parte cultural e lazer, especialmente realiza nas noites, dentro do mesmo espírito e lógica do processo - promoção da "cura" no sentido amplo da palavra.

FIGURA 04: IV Encontro de Saberes da Caatinga, 2020



Foto: Fernando Amazônia Facebook Saberes da Caatinga, 2020.

Mapeamento da Agroecologia em rede

No ano de 2020 fui contatada pelo pessoal do GT de Agroecologia e Saúde da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), para inscrever a experiência das benzedadeiras do Paraná no mapeamento da “Agroecologia em Rede” que estava sendo organizado, para levantar experiências em saúde e agroecologia. Trata-se de um mapeamento realizado visando colaborar para o fortalecimento das experiências em saúde e agroecologia no Brasil, favorecer a identificação, o reconhecimento e a articulação entre as práticas/saberes dos grupos participantes. Para o mapeamento foram consideradas experiências em saúde e agroecologia as diversas estratégias coletivas dos povos, comunidades tradicionais, movimentos sociais, coletivos, grupos de educação e pesquisa, instituições, Organizações Não Governamentais (ONGs) e outros, construídas a partir de princípios solidários e direcionadas à transformação das condições de saúde e vida das populações e ambientes.

Após inscrever a experiência das benzedadeiras, e mais tarde com os resultados em mãos, pude observar que existia um diálogo com o trabalho de levantamento que havia feito, porém, com um nível de detalhes mais apurado para os anúncios e conflitos, portanto extremamente rico dialogar com esse mapeamento.

No levantamento realizado foram cadastradas 169 experiências e 95 organizações. Importante o destaque para a diversidade de sujeitos que contribuíram no cadastro, entre eles a comunidade acadêmica (educadores/as e estudantes), agricultores/as familiares/camponeses/as, movimentos sociais e profissionais de saúde e entre os povos tradicionais destacam-se as comunidades quilombolas e indígenas algo bastante importante, já que a ideia é trabalhar com os povos do campo, da floresta e das águas. Outro dado importante a mencionar é o protagonismo das mulheres com 95% de participação nas experiências mapeadas, e que reafirmam a ideia do protagonismo feminino nessas práticas.

No gráfico abaixo podemos observar os temas prioritários das experiências. Dos vinte temas listados, as experiências estão principalmente relacionadas a: alimento, soberania e segurança alimentar e nutricional; educação e construção do conhecimento agroecológico; e as práticas de cuidado em saúde e medicina tradicional.

GRÁFICO 01: Temas prioritários do Mapeamento de Agroecologia em Rede.



Fonte: Agroecologia em Rede, 2020.

Vamos nos debruçar na análise de três que são: as práticas de cuidado em saúde e medicina tradicional; terra, território, ancestralidade; e campesinato, povos, comunidades tradicionais e outros modos de vida.

Filtrando as atividades como o tema proposto, ou seja, que dialoguem com o uso de plantas medicinais, resgate a práticas ancestrais de cura e saúde popular, acabamos chegando

em 38 experiências. Na tentativa de agrupar dados e entender o que os territórios estão nos dizendo a partir dessas experiências, criei a planilha abaixo tentando identificar no mapa e nas fichas cadastradas algo que as conecta desde o que foi levantado. Busquei analisar essas informações, em diálogo com a intenção de entender esses territórios da saúde popular comunitária criados desde um corpo e saber feminino. Vamos aos dados:

Tabela 02: Catálogo de experiências mapeadas desde a Agroecologia em Rede.

Nº	Experiência Cadastrada	Sujeitos	Localidade	Gênero predominante	Ameaças	Políticas públicas
1	OJU AYIÊ	Quilombolas	RS	F/M	Racismo/ agrotóxico	-
2	Terra de Marias	Camponeses		F	Contaminação, violência de Gênero, intolerância religiosa, agrotóxico e transgênico	Lei da produção Orgânica, cisternas
3	Grupo Entre Folhas - Plantas Medicinais	-	MG	F	-	PNPMF
4	HORTA COMUNITÁRIA USF “ Maria Silva Brito Correia”	Profissionais da saúde	SP	F	-	PNPIC e PNPMF, Farmácia viva e lei da agricultura orgânica
5	Chã de Terra em Saúde	-	PE	F	Agrotóxico, racismo e violência de Gênero	PNPMF e Farmácia viva
6	Comida e Cura: conhecimentos tradicionais	Agricultoras/es familiares/camponeses	RJ	F	Intolerância religiosa, agrotóxico, transgênico,	Programa Nacional do Cultura Viva
7	Círculo de mulheres	PCTS	PE	F	Sucessão geracional frágil ou inexistente	PNPIC e PNPMF farmácia viva
8	GT Mulheres Serramar	Mulheres	RJ	F	Agrotóxico, disputa territorial ou dificuldade de acesso ao território, Violência do Estado	-
9	MASA	PCTS	PR	F	Contaminação/poluição ambiental Disputa territorial ou dificuldade de acesso ao território	-
10	Experiência de Saúde e Agroecologia do Assentamento Contestado - PR	Camponeses	PR	F	Transgênico, intolerância religiosa, G2L, agrotóxico	PNAE
11	Encontro Saberes da Caatinga	PCTS	PE	F	Agrotóxico, Transgênico, Contaminação/poluição ambiental, Intolerância religiosa, Sucessão geracional frágil ou inexistente, conflito territorial de uso	-
12	Projeto Saúde Comunitária Vale do Taquari-RS	-	RS	F	Sucessão geracional frágil ou inexistente	-
13	Aroeiras	Campo e cidade	PE	F	Intolerância e violência do estado	-
14	O Projeto Rota da Biodiversidade	Indústria			-	MDR, PNPMF, Farmácia viva
15	Sacerdotisas de Si	mulheres	PE	F	Violência de gênero e intolerância	PNPMF, PNPIC

Fonte: Agroecologia em Rede, 2020.

Continuação:

16	Articulação Embaúba: Parteiras, Benzedeiras e raizeiras da RM de BH.	PCTS	MG	F	Agrotóxico, Transgênico, Contaminação/poluição ambiental, Disputa territorial ou dificuldade de acesso ao território, Violência do Estado, Racismo, Violência de gênero	-
17	I Encontro de Raizeiras, Benzedeiras, Parteiras e agricultores da Rm de BH	Agricultores, raizeiras, benzedeiras e parteiras.	MG	F	Sucessão geracional frágil ou inexistente, Agrotóxico, Transgênico, Contaminação/poluição ambiental, Violência do Estado	-
18	Ervanário São Francisco de Assis	PCTS	MG	F	Agrotóxico, Transgênico, Contaminação/poluição ambiental, Disputa territorial ou dificuldade de acesso ao território, Racismo	-
19	Coletivo abrojos	Indígenas	MX	F	Contaminação/ poluição ambiental	-
20	Fortalecimento dos Espaços de Cuidados nas Áreas de Reforma Agrária no Estado do Rio de Janeiro	Profissionais de saúde, PCTS, Agricultoras/es familiares/camponeses, Educadoras/es, Gestoras/es públicos, Pastoral, Movimentos sociais, Organização não governamental	RJ	-	-	PNPMF, PNPIC
21	Curso de Qualificação Profissional em Saberes e Práticas Integrativas, Tradicionais e Complementares em Saúde para a População do Campo	PCTS e Povos do campo	RJ	-	Alteração no regime tradicional de uso e ocupação do território, Alteração no ciclo reprodutivo da fauna, Assoreamento de recurso hídrico, Contaminação ou intoxicação por agrotóxico	PAA, PRONERA, PNPMF, Farmácia viva, cisternas, ecoforte, agricultura orgânica
22	Redes fito	-	RJ	-		-
23	Herbário Coleção Botânica de Plantas Medicinais (CBPM) de Farmanguinhos-Fiocruz	Indústria	RJ	-		PNPMF, PNPIC
24	Sítio Céu e Terra - Agroecologia e saúde	-	MG	-	Contaminação/ poluição ambiental, Racismo, Sucessão geracional frágil ou inexistente, mineração, Sobreposição com áreas protegidas (Unidades de Conservação)	-
25	Práticas tradicionais de cura e plantas medicinais mais prevalentes entre a etnia Guarani-Kaiowá na região Centro-Oeste	-	MS	F	Agrotóxico	PNPIC
26	A Trilha do Arboreto	-	RJ		Agrotóxico	PAA, PRONERA, PNPMF, Farmácia viva, cisternas, ecoforte, agricultura orgânica
27	Arandu: Saberes Originários	Indígenas	DF			
28	“Educação Popular e Plantas Medicinais na Atenção Básica à Saúde	Gestores, educadores, profissionais de saúde	RJ	F		PNPIC e PNPMF

Continuação:

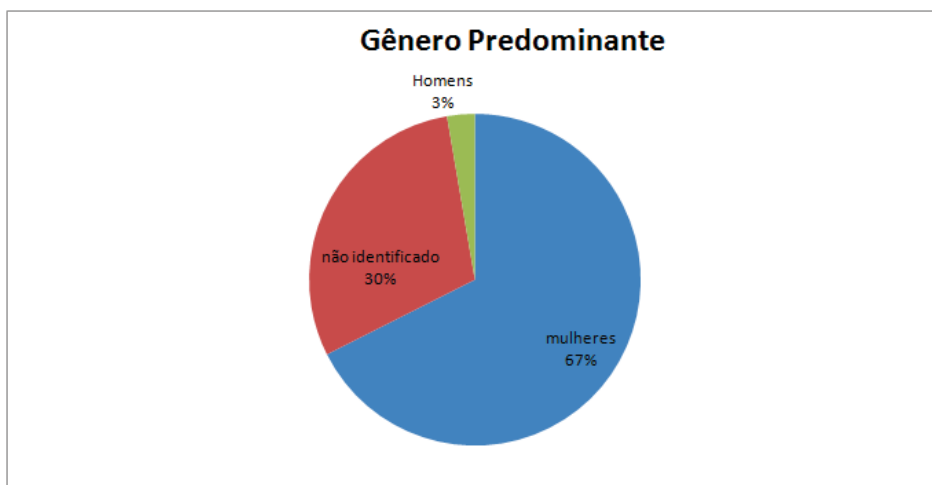
29	La Huerta del Hospital Trevelin	Agricultoras, Consumidoras/es, Educadoras/es, Extensionistas rurais/	-	F		-
30	Planta Medicinal e Condimentar: Essa planta é boa para quê?	Grupos de hipertensos dos programas Saúde da Família	RJ	-		-
31	Coletivo de Pesquisa Bem Viver da comunidade rural Lagoa dos Cavalos foi constituído em 2017	Agricultoras/es familiares/ camponeses/ caatingueiros	RN	F	Sucessão geracional frágil ou inexistente, Governo Federal (DNOCS); Cultura da biomedicina hospitalocêntrica	-
32	Rede Fitorixi	Agricultores familiares, associação de mulheres, agentes	PA	-		Farmácia Viva
33	Pastoral da Saúde/Casa do Agricultor Familiar Dom Tomás Balduino-Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo - GWATÁ	Camponeses	GO	F	Transgênico Disputa territorial ou dificuldade de acesso ao território Violência de gênero (contra mulher, LGBTQIAP+fobia) Sucessão geracional frágil ou	-
34	RESA	PCTS	PR	M	agrotóxico, transgenia	PAA
35	Quilombo da Fazenda	Quilombolas	SP	F	Disputa territorial ou dificuldade de acesso ao território	-
36	Rede de Troca de Sementes e Mudanças Tradicionais	Mulheres indígenas e pantaneiras, quilombolas	MS	F	avanço do agronegócio com utilização de agrotóxicos e transgênico que avança sobre os territórios camponeses, Transgênico Disputa territorial ou dificuldade de acesso ao	-
37	Fortalecimento dos Espaços de Cuidados nas Áreas de Reforma Agrária no Estado do Rio de Janeiro	Mulheres	RJ	F		Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, das Águas e da Floresta;
38	Oficina de Vigilância e Promoção da Saúde em Áreas de Reforma Agrária	MST	MG	-	Agrotóxico Disputa territorial ou dificuldade de acesso ao território	-

Fonte: Agroecologia em Rede, 2020.

Através das experiências filtradas identifiquei alguns pontos importantes que me deram subsídios para a análise, identifiquei as experiências por sujeitos que protagonizam a ação, a localidade, quais práticas essa experiência desenvolve (benzimentos, conhecimento sobre plantas medicinais, remédios caseiros, guardiãs de sementes crioulas, etc.), quais principais ameaças e se acessam algum tipo de política pública.

O primeiro ponto observado é a participação das mulheres na realização dessas atividades, e não surpreendentemente, das práticas registradas, 67% estavam relacionadas às mulheres, 30% não identificava e outros 3% estavam relacionados ao gênero masculino.

GRÁFICO 02: Gênero predominante na atuação das experiências mapeadas



Fonte: Agroecologia em rede 2020.

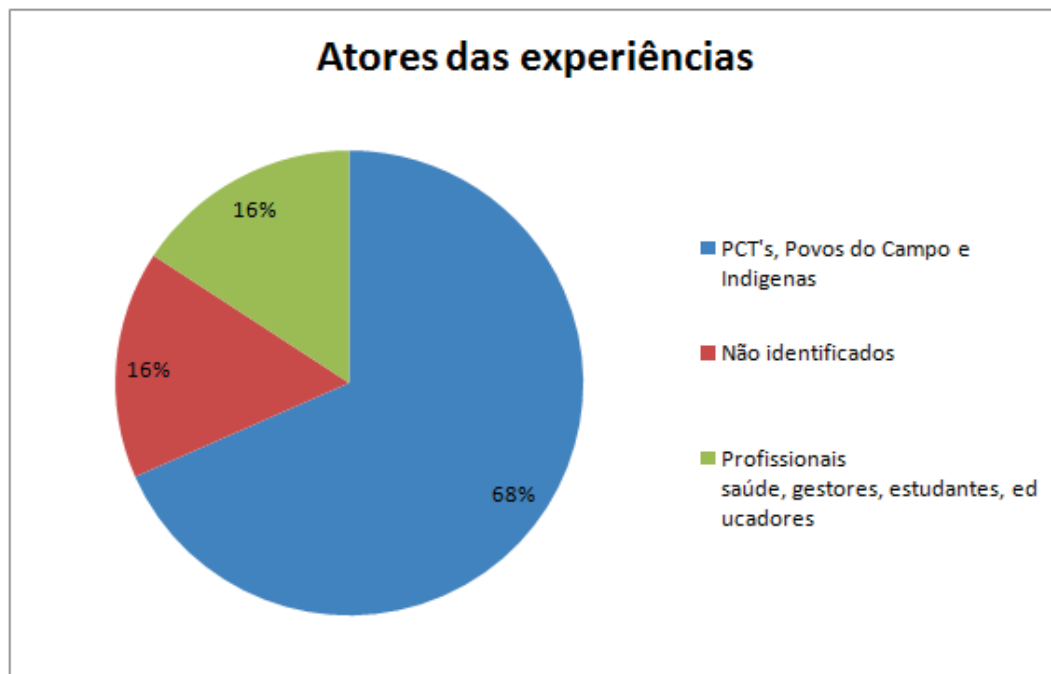
Após filtrar as experiências para as 38 que localizei relacionando os temas de práticas de saúde, território, ancestralidade, povos e comunidades tradicionais, pude evidenciar a predominância das plantas medicinais em todas as experiências. Desde práticas mais industriais para comercialização de fitoterápicos como o caso da REDEFITO²⁷ e o Herbário da FIOCRUZ também voltado para a comercialização de fitoterápicos, como práticas relacionadas ao resgate biocultural do uso das plantas medicinais, de criação de hortas, herbários, fabricação de remédios fitoterápicos, criação de farmácias vivas em diferentes territórios como o caso da Casa do Agricultor Familiar Dom Tomás Balduino-Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo - GWATÁ em Goiás, a experiência do Coletivo de Pesquisa Bem Viver da comunidade rural Lagoa dos Cavalos no Rio Grande do Norte que está focado no resgate biocultural relacionado ao uso das plantas medicinais.

Outro item interessante de se analisar são as características dos atores que protagonizam as experiências. Quem são as pessoas envolvidas e qual a identidade delas usando os dados que estavam disponibilizados nas fichas respondidas por cada grupo. Nas 38 experiências mapeadas, 68% estão relacionadas a povos e comunidades tradicionais, raizeiros, caatingueiros,

²⁷ Tem por objetivo pensar o processo de inovação em fitomedicamentos e fitoterápicos com base no potencial da biodiversidade brasileira. Auxiliando desta maneira na redução da defasagem e dependência econômico/tecnológica do setor farmacêutico nacional em relação ao padrão mundial, bem como desenvolver alternativas viáveis economicamente e ambientalmente na produção de fármacos focados nos problemas e na promoção da saúde da população brasileira. O Sistema Nacional das Redes de Inovação em Medicamentos da Biodiversidade (SNRF) originou-se como projeto durante o 4º Seminário do Núcleo de Gestão em Biodiversidade e Saúde (NGBS), no ano de 2009 e foi ratificado por meio da Portaria nº 021 de 30/08/2010 de Farmanguinhos / Fiocruz. A partir do ano de 2019, o NGBS tornou-se Centro de Inovação em Biodiversidade e Saúde (CIBS).

pantaneiros, indígenas, assentadas, camponesas, agricultoras, etc. 16% está relacionado a estudantes, profissionais de saúde e outros 16% não foi possível identificar nos formulários.

GRÁFICO 03: IDENTIDADES

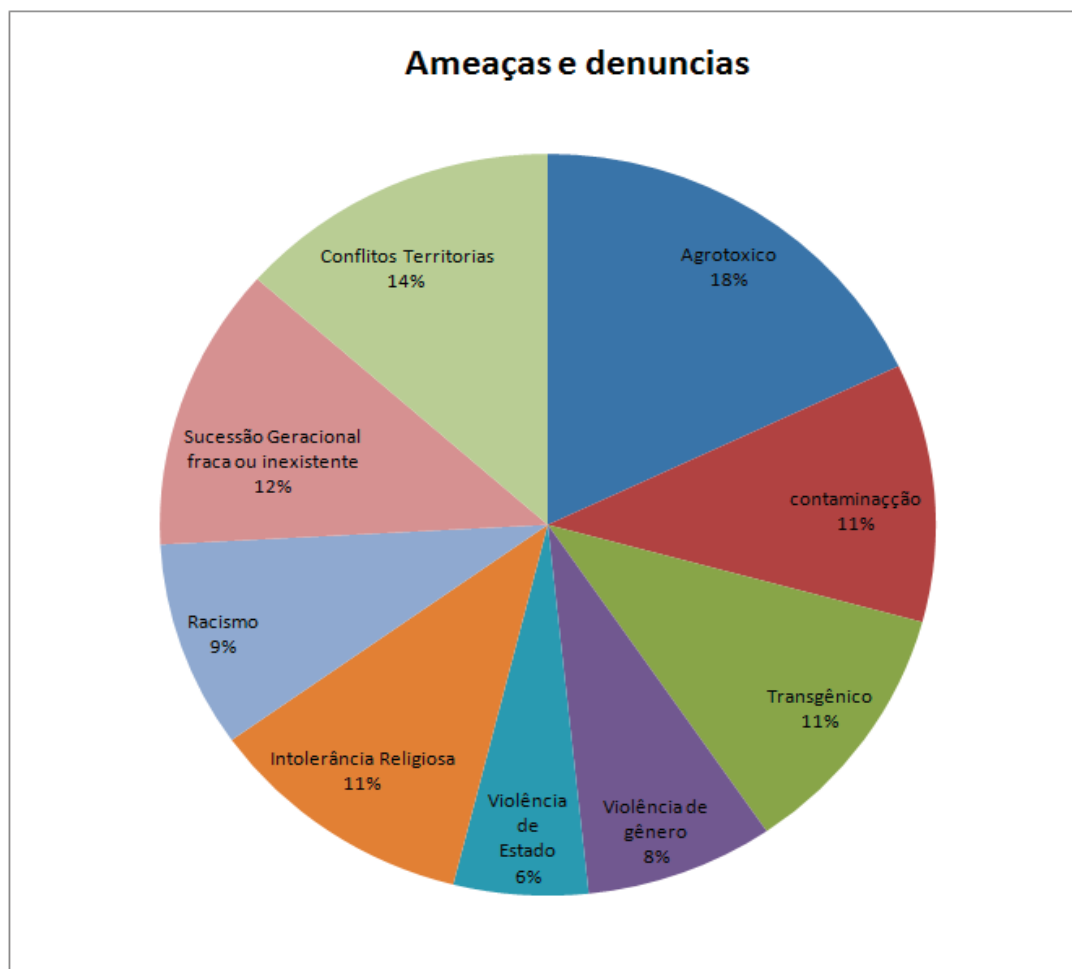


Fonte: Agroecologia em Rede, 2020.

Outro ponto observado está relacionado à distribuição geográfica das experiências, que apesar de bem diversificado, notei a predominância das ações na região sudeste, principalmente nos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Aqui coloco uma ressalva, pois várias das experiências mapeadas estavam de alguma forma ligadas à FIOCRUZ, e sua área de abrangência, apesar de ser nacional, predomina na região sudeste.

Outro item que nos chama a atenção são as ameaças e denúncias relatadas.

GRÁFICO 04: CONFLITOS



Fonte: Agroecologia em Rede, 2020.

Nesse mapeamento ficou evidenciado a denúncia dos grupos quanto ao uso de agrotóxicos, da contaminação de plantas, do solo, água e da utilização de transgênicos, somando 40% das ameaças. Outro ponto bastante importante que precisa ser evidenciado é a violência sofrida por esses corpos, representando 34% das experiências. Nela observamos o racismo como um agravante de conflito, pois somada à intolerância religiosa que muitas vezes está atrelada ao racismo podemos observar que esse território mapeado tem cor. Outros pontos que devem ser observados e não são menos importantes e que se conectam com as demais denúncias são os conflitos territoriais e a questão da sucessão geracional fraca que muitas vezes está ligada aos outros pontos já colocados. No mapeamento ainda merece destaque que 50% das experiências cadastradas apresentam algum tipo de políticas públicas. As duas mais citadas

são: Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) ²⁸ e a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC) ²⁹.

Formulário de experiências em práticas ancestrais de cura

Na tentativa de aprofundar ainda algumas questões, usei para complementar a pesquisa, a criação de um mapeamento de práticas ancestrais de cura feito mediante um formulário de perguntas do disponível no endereço (<https://forms.gle/TgW1fDaptqENs1EQA>) que enviei para as minhas redes de contato. O objetivo era abrir o leque de possibilidades para captação de informações sobre distintas práticas de cura. O formulário está ativo e contém 10 questões (abertas e fechadas) buscando identificar as características das práticas, anúncios e denúncias.

FIGURA 05: CARD feito para as redes sociais para divulgar o mapeamento.



Fonte: a autora

²⁸Garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional (Ministério da Saúde, 2006).

²⁹ Incorporar e implementar as Práticas Integrativas e Complementares no SUS, na perspectiva da prevenção de agravos e da promoção e recuperação da saúde, com ênfase na atenção básica, voltada ao cuidado continuado, humanizado e integral em saúde; contribuir ao aumento da resolubilidade do Sistema e ampliação do acesso à PNPIC, garantindo qualidade, eficácia, eficiência e segurança no uso. Promover a racionalização das ações de saúde, estimulando alternativas inovadoras e socialmente contributivas ao desenvolvimento sustentável de comunidades e; estimular as ações referentes ao controle/participação social, promovendo o envolvimento responsável e continuado dos usuários, gestores e trabalhadores nas diferentes instâncias de efetivação das políticas de saúde.

Ao todo foram coletadas 18 respostas. Dessas experiências pude evidenciar mais uma vez o protagonismo das mulheres, representando 92% das atividades. Isso nos faz querer entender esse território como a lente de um território feminino. As respostas se concentram em experiências do Brasil, e as principais atividades estão ligadas a resgate de conhecimentos ancestrais de cura, ao uso e cultivo de plantas medicinais, a práticas relacionadas ao ofício tradicional de cura como, benzimentos, partos e as práticas integrativas de saúde como o reiki, a massoterapia, a fitoterapia, a produção e comercialização de remédios caseiros como xaropes, garrafadas, etc.

No quesito ameaças foram apontadas preconceito, desvalorização e perseguição, falta de políticas públicas inclusivas, omissão do estado, disputa por território, cercamento de áreas onde se extraem plantas medicinais, agrotóxico e extinção de espécies. Quando questionadas sobre a contribuição da atividade para o território/ comunidade, as respostas que obtive foram: valorização, reconhecimento e resgate de práticas ancestrais de cura, diminuição na utilização de alopáticos e uso de plantas medicinais, agroecologia, inserção das atividades no sistema de saúde, troca de experiência e criação de associação cooperativas, etc.

Acredito que esses mapeamentos possam avançar nas discussões propostas e costurando essa trama territorial que vai sendo apresentada em cada dado obtido, fala dita, experiência, fotografada, escrita, compartilhada. Ao agrupar as experiências em temas e sujeitos, observei características em comum como a luta identitária pelo reconhecimento da diferença dos povos, principalmente indígenas e camponeses, na busca pelo respeito à diferença de ser e estar no mundo, na luta e resistência dessas práticas ancestrais desde um território. Nesse primeiro levantamento pude observar um território de práticas de saúde popular amplo que engloba e conecta toda a Abya Yala, ultrapassa fronteiras, mas que se conecta através da ancestralidade indígena, dos povos africanos e camponeses, presentes no cotidiano da comunidade, saúde e cuidado.

Quando olhamos para essas práticas, que existem, resistem, entendemos que elas não são resquícios do passado, de algo longínquo com os dias contados para acabar, muito pelo contrário, quando observamos a quantidade de práticas se capilarizando ganhando força em diferentes trocas como os coletivos de mulheres, de movimentos sociais, de identidades coletivas que pautam saúde enquanto forma de vida, percebemos que elas estão cotidianamente emergindo das frestas e ressignificando territórios desde um olhar para o cuidado e para centralidade da vida.

No desenho da tese buscamos mostrar esse emergir das frestas, tal como o dente de leão, as mulheres protagonizam em seus territórios práticas de saúde popular comunitárias e através

dos vínculos afetivos, fincam raízes, semeiam novas possibilidades de se fazer comunidade, através dessas práticas de saúde, ressignificam e grafam territórios.

No primeiro capítulo busco olhar para as frestas, para as rachaduras da calçada onde o dente de leão nasce, e tento buscar repostas para o que desde as frestas escuto. Nesse capítulo mergulho nas duas experiências que atravessam meu caminhar de pesquisadora que é o movimento de benzedeiros (MASA) e o setor de saúde do MST-PR, para deixar que o perfume exalado das flores, me mostrem caminhos, mergulho ainda na potência da ação presente no verbo FAZER. Busquei na pedagogia freiriana do “quefazer”, quais ações foram desempenhadas por essas mulheres que formam os coletivos de saúde popular comunitária, e de que forma essas ações foram potencializadores de transformação nos territórios onde os coletivos estão inseridos. Busquei refletir desde as ações realizadas por esses coletivos, desde seu caminhar, mas principalmente desde um olhar para as práticas realizadas na pandemia e vivenciadas em diferentes espaços representados por esses movimentos, através da pedagogia do território e da escuta geográfica.

No segundo capítulo, vamos ampliar nossa lupa para entendermos que ambiente é esse onde o dente-de-leão nasce e se reproduz, e quais são as principais dificuldades encontradas pelas mulheres para re-existir com suas práticas de cura e cuidado desde o desencanto e encanto de uma pedagogia que conflui. Buscamos através da lente descolonial o mergulho na pedagogia das encruzilhadas e no cruzo das duas práticas e experiências distintas de cada movimento, MASA e MST, analisar através do confluir das práticas relacionados principalmente ao cercamentos (desencante) instituídos pela colonialidade e como esse ser coletivo se forma desde a resistência(encante) e luta pelo não a aniquilamento de suas práticas. Acionamos a potência do verbo SER tentando responder alguns questionamentos como: Como vencer o desencanto? Quais são esses corpos, que são impedidos de pensar de forma autônoma a saúde da sua comunidade, relacionada a seu modo de vida? Quais são as cercas que nos cercam? O que elas querem nos dizer?

No terceiro capítulo a ideia é analisar a terra onde as sementes do dente de leão vão sendo semeadas, germinadas e que solos férteis elas encontram, para continuar r-existindo. Mergulho nas possibilidades outras que as mulheres (MASA e MST), tecem diariamente na construção da saúde popular comunitária, desde o corpo território, das memórias, de um lugar situado, do cotidiano e desde ação do verbo CUIDAR e SENTIR, com ênfase no protagonismo feminino. Nesse capítulo vamos mergulhar no cuidado e no cotidiano desde esse olhar do COMO as mulheres que representam esses dois movimentos vem fazendo. No sentir-pensar-

fazendo saúde de forma comunitária, com escuta, com sororidade, e afeto nos dão pistas de como resistir através do afeto e do cuidado comunitário.

No quarto e último capítulo, buscamos entender COMO e aonde as sementes do dente de leão germinam, enraízam, olhando para a saúde popular comunitária feminina realizada pelas mulheres do MASA e do MST, desde um fazer-ser-cuidar-sentir, confluindo na manutenção dos comuns, grafando os territórios de formas muito específicas, relacionais e intencionais, e, em definitiva, como as práticas de saúde popular comunitária geo-grafam pedagogicamente os territórios onde estão inseridas. Buscamos analisar a saúde como produto do comum pois só é realizada no comunitário das relações e possuem pedagogicamente potência transformadora de territórios.

Vamos a eles!

1. AÇÕES POTENCIALIZADORAS DE TRANSFORMAÇÃO DESDE UM “FAZER COM”: SOLUÇÕES POPULARES PARA A TRAVESSIA DA PANDEMIA DO COVID-19.



Ilustração: Priscila Monnerat, 2024.

As lendas mais antigas nos contam que o dente-de-leão, esta plantinha que nasce entre a grama e os buraquinhos das calçadas, formou-se da poeira deixada pela carruagem do sol e suas andanças diárias, porque suas flores amarelas se abrem ao nascer do dia e se fecham ao cair da tarde (Bornhausen, 1991, p. 97).

Erva daninha ou uma planta milagrosa? O dente-de-leão é sem dúvida uma das plantas mais detestadas pelos jardineiros que não conhecem suas qualidades fantásticas. Suas características se assemelham aos coletivos de mulheres que estão buscando nas frestas possibilidades de construir um novo conceito de saúde popular e comunitária. Não lutam apenas pelo direito adquirido (SUS), mas também para exercer em seus territórios outras formas de pensar saúde, trazendo a vida para a centralidade, de forma comunitária, participativa, utilizando a sabedoria herdada dos antepassados, criando formas de se fazer saúde popular,

onde tudo é relacional (Blaser, 2010), o território, a comunidade, a natureza, nada é separado, tudo é junto e tudo é importante.

São nas frestas que eu me agarro, no *entre*, para enxergar possibilidades outras, nos movimentos, nos coletivos, nas poéticas, giras, danças, no cotidiano, nas aleatoriedades, nos processos de escutar o território (Malheiro, 2021), ali observo, na práxis cotidiana, possibilidades que o tempo todo nascem, renascem, edificam, constroem, criam, diferentes formas de fazer saúde.

Como já disse, não tenho a intenção de romantizar os processos, as lutas, os movimentos, mas impossível se manter neutra quando escuto a voz da ancestralidade o tempo todo me lembrando da importância do trabalho das mulheres, da resistência galgada há anos, e como eu mesma já usufruí, e usufruo dessa medicina que acredito e que construo junto, não apenas com um olhar de espectador. Neste capítulo, me proponho a mergulhar numa análise desde o “quefazer” freiriano (Freire, Nogueira, 1989), como um corpo que passou de observador para percebedor.

Impossível seria me debruçar em todas as práticas mapeadas, como vimos anteriormente são inúmeras, mas me disponho nessa tese me aprofundar em duas experiências coletivas que me atravessam e que estão relacionadas às práticas de saúde realizadas pelo setor de saúde do MST e pelo Movimento de Benzedeiras, o MASA.

São experiências que me atravessam desde esse corpo percebedor, desde um sentir pensante, pois atuo também com esses movimentos. Já adianto que não tenho a intenção de comparar as lutas, mas me cabe a pergunta, será que são lutas distintas? A primeira impressão é que sim, mas é na confluência que elas se assemelham. A começar pelo protagonismo de mulheres camponesas, na luta pelo acesso ao direito a saúde popular e comunitária nos seus territórios de vida.

O Movimento de Benzedeiras carrega uma pauta identitária forte, movida pela luta dos povos e comunidades tradicionais do Estado do Paraná, mas tem como característica principal, ser formado por mulheres camponesas e mulheres com o vínculo muito forte com o campo, portanto, mesmo as que moram hoje nas cidades, estabelecem uma ligação de proximidade com a cultura faxinalense, com as festas de santo, de um catolicismo popular muito arraigado ao seu cotidiano de vida. Muitas delas, além de terem um quintal com suas plantas medicinais, vão até as matas nativas localizadas nas áreas rurais dos municípios para buscar plantas, cascas de árvores que só encontram nas matas de araucárias que fazem parte da região onde o movimento está territorializado. Para as benzedeiras do MASA, defender a água e as matas é defender a vida. Não há vida sem mata em pé e não há vida sem água.

As mulheres do Setor de Saúde do MST estão espalhadas por todo o território paranaense e seu vínculo com o campo está relacionado ao modo de vida, ao trabalho e à luta política ao redor da reforma agrária. Carregam uma ancestralidade e memória camponesa viva, no viver da terra, no plantar e colher seu alimento, na luta pelo direito a um pedaço de chão, a educação, saúde. São as grandes herdeiras do conhecimento sobre os usos tradicionais das plantas medicinais e perpetuam esse conhecimento através de seus quintais, da luta pela agroecologia e por relações saudáveis dentro do movimento.

As semelhanças são muitas, e as diferenças também e vamos encontrá-las no decorrer dos capítulos, através das confluências, as quais, eu inclusive me insiro, os dois grupos pertencem a organizações coletivas com pautas distintas, mas atuando em frentes e interesses em comum, a saúde popular e a defesa da vida.

Outro ponto que merece destaque é o processo que faz com que esses grupos se projetem nacionalmente e se aproximem. O MST carrega em seu escopo de luta desde seu nascimento a luta pela redistribuição de recursos materiais contra a desigualdade social e a luta pelo direito a terra. O MASA segue na linha da luta identitária, pela politização da cultura e do reconhecimento de suas práticas ancestrais de curas relacionadas as suas diferentes formas de existir em seu território (Cruz, 2021).

“Mulheres em luta, semeando a resistência”, no grito puxado pelas companheiras do MST, a importância de trabalhar o cuidado da vida desde o momento de semear a terra, o território de luta se transforma em território para semear vida. No grito *“Cuidar da vida é nossa missão!”*, grito criado pelo Movimento de Benzedeiras, novamente o cuidado e a vida são trazidos pela centralidade de uma missão ancestral.

O MST promove uma luta mais intensa por políticas públicas e na resignificação de seus territórios em territórios de vida embasados na sabedoria advinda da agroecologia, frente aos territórios de morte do agronegócio. As benzedeadas pautam o respeito e o reconhecimento de suas práticas e o direito de existir com seu conhecimento, sem preconceito e desvalorização, mas mobilizando também territórios de vida desde uma saúde popular, defendendo os territórios, contra o desmatamento, a monocultura, a poluição de nascentes, plantas e do solo por agrotóxicos.

As experiências nos apontam para alguns caminhos e um deles é entender o papel das mulheres na resignificação dos territórios desde **um fazer** saúde popular e comunitária. Buscando entender essas resignificações grafadas nos territórios, desde os vínculos, propomos olhar primeiramente para a ação do verbo fazer, que nos mostra o caminhar histórico desses movimentos na luta pela saúde popular comunitária. Especialmente, quais foram as soluções

encontradas pelas mulheres dos MASA e do setor de saúde do MST, para driblar a pandemia do covid-19, e quais os caminhos percorridos após a pandemia. A intenção é através de um panorama geral e histórico entender o caminhar das mulheres que integram esses movimentos na construção diária e cotidiana de uma outra forma de fazer “com comunidade “e desde um território específico”, saúde popular comunitária.

1.1- QUEFAZER DESDE A EXPERIÊNCIA DO SETOR DE SAÚDE DO MST/PARANÁ

Aproximei-me do Setor de Saúde do MST na Jornada de Agroecologia³⁰ de 2015, quando precisei de um atendimento médico devido a uma crise de enxaqueca. Lembro de ter ido até o Espaço Saúde e ter sido atendida pela Dona Maria (assentada do MST e representante do Coletivo de Saúde) e por uma benzedeira que atua na cidade da Lapa, amiga de Dona Maria, ambas voluntárias, e desde então virei uma admiradora do trabalho feito pelo Coletivo. Lembro que ainda em 2015 nessa Jornada de Agroecologia tive a oportunidade de participar de uma oficina ministrada pelo Setor sobre bioenergia³¹, e fiquei curiosa para entender mais dessa prática.

Conto isso porque minha aproximação com o tema também vem da ligação com a energia, com minha espiritualidade e com o pensar a saúde de forma não medicalizada. Buscar alternativas para o cuidado da saúde, me atravessa desde a infância, é um pulsar constante, é como se houvesse um processo de encante. Curiosa que sou, me deixei encantar e me levar pelo Coletivo e sua trajetória. Não pude acompanhar todos os processos, mas pontuarei os que pude vivenciar.

O Setor de Saúde do MST é formado por mulheres conhecedoras das práticas do cuidado, e carregam consigo o saber tradicional no manuseio e manipulação das ervas medicinais, nas práticas de curandeiras, no conhecimento sobre o corpo, um conhecimento passado de geração em geração, mas que se transforma e ressignifica com as vivências da luta pela terra. (MST, 2019). Um saber também que foi sendo construído com as demandas relacionadas ao viver e ser acampada e assentada do MST. Segundo o Setor de Saúde,

³⁰ A Jornada de Agroecologia é uma coalizão política **constituída em 2001**, que resultou de amplo processo dialógico entre vários movimentos sociais, populares, do campo e organizações não-governamentais atuantes no Paraná, que desde os anos 1980 promovem as lutas pela terra e pela reforma agrária, a defesa da agricultura camponesa e a agroecologia (jornadadeagroecologia.org.br).

³¹ Técnica trazida ao Brasil na década de 90, pelo missionário franciscano Renato Barros, da Nicarágua, onde aprendeu com os guerrilheiros sandinistas. A técnica baseia-se numa avaliação bioenergética, feita por duas pessoas e o tratamento baseado em dieta alimentar e fitoterápicos é receitado. Mas a proposta é o autoconhecimento e a adesão a um modo de vida saudável, cuja base é a alimentação (<https://jornadadeagroecologia.org.br/2016/07/29/a-revolucao-da-saude-por-meio-do-auto-conhecimento-corporal-e-das-plantas-medicinais/>).

nacionalmente as mulheres são protagonistas da ação. Nos assentamentos e acampamentos, as mulheres estão inseridas nos espaços voltados ao zelo e o cuidado, como os setores de saúde e de educação, e acaba sendo a porta de entrada de várias mulheres na sua vida política no movimento.

Segundo Silva e Prada (2019, p. 54), o trabalho com a saúde no MST começou ainda com as primeiras ocupações de terra, com a formação de equipes internas nos acampamentos, sendo a saúde uma função mais assistencial. Foi assim, que em vários estados o MST começou a desenvolver práticas em saúde, na produção de remédios caseiros, homeopáticos, desenvolveram técnicas de massagem e realizaram cursos de primeiros socorros. Cada estado tinha o seu jeito de organizar. Até então não havia Setor de Saúde, apenas equipes:

As ações de saúde nasceram no MST focadas nas doenças e nas atividades de cura, em resposta aos problemas de saúde imediatos que se apresentavam nos acampamentos e assentamentos. Apesar de, no dia a dia dos Sem Terra, a saúde se impor como necessidade primordial, foi somente em 1995 que a relação entre condições de vida no campo e a saúde começou a aparecer nos documentos do MST (Silva; Prada, 2019, p. 54).

Somente em 1995, no III Congresso Nacional do MST, que a saúde é pautada para além das demandas imediatas e passa a contar no programa de reforma agrária, mas ainda com um caráter biomédico³² e de necessidade de acesso ao serviço. Em 1998, o tema passa a ser discutido de forma estrutural e na organicidade do Movimento e nesse momento é criado o Coletivo Nacional de Saúde. Iniciam-se nesse período algumas parcerias, uma delas com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ – Farmanguinhos), para o desenvolvimento de um complexo agro-farmacêutico nas áreas de reforma agrária, denominado programa Terra e Saúde³³, na época houve uma idealização de que o programa, junto às práticas populares de saúde, pudesse resolver as demandas do Movimento, não avançou, mas trouxe as plantas medicinais para o protagonismo das ações do setor de saúde do MST (Silva; Prada, 2019, p. 55).

Segundo as autoras, no ano 2000, aconteceu a primeira oficina de produção de materiais educativos do Setor de Saúde, foi quando se apropriou dos conceitos do movimento de reforma

³² Em consonância com a ideologia predominante da sociedade. Reafirmando a crença que quanto mais acesso a serviços de saúde, isto é, consultas com profissionais (de preferência, o médico especialista), exames complementares e possibilidades terapêuticas, mais estará cuidando da sua saúde (Silva; Prada, 2019, p.55).

³³ O projeto denominado “Programa Terra e Saúde” previa desde o cultivo de plantas medicinais em hortas comunitárias, até o seu beneficiamento em laboratórios equipados para a produção de fitoterápicos que pudessem ser vendidos para o SUS. (Silva; Prada, 2019, p. 56)

sanitária³⁴ incorporando elementos como direito à saúde, educação em saúde, vida saudável e sua relação com a transformação social, que foram essenciais para a elaboração do caderno de saúde número 5 que estabeleceu o conceito de saúde do MST, material que se tornou referência para o trabalho de base do movimento, destacando a importância do acesso à terra, água e saúde das populações do campo. No mesmo ano aconteceu a primeira turma do curso técnico em saúde comunitária pelo Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA) em Veranópolis-RS. Nesse período, as formações relacionadas ao setor de saúde foram se intensificando, e em 2005 o Movimento passa a fazer parte do Grupo da Terra³⁵ para discutir políticas públicas para saúde das populações do campo, das águas e das florestas no SUS.

Em 2010, foi lançado o primeiro caderno do setor de saúde que trabalha a questão dos riscos do uso de agrotóxicos para a saúde. Em 2015, foi realizado o encontro nacional do Setor em Luziânia- GO, sob o lema “Saúde é a capacidade de lutar contra tudo o que nos oprime”, um passo fundamental para a organicidade do setor e entender a luta pela saúde como um projeto de sociedade (Silva; Prada, 2019). Segundo as autoras a partir de 2004, o setor de saúde passa a utilizar o lema: saúde é a capacidade de reagir a tudo que nos oprime.

O conceito de saúde passa a envolver a ‘capacidade de reagir’ frente à opressão e a tudo que fere sua autonomia como ser humano, pois a busca pela saúde está refletida no fim do latifúndio, do capitalismo, da violência, de forma a se libertar do sistema atual. A maneira de reagir é determinada pelo meio em que se vive, portanto, que não basta ter a terra, mas deve ser forjado novo jeito de viver, com agricultura que não utilize venenos para produzir alimentos, visando uma produção saudável.

O conceito acima define o lema utilizado até os dias atuais incluindo ainda outras pautas que foram surgindo no caminhar do movimento, como a luta antipatriarcal da saúde mental e antirracista que também estão na agenda de luta do setor de saúde e que veremos no decorrer desse trabalho.

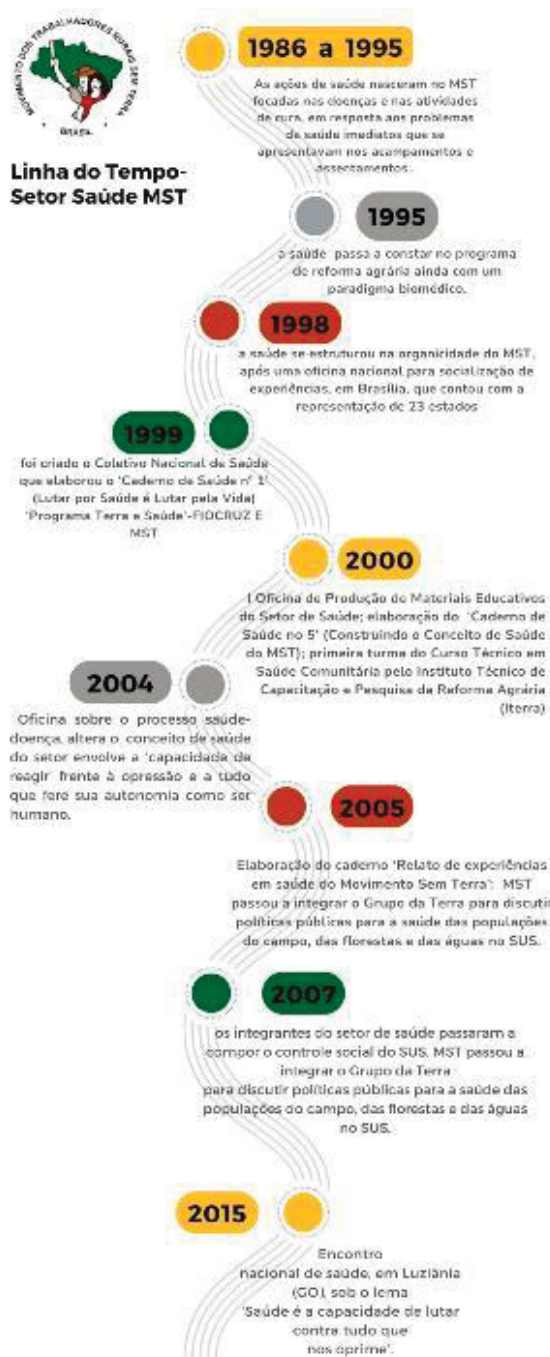
Abaixo a linha do tempo resumida até o ano de 2015. Aproveito para justificar que não atualizei por entender que o foco principal é o cotidiano realizado no Setor de Saúde do Paraná, mas é importante analisarmos como surge as principais discussões dentro do movimento e como as pautas regionais dialogam com as nacionais. ter como foco principal a

³⁴ No Brasil, o principal processo de luta pela democratização da saúde foi liderado pelo Movimento da Reforma Sanitária (MRS), iniciado na década de 1970. As concepções de saúde, elaboradas por esse movimento, estavam pautadas na determinação social e histórica, além de associar os aspectos culturais, psicológicos e subjetivos (Paim, 2013).

³⁵ Esse grupo, instituído pelo Ministério da Saúde por meio da Portaria nº 2.460/2005 e atualizado pela Portaria nº 3.257/2009, era composto por representantes de órgãos e entidades públicas e da sociedade civil organizada.

atuação do Setor de Saúde do Paraná, mas acho pertinente mostrar como se deu a caminhada no âmbito nacional pois as ações reverberam nos estados e disseminam sementes.

FIGURA 06: Linha do tempo Setor de Saúde MST



Elaborado pela autora, 2023. Fonte: Silva; Prada, 2019.

O setor de saúde tem mais de 20 anos de história e com uma caminhada longa no aprendizado nas práticas populares de cuidados em saúde, como o uso de plantas medicinais, a confecção de pomadas, tinturas caseiras, emplastros, e também a especialização em outras

terapias alternativas como o reiki, a aromaterapia, ventosas, florais, a argiloterapia etc. Percebemos que as práticas ancestrais passadas de geração em geração vão se cruzando com outras práticas milenares de outras culturas e o cruza se dá nessa construção outra de uma saúde popular comunitária feminina (MST, 2020).

O Setor nos sinaliza a importância do conhecimento de uma saúde integrativa, que valoriza a vida humana na totalidade, desde aspectos físicos até questões psicológicas, mentais, sagradas e energéticas, que prioriza o contato e a escuta da terra e da natureza, resgatando saberes ancestrais de cura. Ancestralidade essa que vai nos dando pistas de como atravessar e nos desprender dos inúmeros cercamentos impostos, como desamarrar os nós que nos prendem, “saúde é a capacidade de lutar contra tudo que nos oprime”, como cultivar relações saudáveis com o coletivo, na comunidade, com a natureza. Além disso, a luta pela Reforma Agrária Popular indica a luta pela qualidade de vida acessível a todas as pessoas e está qualidade está atravessada pelo cuidado do corpo físico, mas também pelo cuidado com o campo das emoções, das esperanças e sonhos construídos na caminhada (Trevisan, 2021 p. 145).

Menciono a importância do conceito de saúde mais ampliado que o movimento vem nacionalmente construindo desde a base. No paraná, que é o foco de nossa pesquisa, observamos no cotidiano a importância de se entender o conceito de saúde e observamos algumas particularidades. Por esse motivo vou novamente enfatizar que a escuta geográfica desenvolvida nesse trabalho se relaciona com o caminhar do setor de saúde no estado do Paraná. Os relatos que vamos encontrar aqui são de entrevistas realizadas com representantes do Coletivo de Saúde do Paraná pessoalmente e por telefone, com as quais tenho uma proximidade e que de alguma forma caminho junto, nos espaços, nas reuniões do Setor de Saúde e de Gênero. Foram questionamentos voltados à importância do Setor de Saúde, às transformações nesses anos, e algumas das principais conquistas.

Falando desde o Paraná, onde meus pés alcançam, segundo relato da coordenação do Setor de Saúde, as práticas relacionadas a saúde popular do MST, tem contribuído para o despertar das companheiras para com as plantas medicinais e para esse olhar para a saúde de forma integral.

O que a gente vem observando dentro do próprio movimento é um interesse em saber mais sobre a saúde popular e o conhecimento sobre as ervas, muito atrelado ao interesse e olhar desde fora. O interesse das entidades que procuram, e na comercialização nossa, nas nossas feiras, na venda direta ao consumidor, percebemos uma especulação em saber mais sobre o uso das ervas e para que servem em nosso organismo, e isso é muito importante porque faz com a gente aqui na roça dê mais atenção para a produção das plantas medicinais, e desperta interesse nas companheiras e companheiros na produção, e também no uso das ervas. Acredito que esse interesse faz com que nós do MST e do

setor de saúde, busque mais se apropriar desse conhecimento, mais formação nessa área, parcerias. O setor de saúde vem olhando com muito carinho para uma saúde diferenciada, de cuidado com a terra e natureza fortalecendo também a produção orgânica das agrofloresta e não é só econômico e um interesse para um cuidado mesmo nosso, o cuidar do nosso povo. (Serla, abril de 2023).

No Paraná, temos um dos principais avanços do setor, que foi a conquista de uma sala de uma Unidade Básica Saúde (UBS) no Assentamento Contestado, município da Lapa, para a realização das práticas de saúde popular do Movimento. Trago aqui o relato de Dona Maria na luta para a conquista da sala na UBS no assentamento:

A luta pelo direito a saúde começou em 2002, quando me mudei para o assentamento, e sempre foi uma luta política, pelos direitos básicos para viver no território conquistado. Primeiro, foi a luta na busca da estrutura para a escola junto à prefeitura do Município da Lapa, depois com mais onerosidade a luta pela UBS. A proposta do espaço que está hoje funcionando foi solicitado já com o pedido de instalação da UBS no assentamento e não foi uma luta fácil essa conquista. Antes do espaço, os atendimentos com a saúde popular eram feitos em locais comunitários, às vezes embaixo das árvores, ou na escola, e era muito voltado ao trabalho com o resgate e a prática de uma saúde popular no assentamento. A primeira iniciativa foi o resgate do conhecimento sobre o uso das plantas medicinais, e depois, cursos como a auriculoterapia e a bioenergia, as principais terapias hoje realizadas no espaço (Dona Maria, Novembro 2022).

A proposta do espaço, que está hoje funcionando no posto de saúde, foi solicitada já com o pedido de instalação da UBS no assentamento, uma luta construída desde 2002, mas que se concretizou apenas em 2016. Hoje, o Movimento compartilha na estrutura do posto, de duas salas para o atendimento com as terapias naturais e da saúde popular. As mulheres que protagonizam a ação do coletivo cultivam, dentro do espaço do posto, uma horta de plantas medicinais e fazem a colheita e secagem para o uso dos fitoterápicos nos tratamentos indicados.

FIGURA 07: Espaço de saúde Lapa - PR.



Fonte: a autora, 2022.

Através dessas ações, as camponesas assentadas e terapeutas locais, apoiadas por benzedeiras locais e por outras terapeutas do Movimento Sem Terra realizam atendimentos terapêuticos com a técnica da bioenergia e biosaúde; aplicam auriculoterapia; indicam tratamentos naturais baseados na fitoterapia; doam mudas de plantas medicinais; e aplicam reiki. Essas práticas são integradas às demais atividades de saúde e às práticas produtivas agroecológicas realizadas por estas cuidadoras no interior deste mesmo assentamento rural.

Segundo o relato de Dona Maria:

O posto foi inaugurado em 2016, e hoje a equipe médica atende uma vez por semana. O Setor de Saúde do MST ocupa duas salas. Uma delas é utilizada para as práticas de auriculoterapia, benzimentos, massagens e bioenergia e a outra sala para os terapeutas parceiros do MST que trabalham com práticas integrativas de saúde. Mas é só na liberação de uso da estrutura da UBS, pois as práticas de cuidado popular realizadas não são reconhecidas ainda pela política de práticas integrativas e por esse motivo não tem convênio com o SUS. Apesar das dificuldades, foi um passo muito importante para o coletivo de saúde e hoje é referência nacional para o movimento.

Dona Maria, responsável pelo setor de saúde do assentamento, conta: “a conquista é diária e mesmo após a permissão de utilização do espaço é necessário buscar a participação popular nos conselhos municipais de saúde, trata-se também de uma luta política”. Ela possui um amplo conhecimento sobre plantas medicinais e seus usos, além de ser uma das coordenadoras do horto medicinal na UBS do assentamento. Afirma que: “a luta pelo SUS e por uma saúde digna é uma luta pela vida, é um direito e deve ser exigido”. Assim como outras integrantes do Movimento, participa à frente do Setor de Saúde, organizando e garantindo espaços de saúde nos eventos como seminários, encontros, jornadas de agroecologia,

fortalecendo o cuidado, a prevenção e o bem-estar, e possibilitando através da comercialização de remédios naturais que todos possam ter acesso ao remédio de qualidade a baixo custo.

Apesar do entusiasmo de Dona Maria, da conquista importante para o Movimento, a negação de direitos do povo do campo, é o que marca toda a trajetória da conquista. Mesmo após a inclusão das terapias do Movimento dentro do espaço do SUS, o acordo é feito só de boca a boca, ou seja, as terapias não estão inclusas na lista de práticas integrativas do SUS. O atendimento é feito de forma voluntária com cobrança custo zero ou baixo, não existe contrato de prestação de serviço com a prefeitura nem com o estado, mesmo após a conquista da UBS, que é um direito básico, a luta contínua para que o serviço continue funcionando.

É uma briga permanente em busca de estrutura para as comunidades, no município inteiro, aonde tem experiência com as terapias naturais é só aqui. Ao nível de Paraná e de Movimento, é só aqui. Agora que tá saindo um projeto lá em Londrina para o Eli Vive, e as meninas tão defendendo esse direito dentro da UBS, falei que tem que bater na tecla, é um direito, mas tem que ir atrás e ficar em cima, senão não vem, e tem que ser enquanto tá no projeto, senão depois não vem. A luta é política, apesar da peleia não é fácil segurar, tem que ser persistente, gostar dessa frente, é barra pesada, mas estamos ali, pena que não é valorizado como devia. (Dona Maria, 2023).

O relato expressa a importância do conhecimento dos direitos e a busca para que o estado cumpra com os deveres para com as comunidades. O Setor de Saúde vive em constante tentativa de diálogo com os municípios para que os territórios de reforma agrária não sejam invisibilizados pelo estado. *“A luta do coletivo é constante, mesmo após a instalação da UBS, agora precisamos lutar para que os médicos utilizem o espaço, façam consultas, para termos o atendimento básico”*, desabafa Dona Maria.

A experiência do setor de saúde do MST nos aponta para a luta por políticas públicas de acesso e de integração onde a saúde popular e comunitária seja valorizada e inserida em diálogo com outras práticas médicas de saúde. Aponta ainda a integração de saúde e agroecologia onde as coisas não são dissociadas, estão juntas, comida é saúde; por isso, lutam também na defesa de um território longe do veneno.

O MST traz para o debate também o foco das experiências de coletivos relacionados à produção e utilização de plantas medicinais e do resgate desses conhecimentos nas comunidades onde estão inseridos e na criação de novas formas de se fazer saúde, com direito a escolha e diálogo ente os saberes. Na figura 08 temos plantação de camomila das mulheres sem-terra da Cooperativa Camponesa, no acampamento Quilombo Campo Grande em Campo do Meio-MG. Segundo dados do MST (2020), nessa experiência produtiva, as mulheres iniciaram a produção de camomila e de outras plantas medicinais ligadas a fitoterapia, a partir

da organização do coletivo de mulheres denominado Raízes da Terra, criado em 2011, e que conta com mais de 30 associadas e que integram também a Cooperativa Camponesa.

FIGURA 08: Cooperativa Raízes da Terra MST-MG



Fonte: MST/MG, 2023.

Outro exemplo é a Cooperativa de Plantas Medicinais em Itapeva (COOPLANTAS), interior de São Paulo. A cooperativa, que já existe há 27 anos, tem uma parceria firmada desde 2012 entre a FIOCRUZ, a prefeitura de Itapeva e a Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias (FAIT), onde fornece insumos para a produção de fitoterápicos que são destinados ao SUS no programa Farmácia Viva de Itapeva. Hoje 27 mulheres trabalham diretamente na produção e beneficiamento de plantas medicinais. Segundo dados da Agroecologia em Rede, mais de 432 assentados são beneficiados com a cooperativa e mais de 5000 através do programa Farmácia Viva do SUS.

O objetivo da cooperativa além de fortalecer a produção da agricultura familiar de base agroecológica e a preservação e ampliação do uso das plantas medicinais é fortalecer o trabalho das mulheres e a geração de renda, e autonomia, dando visibilidade ao trabalho realizado pelas mulheres do MST (Agroecologia em Rede, 2023).

Abaixo foto de uma das agricultoras do assentamento no processo final de embalar o produto.

FIGURA 09: COOPERATIVA DE PLANTAS MEDICINIAS-COOPPLANTAS



Fonte: MST, 2018.

O importante dessas iniciativas é entender que além da geração de renda para as mulheres que participam das cooperativas, um dos maiores ganhos destacados pelas experiências acima, são as relações de trabalho, que não são baseadas em exploração de mão de obra, e sim de organização e protagonismo feminino. Segundo uma das cooperadas “Sem relações doentes, não há doença.”

Trago esses exemplos para mostrar que a saúde perpassa o campo do cuidar e está também grafada nos territórios através da produção de alimentos saudáveis, plantas medicinais, alimentos orgânicos, através da organicidade dos coletivos, com divisão justa e colaborativa de todos os integrantes, além do reconhecimento e valorização da experiência das mais velhas.

O Setor de Saúde como vimos no panorama histórico foi alargando o conceito de saúde, e ressignificando a relação saúde-doença. Hoje, o MST entende que saúde não é apenas sanar uma enfermidade, ou lutar por políticas públicas no sentido de saúde enquanto um direito, mas trabalhar para que a doença não apareça, cultivando relações humanas alicerçadas em valores de solidariedade, companheirismo, cooperação e fraternidade, de cuidado com a vida, das relações saudáveis e afetivas com a natureza, isso inclui produção de alimentos saudáveis e sem veneno.

Acompanhando nesses mais de seis anos o Setor de Saúde do MST, acredito ser importante destacar também o papel desempenhado pelo Movimento, diante de uma das maiores e mais graves crises sanitárias que vivenciamos nos últimos anos que foi a pandemia do covid-19, onde o Setor de Saúde teve uma importante participação desde os territórios onde

as mulheres que participam do setor estão inseridas. Nas próximas páginas vamos mergulhar no fazer e entender quais as soluções populares e comunitárias que as mulheres do setor de saúde usaram para driblar a pandemia.

1.2- EXPERIÊNCIAS QUE FISSURAM O SISTEMA-SOLUÇÕES POPULARES ENCONTRADAS PARA DRIBLAR A PANDEMIA – SETOR DE SAÚDE MST

Como já apontei, tive a grata oportunidade de acompanhar as formações de agentes populares de saúde nos anos de 2020 a 2022, nas periferias urbanas de Curitiba e região metropolitana, onde o Movimento teve um papel de protagonismo em várias dessas ações. Inserido desde as formações, mobilizações, planejamento, projetos, divulgação e uma participação massiva dentro das comunidades e também na formação de agentes populares para atuarem em outras áreas, nos territórios de reforma agrária do estado.

E para entendermos as grafias deixadas por essas ações nos territórios, vamos mergulhar no quefazer desde as ações dos agentes populares de saúde do MST.

1.2.1 Agentes Populares de Saúde MST- Atuação nas periferias urbanas de Curitiba

Foram tempos jamais planejados, inimagináveis de serem vividos. Como lidar com uma pandemia de tão grandes proporções? Como cuidar dos nossos territórios? Buscando alternativas diante do caos estabelecido na saúde mundial, o MST, com outras organizações não governamentais e outros movimentos do campo e da cidade, uniram forças na tentativa de buscar soluções para levar informação para quem estava sofrendo com a superlotação dos hospitais, a falta de atendimento médico e a desinformação inclusive governamental que se alastrava rapidamente.

Desde 2020³⁶, movimentos sociais, organizações e instituições, principalmente do setor de saúde e educação, construíram um processo que se consolidou numa rede nacional pela campanha Periferia Viva Contra o Coronavírus, que contou com cerca de 2 mil voluntários/as formados/as, que contribuíram para que a sua comunidade obtivesse acesso às informações, cuidados e serviços disponíveis por meio do Sistema Único de Saúde no Brasil (MST, 2020).

³⁶ A Organização Mundial da Saúde decretou estado de pandemia em relação ao coronavírus em 11 de março de 2020 (www12.senado.leg.br)

No estado do Paraná, o MST acabou tomando duas frentes, a de formação dos agentes populares de saúde nas periferias da cidade de Curitiba e, a de agentes populares de saúde do campo, nos acampamentos e assentamentos do MST. Segundo o Movimento, o agente popular de saúde é um agente social local, ativo, responsável e envolvido com tarefa concreta, partindo da necessidade real de cada comunidade, acampamento ou assentamento, tem a função de contribuir para levar informação e conhecimento sobre o coronavírus, sobre formas de prevenção e autocuidado para a sua comunidade, e desta forma cuidar da vida de forma voluntária e solidária.

O foco era o enfrentamento da pandemia, formar pessoas nas áreas de atuação do movimento (periferias, acampamentos e assentamentos), que buscassem disseminar conhecimentos sobre o novo coronavírus, formas de prevenção e cuidados, bem como atuassem na articulação de uma rede de solidariedade. Os resultados esperados com a formação eram, além de ajudar no enfrentamento da doença nos territórios, fortalecer, no pós-covid, a organicidade do setor de saúde e do Movimento Sem Terra como um todo.

Tive a oportunidade de acompanhar as duas frentes, uma de forma orgânica, me inserindo na Coordenação Política Pedagógica (CPP) do curso de Formação de Agentes Populares de Saúde urbanos, que aconteceu na Vila das Torres em Curitiba³⁷ e na ocupação Nova Esperança em Campo Magro-PR³⁸, e como ouvinte, participei das formações que aconteciam de forma remota organizadas pelo Setor de Saúde voltadas para os territórios de reforma agrária no Paraná.

A primeira oficina do núcleo urbano foi realizada em setembro de 2020 na Vila das Torres em Curitiba. Optamos por iniciar o curso na Vila das Torres, pois tínhamos na CPP do curso um morador da vila que logo articulou a agente comunitária de saúde e os médicos que atendiam na UBS do bairro para participarem das formações.

A Vila das Torres é uma ocupação com mais de 30 anos de história, existe um descaso do município em resolver questões como saneamento, os moradores apontaram vários problemas de regularização fundiária, sofrem constantes ameaças do poder público, para a retirada deles da região. Segundo os moradores, a Prefeitura de Curitiba constantemente utiliza

³⁷A Vila das Torres é uma ex-ocupação irregular e também, a comunidade mais famosa de Curitiba. Próximo ao centro da cidade, abriga cerca de seis mil pessoas – mais de 2 mil famílias – que geralmente garantem sua renda por meio da reciclagem (PROXIMAPARADA, 2015).

³⁸A Ocupação Nova Esperança surgiu na noite do dia 25 de maio de 2020, quando cerca de 400 pessoas ocuparam um terreno que estava abandonado há mais de uma década. Hoje, são mais de 1.200 famílias residentes no local, que o reivindicam para habitação de interesse social. Localizado no município de Campo Magro, na Região Metropolitana de Curitiba (PLURAL. JOR. BR, 2021).

práticas de apagamento e gentrificação. Na opinião dos moradores, o fato da ocupação estar perto do centro é um dos principais fatores, por ser uma área cobiçada pela especulação imobiliária e pela própria prefeitura.

Enfim, impossível levantar um único problema. Conseguimos finalizar o primeiro módulo, mas com bastante dificuldade. Pois, a rotatividade das pessoas que participavam acabava impedindo que as dinâmicas acontecessem como o planejado e acabamos medindo nossas forças e concentrando em ações mais emergenciais como a distribuição de kits com máscara, material de limpeza, focamos nossos esforços para o atendimento mais urgente das demandas.

A formação se dava por módulos. O primeiro módulo consistiu no resgate histórico da vila, e o resgate identitário de reconhecimento como sujeito morador da Vila das Torres, visando lutar pelos seus iguais. Somado a isso foram feitos vários encontros para ensinar as medidas de combate ao vírus, e as orientações caso apresentasse os sintomas. Também houve dias em que o foco era sobre o combate às “fake news” e a importância da vacinação, deixando de lado todo o teor negacionista contra a eficácia das vacinas e contra os dados subnotificados da pandemia.

Segundo um dos moradores da Vila das Torres, Robert Almeida, em entrevista para a página do MST:

O trabalho surgiu com a ideia de um dos médicos que atendem a população do bairro, em conjunto com lideranças da associação da comunidade, e das brigadas solidárias do MST. E que a partir de então, se deu o início à formação de Agentes Populares de Saúde, que ficaram localmente conhecidos (as) como “agentes de divulgação de informação”, em ações estratégicas para fortalecer ainda mais o trabalho já consolidado localmente e protagonizado por Agentes Comunitários de Saúde do SUS. “E a gente sempre deixou bem claro que um não substitui o outro e que é diferente, Agente Popular de Saúde e de Agentes Comunitários (as) de Saúde”.

Outra metodologia usada foi a criação de vídeos elaborados com ajuda do programa de extensão em saúde do curso de enfermagem da UFPR (PET — Saúde) Alguns deles foram criados e disseminados pelos grupos de ‘WhatsApp’ e páginas de ‘Facebook’ da comunidade. As formações acabaram sendo canceladas em novembro de 2021 devido ao aumento crescente de casos e por sugestão da própria comunidade.

FIGURA 10: I Oficina de Formação Agentes de Saúde Vila das Torres-Curitiba -PR data 26.09.2020.



Fonte: a autora, 2020.

É importante mencionar a participação dos representantes da associação de moradores, do Padre Parron e da Irmã Claudia, da Capela Nossa Senhora Aparecida. Foram eles que cederam o espaço para a realização das oficinas e fizeram uma campanha permanente com o intuito de arrecadar *kits* de higiene pessoal, sendo esse um dos fatores mais críticos encontrados durante a pandemia: a dificuldade de acesso a materiais básicos como máscaras e álcool em gel. Percebemos nessa formação que a invisibilidade imposta para os moradores do bairro traz o silêncio do Estado, dos poderes públicos e na prestação de serviços básicos.

FIGURA 11: II Oficina de Formação de Agentes Populares de Saúde na Capela Nossa Senhora Aparecida- VT.



Fonte: A autora, 2020.

Aqui não poderia deixar de trazer meus relatos baseados em um sentir-fazer, em um quefazer freiriano e desde o chão de um corpo percebedor. O sentir fazer que aqui trago é justamente o processo de um sentir desde as ações e ainda desde um ‘fazer com’, a comunidade, com os movimentos, sempre de ‘dentro’. Um sentir que exala por meio de relatos, crônicas e poesia e que foram me acompanhando, me transformando nesses momentos de militância campo e agonia. Os momentos de formação foram dias intensos, de troca, de dor, tempos de exercitar a escuta geográfica. Um curso basicamente formado por e para mulheres, já que 90% da participação era de um público feminino. Mesmo num momento tão crítico como o da pandemia quem se coloca na linha de frente do cuidado mais uma vez são as mulheres.

É desse pensar, poetizar, desse lugar da mulher, da menina, da criança que por vezes me deixo embalar na mística cotidiana dos dias, e que busco inspiração para trazer para o papel, o relato do dia do mutirão em forma de poesia. Segundo Freire (1993), no quefazer o participar não é se impor e sim se expor. Nesse caso a pandemia foi relatada no caderno de campo através de reflexões, pensamentos que tiram as palavras para dançar.

FIGURA 12: Vila das Torres, Curitiba, PR- Ação dos Agentes populares de saúde.



Fonte: a autora 31.10.2020.

Sábado cinza e, chuvoso! Mas quem disse que é tempo ruim? É dia de se misturar, olhar mesmo que de longe, dia de trocar sorrisos. Já que o abraço foi confiscado em 2020.- Falar ainda pode! Avisa Dona Germana, com aquele sorriso no rosto e a vassoura na mão. Seu Isaias, João e o menino da bicicleta, e tantas outras que cruzam o caminho, acenam de longe e agradecem. O Padre Parron e o carro de som deixam seu recado: usem máscaras, lavem bem as mãos, usem álcool em gel, se cuidem e cuidem do próximo! Me pergunto, quanto tempo é necessário para a alma preencher, transbordar? Segundos. Memórias de infância vem à cabeça o tempo todo, ao caminhar pelas ruas da Vila das Torres me transporteï para a Vila Cachoeira, lá onde se tinha poucas coisas materiais, mas muita gente e alegria. E um enorme quintal, tinha avô, avó, cachorro e vizinhança. A vila era cheia de gente, igualzinha à Vila das Torres. Gente unida, junta e misturada. Eh! Saudosa memória! Gente criativa, espaços preenchidos de gente e não de concreto. Tenho feito cada dia mais o exercício de enxergar nas "gentes" a força necessária para caminhar, construir, ressignificar, enxergar possibilidades. Esperançar! Sábado, dia lindo! (Ação Agentes Populares de Saúde com os moradores da VT, 31.10.2020)

No relato da memória em forma de sentir, dado a cada gesto cotidiano encontrado nas frestas, dessa gente miúda, um sentido do fazer. Meu olhar atento buscou o despercebido e até o não dito na fotografia de Dona Germana. Um sábado de ação, muita conversa e caminhada.

Esse foi o relato da última ação que consegui acompanhar na Vila das Torres. Logo a formação iniciou na ocupação Nova Esperança em Campo Magro-PR.

Em Campo Magro o planejamento dos agentes se deu de forma diferenciada. Primeiramente, foram mapeadas pessoas na ocupação que tivessem interesse, formação ou experiência na área de saúde. Através desses técnicos de saúde que já existiam no local foi possível fazer um mapeamento das principais demandas da comunidade e então organizar o mutirão de atendimento.

FIGURA 13: Ação de mutirão Agentes Populares de Saúde, Campo Magro-PR

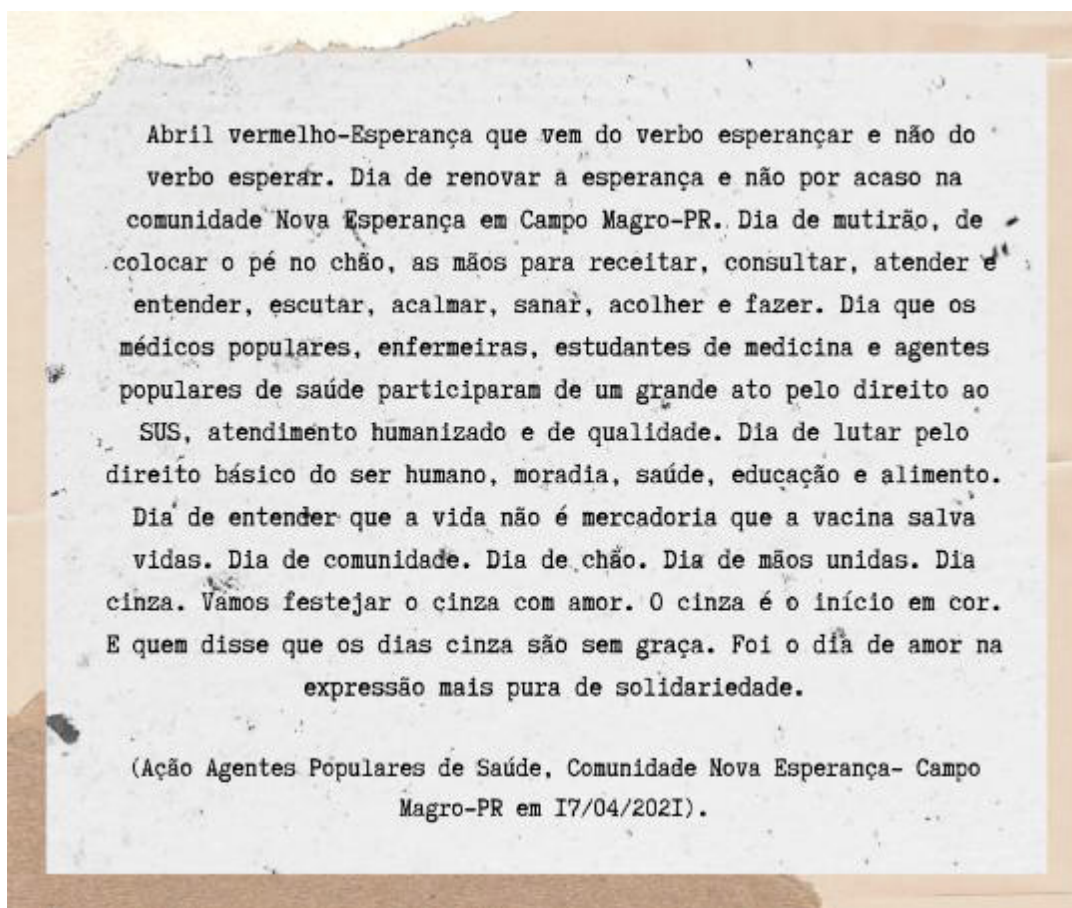


Foto: Comunicação MST, 2021.

A porta de entrada dos agentes Populares de Saúde foi o mutirão que aconteceu no dia 17 de abril de 2021, que consistiu em consultas, exames básicos e encaminhamentos dos moradores para a rede municipal do SUS. Ao todo foram feitos 86 atendimentos e inaugurado o espaço de saúde da comunidade. Esta atividade marcou o início da formação dos agentes na

comunidade, organizada pelo Movimento Popular por Moradia (MPM)³⁹, Rede Nacional de Médicas e Médicos Populares⁴⁰, coletivo de coordenação dos agentes de Curitiba e região metropolitana e do MST. Segundo o próprio MST, o mutirão foi um dos meios encontrados para sanar uma necessidade emergencial e, ao mesmo tempo, articular questões relacionadas à vacina, defesa do SUS, a saúde como garantia de um direito básico.

Lembro como se fosse hoje, uma alegria doída, de ver a emoção estampada no rosto de quem por um dia, um instante, é notado. Doída porque me compadeço com a dor de quem tem seus direitos roubados diariamente. O direito de viver dignamente, direito à moradia, direito à alimentação, educação, saúde, enfim, são tantos os direitos usurpados, negados que (coube) apenas a poesia.



³⁹ É uma organização de trabalhadores sem-teto que luta pela Reforma Urbana e busca uma solução para o grave problema da moradia em Curitiba e Região Metropolitana. Hoje são mais de 85 mil famílias que aguardam na fila da COHAB por uma moradia digna, sendo mais de 90 mil imóveis vazios. Tal situação merece uma intervenção política contundente e organizada para acordar as autoridades públicas e o povo que tanto sofre nas periferias da cidade (MPM, 2022)

⁴⁰ A Rede Nacional de Médicas e Médicos Populares (RNMP) surgiu em 2015 da necessidade de fazer um contraponto à ofensiva conservadora na categoria médica. Em um esforço coletivo, pensou-se essa Rede como um pólo aglutinador de profissionais e estudantes de Medicina sensíveis às causas populares, que se identificam e que lutam pelo destino do seu povo. (BRASIL DE FATO, 2021)

Nesse dia de mutirão, pude sentir e entender o verbo cuidar. A fila era grande e as mãos poucas, mesmo assim não deixaram de ser estendidas a quem precisava. Nessas horas me questiono como esse povo todo vai se proteger de uma pandemia que invisivelmente se espalha, se lhes foi tirado o direito mínimo de condições básicas de viver. Água para lavar as mãos, álcool em gel, máscara, banho, casa, luz, teto, comida. Se por acaso a pandemia aqui bater, quem é que consegue se esconder, não tem para onde fugir. Invisíveis são os que precisam do estado, aliás, quem os enxerga?

FIGURA 14: Médicos populares fazendo atendimento voluntário na comunidade Nova Esperança, Campo Magro-PR.



Foto: a autora, 2021.

Os mutirões de atendimento continuaram a acontecer de forma regular na comunidade e contando com apoio de médicos da família, psicólogos, pediatras, etc. Foi possível atender a demanda mais emergencial até que os atendimentos no posto de saúde do bairro pudessem receber a demanda da ocupação. Novamente volto a enfatizar o papel das mulheres nessas ações. Nos mutirões, nos mapeamentos da comunidade, nas principais relações de diálogo, são novamente as mulheres que puxam as discussões relacionadas à saúde, inclusive nas periferias urbanas.

Depois de algumas reuniões de coordenação com as mulheres da ocupação foi levantada a discussão sobre a necessidade do resgate do uso das plantas medicinais. Na roda de conversa quase todas sabiam indicar uma, duas, até três ou mais plantas utilizadas para sanar enfermidades mais comuns. Conhecimento esse herdado de suas mães, avós, passado também de geração em geração. Levantou-se a ideia, então pela comunidade, de destinar um espaço para uma horta comunitária de plantas medicinais e assim foi feito.

Após algumas idas ao Centro Paranaense de Referência em Agroecologia (CPRA)⁴¹ que doou as mudas, fomos nos somar com a comunidade para limpar o canteiro e organizar as plantas. Abaixo seguem fotos da ação realizada no dia 24 de outubro de 2021. Novamente encontrei meu caderno e o relato desse dia de mutirão.

FIGURA 15: Mudas de plantas medicinais doadas pelo CPRA.



Fonte: Juliana Barbosa, Comunicação MST, 2021.

⁴¹Centro Paranaense de Referência em Agroecologia – CPRA- que tem como objetivo- Comunicar, promover e apoiar ações de capacitação, pesquisa, ensino e articulação entre pessoas e organizações, voltadas à produção agropecuária e ao consumo sustentáveis, baseados nos preceitos da agroecologia

FIGURA 16: Separação das plantas medicinais doadas pelo CPRA.



Fonte: a autora, outubro de 2021.

FIGURA 17: Mutirão de limpeza dos Agentes Populares de Saúde MST e MPM.



Fonte: Juliana Barbosa, MST, 24,10. 2021.

FIGURA 18: Mutirão de limpeza dos Agentes Populares de saúde, MST e MPM



Fonte: Juliana Barbosa, MST, 24,10. 2021.

Sábado dia (23) mais um dia de mutirão, dia de levantar cedo, colocar a enxada, a pá no carro, dia de usar o chapéu, carregar as plantas e se encantar com o perfume que elas exalam no trajeto. O destino delas foi a comunidade Nova Esperança, em Campo Magro (PR). E não é que até o sol resolveu comparecer, brilhar. Chegamos por volta das 9h. A comunidade já nos aguardava no ponto de encontro. No primeiro olhar, parecia mesmo que o dia seria longo e de intenso trabalho, estava virado num matagal, o berço para as medicinais precisava ser limpo, arado e a terra mexida, parecia mesmo que o dia seria de enxada e limpeza, todos a postos vamos começar! Arranca um matinho ali, outra acolá, e a limpeza começou sem previsão para acabar, mas logo chega Dona Rita com um café quentinho e bolinho de chuva, tem quem resista? Pausamos, mas logo chegou mais um, dois, três companheiros para se somar. Quando vimos eram tantas mãos que logo o espaço ficou limpo e o sol só estava começando a brilhar. Ih da manhã. Há quem diga ser o poder de um café com bolinho de chuva, esse foi só um dos ingredientes. A receita mesmo e o tempero principal está nas mãos suadas, caleçadas, cansadas de quem usou a enxada, a palavra e se colocou a contribuir, a escutar, a aprender, a dialogar e a fazer. Logo fizemos o berço para as medicinais. Plantamos mais de 30 espécies. Seu Adão veio e trouxe a menta, disse que era lá do seu quintal, o açafrão de feliz até floruiu. Teve a hortelã, o boldo, o alecrim, a lavanda, a alfazema. Ora-pro-nobis, malva, mil em rama, babosa e tantas outras que acabaram transformando o local numa pequena farmácia viva e popular. Não é que o dia passou rápido! Construído a mãos de quem vê a educação e a saúde como chave de transformação, chave para a esperança sempre se renovar.

(Ação Agentes Populares de Saúde com os moradores da Comunidade Nova Esperança- Campo Magro-PR. Mutirão para o plantio de horta medicinal- 23 de outubro de 2021).

Mutirão que tem envolvimento comunitário, sentido do fazer com, junto.

A ação teve participação do coletivo dos agentes populares de saúde, coletivo de educação popular, formado por professores voluntários, e moradores da ocupação Nova Esperança. Foi um dia intenso de muito aprendizado. A comunidade se somou trazendo plantas do quintal, das quais usam para fazer seus chás, banhos, defumações. Após o mutirão de a horta ter sido finalizado, os agentes ainda fizeram um mutirão para colocar as placas de identificação das plantas. A horta ainda ganhou um cercado e é constantemente visitada pelas crianças que cuidam com bastante zelo do espaço. Pela forma que o processo se desenhou desde o planejamento até sua concretização, o cuidado e a manutenção realizada constantemente pelas crianças, podemos afirmar que a horta foi sim um espaço construído comunitariamente que trouxe outros significados ao lugar, criando pertencimento, afeto e relações de continuidade e comunidade. Esse foi só um dos exemplos de como, com coisas pequenas, cotidianas, estamos o tempo todo ressignificando lugares, territórios.

FIGURA 19: Mutirão para plantio horta medicinal ocupação Nova Esperança- Campo Magro-PR.



Fonte: Juliana Barbosa, MST.

1.2.2 Agentes populares de saúde nos territórios de reforma agrária do Paraná

Lá vem Dona Maria com o mel e o açafraão na mão, para imunidade ela tem a solução.
Dona Evinha indica peixinho, guaco e sálvia, para gripe ir embora rapidinho.
No quintal aqui da roça tem de tudo um pouco: alho, couve, berinjela, arruda, gengibre,
alecrim, camomila, urtigão
lavanda, Artemísia, pata de vaca, macelinha e a hortelã
Tem a erva-cidreira e o capim-limão
essas e tantas outras fazem parte da farmácia do sertão
As plantas são as queridinhas da vovó,
que para uma criança doente sempre encontra uma solução
para susto, bicha, cólica, febrão e até pro amarelão
Tem os que insistem em chamar credence o que é puro conhecimento popular
Esse não imagina que o conhecimento é milenar
E que salvou a humanidade de mazelas que é bom nem lembrar
Dor de dente, febre, osso quebrado, rendidura, ferida aberta, gripes, partos e até
mordidas de bichos peçonhentos
Lá vai a benzedeira, a parteira, a curandeira,
Que foi perseguida, torturada, queimada e chamada feiticeira
Lá vai ela buscar nas ervas a cura
Conhecimento esse que é mistura de magia, sabedoria e pura alquimia
Esse conhecimento é herança dos nossos ancestrais
e por isso meu filho
riqueza hoje em dia é fazer no quintal sua própria farmacinha
Ter de tudo um pouco
Alecrim, Guiné, espinheira-santa,
Babosa, alfazema, boldo e cavalinha,
essas e todas que você puder
São inúmeras as vantagens de se ter uma farmácia no quintal,
só é necessário cuidar com a dosagem para não parar no hospital
É preciso saber identificar,
entender as propriedades e seus usos,
afinal a insulina e a novalgina são do quintal
Confia na sabedoria da vovó,
que afinal o que ela sabe e diz é coisa ancestral. E ela só quer ver a sua família com
saúde e feliz!
(Poema feito para mística da formação de agentes populares de saúde do MST
fonte: a autora)

No Paraná, o Setor de Saúde do MST também realizou a formação interna de Agentes Populares de Saúde do Campo nas áreas de reforma agrária. Um curso *'online'* formou militantes para atuar nos territórios onde moram, no sentido de disseminar a informação sobre a pandemia, auxiliar nas dúvidas, no tratamento, na prevenção e na defesa do SUS e promovendo a saúde popular e a agroecologia. Foram abordados temas como conhecer o SUS do Paraná, aspectos de alimentação saudável, a importância de direitos básicos de saúde garantidos na Constituição, saúde mental, saúde feminina, questões de gênero, violência e drogadição. O curso teve um forte protagonismo feminino: 95% mulheres. Dos 103 companheiros/as que se inscreveram, 82 concluíram o curso (MST, 2022).

Nos dois anos de pandemia, o Setor se preocupou em formar agentes populares para que atuassem em seus territórios, mapeando e buscando solucionar vários questionamentos advindos da pandemia. O fato é que além da pandemia outros problemas e temas foram sendo levantados, como: a saúde da mulher, da criança e do idoso; depressão; suicídio; alcoolismo; drogadição e a violência contra mulheres e crianças. Temas que na avaliação final dos módulos do curso, foram levantados como temas principais e que precisam de aprofundamento.

Como ouvinte, e como aprendiz de escuta, consegui participar de alguns desses momentos de formação que foram intensos e contínuos. Durante o curso, muitas pautas e temas eram levantados, como o incentivo a vacinação, doação de sangue, prevenção; oficinas sobre xaropes e plantas medicinais, mas os momentos mais importantes foram os de socialização das experiências, onde as mulheres dialogavam sobre as atividades e problemas que surgiam no decorrer da formação. Percebi a potência das trocas e da socialização das práticas. Segundo palavras de uma das coordenadoras do curso, *“a partir da realidade do outro, buscamos elementos que podem ajudar a nossa própria realidade, essa é a metodologia de Paulo Freire”*. Nos relatos de avaliação notamos a importância na ressignificação do território novamente a partir do resgate da sabedoria ancestral e o poder do uso das plantas medicinais.

Estamos fazendo visitas nas casas, vendo a questão da vacinação, quem já está ou não vacinado, as saídas são feitas em dupla, estamos fazendo o levantamento de saúde também. Estamos fazendo reuniões desde a nossa brigada, e tentando aos poucos reativar nosso horto medicinal, que devido à seca ficou um pouco de lado. Fazendo essa caminhada no acampamento a gente acaba sabendo um pouco da vida das pessoas, entendendo as necessidades, acompanhando os casos de covid, tentando ajudar de alguma forma, com ervas, indicando o uso correto das plantas medicinais. Estamos com dois casos de covid e cuidando deles, atualmente estamos em duas agentes de saúde no assentamento (Sálvia - Assentamento Fidel Castro).

Gosto de trabalhar com as ervas. Eu tenho muita vontade de continuar com o projeto das plantas, mas estamos com sete pessoas com suspeita de covid no assentamento. Acompanhamos de perto, graças a experiências que aprendemos com todos vocês.

Estamos programando uma oficina de xaropes tão logo seja possível voltar (Calêndula - Assentamento Zilda Arns).

Ajudou muito foi a questão dos xaropes que a gente mesmo faz e aprendemos a partir das oficinas, gripe e pneumonia não teve internamento, e pode se dizer que é o resultado do uso das plantas medicinais (Cipreste - Assentamento Zilda Arns).

Estamos fazendo o acompanhamento com as famílias, atendimento médico, vacinação, no último dia 14 tivemos a visita do secretário de saúde, no local onde vai ser construído o UBS do campo, e o horto medicinal, já temos os preparos das mudas, voltando a nos reunir aos poucos, com pequenas oficinas e reuniões presenciais. Pessoal tá contribuindo fazendo as tarefas devagar, mas indo apreendendo uma com as outras (Amora - Assentamento Eli Vive).

Fizemos as visitas, falando sobre o alimento saudável. Percebemos uma forte interação dos agentes do campo e da cidade interagindo muito- desde marcação de consultas, aviso de vacinação. Eu mesmo aprendi e tô fazendo alguns xaropes e tinturas de açafraão, de caroço de abacate, sálvia, e melissa, tentamos fazer o melhor que a gente pode. O agente olha para tudo, a questão do calor, da água parada, do escorpião. Ensinei meu menino a caçar escorpião, assim evita o alastramento. O Horto medicinal ainda não começou por falta de gente para cuidar, por enquanto só temos plantas em casa esperando ter um local seguro para ter as plantinhas (Aroeira - Assentamento Eli Vive).

Percebemos nos relatos das mulheres agentes populares de saúde em formação o impacto do curso nos territórios onde elas moram. Em quase todos os relatos observamos a importância do resgate do uso e cultivo das plantas medicinais, a necessidade de cada espaço para as plantas serem cultivadas coletivamente, como os hortos. Notamos ainda que abrange outras questões ainda maiores, como o simples fato de vozes antes silenciadas serem ouvidas. O cuidado num momento tão complicado onde a desinformação se alastra de uma maneira muito rápida através das ‘fake news’, o retorno por meio de um contato, uma pergunta, uma conversa despretensiosa com o vizinho, trazem novamente a discussão da vida para o centro. Novamente são nas miudezas, no cotidiano, ali que encontra as frestas, elas enraízam, transformam as relações, gerando inclusive debates não tão procurados, nem tão motivadores, mais extremamente necessários como a questão da violência, alcoolismo, drogadição, questões relacionadas a gênero, educação, etc.

Percebemos através dos relatos apontados que o fazer das agentes populares de saúde nas comunidades foi e é um ente transformador no território, capaz de ressignificar relações e os vínculos comunitários. Trazer a centralidade da vida num momento tão ímpar como a pandemia fez resgatar novamente a importância da saúde nos núcleos de base do Movimento, e a potência transformadora dos vínculos e dos afetos para avançar nas outras frentes de luta que o movimento abarca.

Ainda os relatos:

A partir das orientações do setor de saúde estadual, fizemos uma reunião interna com as famílias, para entender se era isso que as famílias queriam para ser uma luta coletiva, com a aceitação das famílias investimos nas reuniões, conseguimos o contato com o secretário da saúde, depois de algumas negociações para criação da UBS, o secretário sinalizou o início do desenho e estamos aguardando a finalização do projeto para então avaliar coletivamente os pontos que devem ser alterados ou não. Fizemos o levantamento de 501 famílias, e ressaltamos a importância do papel das agentes de saúde. Criou-se um calendário de reuniões semanais, canteiro de ervas medicinais, cartilha com fotos com as informações das plantas medicinais mandadas pelos próprios assentados, ou seja, estamos resgatando o conhecimento dos próprios assentados sobre as plantas, recebemos um patrocínio para montar a cartilha. Teremos uma oficina para montar a cartilha, ressaltou a importância de catalogar e não se perder os conhecimentos. Aqui temos uma aluna escrita no curso de enfermagem, outra fazendo assistência social do setor, organizamos o setor e temos uma responsável pelas finanças. A importância de se pensar o lazer enquanto saúde também, o papel das agentes no assentamento é primordial também, pois as pessoas estão percebendo o exercício do cuidado, resgatando o escutar, evitando inclusive depressão, além do incentivo a esportes como futebol, dança, etc. Corpo se sente bem quando a alma tá bem (Cidreira, Assentamento Eli Vive 1).

No relato da companheira, percebemos a importância de criar pertencimento, inclusive na metodologia aplicada quanto à forma que as reuniões foram realizadas e o planejamento e participação popular na catalogação das plantas medicinais, e na criação de uma cartilha coletiva, colocando a comunidade para fazer junto. Voltamos aos relatos:

Existe uma reunião mensal para discutir a questão de saúde, um tema por mês, benzedeiras, fases da lua, resgate ancestral. O grupo observa a juventude, fazem o acompanhamento, aproveitam as datas comemorativas para fazer o debate, semana da criança, debate é amplo. As mulheres puxam as discussões e os debates, inclusive da manutenção das estradas, olhar acurado para tudo e para todos, para poder prevenir o que pode acarretar problemas (Tansagem, Assentamento Imbaú).

Aqui nós temos uma organização própria da questão da saúde a partir da vigília resistência camponesa, que fez com que a frente da saúde amadurecesse principalmente relacionada ao COVID. Construíram uma agrofloresta com ervas medicinais. O trabalho é integrado, saúde com as outras frentes. Tivemos o menor número de infectados com a covid na região. A orientação fez a diferença. Sentimos a força das mulheres nesses coletivos. No assentamento Valmir Motta e no Olga Benário, o trabalho integrado com a saúde mental, fez com que as pessoas que estavam muito doentes, a partir da inscrição no coletivo, se sentissem muito melhores. Hoje dividem problemas, e o cuidado foi renascendo entre as pessoas e pelas pessoas (Hortelã, Assentamento Valmir Mota).

Estamos levantando as plantas medicinais, mudas, resgate de conhecimento com os mais velhos sobre os conhecimentos de uso das plantas, mesmo sendo pouco o que aprendi eu percebo que tem me feito muito bem, poder ajudar o outro estender a mão, faz bem para gente também. Mas tá tudo iniciando ainda. A discussão da alimentação da água, do uso de veneno até as crianças estão reverberando esse conhecimento, tô vendo os resultados aos poucos, tudo no começo ainda, mas faz um bem danado. Ainda tamo no planejamento e vai dar certo, talvez não da maneira que a gente queira, mas vai melhorar muito (Macela, Acampamento José Marti).

Cada lugar é único, com a importância do trabalho coletivo, para poder dialogar, nem que seja pequeno, coletivo, local, organização desde a base deu ênfase na importância dessa formação coletiva e a construção de saúde em cada lugar, e importante o coletivo para não ficar sozinha, perdida sem entender como fazer (Maria Izabel- CPP do curso)

Nesses relatos percebemos as semelhanças e as problemáticas enfrentadas em cada território. Apesar de o foco ser a pandemia da covid, as agentes populares de saúde acabaram exercendo um papel importante que ultrapassou o objetivo inicial da formação e acabou formando lideranças importantes, dando outro sentido ao trabalho. Na fala das mulheres, fica evidente a importância e o papel da formação na ressignificação dos territórios onde estão inseridas, desde a luta por unidades básicas de saúde que dialoguem com o povo sem-terra, e com uma medicina popular feita na comunidade, atravessou dimensões do cuidado, presentes no cotidiano colaborando para a construção de novas relações.

Em um momento como a pandemia, em que a demanda da comunidade ultrapassa o atendimento médico, o olhar atento das mulheres para o diário, para o ouvir e se dispor a ajudar, na construção de novas relações de afeto, percebe-se a ação transformadora do cuidado. Por isso reafirmo que a potência não está apenas na saúde popular, mas nas relações que ela possibilita costurar desde um saber-fazer protagonizado por mulheres.

Na fala de uma das coordenadoras da CPP do curso:

O que deu para perceber é que nós temos um grupo de pessoas ao nível estadual comprometidas com a promoção da saúde nos territórios onde estão inseridas, são voluntárias e é uma alegria muito grande para a gente porque foi um curso que demandou bastante energia do nosso coletivo, que trabalhou nesse período de pandemia. Sabemos que salvamos muitas vidas porque a incidência do coronavírus em nossos acampamentos e assentamentos foi bem menor que nos outros espaços do estado. Nós promovemos ainda a libertação dessas mulheres que participaram dos módulos de formação nesse período. Avalio que foi um processo muito rico e trouxe muitos valores e benefícios individuais e coletivos para o MST e para o setor de saúde (Entrevista Maria Izabel, Setor de Saúde, MST-PR, abril de 2022).

A fala da Izabel nos traz a importância de ensinar e aprender em comunidade, coletivamente, também expressas nas falas das companheiras que estão tecendo dia a dia outro olhar para a saúde desde seu território. Trazendo para as relações a centralidade da vida, do cuidado, que cresce, ramifica e transforma relações, de forma que quem estava desmotivado passa a encontrar no coletivo, no comunitário, motivos para caminhar junto, para fazer a diferença.

O curso trouxe também temas difíceis de trabalhar, dolorosos, mas necessários serem abordados para a transformação das relações como a violência sexual infantil, e contra as mulheres, o alcoolismo, a drogadição, a depressão, a ansiedade. Problemas resultantes de uma sociedade doente da qual fazemos parte, e agora o que fazer? Com certeza, bagunçou,

desconcertou, desconstruiu. O curso nos dá pistas de como se encantar novamente, como sobreviver ao desencantamento posto por uma necropolítica⁴² de estado.

Após o fechamento dos módulos do curso de 2021, meados de dezembro, e chegando o fim do ano, lembro de ter sido convocada pela CPP do curso para pensar um poema para a mística final, e baseado nas falas das próprias companheiras que participaram ativamente do curso, assim a criei:

⁴²o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Com base no biopoder e em suas tecnologias de controlar populações, o “deixar morrer” se torna aceitável. Mas não aceitável a todos os corpos. O corpo “matável” é aquele que está em risco de morte a todo instante devido ao parâmetro definidor primordial da raça. O termo demonstra as várias formas pelos quais, no mundo contemporâneo, existem estruturas com o objetivo de provocar a destruição de alguns grupos. Essas estruturas são formas contemporâneas de vidas sujeitas ao poder da morte e seus respectivos “mundos de morte” – formas de existência social nas quais vastas populações são submetidas às condições de vida que os conferem um status de “mortos-vivos”(Mbembe,2018)

E ainda nos perguntam:— Tiveram medo?

Respondemos:— Quem não tem?

A pandemia começou já faz dois anos e ainda não vemos sinais do fim.

Vacina finalmente chegou. Ufa! Mas ainda é difícil lidar com o número de mortes, com tantas perdas que poderiam ser evitadas se não tivéssemos um negacionista genocida no poder. Vivemos coisas que serão difíceis de esquecer. Histórias que não vão continuar, e isso é de doer o peito só em lembrar. Se temos medo? Sim!

Mas o medo nunca nos impediu de nos movimentar. Vencemos o medo, nos vestimos de coragem, De longe a roupa mais bonita do armário. Nos somamos a tantas outras mulheres, fortes, corajosas. Mergulhamos na força e fomos à luta mais uma vez. Gritamos inúmeras vezes e não cansamos até entenderem:— Saúde é um direito e não mercadoria! Quebramos preconceitos, barreiras, rompemos cercas da ignorância e partimos a caminhar. Nas ruas dos assentamentos, acampamentos, ocupações nas cidades. Nos juntamos a tantas outras parcelas de luta, por saúde, educação e alimentação. Trabalho esse que nunca parou, alimentou a esperança, consertou, cuidou, criou. Confiscaram o abraçar, mas demos conta de substituímos logo e o da vez é o escutar. Ah! E quanta história de vida, quanta coisa a gente aprendeu nesse simples gesto de nos permitir ouvir o outro e compartilhar o tempo, alguns momentos. Quisemos muitas vezes ficar no caminho, cansamos, mas continuamos, e aqui estamos. Sabíamos que o caminho não ia ser fácil, mas tínhamos a certeza de que não estávamos sozinhas. Foi no bater de porta em porta, que percebemos que o povo carecia de afeto, acolhimento e informação. Percebemos o olhar assustado de medo nas primeiras prosas, ir se transformando em olhar de respeito. Caminhamos, quilômetros. Fizemos amigos, ouvimos vozes que até então nem sabíamos o somido e o tom. Conhecemos muitos Mario's, Alzira's, Maria's, Ivone's, Francisca's, Izabel's. Tecemos redes, costuramos amizades. Não botaram fé. Acharam que era ousado demais. — Eita! São tudo louca essas muié! Mas aos poucos, com uma ajuda aqui, outra ali, pudemos ver o resultado na miudeza das coisas. Nas relações do dia a dia, na construção comunitária. Na troca das plantas, nos ensinamentos diários, no acolhimento tão necessário, nas jarras a mais de água, que o pessoal passou a beber. A mudança parece sutil. Mas na nossa terra o afeto é dado e não vendido. O amor é compartilhado, e o cuidado construído. Hoje podemos afirmar que somos parte da mudança que queremos ver no mundo. Abandonamos o papel de juízas. E estamos construindo em rede, ali, fio a fio, manualmente o território de vida. Nossa terra hoje é morada, alegria, boa vontade, humor, partilha.

(no tecer diário dos agentes populares de saúde, construindo uma política de vida e

1.2.3 O caminhar pós-pandemia- setor de saúde Paraná

Já com as vacinas em dia, em agosto de 2022 tivemos o primeiro encontro dos agentes populares de saúde em modo presencial. Com a flexibilização da pandemia, e acesso à

vacinação, foi possível nos reunirmos presencialmente e discutirmos pontos importantes para a caminhada do coletivo.

Foram dois dias e meio de reunião no assentamento Guanabara, em Imbaú-PR. Nos dias da reunião pudemos reencontrar pessoas que não víamos há muito tempo, ouvir nossas companheiras, aprender coisas novas. Foram momentos de socialização das experiências, mas também de planejamento para o Coletivo de Saúde no Paraná. Os desafios postos são inúmeros, o trabalho do agente popular se fez necessário e de suma importância principalmente nos trabalhos de prevenção e saúde integral, construindo uma saúde desde dentro e com o diálogo com o estado.

Na reunião tivemos ainda a oportunidade de conversar com uma representante da FIOCRUZ nacional sobre os programas de investimentos relacionados ao cultivo de plantas medicinais, apontando possibilidades e caminhos possíveis ainda no cultivo dessas plantas nos territórios do MST no estado. Surgiram ainda demandas relacionadas ao curso de enfermagem, e à destinação da chácara de saúde, espaço conquistado através de doação ao Movimento, e que precisa de planejamento e financiamento para ser gerida.

FIGURA 20 : Reunião do Coletivo de Saúde – Imbaú-PR.



Fonte: MST, agosto de 2022.

Com os dois pés no chão, acompanhando as ações relacionadas à formação de agentes populares de saúde, não tenho como não mencionar a transformação ocorrida devido às ações realizadas pelo coletivo nos territórios de reforma agrária e nas periferias urbanas. O papel dos agentes populares de saúde foi transformador, e posso afirmar que imprimiu grafias novas, abriu novas possibilidades de se pensar, inclusive o sentido comunitário, estabeleceram uma agenda

de compromisso, estreitaram relações, um exemplo de como se faz trabalho de base com uma pedagogia outra, baseada no diálogo, nas relações, na solidariedade, no afeto e no cotidiano.

Em março de 2023, tive minha primeira participação no espaço de saúde, organizado pelo coletivo, enquanto voluntária (já que nos outros momentos acabava me somando às frentes de trabalho da cultura, infraestrutura, educação), organizado para a Jornada de Luta das Mulheres do MST Paraná, que aconteceu nos dias 06 a 08 de março de 2023. O lema da Jornada no estado trouxe o grito das principais lutas deste período: “Mulheres em resistência, contra todas as formas de violência. Por Terra, Teto e Trabalho, democracia e sem anistia”. Para as camponesas, o direito à terra é essencial para garantir o acesso a outros direitos.

FIGURA 21: Espaço Saúde- Jornada de luta das Mulheres MST Paraná



Fotos: Luana Menegassi / MST-PR

Nos três dias de reunião pude observar e participar ativamente dos atendimentos de saúde. Percebi uma diversidade grande desde ensinamentos com plantas medicinais para o uso

em chás, emplastos, tinturas, e outras terapias como a ventosaterapia⁴³, biomagnetismo⁴⁴, auriculoterapia, benzimento, reiki, o escalda pés e outros procedimentos de saúde natural além do cuidado com a glicemia, aferimento de pressão. A maioria dos casos atendidos estavam relacionados a pressão alta, má digestão, ansiedade e depressão.

Cito essa experiência, pois ela me fez mergulhar profundamente em algumas questões, inclusive pessoais, de como a ansiedade e depressão estão espalhadas por nossos territórios. Alguns justificam o aumento à pós-pandemia, mas acredito ainda ser a crise sistêmica que nos aflige de todos os lados. Escravos do tempo, e das relações que nos adoecem. Não é fácil pular ou destruir as cercas que nos aprisionam e de alguma forma o corpo sente. Mas quando me lembro das trocas mencionadas, nas falas, nos momentos de socialização, eu penso na potencialidade existente nas trocas, nos diálogos, na vida compartilhada cotidianamente e me pergunto como movimentos como o MST e o MASA tão parecidos e tão distintos podem dialogar? Onde está o fio que alinhava as redes? O cotidiano é vivo, e cheio de imperfeições, com problemas, riscos, mais com uma infinidade de possibilidades que nascem o tempo todo das e pelas frestas, da diversidade como poética/política na luta pelo reencantamento (Rufino, 2019).

Após o panorama histórico e as soluções encontradas pelo MST, sobre algumas das práticas realizadas pelo setor de saúde antes durante e pós pandemia, aciono as práticas do Movimento de Benzedadeiras da região centro sul do estado, para que possamos entender por onde caminham essas outras grafias da saúde popular comunitária feminina, construída por muitas mãos e em confluência com a vida na centralidade.

1.3- QUEFAZER DESDE A EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO DE BENZEDEIRAS (MASA) DA REGIÃO CENTRO SUL DO PARANÁ.

Muitas pessoas me perguntam por que as benzedadeiras resolveram se articular num movimento social e o que as fazem diferentes das benzedadeiras de outras regiões do Brasil. A

⁴³Um procedimento milenar, aplicado na medicina tradicional chinesa, onde através de ventosas – que podem ser de vidro, silicone ou acrílico – aplicadas na pele, promove-se uma melhor circulação sanguínea. Elas criam um efeito de vácuo sobre a pele, dilatando os vasos sanguíneos e aumentando a oxigenação dos tecidos, possibilitando que as toxinas existentes nos músculos e no sangue sejam liberadas com maior facilidade (UNIT,2022).

⁴⁴ Prática Integrativa de saúde que promove o bem-estar por meio do magnetismo. Trata-se de um tratamento físico externo que usa ímãs de moderada intensidade com polaridade oposta, a fim de corrigir as distorções de pH do terreno biológico, buscando trazer o indivíduo para o nível energético normal. Como consequência da prática, há a melhoria da saúde e do bem-estar físico e mental (UFPE,2020).

resposta está no acionamento de uma identidade coletiva e na luta protagonizada por diferentes povos e comunidades tradicionais no Brasil desde a década de 90.

A organização sociopolítica das mulheres da região centro-sul do Paraná enquanto benzedoras, data da primeira década dos anos 2000 e vincula-se ao processo de emergência dos povos e comunidades tradicionais no Brasil. O Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA) é formado por Benzedoras e Benzedores, Curandeiros e Curadores, Costureiras e Costureiros de rendidura e/ou machucadura, Rezadeiras e Rezadores, Remedieiras e Remedieiros, Massagistas tradicionais, Parteiras e Aprendizes de benzedura representados como Detentores do Ofício Tradicional de Cura⁴⁵ e de Saúde Popular, da região centro sul do Estado do Paraná e que fazem parte da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná⁴⁶.

Segundo a antropóloga Taisa Lewitzki (2019), a participação dessas mulheres que formam o MASA em espaços de organização política, é múltipla e histórica, ocupando a liderança de diferentes causas coletivas, principalmente ao que se refere à agricultura, às mulheres e aos movimentos religiosos. Segundo a pesquisadora, as benzedoras inscrevem-se na categoria de povos e comunidades tradicionais devido ao seu modo de vida, associado a um território em que os conhecimentos tradicionais de cura são produzidos e reproduzidos culturalmente.

A identidade coletiva de "benzedoras" agrega diversos ofícios tradicionais de saúde popular, que possuem práticas e saberes de cura relacionados à agrobiodiversidade da floresta de araucária. Além do conhecimento local sobre a biodiversidade de plantas medicinais e outros recursos e valores que incluem seu modo de vida. As benzedoras dispõem de um imenso repertório de saberes e fazeres sobre a localidade, os quais se vinculam às redes de relações sociais em que as benzedoras estão imersas e também são referências (Lewitzki, 2019, p. 144).

Corroboramos com Almeida (2008), ao afirmar que o conceito utilizado para povos e comunidades tradicionais é uma categoria dotada de um sentido de direito a autodefinição de identidades coletivas que passam por processo de construção a partir de reivindicações e

⁴⁵O termo 'Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura' foi incorporado da terminologia de reconhecimento patrimônio imaterial, principalmente das discussões ligadas ao IPHAN. Seu uso foi adotado para abarcar todos os ofícios dentro do MASA e, simultaneamente, dotar o grupo de legitimidade nas discussões oficiais. O termo abarca, portanto, Benzedoras, e Benzedores, Costureiras de Rendidura e Machucadura, Rezadeiras e Rezadores, Curadores, Remedieiras, Pomadeiras e Parteiras (Bruscheta, 2015).

⁴⁶ Em 2008, nasce no Paraná o movimento social denominado "Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais" para buscar estratégias de resistência e de enfrentamento dos Povos e Comunidades Tradicionais Paranaenses. As comunidades tradicionais são representadas, no Estado, pelos povos indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, benzedoras, cipozeiras, ilhéus, povos dos faxinais, gitanos e as comunidades de terreiro. Segundo dados da Rede Puxirão, estima-se que a população que integra o movimento seja de aproximadamente 198.000 pessoas, representando 1,9% da população do Estado (APF, 2008).

conflitos com o Estado. São movimentos sociais politicamente construídos que se mobilizam pelo seu contexto de luta atual face a seus agentes antagonistas, e não somente em relação aos seus laços com o passado, é a soma desses dois fatores que configuram esses movimentos.

As Benzedeiras se inserem na categoria de povos e comunidade tradicionais quando acionam a identidade coletiva “benzedeiras”, e ao acionarem uma identidade coletiva, acionam um aparato de dispositivos jurídicos⁴⁷. O Movimento Aprendizes da Sabedoria é um movimento que nasceu em 2008 na luta pelo reconhecimento das detentoras de ofício tradicional de cura na região centro-sul do estado do Paraná. O Movimento está hoje territorializado nos municípios de Rebouças, São João do Triunfo e Irati. As benzedeiras lutam para defender seus territórios do avanço do capital que cerca, desmata, envenena suas plantas e criminaliza suas práticas (Andrade, 2019).

Estima-se que existam hoje, no estado do Paraná, cerca de 7.000 praticantes da arte de curar e ensinar remédios caseiros, colaborando diretamente para a saúde de milhares de pessoas em todos os municípios do estado (Souza, *et al.*, 2012). Os detentores desse ofício tradicional de cura tentam manter vivos estes saberes acumulados ao longo de muitas gerações e possuem origens diferentes (indígenas, africanas, europeias), em um cenário onde cada vez mais se dissemina o uso de agrotóxico e destruição de florestas nativas (Vandresen *et al.*, 2014).

Importante mencionar que a articulação das benzedeiras teve seus primeiros passos em 2002 com a organização de grupos de mulheres para a produção de plantas medicinais, impulsionados pela criação da Associação dos Grupos de Agricultores Ecologistas de Turvo (AGAECO) e da Associação de Agricultores Ecológicos São Francisco de Assis em Irati, no ano de 2001, e do trabalho do Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP)⁴⁸ em Irati, que tiveram papel fundamental na organização e assessoria de grupos agricultores na conversão agroecológica nas cidades de Turvo, Irati, Rebouças e Fernandes Pinheiro. Em 2005 com a

⁴⁷ Constituição federal de 1988, que em seus artigos 215 e 216; Decreto 5051 de 2004, que incorpora a convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) de 1989, artigo 1º; Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, instituída pelo Decreto de 27 de dezembro de 2004 e modificada pelo Decreto de 13 de julho de 2006; a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), instituída pelo Decreto 6.040 de 2007 (BRASIL, 2007); Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC), pela portaria no 971/GM/MS. Destaca-se no mesmo período a aprovação de decreto interministerial nº 5813 que cria a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), com objetivos e ações para toda a cadeia produtiva de plantas medicinais e de fitoterápicos. Em 2009, é implementado o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos no país, como forma de implementar tal política e que aponta diretrizes para o fomento dos fitoterápicos (Lewitzki, 2019).

⁴⁸ Nas regiões de Turvo e Irati, o Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP) teve papel fundamental na organização e assessoria de grupos de agricultores para a conversão agroecológica, além de incentivar a formação da Associação dos Grupos de Agricultura Ecológica de Turvo (AGAECO), a entidade também fomentou a organização da Associação dos Grupos de Agricultura Ecológica São Francisco de Assis (ASSIS), em 2003, de acordo com Almeida (2008).

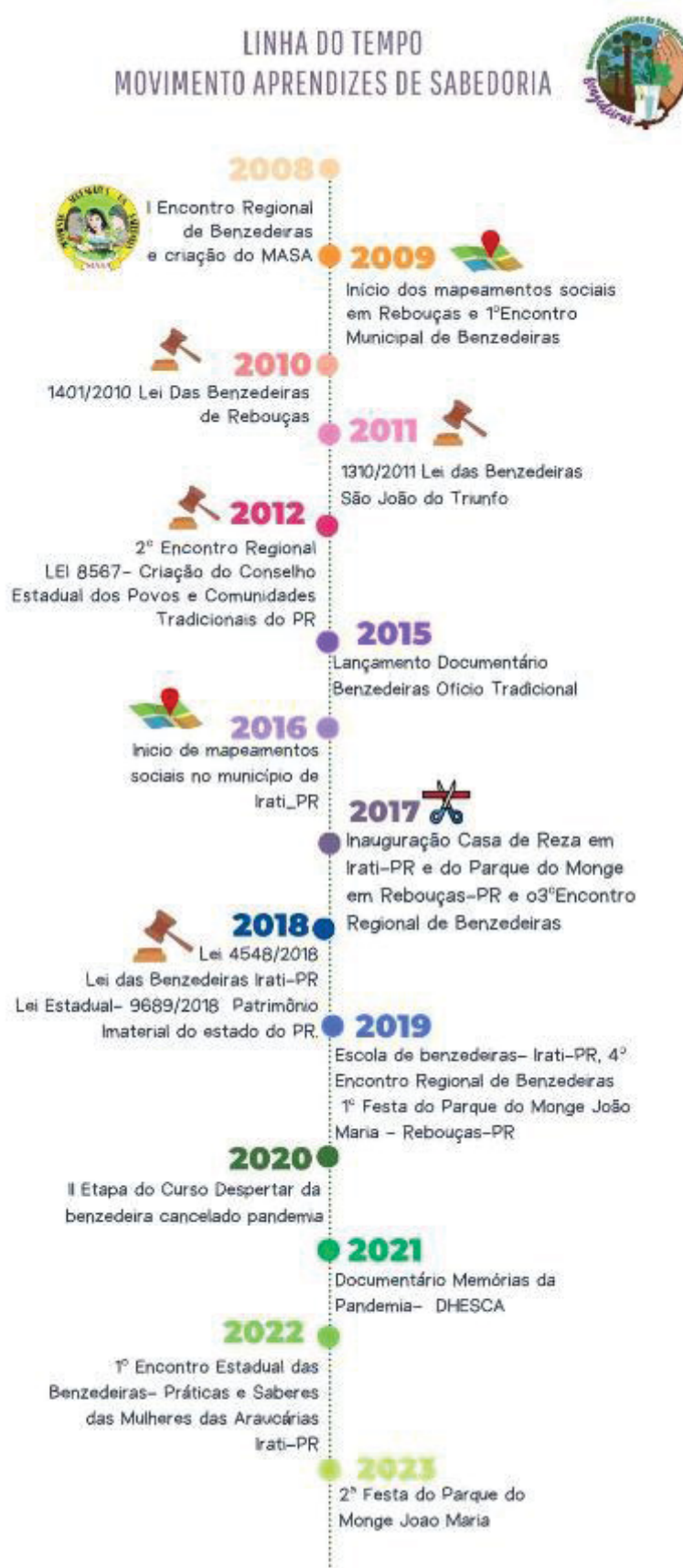
criação da Articulação dos Povos Faxinais (APF) buscou-se dentro do grupo uma articulação dos detentores de saberes tradicionais de cura de cada comunidade para a retomada e valorização das práticas tradicionais que culminou na criação em 2005 de um segmento dentro da APF denominado de Associação Aprendizes de Sabedoria (ASA), relacionado a essas práticas de cura e também das práticas agroecológicas dentro dos faxinais. (Almeida, 2013).

Importante destacar que os saberes dos detentores tradicionais de cura, do uso das plantas também é uma característica importante da identidade faxinalense. Tanto que o primeiro fascículo da cartografia social sobre os povos faxinais retrata a “*fé os conhecimentos tradicionais e as práticas de cura*”, representando a importância da então ASA no mapeamento social dos faxinalenses realizado em 2006 e 2007, com apoio do Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil⁴⁹, processo que teve grande importância para a organização das Benzedeiras (Almeida, 2013). Essa cartografia impulsionou a formação e articulação do MASA. Importante destacar o papel da cartografia social como ferramenta de articulação dos PCT’s do Paraná, tendo papel fundamental para a visibilidade das lutas e inclusive como aporte jurídico para o reconhecimento institucionalizado das benzedeiras. Essa primeira cartografia foi importante para o fortalecimento da articulação do grupo, criando as bases para o 1º Encontro Regional das Benzedeiras, em que foram evidenciados suas principais dificuldades e desafios, onde também foi possível a construção/acionamento de uma identidade coletiva.

No encontro realizado no município de Irati em 2008, através de demandas e conflitos levantados, o grupo observou a necessidade de ampliar a luta para espaços urbanos onde as benzedeiras também estão presentes e não estão necessariamente atreladas à identidade faxinalense. Como essa decisão de ampliar a linha de atuação o ASA cria um movimento social, nova categoria para integrar a Rede Puxirão (Almeida, 2013). O ASA passa então a ser denominado de Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA), abaixo os principais destaques das trajetórias do movimento desde 2008 até os dias de hoje.

⁴⁹ O Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA) tem como objetivo dar ensejo à auto cartografia dos povos e comunidades tradicionais. Com o material produzido, tem-se um maior conhecimento sobre o processo de ocupação e um novo instrumento para o fortalecimento dos movimentos sociais que nela existem.

FIGURA 22: LINHA DO TEMPO MOVIMENTO DE BENZEDEIRAS



Aqui vale destacar a importância dos Encontros, pois desde antes da criação do movimento, a principal estratégia de articulação do grupo são os encontros. Além do intercâmbio de experiências proporcionado, como as trocas de receitas, de plantas, sementes, simpatias, são nos encontros que as benzedeiras conseguem levantar os principais problemas, conflitos e demandas. São nos encontros onde o movimento discute as demandas e organiza o planejamento de suas ações além de se fortalecer no processo de articulação política.

O primeiro encontro é o divisor de águas do movimento, através dele foi possível diagnosticar os principais conflitos, territorialidades distintas e frentes de atuação do MASA. Desse encontro surgiu a ideia de trabalhar com a metodologia de cartografia social, usada anteriormente pelos faxinalenses, para mapear os detentores de ofício tradicional de cura dos municípios de Rebouças e São João do Triunfo. No evento também foram identificadas as lideranças que atuariam em cada município.

Nestes anos de luta, o Movimento das Benzedeiras conseguiu avanços importantes na região, servindo de referência para o Brasil, como as leis municipais de reconhecimento dos ofícios tradicionais, conhecidas como “leis das Benzedeiras”. São elas: a Lei nº 1.401/2010-Rebouças, Lei 1370/2011 São João do Triunfo e Lei 4583/2018 em Irati. Conhecida como “lei das Benzedeiras”, que garante o livre acesso às ervas e plantas medicinais, prevê o acolhimento das práticas tradicionais de cura no sistema formal de saúde, valoriza saberes populares, a ancestralidade, o incentivo à produção individual e coletiva de conhecimentos e sua inserção. Em 2018, o movimento conquistou a Lei Estadual nº 19.689 de 2018 que declara Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Paraná os saberes, conhecimentos e práticas de saúde dos ofícios tradicionais de saúde popular e cura religiosa.

Como podemos observar na linha do tempo, aparentemente a luta do movimento está relacionada a institucionalização do ofício de cura, já que historicamente conquistamos no caminhar de mais de 15 anos, três leis municipais e uma lei estadual. Sabemos que a conquista das leis trouxe uma visibilidade para a ação coletiva do movimento que proporcionou inclusive a viabilidade da luta com a conquista de prêmios nacionais, estaduais e municipais, a produção de documentários, materiais pedagógicos e principalmente viabilizou a continuidade das ações do movimento para além da conquista das leis

Além da luta pelo reconhecimento do seu ofício tradicional através da institucionalização de leis, o movimento atua em outras frentes como a retomada de festas populares tradicionais. Em 2017, inaugurou a Casa de Rezas Tradicionais Manuel Ferreira e Catarina Ferreira dos Santos em Irati, no bairro São João, com o objetivo de ter um espaço para manter viva a memória das festas tradicionais. No local são realizados além de cursos, reuniões

e encontros do movimento, festas tradicionais religiosas de santo como as Romarias de São Gonçalo, ternos de quaresma, festa do Divino etc. (MASA, 2017).

Ainda em 2017, o MASA, colaborou para a implantação do Parque Municipal do Monge João Maria no município de Rebouças, que conserva uma importante área de floresta nativa e uma fonte de água considerada sagrada pelas benzedeiras por terem sido, segundo a tradição, deixada pelo monge "João Maria⁵⁰" entre o final do século 19 e início do século 20. Os Olhos d'água são locais sagrados para as benzedeiras, elas defendem a preservação das nascentes e utilizam os espaços para a realização de batizados, benzimentos e a água da fonte como remédio.

As benzedeiras protagonizam a articulação de uma identidade coletiva na luta pelo reconhecimento de um ofício tradicional de cura que historicamente é desvalorizado e criminalizado. São resistências nos territórios onde estão inseridas, e lutam para defender a biodiversidade da mata das araucárias de onde retiram as plantas medicinais para fazer seus emplastos, remédios e garrafadas.

Em 2019, a minha dissertação pautava sobre as territorialidades que o movimento das benzedeiras imprimia no território com um panorama histórico das práticas, conflitos e todo um caminhar do movimento desde seu início. Como eu mesma mencionei na época (Andrade, 2019), o movimento está em constante caminhada e o trabalho de mestrado foi apenas uma fotografia daquele momento. Iniciei o doutorado com o foco em traçar territórios de cura e como as práticas ancestrais perpassavam o movimento de benzedeiras e conectava de alguma forma com outras práticas, criando redes de trocas. Naquele momento imaginava que o cenário de pesquisa seria outro, com possibilidade ainda maior de trocas de experiências, intercâmbio com algumas das redes criadas nesse caminhar com o movimento, como a Articulação Pacari de Minas Gerais, as raizeiras de Goiás e as Parteiras de Pernambuco, mas a pandemia atravessou a pesquisa e os rumos foram alterados.

Impossível falar de saúde sem mencionar a crise no sistema de saúde que enfrentamos nos anos de 2020 até meados de 2022. Nesse momento, pretendo me adentrar nas soluções encontradas pelas benzedeiras para driblar os problemas decorrentes da pandemia. O panorama histórico não poderia ignorar esse fato que mudou os rumos dos movimentos e que contribuíram para grafar nos territórios outras formas de fazer saúde popular comunitária feminina.

⁵⁰ João Maria é conhecido na história do Sul do Brasil como um peregrino que circulava por essas paragens há cerca de um século atrás, foi o líder messiânico que organizou os sertanejos na Guerra do Contestado e era também um profeta curandeiro, nas comunidades onde passava abençoava as nascentes d'água. Esses olhos d'água são hoje locais sagrados para as Benzedeiras (Arquivos, MASA 2017).

1.4 EXPERIÊNCIAS QUE FISSURAM O SISTEMA- SOLUÇÕES POPULARES ENCONTRADAS PARA DRIBLAR A PANDEMIA – MASA

Acredito que em nenhum cenário imaginável, pensamos viver uma pandemia mundial que nos trouxe tanta tristeza, medo, angústia e dor. As benzedeiras estavam também no grupo de risco e isso me causou um grande desconforto, muita angústia. Como fazer pesquisa, acompanhar, assessorar o movimento de longe? Como articular, como abraçar?

A nossa última reunião presencial antes da pandemia com as benzedeiras foi em 2020. Era março, não tínhamos ainda noção do ‘tsunami’ que vinha pela frente. Reunimo-nos na casa de reza⁵¹ em Irati, para a prestação de contas e o planejamento das ações para o ano que estava apenas começando. A ideia naquele momento era começar a articulação do movimento no município vizinho de Rio Azul-PR e dar continuidade à escola de benzedeiras que no ano de 2019 teve dois módulos. O movimento vinha numa crescente se organizando em cursos de aperfeiçoamento, como o reiki, a bioenergia, e ainda ministrando cursos para quem tinha interesse em conhecer sobre o ofício de benzedeira. Os esforços estavam concentrados nessas ações. Devido à alta procura, o movimento acreditava que manter as formações seria um excelente caminho para que esses saberes sejam repassados e não esquecidos.

Em 2019, o curso “o Despertar da benzedeira”, teve bastante repercussão (negativa e positiva), devido a algumas falas de intolerância religiosa, preconceito a ponto das benzedeiras terem que ir à rádio⁵² local explicar como seria o curso, que mantivemos devido à alta procura. Sabemos que mesmo após a institucionalização do ofício através de leis municipais, e o reconhecimento das práticas enquanto patrimônio imaterial do estado ainda assim são comuns casos de preconceito, desvalorização, intolerância religiosa e racismo. Mas como dizem as benzedeiras, “as cercas que nos cercam são muitas, mas não são altas o suficiente”. Mesmo com dificuldade, o curso saiu e iniciariamos uma nova turma em 2020, mas com o advento da pandemia todo o planejamento teve que ser cancelado. As festas, as romarias, os encontros, foi um momento de muita dor, de zelo, e de oração e preocupação pelo cenário que vinha pela frente.

⁵¹Casa de Rezas Tradicionais Manuel Ferreira e Catarina Ferreira dos Santos em Irati, no bairro São João. O objetivo da construção da Casa de Reza foi de ter um espaço para manter viva a memória das festas tradicionais. No local são realizados além de cursos, reuniões e encontros do movimento, festas tradicionais religiosas de santo como as Romarias de São Gonçalo, ternos de quaresma, festa do Divino etc (MASA, 2017).

⁵² <https://www.najua.com.br/2019/09/curso-para-benzedeiras-comeca-sabado-em.html>

Assim como todos que sofreram a perda de seus entes queridos, tivemos também a perda de três benzedeiras e um benzedor. Não foram momentos fáceis de enfrentar. Muitas benzedeiras foram proibidas de atender (pelos familiares), e receberam uma notificação da secretaria municipal de saúde como recomendação para que deixassem de fazer seus atendimentos de forma presencial. Segundo as benzedeiras, a secretaria municipal de saúde aconselhou que elas não fizessem o atendimento, pois não estariam preparadas com todo aparato necessário para lidar com a pandemia, álcool em gel, máscaras.

Lembro de ter ligado algumas vezes para as benzedeiras na pandemia, e nesses momentos sempre ouvia uma palavra de esperança. Para elas, a pandemia era algo já previsto pelo Monge João Maria⁵³ como algo passageiro, e era o momento de nos colocarmos em oração e cuidar dos mais velhos. Conforme o tempo ia passando e os casos aumentando, a esperança era algo que as benzedeiras tinham inclusive para emprestar. Em suas falas deixavam sempre uma palavra de conforto, afirmavam que o nosso tempo não é o mesmo tempo de Deus. Naquele momento a pandemia estava crescendo, os casos aumentando rapidamente, e eu sabia que mesmo com a recomendação da secretaria municipal de saúde, algumas benzedeiras continuaram seus atendimentos. Quando questionei uma delas, ouvi:

Minha filha, como eu vou deixar esse povo todo lá fora, sem ajuda? Os postos tão cheios, e o povo tem outras doenças, criança tá chorando, eu não tenho como dizer não, mas eu tô me cuidando, usando álcool em gel, máscara e pedindo para aguardar lá fora, não tô mais oferecendo meu cafezinho (Entrevista com Dona Agda, Coordenadora MASA, agosto 2021).

Nessa fala aponto a dimensão do cuidado que atravessa a vida das mulheres benzedeiras, mesmo diante do medo, perigo de contaminação se colocam na frente para defender a vida, de forma gratuita, pensando apenas na comunidade, construindo outra forma de saber/fazer saúde.

Achamos, no início, que seria inviável elas participarem de rodas ou trocas de saberes de forma remota, devido à dificuldade de acesso à internet nos locais onde elas se encontravam. Estávamos receosas de inclusive fazermos essa mediação e acabarmos sendo os vetores do vírus. Mas gradualmente elas foram se conectando, através de um parente mais próximo, ou de alguém que se disponibilizava a ajudar e que estivesse perto. Foram alguns momentos bem

⁵³ Também conhecido como Monge João Maria de Jesus, São João Maria ou ainda João Maria de Agostini. Por João Maria ficaram conhecidos três homens, que passaram na região Sul do Brasil em distintas épocas, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, sendo elemento comum a ele, o perfil forasteiro e o caráter messiânico e de curandeiro. O terceiro Monge é personagem histórico na Guerra do Contestado (1912-1916), tendo importante papel na organização dos caboclos no conflito armado entre a população local e representantes do poder estadual e federal, travada na região contestada pelos estados do Paraná e Santa Catarina (Tomazi, 2009).

interessantes onde pudemos ouvi-las novamente. Participaram de “lives” abertas, reuniões de núcleo, bate-papos, no final acabaram ocupando também as redes, e dessa frutífera conexão muitas coisas novas foram surgindo. As redes foram se capilarizando. Hoje, juntas, estão ocupando espaços como a Associação Nacional de Educação Popular em Saúde (ANEPS-PR), o GT para discutir a Política de Práticas Integrativas de Saúde no Paraná, o GT de Saberes Tradicionais do IDEIASUS-FIOCRUZ, além de manter sua cadeira política na Comissão Estadual de Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná (CEPIT) ⁵⁴ com reuniões remotas, e como Conselheiras no Conselho Municipal de Saúde em Irati.

No ano de 2021, as benzedeiras participaram de uma série de podcasts intitulado de “Benzedeiras do Paraná: Mulheres de fé”, uma ação realizada pelo Museu Paranaense, em parceria com o Museu de Arqueologia e etnologia da Universidade Federal do Paraná, em comemoração ao Mês da Mulher, organizado pela assessora do movimento e antropóloga Taisa Lewitzki, que fez a captação dos áudios. Em meio à pandemia de covid-19, as mensagens das benzedeiras da região centro sul do Paraná, pertencentes aos municípios de Irati, Rebouças, Rio Azul e São João do Triunfo, apresentam as suas trajetórias de mulheres de fé, detentoras de conhecimentos tradicionais de cura e defensoras dos ofícios de saúde popular, articuladas pela identidade coletiva de benzedeiras paranaenses, organizadas no Movimento Aprendiz da Sabedoria (MASA).

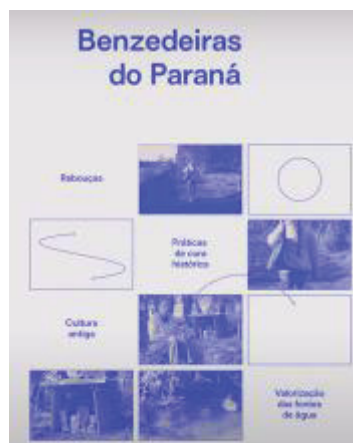
⁵⁴Instituído pela Lei 17.425/2012 -, de 18 de dezembro de 2012, o Conselho Estadual de Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais do Estado do Paraná – CPICT/PR, é um órgão colegiado integrante da estrutura organizacional da Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos - SEJU. O Conselho Estadual de Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais do Estado do Paraná – CPICT/PR tem por finalidade possibilitar a participação popular nas discussões, proposições, elaborações e auxílio na implementação e fiscalização das políticas públicas para o desenvolvimento sustentável dos povos indígenas e comunidades tradicionais que se utilizem da autodefinição ou autoatribuição, segundo a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho, promulgada pelo Decreto Federal nº 5.051, de 19 de abril de 2004, como povos e comunidades tradicionais, observando o Decreto Federal 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, os arts. 215, 216, 225, 231 e 232 da Constituição Federal de 1988, bem como artigo 68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT e artigos 190 e 191 da Constituição do Estado do Paraná e demais dispositivos jurídicos que tratam do tema. (justiça.pr.gov.br)

FIGURA 23: - LIVE MUSEU PARANAENSE- MARÇO DE 2021



Fonte: youtube, 2021.

FIGURA 24 :PODCAST -MULHERES DE FÉ



Fonte: <https://youtu.be/jBwJslf9k4g>

Ainda em 2021, em setembro, as benzedeadas participaram de forma remota, da 9ª Reunião Estadual da ANEPS Paraná, uma mesa intitulada “Práticas ancestrais de cuidado: Nossas benzedeadas”, um diálogo rico com a Maria Bezerra, benzedead de Brasília e uma das idealizadoras da escola de benzedead do distrito federal. Foi um momento de bastante troca entre as práticas realizadas pelas benzedead das duas regiões.

FIGURA 25: CARD DA LIVE DA REUNIÃO DA ANEPS-PR



FONTE: ANEPS-PR,2021.

O movimento, apesar de não ter se encontrado presencialmente nesses quase dois anos de pandemia, continuou em movimento, ganhando outras ramificações. As benzedeadas sentiram muita falta dos encontros, pois desde o início do movimento é através dos encontros, dos intercâmbios comunitários que as benzedeadas se articulam, conversam entre si, trocam receitas, simpatias, aprendem e ensinam, e sempre foi uma metodologia que acompanha a caminhada do MASA.

E foi assim, o pior da pandemia passou, a vacina chegou, e depois de quase dois anos sem nos encontrarmos, a reunião de reencontro aconteceu em novembro de 2021. Muita coisa aconteceu nesses tempos, não tivemos reuniões presenciais, mas as benzedeadas continuaram atuando em seus territórios, atendendo a população que mais precisava, gradualmente voltaram a fazer seus terços, suas romarias. Foi tanta saudade acumulada que novamente as palavras vieram em forma de poesia.

FIGURA 26: Primeira reunião pós-pandemia MASA.



Fonte: a autora, 2021.

Aconchego
Descanso
Vida Cor Cuidado Amor
Ali onde o tempo se demora
Onde a pressa não faz hora
O verbo é escutar
A lindeza tá nas miudezas
Tá na horta, na batata colhida antes do meio-dia
No fogão a lenha
No milho crioulo
No trevo-de-quatro-folhas
No sofá de espera que aconchega e fala
Conta histórias de ontem com misto de hoje e previsões do amanhã
E não é que é certa, a cera não mente
A vela alimenta
O sagrado está lado a lado e do rosário sai a oração
Dor de dente, mau-olhado, lombriga, ar, osso quebrado, carne rasgada, espinhela caída,
costura
Para tudo tem uma prece
É o que esse mundo carece
Diz a benzedeira do lado do fogão
Quem me dera me deixar ficar ali, onde só o amor consegue curar.
(Casas das Benzedeiras, pura delicadeza, andando pelos cantos do centro sul do Paraná,
em novembro de 2021).

Como não se deixar cativar com tanta história de luta. As benzedeiras sempre me nutriram de inspiração nos momentos mais difíceis da escrita. E não é uma romantização do

que é ser benzedeira, das suas vidas sofridas, de onde sobra perrengue, dor, violência, mas estar com elas me alimenta, é como se de alguma forma eu revivesse os tempos que não tive com minhas avós. Doando escuta e tempo, vou costurando caminhos, descobrindo frestas, observando possibilidades nas falas e firmando vínculos. Não as trato de forma alguma como simples objeto de estudo, porque não são. São amigas, fazem parte do meu dia a dia, mesmo distante somos família. Sou, porque somos juntas, e os processos de formação e aprendizado são contínuos.

Nesses dois anos intensificamos a tarefa na captação de recursos, projetos para a realização das atividades propostas. Ainda em 2021, conquistamos duas premiações, do programa de Fomento e Incentivo à Cultura da Secretaria Estadual de Cultura do Paraná (SEEC), na categoria de povos e comunidades tradicionais e um projeto realizado pela Plataforma DHESCA, para a criação de um produto audiovisual sobre a pandemia. Como participei das gravações dos vídeos, produzindo e gravando, vou aproveitar e trazer algumas das falas das benzedeadas que participaram do documentário, denominado “Memória da Pandemia” e que está disponível na plataforma DHESCA e na página do youtube⁵⁵ do MASA.

Abaixo trago o relato de Dona Ana, benzedeira, coordenadora do MASA em Rebouças-PR, vídeo gravado para o documentário em novembro de 2021, sobre como foi a atuação durante a pandemia.

Na pandemia ficamos meio paradas, porque não podia sair, a secretaria municipal de saúde disse para gente não fazer benzimento, mas a gente benzia de longe daí. A maioria das benzedeadas atendia de longe, do portão, pegava o nome, nenhuma ficou parada. Para nós foi muito difícil, a gente gostava de se reunir para cantar, fazer as mesadas de anjo, as romarias, nossos encontros comunitários, esses dois anos não deram para fazer a festa do parque do monge também. Nossas orações ajudaram muito, a gente pedia para que Deus colocasse um remédio que fosse bom, rezava pelas crianças. Nós não deixamos de benzer, de orar mesmo de longe. Na pandemia a nossa história de luta, o nosso dom, o nosso sagrado, a nossa valorização da cultura e do território que não é pouca coisa, não parou, cada uma fez sua parte, benzeu, orou. Foi tomado muito chá calmante, ensinei muito chá, para que as pessoas tivessem fê, não desanimassem e acreditassem que ia passar. Eu indicava os chás, para que uns ensinassem os outros. Eu falo por mim, a pandemia me fez refletir o que nós somos e como é ruim ficar distante das pessoas, da família, dos amigos, a gente vê o quanto eles fazem falta, pois a gente não podia prostrar, abraçar, tomar um mate junto, por esse lado isso pesou. Cada um tem que agradecer por tá com saúde e pedir a Deus que logo acabe essa pandemia, leve para bem longe que não volte. Acolha os que já foram e o que resta para nós é saudade e gratidão pelo bom serviço prestado dos que já se foram (Dona Ana Maria- Benzedeira, MASA- Rebouças-PR).

⁵⁵ https://www.youtube.com/channel/UCQ_r8EqTrC0zLEFzurjK2g

Nessa entrevista, Dona Ana conta um pouco de como foi a pandemia, a dificuldade no isolamento exigido e como as benzedeiras, mesmo distantes, articularam esforços para continuar atendendo quem vinha a sua procura.

Trago ainda o relato de Dona Sebastiana benzedeira, coordenadora do MASA no município de Irati, e que mesmo em luto pela perda de seu filho mais novo, num acidente de trabalho, continuou atendendo a comunidade.

Agora com essa pandemia fiquei só um mês sem atender, devido ao luto, daí continuei atendendo porque as pessoas e tanto as crianças como os adultos têm dor. Eu continuei a benzer porque benzo de várias coisas, corto ar, susto, quebrante, bicha, e nos adultos costuro rendidura, benzo para dor de dente, o que precisar eu benzo, para ofensa de aranha, de cobra, o que precisarem eu tô lá para ajudar (Dona Sebastiana, benzedeira, MASA, 2021).

Na fala acima fica também evidente que o comunitário, o pensar a comunidade está em primeiro lugar. Pontuo nessa fala, a dimensão do cuidado que ultrapassa o meio familiar e que também precisa de um aprofundamento e um olhar para essa fala que nos diz muito⁵⁶.

Dona Agda, benzedeira, coordenadora do MASA em Rebouças, afirmou que mesmo com a pandemia em curso não parou com seus atendimentos. Mesmo contraindo o vírus, ficando em observação, tendo sequelas do vírus, não deixou de fazer suas garrafadas, suas tinturas, remédios e pomadas para quem batia na sua porta procurando auxílio.

Trabalhei durante a pandemia e não parei de benzer, sempre tava benzendo e atendendo as pessoas. Preparando remédio, fazendo garrafada, xarope, pomada, tintura, arrumando remédio para toda população que precisava. Várias pessoas que vieram atrás de remédio eu tava atendendo porque dá dó de não atender as pessoas que chegavam no portão. Só no mês de maio que não pude atender porque tava com Covid, mas continuei atendendo após junho, sorte que peguei e já tinha tomado a segunda dose. Por aqui foi muito triste a covid, foi afastadora das pessoas, uns não podia se encontrar com os outros, não podia se visitar, tinha que tá em isolamento. Aqui muito tempo nós ficamos isolados. Só podia sair para fazer uma compra e já voltar para casa. Nos atendimentos sempre usei máscara e álcool em gel. Ficamos isolados. Eu agora tô querendo voltar de novo a trabalhar com as benzedeiras, voltar a fazer as reuniões, senão vai indo que se acaba. Nesse momento da covid perdemos algumas benzedeiras, e agora eu tô meio sozinha aqui, algumas morreram e outras não tão atendendo porque tão com medo, porque são de idade e mesmo porque as famílias não querem que eles atendam para não correr perigo (Dona Agda, Benzedeira, Coordenação MASA).

⁵⁶ Dona Sebastiana perdeu seu filho num acidente de trabalho, em janeiro de 2022. Airton era pai de 4 filhos, sendo uma dela ainda bebê. Para Dona Sebastiana a perda de seu filho foi traumatizante, se manteve em luto por meses e inclusive deixou de participar dos eventos e encontros do MASA, disse que não tinha mais forças para continuar. Em sua casa após dois meses de luto voltou a atender as pessoas que vinham a sua procura e que insistentemente continuavam a procurar. Dona Sebastiana é uma benzedeira bastante procurada no Riozinho, bairro que ela mora. E seu público principal é de crianças e pessoas para costurar machucadura. Quanto ao benzimento, disse que não pode e nem vai parar, é um dom que não pode ser negado segundo ela.

Na fala de Dona Agda fica evidente o quanto o cuidado e os laços comunitários são importantes na vida dessas mulheres. Trago a tristeza que o isolamento trouxe, principalmente no quesito de estreitamento dos vínculos. Pois o vírus foi um *afastador* de pessoas. O medo generalizado do desconhecido trazido pelo vírus do Covid, como citou ela, influenciou para que muitas benzedeiras se afastassem do seu ofício. No relato observamos que mesmo sendo contaminada, assim que obteve alta, manteve seus atendimentos. Isso nos faz questionar como o cuidar do outro, está na frente do cuidar de si próprio.

Em 2022, fevereiro, tiveram a primeira participação presencial numa oficina organizada pelo Museu Paranaense em Curitiba. O Programa público “Se Enfiasse os Pés na Terra”, trouxe uma série de ações artísticas, educativas e culturais nas quais o público foi convidado a aproximar-se das múltiplas formas de vínculos entre seres humanos e seres vegetais. Foi um momento único onde as benzedeiras do Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA), representadas por Dona Agda e Dona Eva, residentes nos municípios de Rebouças e Irati (PR), e o casal curadores naturais do litoral paranaense, Cida e Gilson, compartilharam seus saberes tradicionais associados às plantas medicinais que integram a sociobiodiversidade da Floresta de Araucárias e território caiçara em dois momentos de diálogo e troca de experiências (MUPA, 2022).

FIGURA 27: Oficina “Plantas e modos de benzimento.



Fonte: Museu Paranaense, 2022.

Com o retorno à quase normalidade das ações pós-vacinação em massa, o movimento retornou o planejamento e iniciou alguns projetos que estavam parados devido à pandemia. Saiu da gaveta o 1º Encontro Estadual de Benzedeiras que já estava sendo planejado a mais de 3 anos.

1.3.2 Benzedeiras e o pós pandemia- Encontro Estadual das Mulheres das Araucárias

FIGURA 28: Card do Encontro de Benzedeiras de Irati



FONTE: MASA, 2022.

Ainda em 2022, no mês de agosto, aconteceu o I Encontro Estadual das Benzedeiras, com o tema “Práticas e Saberes das Mulheres da Floresta de Araucária”, que foi um chamado para detentoras/es de práticas tradicionais de cura, a trocar experiências e fortalecer o

movimento de reconhecimento das benzedeiras como cuidadoras da vida das pessoas e das florestas. O evento teve na sua programação rodas de conversas sobre as práticas de cura, oficinas sobre os usos de plantas medicinais, sobre algumas técnicas de cura, benzimentos e simpatias, como fazer xaropes e pomadas e debates sobre as práticas ancestrais de cura. O encontro contou com a participação de mais de 150 pessoas durante os dois dias do evento.

FIGURA 29: Encontro Estadual de Benzedeiras em Irati



Fonte: MASA, 2022.

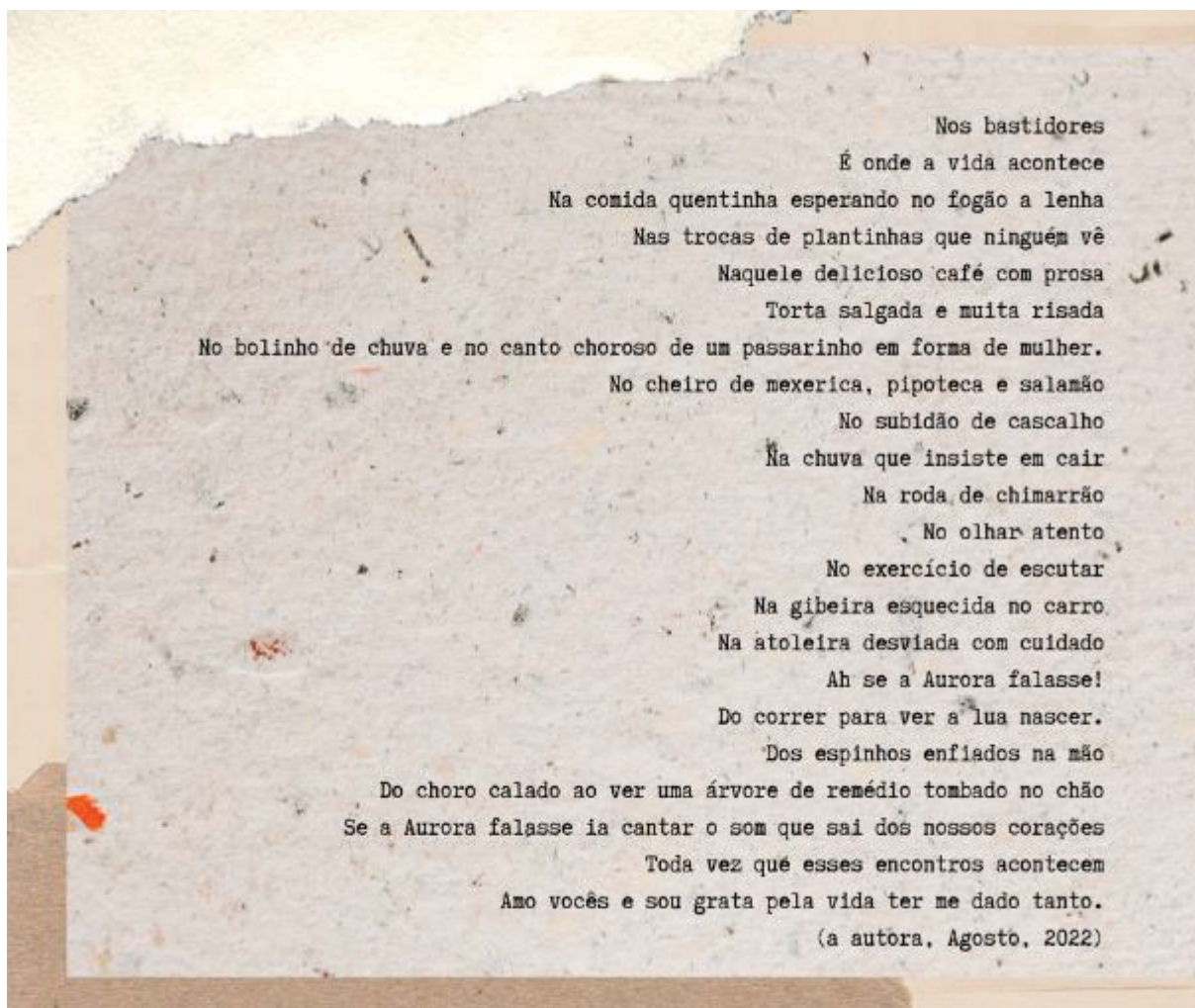
Além de oficinas de simpatias, de plantas medicinais, pomadas, garrafadas, foi possível escutar vozes de diferentes cantos, cada uma trazendo um pouco da sua história, memória e saberes. Foi um momento muito intenso de trocas, mas não poderia deixar de mencionar o importante papel do planejamento e da articulação pré-encontro para que o evento acontecesse.

Nas semanas que antecederam o evento saímos para visitar algumas comunidades rurais da região de Irati e Rebouças, onde está concentrada a base do movimento. Foram visitas com intuito de reaproximar e convidar a base do movimento que está mais distante dos centros urbanos para participar e colaborar com o encontro estadual das benzedeiras. As visitas foram sempre muito calorosas, afinal fazia tempo que não nos encontrávamos, e esse passar de casa em casa, oferecer escuta, nos faz criar e fortalecer vínculos. Em todas as visitas fomos recebidas com muita alegria, bolo, mate, além de muita prosa, não podia faltar quem oferecesse um benzimento, uma muda de planta e até troca de sementes. E mais uma vez a poesia me encontrou, no cotidiano, na pausa para um café.

FIGURA 30: Visita a benzedeadas na comunidade de Engenheiro Gutierrez Irati-PR.



Fonte; MASA, 2022.



É no cotidiano que as trocas acontecem, e no olhar atento para criança que precisa de atenção, na bênção, na oração, no fazer agroecologia é a prática que movimenta os grupos e sustenta novas formas de fazer e construir territorialidades distintas.

Acho importante trazer os encontros para discussão, pois é a principal metodologia utilizada desde 2008. Os encontros são sem dúvida a principal estratégia de resistência do movimento. São nos encontros que a gente se articula, discutimos estratégias políticas, ensinamos e aprendemos e fortalecemos o caminhar. O encontro em 2022 foi o primeiro encontro estadual organizado pelo MASA, e marca o caminhar coletivo em rede. Abrimos a casa para benzedeiros de outras regiões do estado e do país, para que viessem, compartilhassem suas práticas e conhecimentos e essa troca, o compartilhar foi extremamente rico.

Nos relatos das benzedeiros fica ainda mais explícito a importância dos encontros para o fortalecimento da luta, pois são nesses espaços, no exercício de abrir a roda e escutar, que conseguimos identificar pautas em comum, traçamos estratégias, criamos vínculos, aprendemos coisas novas e conhecemos novos lugares e coletivos.

Após esse panorama histórico dos dois movimentos e das ações realizadas pelos dois grupos para driblar a pandemia, quais as confluências dos movimentos na construção dessa saúde popular comunitária feminina?

Lembro de várias pessoas me perguntarem quando estava no processo de mestrado sobre o Movimento de Benzedeiras no Paraná e o que as diferenciava das demais benzedadeiras espalhadas por todo território brasileiro. Porque elas conquistaram leis, reconhecimento, notoriedade? E a resposta eu só encontrei quando olhei para o conjunto das ações, na criação de uma identidade coletiva, na articulação política, no caminhar em grupo e no fazer coletivo, tendo como resultado de suas ações a construção de territorialidades distintas.

Nesses mais de 15 anos do movimento social, o que vejo são grafias por onde o movimento tem caminhado. O Movimento de Benzedeiras, com suas particularidades e lutas em comum, territorializa na região centro-sul do estado do Paraná outriedades desde um pensar, fazer saúde popular comunitária e feminina. Não se trata de homogeneizar uma prática, mas sim aprender nas encruzilhadas, nos cruzos entre diversos conhecimentos e saberes, entender e traçar novas possibilidades. Enxergar potencialidades vindas da ação cotidiana nos territórios, das soluções encontradas para driblar a escassez da pandemia, mas também no olhar cotidiano do exercício de caminhar e do fazer com.

Quando mergulhamos na experiência do coletivo de saúde do MST, podemos observar através das ações das mulheres, um constante processo de resignificação do território, relacionada as práticas dessas mulheres nos territórios onde estão inseridas. Com a formação de agentes populares de saúde no campo, observamos nas ações realizadas pelo coletivo ultrapassam o problema da pandemia e abarcam o trabalho de base tão necessário e urgente nas comunidades de reforma agrária do estado. O alargamento do conceito de saúde faz com que o movimento mobilize outros temas e bandeiras de luta em conjunto, e fortaleça através das ações contínuas realizadas pelo setor os vínculos e laços comunitários desses territórios.

Quando olhamos para o cotidiano das práticas vivenciadas desde os territórios, tanto das benzedadeiras quanto das mulheres do setor de saúde do MST, nos quintais, no uso das plantas medicinais, no se fazer presente a ancestralidade através do conhecimento popular passado de geração em geração, do cultivo e uso das plantas, na maioria das vezes de forma oral e prática, o que percebemos no cotidiano das coisas, no fazer saúde com as plantas medicinais, que a luta principal dessas mulheres é a luta coletiva por uma comunidade com a centralidade na vida.

As experiências mapeadas sobre as práticas de saúde popular nos apontam caminhos para entender que existem diferentes formas de se fazer/pensar saúde, onde a saúde não é mercadoria, é um direito, que está articulado com a vida, com a harmonia da natureza, com uma

autonomia dos povos, experiências que desde um sentipensar constrói outro olhar para essas práticas construídas desde as mulheres e nos faz querer entender que perspectiva de saúde está sendo ressignificada por esses sujeitos? O que esses territórios querem nos contar? quais cercamentos impedem que o fazer reverbere em práticas de vida e encantamento? Quais são os desafios encontrados nessa construção de uma saúde popular comunitária feminina?

No próximo capítulo vamos nos aprofundar nas discussões que permeiam o ser junto, o ser em rede, o ser plural, esse SER múltiplo, diverso, heterogêneo, marcado por diferentes grafias, de um pensar e fazer saúde desde seu território e das relações, sem esquecer a pedagogia que caminha com as experiências no aprender, refazer e ressignificar processos, inclusive de aprendizado, troca e diálogo. Ser também cercado de conflitos. Vamos ampliar nossa lupa para entendermos que ambiente é esse onde o dente-de-leão nasce e se reproduz, aonde é que as sementes germinam e quais são as principais dificuldades encontradas pelas mulheres para re-existir com suas práticas de cura e cuidado desde o desencanto e encanto de uma pedagogia que conflui.

2. CONFLUIR ENTRE O DESENCANTO E O ENCANTO: DOS CERCAMENTOS DA SAÚDE POPULAR COMUNITÁRIA AOS PROCESSOS DE RESISTÊNCIA-MOVIMENTOS MASA E MST.



Ilustração: Priscila Monnerat

Nascem nas frestas deixadas nas calçadas, no jardim, onde cai sua semente, ela faz morada. Suas propriedades medicinais e energéticas são muitas, um excelente remédio para má digestão. Suas folhas, flores e raízes, são tônicas, depurativas e levemente laxantes. Na cozinha suas folhas dão uma excelente salada. Das suas flores e folhas se faz um excelente vinho e de suas raízes uma bebida que lembra o café (Bornhausen, 1991, p. 98).

Começo esse segundo capítulo, mergulhada na fronteira, no exercício de confluir (Bispo, 2023), onde tudo é e não é. Nessa busca de entender o ser mulher, benzedeira, agricultora, que se forja na luta por uma saúde popular, mergulho novamente na metáfora do dente de leão. Planta perene, considerada uma erva daninha, que nos jardins passam despercebidas, mas que fornecem um grande potencial curativo. Por serem elas resistentes e insistentes é que as uso para trabalhar a saúde desde esse olhar das frestas, da vida e do entre, do cotidiano, dos vínculos, e do afeto. Ali onde a vida insiste em ser preenchida de rodas de

chimarrão, bolo de fubá, cantos e santos, cheiros e sabores. No plantar e colher, no secar as plantas que se transformam em remédio, na checagem da bioenergia, na indicação da alimentação saudável e sem veneno, no olhar a lua e entender seus ciclos. Nesse cotidiano miúdo, do fazer sem muito dizer, apenas cantar e deixar encantar.

Não sou buscadora de feitos grandes, me impressiono mesmo com as sabenças de um povo que esquecido se inventa, cria possibilidades diárias de existir. Vejo assim como Rufino, Simas, Haddock-Lobo (2020, p. 91) a potência nas brasilidades, e uma forma de driblar realmente a lógica da escassez. Esse drible da saúde popular está no alargamento das subjetividades, nos rezos, benzeduras, nas promessas, nos cantos, nas romarias e também no fazer do chá, no macerar as plantas com cuidado, na receita para banho, tirar quebranto, para aliviar a tosse e acabar com lombriga de criança, dor de dente, e até simpatia para arrumar emprego, por que não? Mas também, no plantar com cuidado, como quem olha para terra como mãe, que alimenta e que precisa de afeto e cuidado, na relação de respeito e nos vínculos construídos desde esse fazer e desde esse SER mulher que *cuida, mulher da cura*.

A pedagogia das encruzilhadas me abre portas para aprender no miúdo, e não subestimar aquilo que julgamos pequeno. Segundo Simas e Rufino:

Vivemos num mundo em que somos assombrados pelos paradigmas de grandeza. Dessa maneira, desencantados pelos efeitos dessa obsessão, não aprendemos os segredos que encarnam no miúdo. Para contrariar essa lógica haveremos de nos apegar negando os pressupostos arrogantes de determinadas formas de ser e saber que se julgam grandes. (Simas; Rufino, 2018).

Através da lente descolonial, busco o cruzo entre distintas sabedorias, tentando encontrar possibilidades outras, pois por mais que o colonialismo tenha nos submetido ao desmantelamento cognitivo e à quebra de pertencças, e como herdeiros dos que se construiriam dos cacos, nas frestas, percebo nas andanças entre os movimentos sociais, uma confluência de saberes. Confluência, que na pedagogia das encruzilhadas está na potência que emerge das culturas de síncope⁵⁷, ou seja, no cruzamento de caminhos (Rufino; Simas, 2018, p.18).

Como entender desde o ‘SER’, e que ser? Que ser é esse que se fortalece desde os saberes, das grafias e cheiros que deixa nos territórios. Ser que se nutre do conhecimento que nasce nas frestas, baseado na experiência, na ancestralidade, no senso comum, na oralidade, no cotidiano de quem faz diariamente memória, e antes de tudo, como dialogar com esses saberes

⁵⁷ As culturas de sínopes nos fornecem condições para praticarmos estripulias que venham a rasurar a pretensa universalidade do cânone ocidental, tendo como desafio principal a transgressão do cânone, o que não significa negá-lo, mas sim encantá-lo, cruzando-o a outras perspectivas. Só são possíveis onde a vida seja percebida através da ideia de cruzamentos de caminhos (Rufino; Simas, 2018, p. 21)

tão profundos, muitas vezes místicos, que atravessam gerações. Como esse SER constrói cotidianamente uma saúde popular comunitária?

Para isso, como centro de nossas discussões mais ampliadas, o foco será analisar a construção dessa saúde que conflui desde o encanto e o desencanto. Busco nesse capítulo entender que SER se constrói desde esse lugar de confluência, dos movimentos sociais MASA e MST, da saúde popular, das práticas ancestrais de cura, de um ser mulher que protagoniza o fazer de cura, que transformam e geo-grafam os territórios.

Entendo o desencanto justamente como esse processo de cercamento, de produtor de escassez e o encanto os processos diários, as miudezas cotidianas de resistência, o dribble, as frestas. Nesse entre, de vida e morte, cor e dor, é que se constrói esse ser. Esse ser que cansado, mas nunca desanimado se fortalece, aprende com o desencanto que é professor.

No primeiro momento vou me ater às cercas que insistem em nos prender, silenciar, invisibilizar, privatizar, precificar. Já adianto que é impossível me ater a todos os conflitos que são inúmeros, mas novamente finco meus pés no chão junto aos movimentos que acompanho, para entendermos como essas cercas vão surgindo, se estabelecendo nos territórios e produzindo escassez. Acho importante salientar de novo que não farei uma comparação entre os movimentos, mas justamente trazer e evidenciar onde eles confluem. Como vencer o desencanto? Quais são esses corpos, que são impedidos de pensar de forma autônoma a saúde da sua comunidade, relacionada a seu modo de vida? Quais são as cercas que nos cercam? O que elas querem nos dizer?

Segundo Simas (2020), o projeto colonial do Brasil foi bem-sucedido, através da espoliação, da domesticação, normatização e aniquilação dos corpos, um produtor incessante de aniquilação de saberes, de tecnologias, de espiritualidade, de encantos, de beleza, de poesia, de morte e desencanto. O desencantamento diz sobre as formas de desvitalizar, desperdiçar, interromper, desviar, subordinar, silenciar, dismantelar e esquecer as dimensões do vivo, da vivacidade como esferas presentes nas mais diferentes formas que integram a biosfera. Entender o desencanto como uma política de produção de escassez e de morte implica pensar no sofrimento destinado ao que concebemos como o humano, no deslocamento e na hierarquização dessa classificação entre os outros seres.

Para entendermos os processos que criam as cercas, aciono a literatura descolonial por esta questionar padrões eurocêntricos de interpretação da realidade, tendo como uma das

principais proposições epistemológicas o questionamento à “corpo-política do conhecimento”⁵⁸ (Fanon, 1967; Anzaldúa, 1987; Grosfoguel, 2008), estratégia essa modular da modernidade. A modernidade afirmou suas teorias, seus conhecimentos e paradigmas como verdades universais, invisibilizando e silenciando os sujeitos que produzem outros conhecimentos e histórias, por afirmarem serem esses, conhecimentos particularísticos e, portanto, incapazes de alcançar a universalidade (Grosfoguel, 2008, p. 132). Na perspectiva teórica descolonial foi esse processo que constituiu a modernidade, e suas raízes estão fincadas na colonialidade. (Oliveira, 2022, p. 13).

Novamente me pergunto que verdade é essa? O colonialismo como produtor de escassez, dominação, cercamentos, terror, violência, morte, silenciamento, apagamento, racismo. O padrão colonial de poder está se reconfigurando com as novas práticas neoextrativistas do Estado, de uma ideologia massiva de militarização, desistência da natureza, em benefício do capital, trata-se de uma desistência situada e territorializada (Wash, 2019).

O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, que constitui a referida nação em um império. Diferente desta ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente (Maldonado-Torres, 2007, p. 131).

Para entendermos esse processo de descolonização da saúde vamos nos aprofundar em alguns conflitos que marcam principalmente os movimentos que acompanho, e o SER que conflui também desde as diversas formas de colonialidade. Colonialidade essa produtora de desencanto, que se faz presente no desperdício de experiências relacionadas a saúde, na descredibilização de um saber ancestral, nas diversas formas de violência que essas mulheres sofrem, em seus corpos, como o racismo religioso, epistêmico, nos cercamentos impostos pelo Estado no controle de seus ofícios, na biopirataria e através do avanço dos monocultivos em seus territórios de vida.

⁵⁸ Esta questão não tem a ver apenas com valores sociais na produção de conhecimento nem com o fato de o nosso conhecimento ser sempre parcial. O essencial aqui é o locus da enunciação, ou seja, o lugar geopolítico e corpo-político do sujeito que fala. (GROSFOGUEL, 2008, p.119).

2.1 CERCAMENTOS PRODUTORES DE ESCASSEZ: UM OLHAR PARA A SAÚDE POPULAR COMUNITÁRIA FEMININA DESDE OS MOVIMENTOS MASA E MST

Quando conheci o Movimento de Benzedadeiras eu me surpreendi com o que encontrei. Esperava que as benzedadeiras fossem aquelas que habitavam minhas memórias de infância, envoltas num cotidiano que era a casa, quintal, comunidade e religião. O olhar romantizado foi perdendo força já nos primeiros encontros. A articulação do movimento social e suas pautas de luta me desconstruíram e me colocaram num novo lugar, a que se encantou pela potência do coletivo e do fazer junto. Nos depoimentos coletados ficava sempre evidente a força que era extraída dos encontros dessa articulação em prol de uma identidade coletiva. Era fato, o coletivo tem uma potência transformadora nas relações com já vimos no capítulo anterior.

As mulheres benzedadeiras integrantes do MASA, foram se construindo no caminho. Não podemos deixar de mencionar a importância do fortalecimento das mobilizações étnicas e das lutas por direitos territoriais das quais as benzedadeiras são fruto. Trago a importância da rede para a constituição do movimento de benzedadeiras, pois ela possibilitou esse conhecimento político sobre o território e as territorialidades específicas de cada grupo, possibilitou o conhecimento dos diretos até então desconhecidos pelas benzedadeiras como características culturais singulares. A luta pela vida, pela reprodução de um modo próprio de ser e estar no mundo. E isso significa essencialmente lutar pelo direito aos usos tradicionais da terra, usos esses que não necessariamente seguem a lógica do capital (especulativa e da propriedade privada) sobre ela (Vandressen, *et al.*, 2014, p. 27).

Como já mencionamos no capítulo anterior, através da articulação política o movimento foi pioneiro na conquista de três leis municipais de reconhecimento do ofício da benzedeira e o direito ao livre acesso às plantas medicinais, mesmo estando elas em propriedade privada, e à lei que estabelece as benzedadeiras como patrimônio imaterial do estado do Paraná.

A elaboração, proposição, tramitação e aprovação de leis que formalizam e registram a participação das benzedadeiras na promoção da saúde pública e na formação da diversidade cultural é uma das principais ações coletivas de enfrentamento realizado pelo Movimento Aprendizes da Sabedoria. Tal processo envolve tanto benzedadeiras articuladas no MASA quanto apoiadores locais e estaduais que efetivamente contribuem na abertura de caminhos no legislativo, através de contatos, diálogos e produção de materiais para argumentação das leis. Sendo preponderante os sujeitos envolvidos na realização dos mapeamentos sociais como os assessores do MASA vinculados a ONGs e universidades, vereadores e deputados estaduais, assim como, os sindicatos de trabalhadores rurais e os próprios secretários do executivo municipal (Lewitzki, 2018, p. 189)

A institucionalização do ofício, é a garantia do reconhecimento e respeito assegurados em lei? Não. No cotidiano com o movimento percebi que não é um direito adquirido. O movimento continua caminhando, e mesmo passado cinco anos após a conquista da última lei municipal e da lei estadual, na prática, pouca coisa mudou. Percebemos que as leis trazem notoriedade, mas isso não significa o fim dos preconceitos, da intolerância, nem a abertura de diálogo nas prefeituras. Vivenciando o dia a dia do movimento, percebemos que as coisas não são fáceis de serem conseguidas, e mesmo diante da lei, é necessário negociação, paciência e muita articulação política.

Percebemos na fala das principais lideranças, um descontentamento na forma em que são atendidas nos órgãos da prefeitura, muitas vezes com descaso, sem o respeito necessário. São comuns as queixas das benzedadeiras do não cumprimento da lei, do não respeito as suas memórias e cultura. A luta das benzedadeiras para ter seus direitos reconhecidos é constante e diário. São lutas que exigem disposição principalmente para vencer as cercas da ignorância e do preconceito instituídas pela colonialidade, na cultura e nas intersubjetividades.

O estado moderno colonial tem uma maneira própria de compreensão do outro e de definir quem são os “outros”, não reconhecendo a diversidade como fundamento da vida, gerenciando dessa maneira, através do poder, da violência, a determinação racional das possibilidades do ser (Simas; Rufino, 2019, p. 12). O trauma causado pela colonialidade permanece nos ataques aos corpos marcados pelos traços da diferença, na edificação e um modelo de razão monológica e de um modelo de linguagem que não comunica, pois tem ânsia em silenciar. Esse projeto de silenciar a diferença é o que observamos no cotidiano da luta das mulheres dos movimentos sociais que são duplamente silenciados, invisibilizadas e descredibilizadas.

A colonialidade é a produtora também das demais cercas, vive nos manuais de aprendizagem, na academia, na cultura, no senso comum, na política, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em tantas outras coisas. A colonialidade é o resultado do colonialismo que não se limita a uma relação formal de poder entre os povos ou nações, refere-se à forma como o trabalho, o conhecimento e autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça (Maldonado-Torres, 2007, p. 131).

Para falarmos dessas cercas é necessário olharmos para uma matriz de poder que envolve, desde os corpos, as cosmovisões, e principalmente desde o cotidiano. Corroboramos com Grosfogel:

(...) colonialidade do poder é a interseccionalidade de múltiplas e heterogêneas hierarquias globais (heterarquias), de formas de dominação, exploração sexual, política, epistêmica, econômica, espiritual, linguística, e racial, em que a hierarquia étnico-racial do fosso cavado entre o europeu e o não-europeu reconfigura transversalmente as restantes estruturas globais de poder. Ou seja, a ideia de raça e racismo se torna o princípio organizador que estrutura todas as múltiplas hierarquias do sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno europeu. (Grosfogel, 2008, p. 123)

Não tenho a intenção de atravessar a história da medicina e seus silenciamentos, outras autoras já fizeram essa análise de forma mais aprofundada, cito Del Priori⁵⁹, Tânia Pimenta⁶⁰, Elda Rizzo de Oliveira⁶¹, Silvia Federici⁶², mas o que sabemos é que o Estado tem sido junto às igrejas, os agentes principais no desmantelamento, no escanteio, no silenciamento e perseguição destas práticas. A perseguição aos praticantes do ofício de cura, tem *resquício* no código penal (lei 283 de 1940 - charlatanismos⁶³), lei vigente até os dias de hoje. A tentativa de institucionalização das práticas através da “Fisicatura-mor”⁶⁴, não deixou de ser um processo cruel de silenciamento. A medicina-moderna-patriarcal-colonial-medicalizada (Andrade, 2023), como representante da verdade e da modernidade científica, junto ao estado, buscaram injetar no imaginário da população, que os médicos eram os únicos que tinham conhecimento para curar todos os males, portanto as demais práticas não passavam de crendices, e deveriam ser substituídas, e os praticantes do ofício, denunciados e presos.

⁵⁹ DEL PRIORE, MARY. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In: História das mulheres no Brasil. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

⁶⁰ PIMENTA, Tânia Salgado. Entre sangradores e doutores. Práticas e formação médica na primeira metade do século XIX. Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 59, p. 91-102, abril 2003.

⁶¹ OLIVEIRA, Elda Rizzo. O que é benzeção. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1985. OLIVEIRA, Elda Rizzo. O que é medicina popular? Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

⁶² FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017. 1 Edição no Brasil.

⁶³ Charlatanismo: Art. 283 - Inculcar ou anunciar cura por meio secreto, ou infalível: Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa. Curandeirismo Art. 284 - Exercer o curandeirismo: I - Prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância; II - Usando gestos, palavras ou qualquer outro meio; III - fazendo diagnósticos: Pena - detenção, de seis meses a dois anos. Parágrafo único - Se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito à multa. Quem receita, fornece ou aplica habitualmente qualquer substância (seja de origem vegetal, animal ou mineral) a pretexto de cura sem ter habilitação científica para tanto atenta contra a saúde pública e comete crime de curandeirismo, descrito no art. 284 do Código Penal, que prevê pena de detenção de seis meses a dois anos. Se o crime é praticado mediante algum tipo de remuneração, é aplicável ainda a pena de multa. Segundo a lei, também exerce curandeirismo quem usa gestos, palavras ou outro meio com a mesma finalidade. Comete o crime, igualmente, aquele que, não sendo médico, faz diagnósticos como se o fosse (Planalto, Governo do Brasil, 2018)..

⁶⁴ Órgão responsável por conceder autorizações, licenças, para a autorização dos terapeutas. Assim, tanto os curandeiros como os terapeutas acadêmicos - médicos e cirurgiões - e práticos - sangradores ou barbeiros, boticários e parteiras- precisavam ter autorização para atuarem. A Fisicatura-mor delimitava bem o que cada categoria podia fazer: a utilização de ervas medicinais nativas para curar doenças leves, por exemplo, era função do curandeiro; a parteira, por sua vez, só podia realizar partos; já as escarificações e a aplicações de ventosas e sanguessugas ficavam a cargo dos barbeiros e sangradores (FIOCRUZ, 2008).

Uma perseguição moderna (versão atualizada), da caça às bruxas da idade média, muito presente ainda nas falas das mulheres que exercem o ofício de benzedeira, parteiras, etc. E não por caso, essa discriminação tem cor, classe social e gênero (interseccionalidade). O racismo, o preconceito, a perseguição fizeram com que muitas dessas praticantes de saúde popular deixassem de realizar suas práticas. Pelos relatos do Movimento de Benzedeiras, o medo generalizado causado pela repressão do Estado na tentativa de higienizar e civilizar a população, perseguindo praticantes do ofício tradicional de cura, foi e ainda é, um dos motivos para que essas mulheres, que praticam este ofício, sejam silenciadas (Andrade, 2019).

Resgatar o mapeamento da introdução nos faz entender que essas práticas de cura, não são isoladas, sem conexão e não estão apenas resistindo. Elas sempre existiram, mas foram demonizadas, perseguidas, banalizadas como se fossem insuficientes mediante todo avanço moderno científico da humanidade. Tentaram classificá-las, excluídas como apenas credence de um povo, mas não imaginaram que sobreviveriam graças à memória, a oralidade, principalmente ao cotidiano miúdo, ali onde a vida realmente acontece nas miudezas. São atos cristalizados em hábitos, costumes e tradições, praticadas na esfera familiar, na casa de nossos amigos, na nossa comunidade (Oliveira, 1985, p. 8). Segundo a antropóloga Elda Rizzo Oliveira:

A medicina popular é uma prática de cura que oferece respostas concretas aos problemas de doenças e sofrimentos vividos no dia-a-dia. Ela aproxima e fortalece as relações sociais entre as pessoas, já que pressupõe ajuda e solidariedade. Além disso, ela é uma medicina barata, próxima e acessível. (Oliveira, 1985, p. 18)

As práticas devem ser entendidas como um processo histórico vivo e atual e permanentemente atualizado. São práticas fecundas e dinâmicas e constantemente inventadas e reinventadas (Oliveira, 1985, p. 18). Corroboro com a autora que traz a saúde popular para o cotidiano, pois é ali que ela acontece e é dali que vamos escutá-la.

Tentando romper com algumas “certezas”, de que as práticas de saúde popular são apenas resistência política; utilizada apenas pela população pobre, iletrada e do interior do país; que só se firma onde a medicina-moderna-patriarcal-colonial-medicalizada não deu conta de estar; resquícios de um passado longínquo, ou seja, residual. Com isso, corroboro com Elda Rizzo de Oliveira ao afirmar que as perspectivas de análise sobre a saúde popular são neutras e ingênuas, não conseguem mostrar como as pessoas conquistam e preservam cada vez mais uma relativa autonomia sobre sua saúde e a possibilidade de uma relação pessoal e humana de cura.

As práticas populares de cura são a materialização da saúde popular. Estão enraizadas à nossa cultura, na fé, na identidade do povo com determinadas práticas e a eficácia dessas

práticas, além de serem consideradas também parte de um processo histórico comum a sociedade brasileira como um todo (Oliveira, 1985, p. 10).

Num processo de desencante, o conflito pode ser o caminho para o fim e o encanto para vários começos. Fato! Desde esse lugar de escuta, que proponho também a analisar sobre os processos de luta e as cercas que atravessam o caminhar do setor de saúde do MST.

Aos poucos, com a inserção na CPP do curso de agentes populares de saúde, fui me aproximando ainda mais das discussões do coletivo nas áreas de assentamento, nas áreas de ocupação urbana e nas frentes de luta do movimento. No que diz respeito ao coletivo de saúde do MST, podemos enumerar e trazer alguns dos principais conflitos que convergem no sentido amplo que o coletivo abarca. A primeira delas é a luta pelo acesso ao SUS e as políticas públicas de saúde que atendam a população em áreas de reforma agrária.

O meio rural, de onde essas mulheres falam, sofre com a precarização dos serviços médicos, com a distância das unidades de saúde e a falta de médicos, deixando claro que os povos do campo e da floresta e das águas não são prioritários, e estão, na verdade, no projeto de precarização, esquecimento, expulsão e expropriação instituído pelo Estado. O Estado que exerce através da negação do acesso uma das mais cruéis faces do colonialismo, a colonialidade do poder, exercendo o racismo estrutural e institucional, já que apesar de pouco mencionado, o agrário brasileiro é racializado, ou seja, a dimensão racial é um componente crucial da problemática agrária brasileira e também paranaense (Barbosa, 2022).

Podemos citar aqui o caso já exposto no primeiro capítulo, da sala liberada dentro da unidade básica de saúde (UBS) no assentamento Contestado na Lapa PR, para realização de práticas de saúde popular como a bioenergia. Nesse caso especificamente o acordo é feito de boca a boca, ou seja, as terapias não estão na lista de práticas integrativas do SUS, o atendimento é feito de forma voluntária com custo zero ou baixo, não existe um contrato de prestação de serviços com a prefeitura nem com o Estado, trata-se de um ganho para o coletivo de saúde local, mas não é um direito adquirido, apenas a concessão de uso que pode se perder com as mudanças de prefeito ou interesses políticos.

Vale lembrar a morosidade⁶⁵ com que se deu a evolução das políticas de saúde para o campo no Brasil. Elas sempre estiveram associadas à modernização do campo e sua ocupação territorial e eram predominantemente voltadas aos interesses econômicos ligados à garantia de

⁶⁵ Mesmo sendo um direito de todos os trabalhadores brasileiros previsto na Constituição Federal de 1934, o direito à previdência social a população do campo só teve acesso a essa proteção em 1970. (Delgado, 2002, apud Carneiro, 2007).

mão-de-obra para a exploração dos recursos naturais ou para apaziguar os ânimos dos movimentos sociais do campo - como ocorreu com as Ligas Camponesas⁶⁶ e a consequente criação do FUNRURAL (Carneiro, 2007).

Um importante lugar de escuta dos movimentos foi e ainda são as Conferências Nacionais de Saúde, onde através dos debates realizados é possível levantar as demandas relacionadas à questão da saúde dos povos do campo e onde a participação da sociedade se mostra mais efetiva, como o caso da reforma sanitária⁶⁷ e da criação do SUS, além de mudanças estruturais na constituição federal de 1988.

Nos relatos históricos da década de 90 relacionados à implantação de políticas públicas de acesso à saúde notamos a participação de vários movimentos sociais e inclusive do MST, que ganhou um protagonismo mais evidente a partir da 12ª Conferência Nacional de Saúde, estreitando inclusive as relações com o Ministério da Saúde. Em 2003, o ministério identificou a necessidade de construção de uma política de saúde para o campo e a estruturação de um grupo para conduzir esse processo e atender as demandas dos movimentos sociais (Carneiro, 2007). A formalização desse processo se deu por meio da Portaria nº 719, de 14 de abril de 2004, do Ministro da Saúde, que criou o Grupo da Terra.⁶⁸

Nota-se que os avanços relacionados a políticas públicas de saúde para o campo ocorreram nos períodos históricos em que os trabalhadores rurais estavam articulados, como o caso na década de 1960, o FUNRURAL; na década de 1980, o PIASS e, no ano de 2004, o Grupo da Terra. Com a criação desse grupo, pela primeira vez, o “público alvo” da política de saúde para o campo começou a participar diretamente do processo de sua construção. Em 2011

⁶⁶ Precisou-se para isso criar grupos de pressão e articulação política, que só começou a mudar na década de 1950 com a gradativa mobilização dos sindicatos rurais e as ligas camponesas que em suas pautas de luta reivindicavam a reforma agrária e a extensão das políticas trabalhistas e sociais. A Igreja Católica contribuiu nesse movimento. Apesar de a primeira vista paradoxal, o regime militar brasileiro, conservador e autoritário foi o responsável pela expansão da cobertura previdenciária ao setor rural, como estratégia para mecanização, quimificação e expansão das grandes propriedades com interesse na produção de commodities para exportação visando não ter perturbações sociais no campo.

⁶⁷ Na origem desse movimento, estavam profissionais de saúde, muitos ligados ao Partido Comunista Brasileiro, que, a partir de um referencial médico-social e por meio de práticas políticas, ideológicas e teóricas, buscaram transformar o setor saúde no Brasil, também ocupando postos chave no aparelho de Estado. Ou seja, passaram a utilizar os espaços institucionais como locus da construção contra-hegemônica (Scorel, 1998)

⁶⁸ O Grupo Terra contava com a participação de várias áreas técnicas do Ministério como a Secretaria Executiva, Atenção à Saúde, Vigilância em Saúde, Ciência Tecnologia e Insumos Estratégicos, Gestão do Trabalho e Educação na Saúde, Gestão Participativa; e órgãos vinculados como ANVISA, FUNASA e FIOCRUZ. Em relação à sociedade, participavam CONASS, CONASEMS e os movimentos sociais do campo: MST, CONTAG, Movimento das Mulheres Camponesas, Comissão Pastoral da Terra, com a agregação posterior dos representantes dos Quilombolas e Seringueiros por meio da Portaria nº 2460, de 12 de dezembro de 2005 (Brasil, 2005).

é criada a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta (PNSIPCF⁶⁹).

Com base no levantamento histórico feito por Carneiro (2007) podemos concluir que apesar de vários projetos elaborados pelo estado com o intuito de atender a população do campo, os projetos sempre foram verticalizados de cima para baixo sem a participação e discussão com a sociedade.

Historicamente, nunca houve uma política de atenção à saúde dos camponeses. O próprio SUS não está voltado para o campo, não existe uma linha na Lei do SUS que mencione a atenção à população rural. Hoje já começa a haver uma discussão sobre isso, mas muito retraída. E o MST, nesses 20 anos de luta, vem levantando essa bandeira, assim como levanta a bandeira da educação do campo e outras questões que aparentemente não estão ligadas à reforma agrária. Essas questões vão surgindo à medida que a luta vai desvendando outras lutas e que não são só dos camponeses, mas do povo brasileiro. Por isso, nos colocamos no cenário da disputa política, seja no campo da saúde, da educação, da comunicação, da cultura, da agroecologia (Carneiro, 2007).

A Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta (PNSIPCF) data de 2011, sabemos o contexto em que foi elaborada, com participação efetiva da sociedade e dos movimentos sociais, que tem buscado gestar a política em diferentes âmbitos, o que por si só já se trata de um grande avanço, uma vez que as políticas anteriores foram elaborados por técnicos e teve pouquíssima participação da sociedade, mas entendemos que na atual conjuntura após seis anos de desmantelamento estatal, direitos negados e usurpados pelo governo de direita, é hora de recuperarmos as ações.

No caso do MASA, os marcos legais que as amparam correspondem principalmente à identidade benzedeira a participação do movimento na luta dos povos e comunidades tradicionais do Paraná. A construção de políticas públicas voltadas para o acesso da medicina alternativa e complementar nos serviços públicos de saúde tem sido constantemente reforçada pela OMS como um importante avanço para garantir o uso seguro, a eficácia e a qualidade dessas práticas e sistemas terapêuticos. Esta é apenas uma das facetas do processo de validação

⁶⁹ Instituída pela Portaria nº 2.866, de 2 de dezembro de 2011, e pactuada pela Comissão de Intergestores Tripartite (CIT), conforme Resolução nº 3, do dia 6 de dezembro de 2011, que orienta o seu Plano. Objetivo da política é melhorar o nível de saúde das populações do campo e da floresta, por meio de ações e iniciativas que reconheçam as especificidades de gênero, de geração, de raça/cor, de etnia e de orientação sexual. Através do acesso aos serviços de saúde, a redução e riscos à saúde decorrentes dos processos de trabalho e das inovações tecnológicas e agrícolas; e a melhoria dos indicadores de saúde e da sua qualidade de vida (Ministério da Saúde, 2013).

e legitimação desses recursos terapêuticos, que perpassa por diversos desafios uma vez que sua institucionalização⁷⁰ é validada pela medicina-moderna-patriarcal-medicalizada.

Como já discutimos anteriormente (na dissertação de mestrado), apesar de todo o aparato jurídico de reconhecimento no campo da saúde, ainda existe uma barreira que nunca foi ultrapassada. Ofício de benzer não está na lista⁷¹ das práticas integrativas de saúde, apesar das leis de reconhecimento e a garantia ao acesso aos hospitais, caso sejam solicitadas, as benzedeiras relatam que o acesso é inviabilizado.

O que podemos afirmar nesses mais de 8 anos acompanhando o movimento, é que a institucionalização do ofício de benzedeira dá o reconhecimento e o aparato jurídico de proteção, mas não a garantia dos direitos adquiridos. Existe uma visão preconceituosa que precisa ser derrubada, uma estigmatização do saber do ofício como inferior.

As benzedeiras não estão nesse campo de disputa. Não negam a ciência e todo o conhecimento médico e científico. Elas vão ao médico regularmente, fazem seus tratamentos, indicam o médico aos seus consulentes também. O saber das benzedeiras não está pautado nas métricas do Sistema de Saúde, e das políticas do estado.

Sempre me questionei o porquê de não ser uma demanda do movimento, a inclusão do ofício de benzer como uma prática integrativa na política pública do SUS. Me questionei algumas vezes o porquê as práticas tradicionais de cura brasileiras não estão inclusas na lista? Porque temos práticas relacionadas à medicina chinesa, japonesa, indiana e não incluímos nenhuma prática relacionada a nossa cultura, ao povo quilombola, indígena, camponês?

(...) a maneira como está posta a abertura estatal para o acoplamento de terapias em sua maioria de matriz não ocidentais, antes de estabelecer uma postura decolonial e reconhecedora dos saberes não eurocentrados, fortalece a hipótese inicial: ao oficializar as chamadas terapias milenares orientais, por que não se estabelece o

⁷⁰ a institucionalização e a validação de práticas e saberes dependem, ou de sua filiação à ciência biomédica, ou de um contexto social peculiar que legitime e dê status a esses saberes e práticas e, consequentemente, relativize as exigências de validação. Ou, ainda, de uma associação desses dois modos de validação. No primeiro caso, podemos citar o exemplo da legitimação da acupuntura enquanto uma especialidade médica, a partir das pesquisas científicas sobre seus mecanismos de ação, bem como ensaios clínicos. No segundo caso podemos citar o exemplo da legitimação da homeopatia que, apesar das inúmeras pesquisas que alimentam uma visão negativa e cética da homeopatia, sua legitimação social deve-se, em partes, por sua grande capilaridade entre diferentes extratos sociais da população. Vale ressaltar que a homeopatia também se constitui enquanto especialidade médica (Ruckert, 2012).

⁷¹ Homeopatia, Medicina Tradicional Chinesa/Acupuntura, Plantas Medicinais e Fitoterapia, Medicina Antroposófica e Termalismo Social/Crenoterapia. Em 2017, 14 novas práticas e sistemas terapêuticos passaram fazer parte do escopo da PNPIC. São elas: Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga. No ano de 2018, houve ampliação de mais 10 práticas e sistemas terapêuticos no escopo da PNPIC, passando a incluir: Apiterapia, Aromaterapia, Bioenergética, Constelação Familiar, Cromoterapia, Geoterapia, Hipnoterapia, Imposição de Mãos, Ozonioterapia e Terapia de Florais. No total, 29 práticas e sistemas terapêuticos integram a PNPIC atualmente (Ruckert, 2018 p. 61)

mesmo diante das práticas de benzedeiras e parteiras? Que tipo de acolhimento ao saber essa Política Nacional estabelece com esses conhecimentos? (Lima Junior, 2017, p.4).

Não estou sozinha nessa indagação. Segundo Lima Junior (2017, p.7) podemos perceber que a postura do estado é de descredibilização da pluriversidade do pensamento, pois, reconhece a validade de tais práticas, mas não as autoriza sem antes criar um rito de passagem, um “boas vindas” ao *status quo* do cuidado.

Depois de muita caminhada nesse chão que elas pisam, participando de ciclos de debates, com outros grupos que fazem práticas diferentes de cura, percebi que nunca foi e atualmente não é uma demanda do Movimento MASA, colocar o benzimento na lista de práticas integrativas do SUS⁷², pois a métrica do SUS, dos atendimentos médicos não condiz com o cotidiano e com as práticas relacionadas ao ofício de benzedeira. O benzer está antes de tudo atrelado a um território, não é uma simples profissão ou trabalho, ele tem um sentido afetivo, vínculos com a terra, com o fazer e ouvir, com a espiritualidade, com outros formatos de tempo e literalmente não cabe numa sala do postinho. São atendimentos baseados na troca, nos vínculos afetivos com o lugar, com a comunidade, na confiança depositada a quem benze, impossível encaixotar numa sala tudo isso.

De modo especial, ao tratar de práticas de cuidado em saúde no campo, precisamos levar em consideração como se constituem os vínculos territoriais nos quais transitam saberes, culturas, memórias, relações sociais, políticas, com a natureza, com a saúde pública, dentre outros aspectos. É de extrema importância no planejamento de ações e políticas públicas de saúde reconhecer as diferentes práticas ancestrais de cura que já estão enraizadas nesses territórios, e dialogar com elas, validá-las, instigando o reconhecimento dessas práticas nas ações educativas em saúde. A perspectiva Freiriana de educação popular e saúde permanece atual, nessas construções, buscando a dialogia pautada no reconhecimento dos diferentes saberes e validação das práticas populares, em uma dimensão conscientizadora e potencializadora de ampliação de leituras de mundo.

Por esse motivo, o MST levanta a bandeira de articulação e formação política de seus integrantes, pois enxergam no conhecimento a possibilidade de libertação, e não podia ser diferente com as mulheres que protagonizam o coletivo de saúde. Elas se constroem, ressignificam-se através do conhecimento de seus direitos, e desde então buscam o acesso a

⁷² Afirmo aqui que trata-se de um lugar específico e situado que é o movimento de benzedeiras do Paraná, a afirmação só diz respeito a essa organização, uma vez que não pesquisei mulheres benzedeiras que estão fora do movimento para afirmar de forma que expresse a totalidade das benzaedeiras nessa demanda das PICS.

programas e políticas públicas que atendam suas demandas, ocupando também diferentes espaços públicos, se inserindo nos conselhos municipais de saúde, participando ativamente na construção e inclusão de seus direitos básicos como terra, saúde e educação.

Corroboro com Mendonça (2019) um ponto importante de ser analisado nesta dimensão política, é que as populações tradicionais, movimentos sociais e demais grupos marginalizados dos serviços básicos são historicamente negados ao sistema de saúde, e por isso também, precisam resgatar, preservar e reproduzir seus saberes, uma vez que esses conhecimentos, intimamente ligados à sua cultura, são os mais próximos do que lhes confere cura.

Para além dos cercamentos impostos pelo estado, através das barreiras relacionadas a negação de um serviço básico e a possibilidade de continuar com o ofício de cura através da medicina popular, vamos adentrar nos conflitos que estão no cotidiano da luta das mulheres do MASA e do Setor de Saúde do MST.

Os conflitos vivenciados pelo movimento das benzedeiras já foram evidenciados em oficinas, cartografias sociais⁷³ e nos processos de pesquisa. Como pesquisadora integrante da equipe que estava fazendo o mapeamento social do município de Irati em 2016, pude ouvir e presenciar vários dos conflitos apontados, e outros que não apareciam, mas estavam implícitos nas conversas despretensiosas em frente ao fogão. Era ali que aparecia o machismo, o desrespeito familiar, o racismo e a intolerância religiosa, a intoxicação por agrotóxicos, o envenenamento de nascentes e consequentemente das águas, a observação da escassez, quando não, a extinção de algumas espécies de plantas que eram abundantes e retiradas da mata para usar como remédio para vários dos males que afligem a comunidade e que hoje já não se encontra com tanta facilidade.

Vivenciando com o setor de saúde do MST, pude observar nas falas pelas companheiras, nas oficinas, cursos e encontros realizados, que os conflitos estão relacionados à falta de incentivo e valorização do trabalho comunitário dentro e fora dos assentamentos. Percebe-se ainda negação de acesso ao serviço básico de saúde pelas instituições públicas. Nas vezes que estive com o movimento no coletivo de saúde pude observar que muitas enfermidades estão relacionadas ao descaso público, mas também ao uso de agrotóxico, a contaminação de alimentos e a água.

⁷³ MASA (Org.). Boletim informativo Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil conhecimentos tradicionais e mobilizações políticas: o direito de afirmação da identidade de benzedeiras e benzedores, municípios de Rebouças e São João do Triunfo. Paraná. n. 1. Manaus: Editora da Universidade Estadual do Amazonas, 2012a.

Relembrando o gráfico 04, do relatório da Agroecologia em Rede na introdução da tese, sobre as principais denúncias e ameaças enfrentadas pelas práticas mapeadas, 40% era relacionada ao uso de agrotóxicos, da contaminação de plantas, do solo, água e da utilização de transgênicos. Ou seja, os principais conflitos relacionados às práticas de saúde popular e experiências com plantas medicinais no Brasil, estão relacionados à maneira de ser e existir dessas mulheres e seus territórios, o ataque aos bens comuns, natureza (uso de agrotóxicos, contaminação, poluição, desmatamento) e a violência sofrida pelos corpos como racismo, intolerância, desvalorização. Somam-se a eles a expansão do agronegócio, a biopirataria, a extinção de espécies, o extrativismo predatório e a falta de investimento público. Os principais agentes que estão na arena dos conflitos são as instituições representadas pelo estado, às igrejas de uma forma geral, a medicina institucionalizada e as indústrias farmacêuticas.

Importante trazer a memória desses dados, pois apesar de o gráfico representar o todo das experiências mapeadas, quando focamos a escala para as experiências do MASA e MST, os conflitos e cercamentos que aparecem referem-se aos mesmos relatados em diferentes territórios, com a diferença de ordem apenas.

FIGURA 31: Desenhando o processo de desencanto



Elaborado pela autora, 2023.

Na sistematização acima estão os principais conflitos vivenciados tanto pelo coletivo de mulheres do MST como o Movimento de Benzedeiras, e como podemos notar, se repetem nas

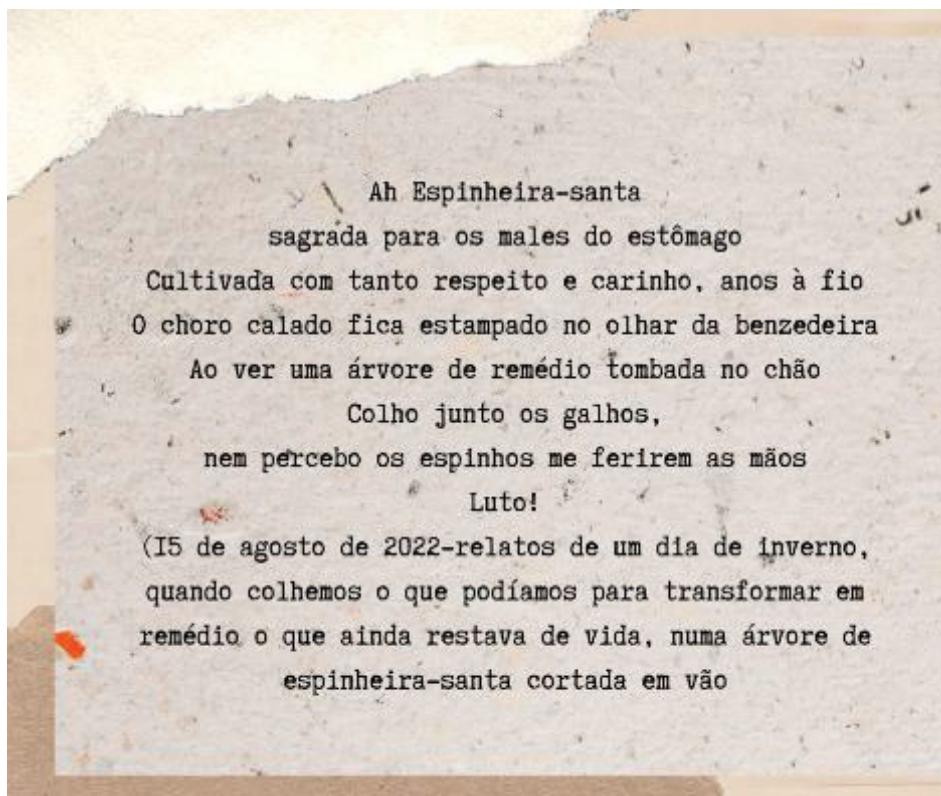
experiências outras, levantadas para os mapas de práticas construídos. Perante a complexidade dos conflitos nos cabe nos questionar. Como resistir perante as desistências atuais?

Nesse primeiro momento quis trazer as principais disputas em que os dois movimentos estão envolvidos, pensando numa luta por direitos básicos, de reconhecimento de uma identidade, e do direito ao acesso à saúde pública, tão caro para esses movimentos. Mas como já disse, são para as coisas cotidianas que meu olhar se “alumeia” e aqui não poderia ser diferente. Nesse segundo momento mergulho para os territórios de onde essas mulheres falam e as relações que estão intrínsecas com a natureza e que é pouco debatido. Notamos que assim como as benzedadeiras, as camponesas do MST têm uma relação de respeito e afeto à terra, à natureza. Essa relação, ela é o agente transformador de território. É responsável por criar vínculos, grafar multiterritorialidade desde esse cuidar.

Como vimos esse “Ser” vai se construindo como sujeito político de direitos desde o desencanto, mas também desde o cotidiano miúdo, nos quintais, no lote, nos assentamentos, comunidades e nos espaços de encontros do MASA e dos coletivos de saúde do MST presentes em cada território.

Não será possível adentrarmos em todos os conflitos mencionados pelas mulheres que caminho ao lado, mas especificamente focaremos em alguns que atravessam os dois movimentos, de diferentes formas e tem sido protagonistas do cenário de luta dos povos do campo e estão relacionados à maneira de ser e existir dessas mulheres em seus territórios, que são os conflitos relacionados aos bens comuns da natureza (uso de agrotóxicos, contaminação, poluição, desmatamento, poluição das águas, da terra e das matas; e à desvalorização dos saberes).

2.1.1 Cercamentos da saúde popular comunitária ocasionados pelo desmatamento e pelo uso de agrotóxicos



A foto abaixo, foi um dos registros que fiz quando fui visitar Dona Agda, coordenadora do Movimento de Benzedeiras do município de Rebouças. Enquanto conversávamos na sala, ela ouviu um barulho de serra elétrica e ficou num estado de alerta, que perdurou até o almoço. Quando fui me despedir no portão ela avistou a árvore de espinheira santa caída no chão. Então me disse: “Bem que senti naquela hora que algo não estava certo.” Fato! Tinham cortado o pé de espinheira santa que ela cultivava há mais de 10 anos. O semblante era de tristeza, só pensei: -Puxa quanto remédio no chão. Enquanto eu ficava ali olhando pros galhos caídos, ela correu e trouxe logo um balaio, sacolas, para colher as folhas que virariam remédio logo mais. Fui inundada por esse sentimento de dor, e ao mesmo tempo de conforto pois sabia que aquela árvore não teria perdido a vida em vão. Naquele momento senti a sua dor e entendi sua ligação com as plantas e seu amor por elas. Não se trata apenas de um objeto que pode ser substituído, para as benzedeiras as plantas são irmãs, entes da família, por isso a apreço, o amor o respeito e o zelo

FIGURA 32: Árvore de espinheira santa caída no chão



FOTO: A autora, 2022.

Nessa caminhada, tentando entender sobre a dificuldade das mulheres que trabalham com práticas de saúde popular comunitária de encontrar algumas espécies antes tão abundantes na natureza recolhi alguns relatos que explicam esse cercamento desde esse lugar que elas estão inseridas:

Segundo Dona Agda:

Os remédios do mato estão ficando custoso de encontrar devido os venenos, vários remédios que não existe por aqui eu vou lá onde eu morava que lá existem alguns terrenos que não tem veneno sempre eu trago de lá. A carova, o pau de Andrade, o sassafrás, e outros remédios como o milome, a camomila do mato. Eu trago de lá, a espinheira-santa. Ah, por sorte ela brotou aqui de novo, mas sempre vou buscar, e se acaba eu sempre vou lá fazer uma carregação de remédio. Só porque agora que terminou os ônibus de lá, não tem motorista, tenho encomendado das vizinhas que moram lá para me trazerem, mas elas trazem muito pouco.

O relato acima reflete um problema que está cada vez mais recorrente no dia a dia das benzedeiras. As plantas usadas para fazer seus remédios caseiros, pomadas, tinturas, emplastros estão cada vez mais “custosas” de encontrar e segundo a benzedeira, por causa do uso de agrotóxicos nas plantações e também devido à expansão desenfreada do agronegócio na região.

Dona Eva, benzedeira moradora da comunidade de Pirapó em Irati, também faz um relato sobre a dificuldade de encontrar plantas nativas e o uso de agrotóxico:

É difícil encontrar um remédio um pouco mais nativo, porque os que eu tenho aqui no meu pedacinho de chão, no meu sítio eu tô protegendo. Às vezes quando meu filho quer passar veneno na beira da cerca eu já falo com ele para não passar por causa dos meus remédios, mas quando a gente precisa de casca de aroeira ou outra coisa já não encontra mais, já não tá muito mais fácil de encontrar igual antigamente. Aqui onde eu moro tem plantação de soja e fumo e tanto um como outro é usado muito agrotóxico e com a enxurrada sempre acaba indo pro rio. O rio daqui que tinha até cachoeirinha já tá só um corredorzinho de água e tá poluído. As pessoas aqui usam veneno sem dó, nas lavouras e sem dó.

Dona Eva é uma benzedeira que tem um cultivo grande de plantas medicinais, tem uma produção agroecológica e é uma grande defensora e guardiã de sementes crioulas. No seu relato, podemos observar que o avanço do agronegócio e o uso de agrotóxico geram impactos diretos e indiretos no seu modo de vida e nas suas territorialidades específicas.

O Brasil tá em primeiro lugar em usar veneno, não é só na minha comunidade, é em todo o lugar, veneno que já é proibido nos outros países, mas aqui tá liberado. O rand-up que com dois dias de passado mata todo o mato, imagina isso indo parar no nosso estômago o estrago que faz. Um feijão que foi matado para ser colhido e a gente o usa para comer. Tem o 3D que o pessoal passa na batatinha. Nisso o solo tá contaminado, o mar tá contaminado, a terra também. Para fazer emplasto de argila tem que saber de onde tirar a terra. Aí me pergunto, como que faz remédio com argila hoje, sem saber de onde vem essa argila?

Resgatei também um relato de um dos fascículos de cartografia social de 2007, onde os esses conflitos já eram mencionados:

Sobre os remédios, está difícil ter um remédio, porque dá muita peste, por causa dos venenos em roda, principalmente lá na minha morada, lá tem esse tipo de coisa, tens uns remédios que vai até uns cinco, seis meses, depois morrem tudo, com certeza o veneno que não está deixando. Esse ano deu muito transgênico. Nós moramos dentro, no meio do veneno. O grandão lá tão drenando todas as águas. Lá muito remédio não vai por causa dos venenos, dá peste, dá uma muchadeira, lá você não sabe o que está acontecendo quando vê, de um dia para outro. Salvinha é um deles, de uma hora para outra dá uma muchadeira e desaparece se você não cuida. (Benzedeira Dona Marli Teresinha Scorsin, Rebouças, 2007- Fascículo 01- Faxinalenses: Fé, Conhecimentos Tradicionais e práticas de cura).

Trago também os relatos das integrantes do Setor de Saúde do MST. Abaixo o de Dona Maria, Assentada no Contestado, município da Lapa-PR representante do Coletivo de Saúde do assentamento e também produtora agroecológica.

Temos muitas dificuldades, e uma delas é o agrotóxico, que está na água, no vento, nas plantas, na comida que comemos. E outra dificuldade de encontrar é uma variedade grande de árvores, cascas de cataia, angico vermelho. A soilta e o cedro ainda é mais fácil, porque a gente planta, mas as cascas e as árvores nativas estão muito desaparecidas, as mais baixinhas nativas também não encontra mais. As nativas só o que a gente tem plantado, a espinheira-santa só o que a gente planta, mas o cipó-milome, cipó-cravo, escarra, cipó-sumo, as nativas não tá existindo mais, e quando tem, tá muito distante e estamos como muita dificuldade de encontrar, a quina, ipê, casca de pau de andrade, tá muito difícil quase extinta, nós precisamos fazer uma parceria com as universidades para fazer o plantio dessas árvores nas áreas de agrofloresta, nos espaços pensando para deixar uma mata perto de casa. Tem canela

do reino que não temos mais, e que dá perto das nascentes. O imbu que está extinto muito anos que não vejo mais e uma planta comum, lembro no terreno dos meus pais ter muito imbu, hoje não vejo nem para remédio.

Na fala de Serla do assentamento Guanabara, Imbau-PR, dirigente do Setor de Saúde no Paraná e também produtora agroecológica:

Percebemos que devido ao uso e cultivo de plantação com o agrotóxico algumas plantas começam a desaparecer como o caso do dente de leão, da serralha, do almeirão do mato, rico em proteínas. Aonde tem cultivo com agrotóxico não sai, aonde é cultivado agroecologia e plantação orgânica tem uma diversidade linda de plantas. Outra coisa são as árvores mais nativas que nós temos e se não cuidar vão derrubando e se perdendo tudo. Outra planta que temos dificuldade é o cipó-milome é difícil fazer uma muda dele, uma planta nativa ela não pega em qualquer lugar, e tá cada vez mais difícil de achar, para encontrar ele hoje tem que adentrar no mato mesmo. Nós temos que olhar para isso, orientar que são plantas que são nativas e depende do mato para sobreviver, é muito importante saber olhar isso e cuidar com carinho.

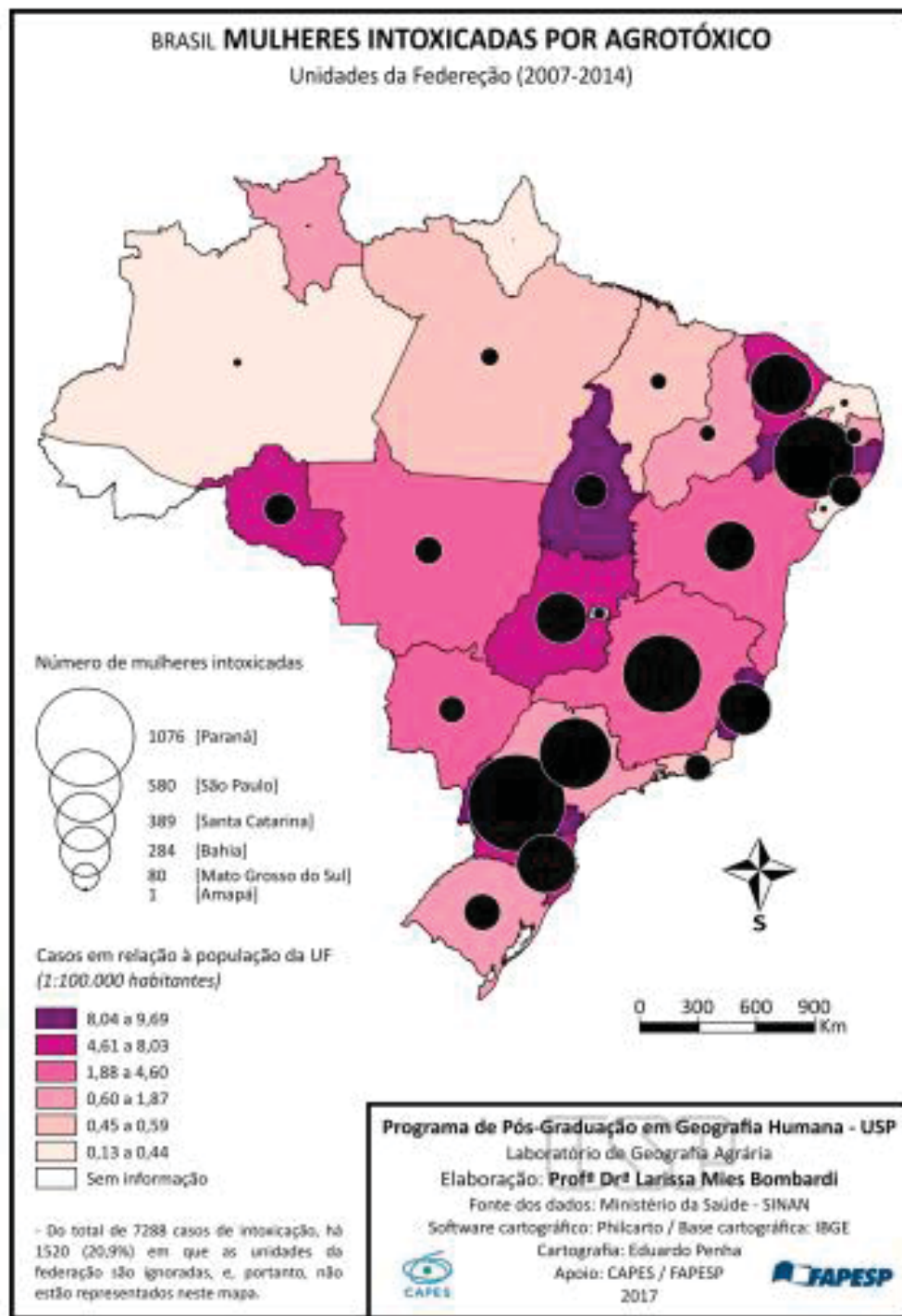
Tanto na fala de Dona Maria como da Serla, o agrotóxico e o desmatamento também são apontados como principais cercamentos enfrentados. Notamos que as falas de ambos movimentos confluem na dificuldade crescente de encontrar algumas espécies de plantas que antes tinha em abundância, e os danos relacionados ao uso intensivo de agrotóxicos, que reflete diretamente no cotidiano dessas mulheres e nas práticas relacionadas a saúde.

Sabemos que o Brasil é o maior consumidor de agrotóxico do mundo⁷⁴, e não temos como deixar de mencionar esse impacto na vida das mulheres que cuidam da vida, os males a saúde são inquestionáveis⁷⁵, e o efeito é devastador nos ecossistemas e da biodiversidade, comprometendo de forma irreversível as práticas sustentáveis, agroecológicas e a vida. Abaixo, o mapa 03 temos a quantidade de mulheres intoxicadas por agrotóxicos no Brasil.

⁷⁴ Segundo atlas dos agrotóxicos, ABRASCO de 2023.

⁷⁵ Há também um recorte de gênero nestas intoxicações, posto que as mulheres têm sofrido em seus próprios corpos os desdobramentos delas: seja por resíduos de agrotóxicos encontrados no leite materno, seja pelos casos de abortos em função da exposição aos agrotóxicos, seja ainda por gerarem bebês com malformação fetal e/ou que apresentam puberdade precoce nos primeiros anos de vida. No período de 2010 a 2019, 293 gestantes foram intoxicadas por agrotóxicos no Brasil. Temos, portanto, um quadro grave de impacto sobre a saúde das mulheres e, ao mesmo tempo, um ataque à infância, já que a ameaça à vida das crianças começa antes mesmo que elas nasçam (ATLAS DOS AGROTOXICOS, 2023).

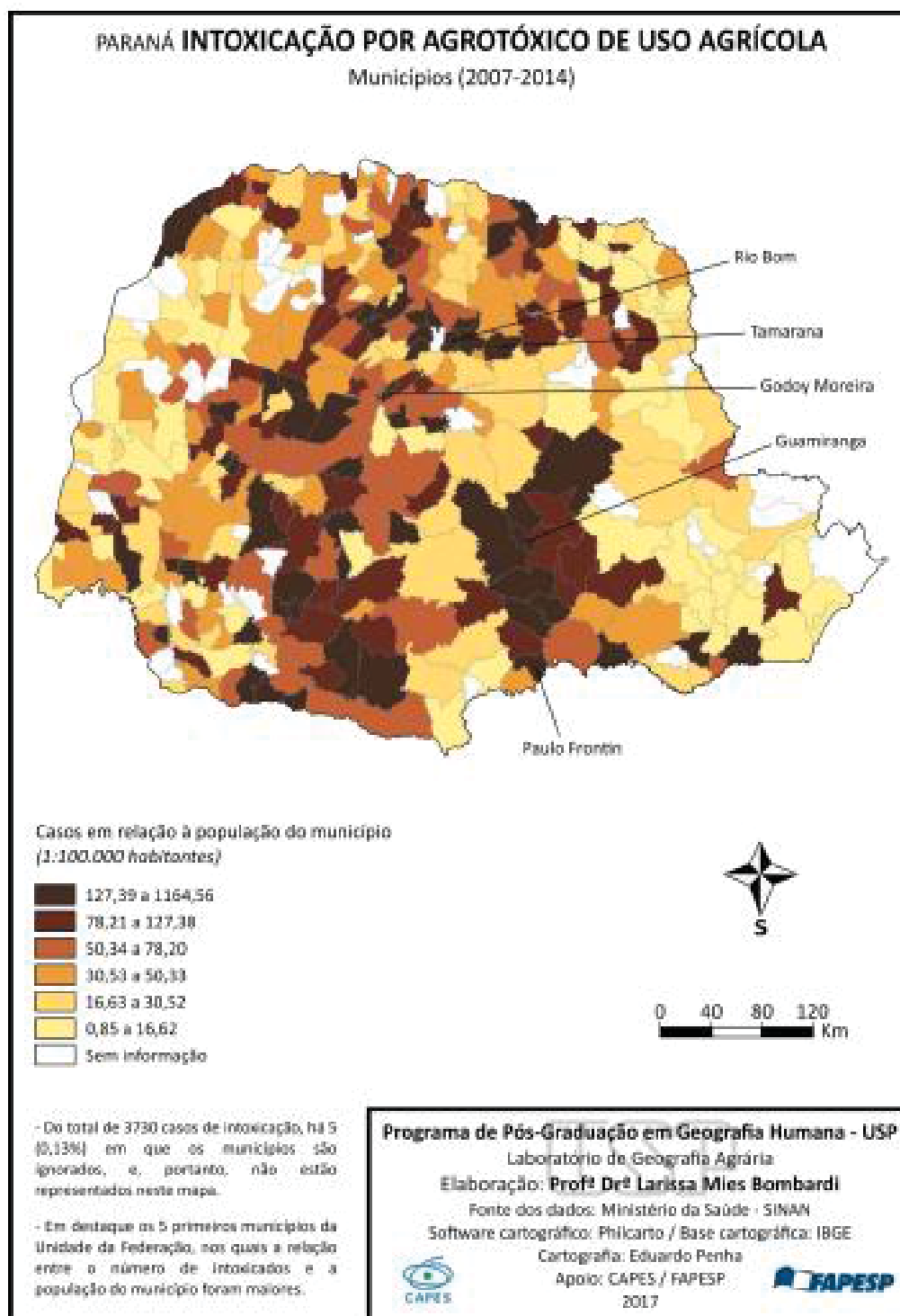
MAPA 03: Mapa de mulheres intoxicadas por agrotóxicos no Brasil.



Fonte: Larissa Bombardi, 2017.

No detalhe do mapa 03, do Brasil, podemos observar o destaque do Paraná, como um dos estados que mais apresenta mulheres com casos de intoxicação e no mapa 04, do estado, podemos observar a quantidade de intoxicações por agrotóxicos por município.

MAPA 04: Mapa de intoxicação por agrotóxico nos municípios do Paraná.

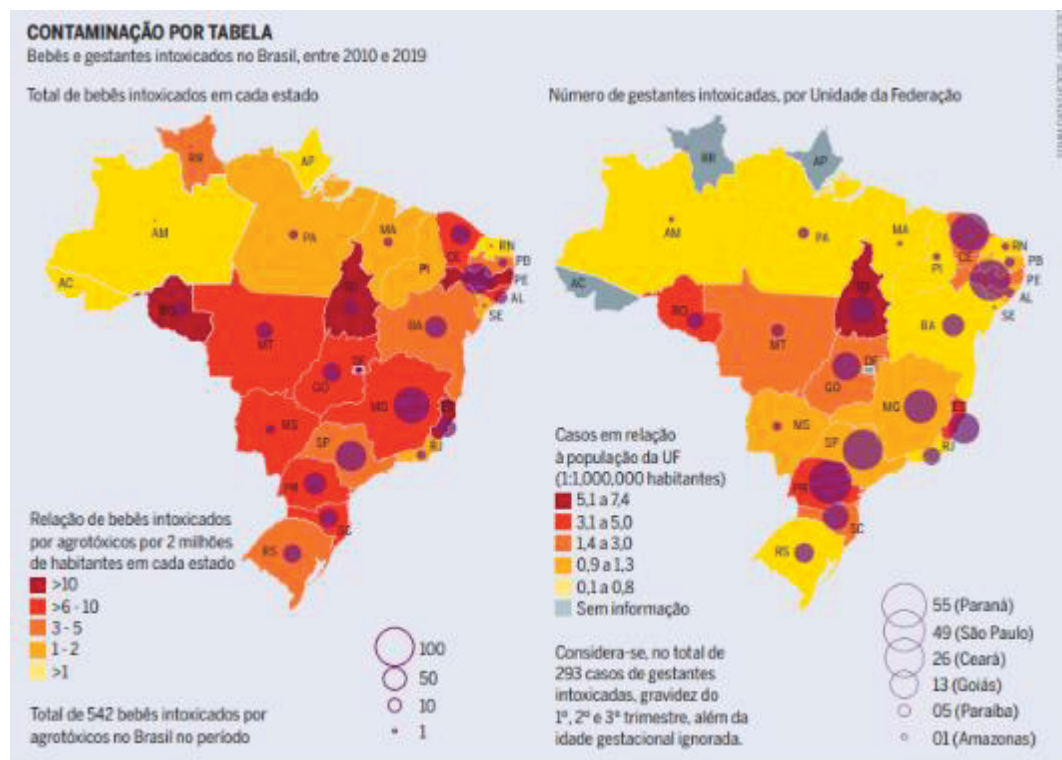


Fonte: Larissa Bombardi, 2017.

As investidas do agronegócio voltadas para a flexibilização e liberação dos agrotóxicos avançam a cada dia e se impõem contra as medidas institucionais e de ordem legal. Os resultados são alarmantes, como podemos observar no mapa 05 abaixo, do atlas dos agrotóxicos

de 2023, chegando à contaminação até o leite materno, desencadeando intoxicações crônicas, afetando o sistema imunológico, neurológico e desencadeando doenças como o câncer.

MAPA 05: Mapa de Contaminação por agrotóxicos em bebes e gestante no Brasil.



Fonte: ATLAS DOS AGROTÓXICOS, 2023.

Novamente o estado do Paraná aparece com destaque no uso intensivo de agrotóxicos, e não por acaso, o uso de agrotóxico tem sido apontado como um dos principais conflitos pelas mulheres do MASA e do MST, que trabalham diretamente com o cuidar da vida e que percebem desde seu território o avanço destruidor do agronegócio, que derruba as matas, envenena as nascentes e adoce a população. Difícil pensar num ambiente de encanto com tanto desencanto. Essas mulheres são atravessadas diretamente em seu ofício por reflexos do uso de agrotóxico, em seus atendimentos, em suas comunidades, e em seus corpos-territórios. As informações apontadas pelo atlas dos agrotóxicos, apenas confirmam os dados levantados no primeiro capítulo, das inúmeras experiências que apontam o avanço do agronegócio e seu uso como um dos principais conflitos para os povos e comunidade do campo, das águas e da floresta.

Nos relatos apresentados, observamos a preocupação das mulheres com seu território. Lembrando que saúde não está desvinculada, para elas, da terra, da natureza, da comunidade. Tudo é junto, relacional. Notamos que existe a permanência de um vínculo afetivo a mata, ao território, sentimento de pertencimento muito presente nas falas. As mulheres que estão na

frente da construção da saúde popular comunitária são na maioria das vezes as primeiras a levantarem o sinal de alerta. Segundo o MST, saúde e agroecologia andam juntos por entenderem que indivíduo e meio ambiente são um só.

Trago esses relatos justamente por que eles nos fazem entender que essas mulheres nos dão pistas da importância da espiritualidade, da identidade, da cultura que envolve os saberes atrelados a saúde popular comunitária, e principalmente a luta pela manutenção de seus territórios de vida.

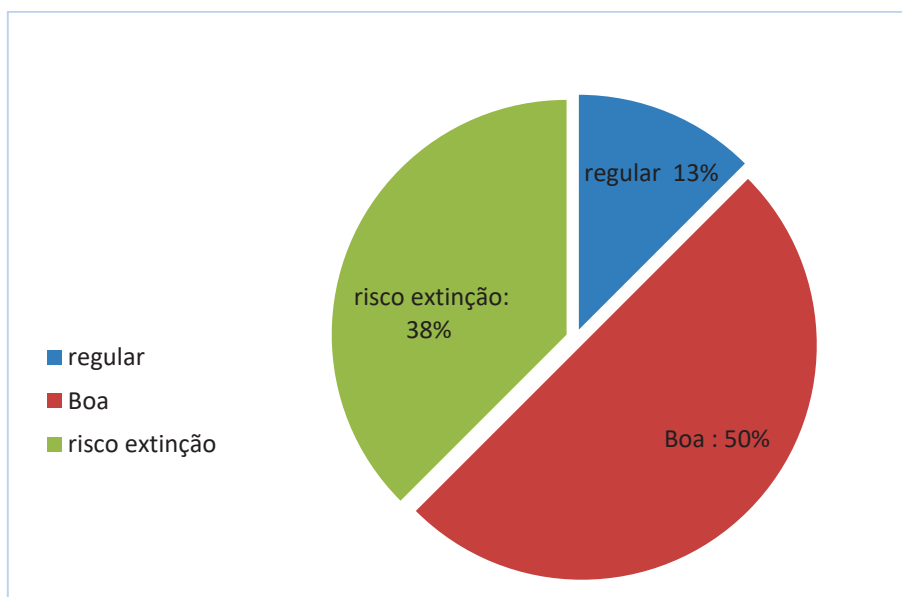
Segundo Dona Ana, o MASA defende uma cultura antiga que não está só relacionada às práticas de cura:

Nós temos a luta que não é fácil, a cultura antiga engloba muita coisa, que não vem só das práticas de cura, mas também nas práticas de Fé, que é através das romarias, terços, procissão e das fontes d'água do monge, das quais a gente defende a água, defendemos a história do monge, e também a reserva e o meio ambiente nas quais nós, como benzedeiras, precisamos de muito remédio que é existente dentro das reservas que são chamados de faxinais, é lá que encontramos o ipê, a carova, a guabirobeira, a pitanga, muitas raízes que não tem nas hortas comunitárias e não tem como tá plantando, e a gente usa para alergia, grosseirão, até para depressão, para fortalecimento dos nervos . Então a nossa luta não se define só numa coisa!

Esses relatos evidenciam que a saúde popular desde esse viés comunitário, caminha em várias frentes, cada território com suas especificidades, mas com pautas comuns como a defesa dos territórios de vida, com suas culturas e subjetividade e uma estreita relação de respeito com a natureza, que para elas é mãe e provedora dos remédios necessários para nossa sobrevivência.

Resgatando um estudo feito em 2008 pelo IEEP, em parceria com a APF, de uma pesquisa feita pelas benzedeiras moradoras de três faxinais da região centro sul relacionado ao estado das plantas medicinais encontrados nas suas comunidades, no estudo elas avaliaram a situação das plantas medicinais de suas comunidades.

GRÁFICO 05: Situação de ervas medicinais nativas nos faxinais



Elaborado: autora, 2023.

Os dados apontam que das 24 espécies pesquisadas 9 estão em risco de extinção que são: cataia, pitanga, o pau de andrade, cereja, espinheira-santa, guaco, milome, pata de vaca, tenente são josé. No próprio levantamento foi apontado o motivo sendo os conflitos presentes nos faxinais provocados pelo avanço das monoculturas de soja, pinus e fumo, etc.

Trago esse estudo pois as mesmas plantas que apresentavam risco de extinção nas comunidades das benzedadeiras, foram as levantadas pela Dona Maria e pela Serla, do MST. Coincidência ou não, as duas que são assentadas em cidades distintas, Lapa -PR e Imbau-PR, estão na área remanescente do bioma da mata das araucárias e que historicamente vem sofrendo com a expansão do capitalista no campo.

Importante lembrarmos que o Estado do Paraná vivenciou disputas pela terra desde o período colonial⁷⁶ e mais recentemente em conflitos sociais relacionadas a apropriação fundiária desigual. Neste enredo, a expulsão dos povos originários de seus territórios e a negação ao acesso à terra ao campesinato e a ex-escravizados é marca incontestada da questão agrária, selada pela usurpação da terra e pela expansão da agricultura capitalista no estado (Ross, *et al.*, 2021 p. 32).

Expansão essa que unido à colonialidade vai deixando rastros, vai inoculando o veneno que mata aos poucos, e quando não mata deixa sequelas irreparáveis, transforma territórios,

⁷⁶ a divisão entre Portugal e Espanha no Tratado de Tordesilhas (1494), a das capitanias hereditárias (1534) e na Tríplice Aliança (1865- 1870), no contexto da Guerra do Paraguai, durante o Império. (Atlas da Questão Agrária do Paraná, 2021, p. 32)

expulsa, apropria, aniquila, esvazia e transforma territórios em grandes desertos verdes, em monocultivos, desmantela culturas, e práticas comunitárias.

Não faremos aqui um debate histórico da formação territorial do Paraná, mas se faz importante mencionar que os territórios são marcados pelo tempo e pelas ações humanas e seus modos de produção. Não podemos ignorar as mudanças territoriais advindas dos processos oriundos de diferentes ciclos econômicos, como a exploração direta de madeira, erva-mate, café, soja e que resultaram numa devastação descontrolada das reservas naturais do Paraná. A territorialização do sistema capitalista, através da prática predatória exercida com grande violência, teve como resultado um grande passivo ambiental e social. Diversos povos indígenas, muitos camponeses e povos tradicionais, perderam espaço para atividades econômicas exploratórias (Sonda, 2010).

No início do século XX, além das povoações mais antigas que estavam localizadas no litoral e na rota dos tropeiros, grande parte do território era habitado por indígenas, caboclos⁷⁷ e caboclas que tinham uma relação com a terra de valor de uso, ou seja, era um meio para garantir seu autossustento, não se configurando como patrimônio privado. A implementação da Lei de Terras em 1850⁷⁸, que garantiu o direito à propriedade privada em detrimento ao uso comunitário e coletivo da terra, resultou em várias revoltas no Brasil e no Paraná (Nascimento, 2008). Não foram poucos os conflitos desencadeados como a Guerra do Contestado⁷⁹, a revolta

⁷⁷ O termo caboclo(a) está associado a um modo de vida, que se refere a uma composição étnica determinada e que diferentes autores indicam como resultante da miscigenação de índios(as), brancos(as) e negros(as). São indivíduos que moravam nas florestas e tinham como atividades de subsistência a agricultura, a caça, pesca e a coleta (MONDARDO, 2008). Um das principais características do povo caboclos era a influência do catolicismo sertanejo- o catolicismo rústico dos sertões, a maior parte da população cabocla era devota dos monges peregrinos que cruzavam a região de tempos em tempos, além de outros curandeiros e rezadores que passavam pelo Contestado, desde meados do século XIX. O maior destaque se deu nas figuras de João Maria de Agostini, João Maria de Jesus e José Maria de Santo Agostinho, que circularam pela região entre 1850 e 1912 (FRAGA, 2017).

⁷⁸ Criada para regulamentar o acesso à propriedade da terra, garantiu-se o direito à propriedade a particulares em detrimento de formas de uso e regulação comunitárias ou indígenas. Trouxe graves consequências: não havia mecanismos para restringir a incorporação de novas terras ao grande latifúndio; e a transferência do controle e emissão de títulos do poder central para as esferas estaduais e locais, reforçou o poder político do chefe local, o chamado “coronel”. A tomada de terras indígenas e pequenos posseiros foi respaldada pelo governo com a questão legal e com apoio militar nos violentos conflitos que ocorreram no paraná e em todo território brasileiro (NASCIMENTO, 2008).

⁷⁹ O conflito se estendeu pelo planalto catarinense e paranaense, em uma área de 22 mil km², onde habitavam mais de 150 mil pessoas. Este conflito iniciou-se como um fenômeno religioso de exaltação milenar com fortes características messiânicas na figura do Monge José Maria, assassinado no primeiro confronto. Mas continuou com a adesão de diferentes segmentos sociais, como sitiantes e posseiros expulsos de suas terras, comunidades negras e caboclas do planalto, ervateiros, trabalhadores desempregados das fazendas, médios fazendeiros e antigas lideranças federalistas, opositores políticos dos coronéis da região (MACHADO, 2004; MACHADO, 2011).

de Porecatu-PR⁸⁰ a Revolta dos Posseiros⁸¹, elas marcam também a identidade de luta do povo caboclo paranaense, trazido nas memórias familiares dessas mulheres que protagonizam esse texto e que veremos no capítulo 3.

Memória que se faz presente nas práticas relacionadas a saúde popular. Os resquícios de matas nativas no estado são resultados de uma ação exploratória e devastadora para as comunidades tradicionais que cultivam historicamente uma relação harmoniosa com ela, o que temos hoje são resquícios da degradação e exploração capitalista contínua no campo.

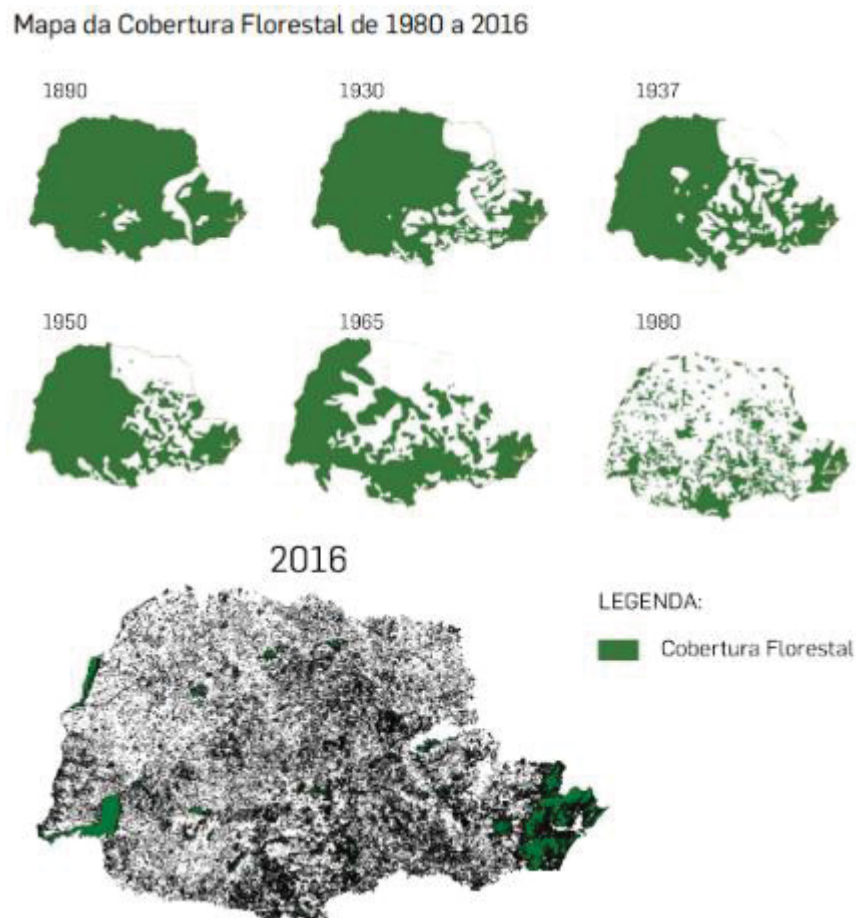
Não podemos deixar de mencionar o impacto do desmatamento para os territórios do MASA e do MST e todos os povos do campo das águas e das florestas. O desmatamento ilegal é ainda um problema atual, em 2017 restava apenas 11,7% das áreas naturais no estado e ainda temos áreas em processo ilegal de retirada de madeira e abertura para o desenvolvimento da agricultura e pecuária.

No mapa 06, podemos observar o processo contínuo de desmatamento que teve seu auge nas décadas de 1950 a 1980. Intervalo que coincidem a expansão da fronteira agrícola nas regiões norte e oeste do estado e o auge do ciclo madeireiro, que abriu o ciclo da modernização do campo denominada “revolução verde”, resultando na acelerada destruição das florestas nativas do estado.

⁸⁰ Camponeses-posseiros dos municípios de Porecatu e Jaguapitã, com o apoio do Partido Comunista, lutavam para permanecer na terra e para garantir as condições objetivas de seu modo de vida. O governo do Estado, no entanto, repassou as terras ocupadas e trabalhadas por posseiros para grandes proprietários. Os posseiros tentaram resistir se armando, mas foram massacrados (Fabrini, *et al.*, 2008).

⁸¹ Organizados em “Assembleias Gerais do Povo” e “Juntas Governativas”, os camponeses ocuparam a cidade de Francisco Beltrão, expulsaram as autoridades constituídas, tomaram a estação de rádio da cidade e expulsaram as empresas e seus jagunços²¹. Através da solidariedade e da organização foram vencendo todas as dificuldades das condições precárias da colonização, como nos conta (Fabrini, *et al.*, 2008).

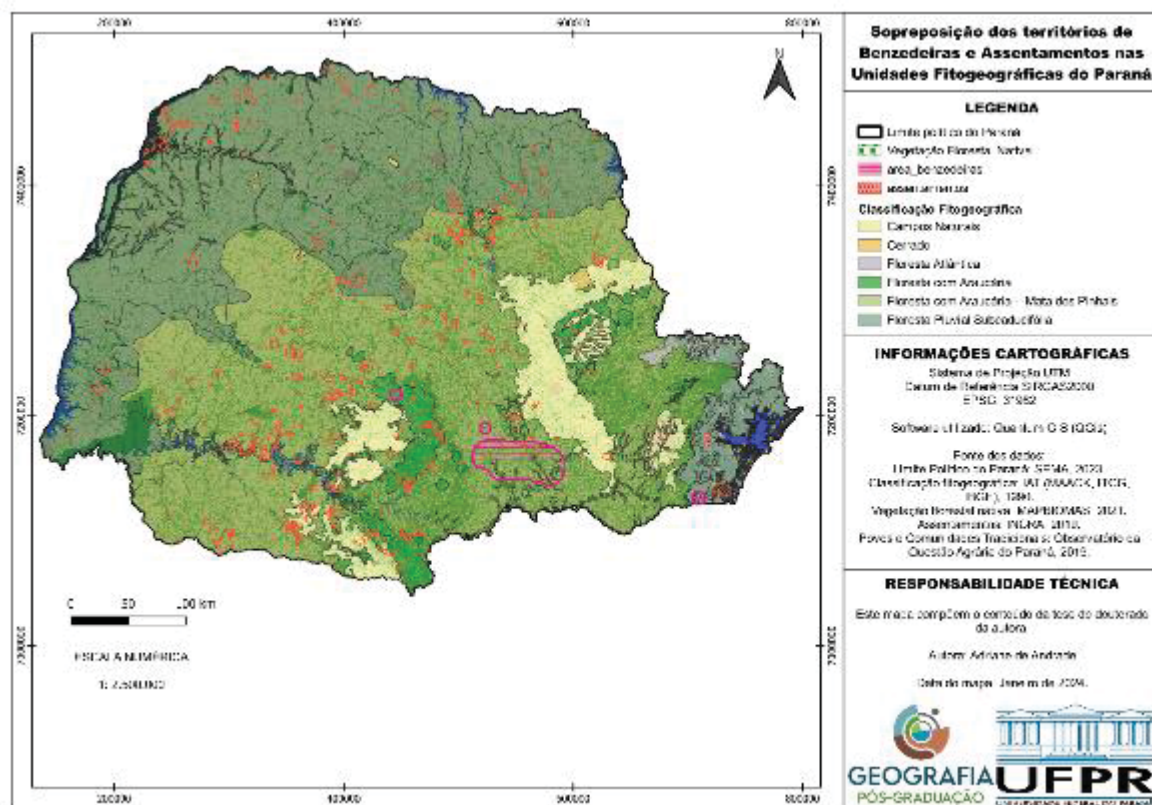
MAPA 06: Mapa da cobertura florestal do paraná 1980-2016



Fonte: Atlas da Quest  Agrária, 2021

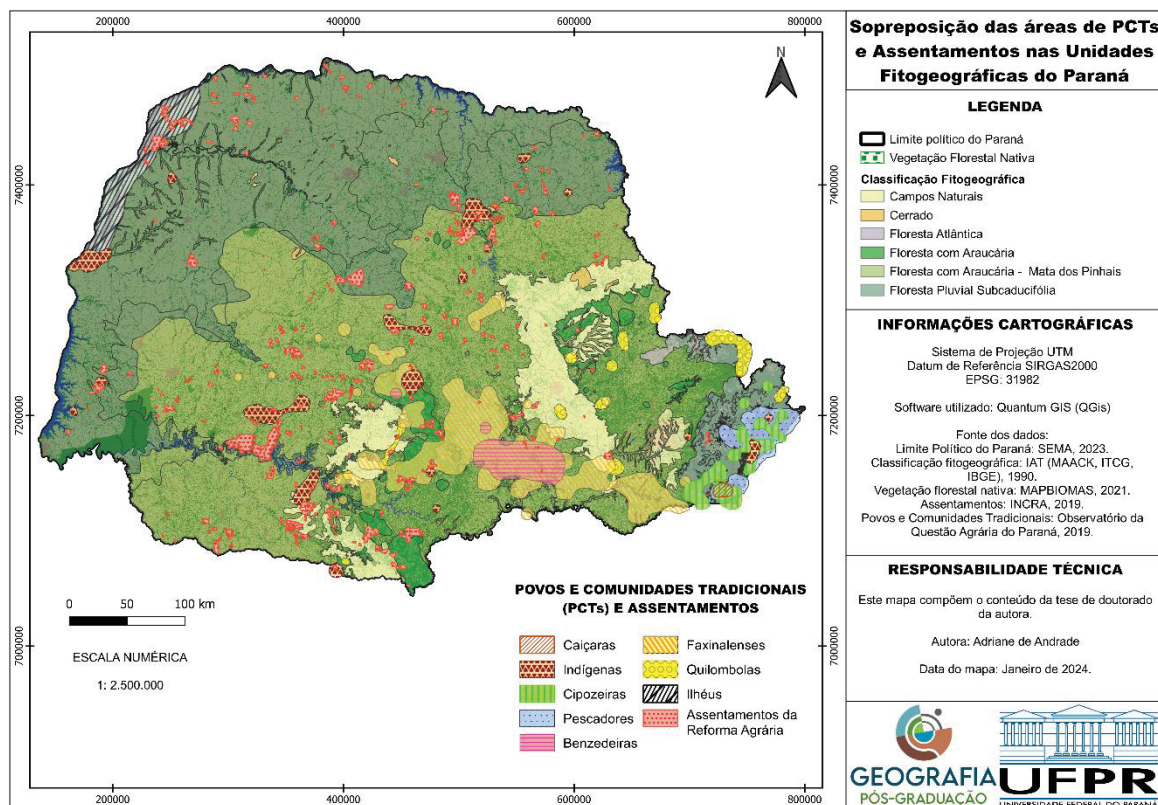
No mapa 07 e 08, temos a localização de povos e comunidades tradicionais e os assentamentos de reforma agrária distribuídos pelo estado em sobreposição com as florestas do Pará. Trago esses mapas pois atualmente as áreas com maiores níveis de desmatamento são justamente as áreas que correspondem à mata das araucárias e estão localizadas na região centro-sul do estado, justamente onde se encontram os territórios de cura das benzedadeiras (Paula, *et al.*, 2021, p. 204).

MAPA 07: Mapa dos territórios do MASA e MST.



Fonte: A autora, 2024.

MAPA 08: Mapa dos Povos e Comunidades Tradicionais e dos territórios de reforma agrária do Paraná.



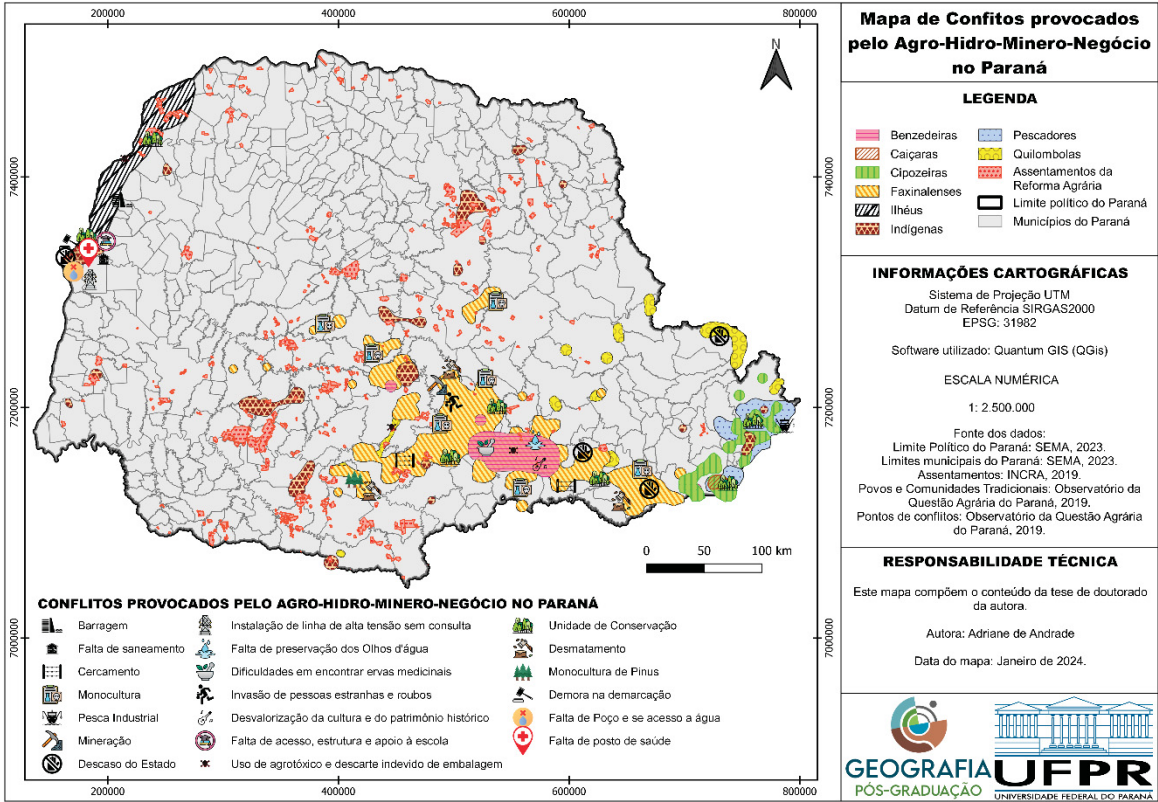
Fonte: A autora, 2024.

Notamos também que existe essa sobreposição, ou seja, os lugares onde a mata se manteve preservada é também onde esses povos, comunidades tradicionais se concentram em maior quantidade e diversidade. Para grande parte desses sujeitos a conservação da natureza é parte constitutiva de sua identidade étnica e coletiva (Duarte, 2018). Inserimos no mapa os territórios de reforma agrária por entendermos ser parte constitutiva da conservação das áreas remanescentes da mata, apesar de suas contradições que também são muitas, o modelo agroecológico e agroflorestal tem incentivado a população que vive em territórios de reforma agrária inclusive a recuperar áreas degradadas.

No mapa 09, evidenciamos mais uma vez os conflitos que estão relacionados à expansão do agronegócio em territórios onde coexistem povos e comunidades tradicionais. No mapa ainda observamos que a dificuldade de encontrar plantas medicinais não são só apontados pelas benzedeiras mais por demais povos que também utilizam da sabedoria das plantas para curar suas enfermidades. Ao exercitar a escuta geográfica e do território, o que podemos concluir é que mesmo no miúdo, no cotidiano do fazer saúde popular, essas mulheres ao alertarem em

seus discursos da dificuldade de encontrar algumas espécies de plantas nativas, na verdade estão repassando a mensagem de que a floresta das araucárias está em risco.

MAPA 09: Mapa de Conflitos em territórios de Povos e Comunidades Tradicionais e de reforma agrária do estado do Paraná.



Elaborado: a autora, 2024.

Segundo dados da ONG SOS Mata Atlântica de 2019, o Paraná está em terceiro lugar no ranking de estado que mais desmata a floresta no Brasil. Pelos conflitos representados no mapa, e pela comparação com o mapa do desmatamento no estado, entendemos que restam poucas áreas preservadas no estado e que o modelo capitalista de desenvolvimento que expropria, desmata, polui, intoxica, comprovam que a ideia midiática de que o agro e pop e sustentável na realidade mascara a realidade perversa de morte, do desaparecimento e extinção de espécies de flora e fauna e do apagamento de histórias e memórias (Paula, *et al.*, 2021).

Importante fazer visível os conflitos, pois eles marcam o território desde um lugar, geografam territorialidades. E mais uma vez afirmo que não são as benzedeiras que estão desaparecendo, mas o bioma da mata das araucárias. Importante pensarmos o quanto esses povos estão diretamente ligados a preservação da mata e ao remanescente de floresta no Paraná. A importância da existência desses povos para manutenção e preservação da natureza, como já

advertiu Porto-Gonçalves (2012) “não há espaço, território, (eu acrescentaria floresta em pé), sem saber”.

No próximo item adentraremos nos cercamentos relacionados ao acesso à água:

2.1.2 Cercamentos da saúde popular comunitária relacionada a contaminação e restrição do livre acesso às nascentes

“ele cuida de nós, cuida do mato, dos remédios, na medicina não deixa faltar água. Ele é protetor das águas, protege as águas. Dizem também que se a gente pedi pra São João Maria e fazer um buracinho assim pode verter água ali, porque ele é poderoso” (Dona Ana Maria, 2019).

Os olhos d’água do monge João Maria ou “oinho do monge”, forma carinhosa como as benzedadeiras se referem, são lugares sagrados atribuídos à passagem do Monge João Maria e estão presentes na região sul do Brasil. A devoção popular àquele conhecido como monge, profeta e santo católico não canonizado é uma das mais representativas e criativas no sul do país (Karsburg, 2014).

Os olhos d’água, em aspectos físicos, são nascentes de água doce, conhecidas como vertentes, poços, cabeceiras, fontes e minas de água, que o lugar onde se inicia o curso de água, seja uma sanga, um córrego, um rio, um lago. A água aflora naturalmente dos lençóis subterrâneos, o fenômeno é nomeado localmente como vertente, por emergir do solo. Os olhos de água são caracterizados por formas circulares onde a água empoça antes de seguir seu trajeto. Ao redor dos poços a vegetação nativa é preservada e algumas espécies medicinais e ornamentais são privilegiadas pelas pessoas que frequentam o lugar. (Lewitzki, 2019, p. 115)

“Para as benzedadeiras os olhos d’água de São João Maria, além de serem fontes de água potável que abastecem famílias e comunidades, são espaços sagrados com valores simbólicos e históricos.” (Lewitzki, 2019, p. 27) São locais onde as benzedadeiras constroem grutas, oratórios, ascendem velas, fazem batizados, e utilizam a água para rituais de cura, acreditam que a água é milagrosa, e a usam inclusive para as tinturas e remédios caseiros.

As águas dos olhos de São João Maria são consideradas abençoadas, milagrosas ou santas, por isso são usadas como remédio. Em alguns lugares, a água é ritualmente coletada em dias santos, conforme o calendário bíblico, como na comunidade de Saltinho no município de Rebouças onde a água é buscada no dia três de maio, em que é celebrado o Dia da Santa Cruz, enquanto na comunidade de Padre Chagas em Inácio Martins o dia ideal para a coleta é a Sexta Feira Maior (Lewitzki, 2018, p. 113).

O movimento de benzedadeiras, faz denúncias constantemente referente às violações aos seus direitos coletivos, que são diretamente impactados pela contaminação, destruição e restrição do livre acesso às nascentes. Constantemente o MASA tem se posicionado em falas

públicas, em documentos oficiais, formulando demandas aos órgãos ambientais e locais, na busca de dispositivos jurídicos de proteção ambiental e buscando parceiros para defesa de seus direitos coletivos, não se mostram suficientes para frear a destruição dos olhos d'água. (Lewitzki, 2019).

O problema da água já vem sendo relatado há longa data como denúncia pelas benzedadeiras:

Tá acabando tudo as sangas, não existe mais as sangas, as cabeceiras nossa que vem para dentro do nosso criador, das nossas criações, eles dessecaram tudo para o lado de cima. Nós estamos com medo de mais tarde ficar sem água, nós temos água da boa dentro dos nossos piquetes, mas tem as cabeceiras que é de fora de outros donos de terras. Está sujeito de nos ficarmos ameaçados de ficar até sem água lá (Dona Marli, Benzedeira Rebouças, 2007- Fascículo 01- Faxinalenses: Fé, Conhecimentos Tradicionais e práticas de cura).

Na foto abaixo “o desencanto se faz presente”, podemos notar um olho d'água ao meio de uma plantação de feijão na localidade de rio bonito em Rebouças-PR. A imagem por si só já nos conta muito.

FIGURA 33: Olho d'água no meio da plantação de Feijão



Foto: Taisa Lewitzki, 2016.

O que dizer sobre a qualidade dessa água que se encontra no meio de uma plantação que tem o uso de agrotóxico de forma intensiva. A imagem nos mostra justamente a morte, o

desencanto, o apagamento de memórias, a crueldade do capitalismo expressa no monocultivo de feijão. O alimento que mata a água e que por si só já está morto por dentro. Observamos nas saídas a campo com as benzedeiras em visitas a olhos d'água da região, fontes como a da foto acima, contaminadas por agrotóxicos, em meio a plantações de soja, milho, feijão, pinus eucalipto, expostas na margem das estradas ou com restrição ao acesso por cercas.

Essa imagem é apenas uma de tantas que a gente encontra nos caminhos percorridos. Assim como as árvores e plantas nativas, os olhos d'água, estão desaparecendo. Não há espaço no monocultivo para a pluridiversidade.

O caso do Parque Monge João Maria é um dos muitos entraves enfrentados pelas benzedeiras na defesa dos olhos d'água do monge. Depois de muita luta e articulação política em 2017, o movimento conquistou o Parque Municipal do Monge João Maria no bairro de Barreirinho em Rebouças-PR, que conserva uma importante área de floresta nativa e algumas fontes de água. Segundo relato da coordenação do movimento, o local onde hoje é o parque, estava destinado pela prefeitura para a implantação de um conjunto habitacional, e se não fosse a denúncia aos órgãos de proteção ambiental através do Conselho Estadual de Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná e a defesa de lugares sagrados das benzedeiras, hoje o olho d'água não existiria.

FIGURA 34: Inauguração da Gruta com a Estátua do Monge João Maria



Fonte: A autora, agosto 2023.

A foto acima é da benzedeira Ana Maria, coordenadora do Movimento de Benzedeiros do Município de Rebouças, representante das benzedeiros no Conselho Estadual de Povos Indígenas e Comunidade Tradicionais do PR, e guardiã das águas do Monge.

Os olhos que apresentam as condições ideais para sua manutenção ambiental e sociocultural são aqueles que estão no seio das comunidades e são cuidados pela população local. Como explica Dona Ana, “Aqui agora não se joga mais veneno, aqui foi tirada a plantação de soja já há dois anos atrás, aí [água] agora tá pura”.

Para o Setor de Saúde do MST a água desde os primeiros assentamentos do movimento é uma preocupação que perpassa todos os setores pois está relacionado a produção de alimentos e a condição mínima de viver nos territórios. Trouxe ainda a fala de algumas representantes do movimento sobre o seu uso:

Sempre foi uma preocupação, desde quando o pessoal ocupa uma terra, se faz uma análise de aonde estão as fontes de água e qual a qualidade dessa água. Lembro que mesmo quem não tava muito convencido da agroecologia queria cuidar das fontes, tinha uma preocupação em cercar, reflorestar, desde o começo, mesmo antes da agroecologia ser um tema muito presente, totalmente explicado porque água é vida e imprescindível para agricultura, sem ela não se planta não se vive. Em vários momentos tivemos iniciativas para cuidar disso de uma forma tecnicamente melhor, então de uns anos para cá desenvolvemos alguns projetos para a proteção de fontes e mais recentemente com o esgoto e biofossa. É crescente o número de pessoas querendo reciclar água da chuva, fazendo cisternas. Com o avanço da agroecologia cresce também o interesse no manejo ecológico da água e o reflorestamento em nascentes e da mata ciliar. Mas não é de agora, já vem de antes, agora só ficou mais intensificado devido a agroecologia. Teve um projeto em Bituruna chamado “Águas”, MST em parceria com a Petrobras e o projeto tinha o objetivo de melhorar o manejo da água, mas olhava para a questão espiritual principalmente dos olhos de João Maria nas áreas do MST (Entrevista com Priscila, MST, fevereiro de 2023).

Segundo Dona Maria, assentada na Lapa:

No início do assentamento nas unidades de cada família a gente fez um trabalho para fechar as cabeceiras de água para a criação não destruir e para plantar e preservar a mata ciliar do rio. Então o movimento assume uma responsabilidade dos cuidados com a água porque água é vida para as plantas, para os seres humanos e para os animais. Sem os 4 elementos não existe vida. Mas acredito que onde está mais cuidado as fontes de água é onde tem agroecologia e onde não tá é muita devastação mesmo dentro do assentamento. Mas é falta da conscientização do povo de cuidar da terra da água porque a maioria das vezes os assentamentos saem em lugares degradados poluídos e quem vai para lá, vai com o compromisso para restaurar essa degradação. Mas ainda falta muito, a maioria sabe que a água traz equilíbrio pro corpo, sem água não faz um chá, nenhum chá nasce e cresce e a gente trabalha muito a importância e o valor das fontes de água e é uma briga de conscientização na linha dos valores e dos cuidados.

Trouxe os relatos pois eles mostram que as mulheres que estão na frente na construção da saúde popular comunitária entendem que a qualidade da água interfere na saúde das pessoas, água é vida e saúde, um bem que precisa ser preservado e conscientizado de seu valor. Trago

ainda nos relatos a reflexão sobre a importância da transição agroecológica pois ela muda inclusive as relações de cuidados e respeito com a terra com a água com as plantas, muito evidenciado nas falas das mulheres do MST. Ainda saliento a confluência do respeito a água que também é um elemento sagrado para o MASA e está embricado na cultura camponesa das mulheres do MST que também independentemente de acreditarem nos olhos d'água do monge João Maria fazem a defesa das fontes de água para a vida e saúde da sua comunidade.

2.1.3 Cercamentos da saúde popular comunitária relacionados ao “fazimento” de remédios caseiros

Na figura 35 abaixo, do Encontro Estadual de Saúde em Imbau-PR, Dona Maria estava ensinando como fazer tintura de “específico”, utilizado para alergias na pele, mordidas de bichos e também dores de estômago. A tintura que é feita com guaco e cipó milome, é muito usada na saúde popular e tem um dos seus principais componentes o cipó milome que segundo elas, está cada vez mais difícil de encontrar. No encontro, Dona Maria além de ensinar a tintura explicou como se planta e se colhe o cipó e a importância de preservarmos a espécie. São além de guardiãs das folhas, grandes defensoras dos biomas (Sabrina Almeida, 2018).

FIGURA 35: Oficina de tinturas caseiras



Foto: a autora, agosto de 2022.

Num dos relatos feitos nas cartografias sociais do MASA a legalização relacionada aos remédios caseiros que sempre foram apontadas como um dos desafios do grupo:

Somos mulheres que fazemos remédios, as misturas, pomadas, tinturas, específico trabalhamos com ervas medicinais para curar as pessoas e para elas não gastar muito em farmácia. O remédio caseiro é um socorro, um socorro mais perto, precisamos, tentar legalizar para nós pôde vender os nossos remédios né, que são naturais que não tem contra indicação de nada. Porque os remédios de farmácia são caros né, esses não, tão na natureza e só vão fazer o bem, não tem perigo (Carqueja, Faxinal Do Marmeleiro de Cima, Rebouças, 2207- Fascículo 01- Faxinalenses: Fé, Conhecimentos Tradicionais e práticas de cura).).

Os remédios caseiros, destacam-se como um dos principais recursos utilizados na prática da saúde popular comunitária (parteiras, benzedadeiras, raizeiras, mulheres camponesas do MST, remedieiras, etc.), sendo que a sua produção e comercialização não possuem legislação específica e são interpretadas como ilegais, ao infringirem o art. 273 do Código Penal brasileiro, que considera crime disponibilizar produto terapêutico sem registro no Ministério da Saúde. Essa criminalização impacta negativamente a dinâmica, transmissão e salvaguarda da medicina tradicional e, por isso, precisa ser revista a partir de um esforço coletivo e amplo diálogo entre governo e os povos (Protocolo Comunitário Biocultural Raizeiras, 2019).

O caso das raizeiras, direito consuetudinário de quem faz o uso tradicional e sustentável da biodiversidade brasileira para a saúde comunitária, traz à tona também o debate da questão de acesso aos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade e a repartição de benefícios pela sua exploração econômica. Não é por acaso que as mulheres de diferentes movimentos sociais, coletivos e segmentos de populações tradicionais extrativistas, defendem as florestas nativas, os olhos d'água, etc., do seu território, pois é desde esse lugar que elas praticam a saúde popular comunitária. Desempenham em sua relação com a natureza a preservação e incremento da diversidade biológica, já que muitas delas selecionam e cultivam, em suas próprias casas, espécies de plantas medicinais e podem nos dar informações importantíssimas de como conviver com a floresta e não contra a floresta (Andrade, 2019).

Sabemos que para além do uso das plantas existe também um saber em disputa, que não é contabilizado nem mercantilizado pelos povos. Essa sabedoria ancestral não está à venda, ela é comum a todos que vivem em contato com a mata. Trazemos o caso da aprovação da lei de acesso ao patrimônio genético do Brasil que foi arbitrariamente aprovada sem a consensualização⁸² dos povos, que mesmo sendo contrários ao projeto de lei, porque

⁸² Em 2014, no Encontro da Região Sul de Povos e Comunidades Tradicionais, em Curitiba, Paraná, que contou com a presença de diversos povos como pescadores artesanais, indígenas, faxinalense, benzedadeiras, etc., O espaço onde eram para discutir direitos dos povos e políticas públicas, versou sobre o processo de acesso industrial a seus

“Conhecimento não se vende”, ele foi aprovado pelos agentes do Estado em parceria com as indústrias farmacêuticas com o objetivo de monetizar o que para as comunidades não tem preço (Wedig, 2019). Prática essa de violência epistêmica⁸³ explícita.

Corroboramos com Porto-Gonçalves (2006) que essa prática corresponde a etnobiopirataria, roubo do conhecimento tradicional das comunidades. O que está sendo contrabandeado e “pirateado” são os conhecimentos que essas comunidades e povos têm de plantas e animais, seja como remédio, alimento, etc. (Porto-Gonçalves, 2006). Trata-se, aqui, da apropriação de cultura e conhecimento ancestral e coletivo, portanto, a mercantilização dos saberes.

A regulamentação contra a etnobiopirataria só veio depois da 14ª Convenção da Diversidade Biológica,⁸⁴ através de uma medida provisória de nº 2186/16, que prevê o respeito aos detentores de conhecimentos tradicionais sobre as plantas, e o uso desses conhecimentos deve passar pela aprovação e participação dos detentores, devendo ser incentivados mediante repartição dos benefícios com as comunidades locais. A repartição dos benefícios, oriundos do acesso à biodiversidade e aos conhecimentos tradicionais associados à sua conservação e uso

conhecimentos, um projeto de transformação dos saberes tradicionais em patentes. A proposta apresentada como Projeto de Lei (PL) 7.735/2014, posteriormente transformado na Lei 13.123, de maio de 2015, que dispõe sobre “o acesso ao patrimônio genético e ao conhecimento tradicional associado à repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade” (Brasil 2015). O projeto de lei apresentado foi elaborado por membros do estado, das indústrias farmacêuticas, de cosméticos e alimentar, além de cientistas de instituições de pesquisa, sem a realização de consulta prévia aos povos e às comunidades tradicionais, nem mesmo à Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT), criada em 2004 e sediada no MMA. Por meio dessa lei, os conhecimentos dos povos e das comunidades tradicionais passam a ser calculados conforme os valores econômicos de mercado das corporações. Conforme o secretário de florestas, essa lei permitiria “promover a bioindústria e a competitividade do setor produtivo e o desenvolvimento sustentável”. O papel do Estado, por sua vez, seria organizar “o acesso e a repartição dos benefícios”. Os povos e as comunidades tradicionais teriam acesso a 1% dos lucros das empresas desse setor, que se tornariam “parceiras”. Na visão do secretário, esse acesso a uma parte do lucro das empresas seria algo “bom para os povos” (Wedig, 2019).

⁸³obstruir e diminuir deliberadamente a validade de métodos e tentativas de produção de conhecimentos distintos dos ocidentais. Muitas vezes as epistemologias não-hegemônicas são consideradas insuficientemente elaboradas e ingênuas, além de provincianas ou específicas, sem valores universalizáveis, sendo relevantes no máximo para a compreensão de fenômenos locais. Essa atitude resulta no não reconhecimento de reflexões que não se adequem ao padrão instituído. Ao negar a determinada produção um espaço de reconhecimento, além de manter leituras hegemônicas há o impedimento de que sejam reconhecidas leituras autônomas produzidas na periferia. (SILVA, et. al, 2018 p.71).

⁸⁴ Na 14ª Convenção da Diversidade Biológica (CBD), de 2018, que aconteceu no Egito, com a participação de 196 países, na parte que tange aos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas e comunidades locais, art. 8. Foi definido que, na agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável, se integrem os conhecimentos tradicionais de povos indígenas e comunidades locais em todos os objetivos do desenvolvimento sustentável pertinentes, com participação plena e efetiva dos povos e comunidades com: a) seu consentimento prévio, livre e informado ou b) prévio e informado ou c) sua participação e aprovação, conforme as legislações e circunstâncias nacionais e com obrigações internacionais. Os países também acordaram a elaboração de uma orientação metodológica relativa às contribuições dos povos indígenas e comunidades locais para a CDB. Assim, reconhece e inclui “plenamente os conhecimentos tradicionais, garantindo a complementariedade dos sistemas de conhecimento, a criação de condições para um diálogo eficaz entre os sistemas de conhecimentos” (TERRA DE DIREITOS, 2018).

sustentável, é um dos três objetivos da Convenção da Diversidade Biológica, como medida de combate à biopirataria e reconhecimento da soberania dos países e dos conhecimentos locais sobre seus recursos genéticos (TERRA DE DIREITOS, 2012). São proteções que prometem garantir o direito dos povos e comunidades tradicionais que detêm esse conhecimento, e que por muito tempo sofreram saques, mas pouco efetiva fora do papel.

A etnobiopirataria é mais uma das ferramentas utilizadas pelo Estado para a mercantilização das plantas medicinais e o conhecimento agregado a elas que está relacionado a diferentes formas de usos dos povos e comunidades tradicionais. Para as raizeiras: “É uma sabedoria que não tem donos, somente herdeiros”, por isso não têm preço, mas sim valor (Aguiar; Lopes, 2020, p. 23-24).

Trago o exemplo das farmacinhas comunitárias, construídas em 2006, resultado de uma ação que envolvia a articulação de mulheres, grupos de agroecologia e os faxinais, com o objetivo de fortalecer as experiências com plantas medicinais nas comunidades. Ao todo foram construídas três farmacinhas comunitárias, financiados pelo projeto do Fundo Nacional do Meio Ambiente, sendo uma no Faxinal do Seixas em São João do Triunfo, no Faxinal do Marmeleiro de Cima em Rebouças e no Faxinal Rio do Couro em Irati. Essas farmacinhas tinham também o objetivo de ser um espaço de produção de remédios, pomadas e xaropes para comunidade. Vieram em resposta às constantes ameaças sofridas pelas mulheres benzedeiras e erveiras do Faxinal dos Seixas, pela vigilância sanitária, e foi construído com o objetivo de ser um espaço que atendesse às normas da vigilância para a produção desses remédios e na expectativa de uma comercialização desses remédios, que acabou não acontecendo. As mulheres que estavam na frente na produção dos remédios não tinham essa visão de comercialização de seus produtos, sua produção era sob demanda comunitária (Taisa Lewitzki, 2023- entrevista).

FIGURA 36: Farmacinhas comunitárias - Faxinal dos Seixas- São João do Triunfo



Fonte: a autora, agosto de 2018.

Por motivos diversos, as farmacinhas acabaram não avançando em seu propósito inicial, hoje virou uma casa de sementes crioulas nos locais onde elas estão instaladas. Entendemos que mesmo que indiretamente tanto as mulheres do MASA como as do MST, e outras mulheres que se conectam com elas pelas redes (ora pelas práticas de agroecologia, ora pela luta de povos e comunidades tradicionais) como as raizeiras do Cerrado, têm seus direitos cerceados o tempo todo pelos agentes do estado, ou pelas cercas do agronegócio, ou das indústrias farmacêuticas, ou de cosméticos, etc.

A colonialidade veste várias identidades. Como cochinilha ou fungo, vai impregnando o dente de leão de várias formas, pela flor (desvalorização dos saberes), pelo caule (negação de direitos e perseguições), pela raiz (racismo e intolerância). Uma vez no dente-de-leão, o fungo acaba sufocando a planta, que vai perdendo suas forças, e muitas vezes morrendo. A colonialidade vai encontrando brechas para se firmar, e uma delas é o discurso de desenvolvimento sustentável capturado pelo estado e pelas empresas para exploração da biodiversidade, buscando transformar os conhecimentos em mercadorias rentáveis usado para espoliação dos povos e comunidades tradicionais de seus territórios. As mulheres que trabalham com plantas medicinais (benzedadeiras, raizeiras, mulheres camponesas), são cerceadas de diferentes formas para que seu saber seja ora desacreditado, silenciado, ora para que se torne fonte de recursos financeiros (Wedig, 2019).

A colonialidade atravessa o fazer-ser-sentir das mulheres que trabalham com a saúde popular. Não ter autonomia do seu patrimônio genético, desvalorização de seus conhecimentos, a descredibilização o silenciamento é deveras o aniquilamento de culturas, é o apagamento de memórias, é a destruição e o desencanto. Mergulhados nos processos de desencanto me pergunto: o que vamos inventar hoje para continuar vivendo? Com que metodologias situadas e territorializadas, com quem e como? Aonde? Com que inter-relações com práticas comunitárias comunais e coletivas? (Walsh, 2021).

2.2. ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA ENCONTRADAS PELO MST E MASA NO CONFLUIR DO DESENCANTO E ENCANTO

*Não sabeí, não sabeí o poder das plantas,
Não sabeí, não sabeí o poder das plantas
são as plantinha abençoada por Deus!
(Canção: Ana Maria dos Santos, Benzedeira MASA)*

Na música entoada por Dona Ana nos encontros das Benzedeiras, temos pistas de como as plantas medicinais são importantes para as mulheres que protagonizam o movimento. A carova, o ipê, a macelinha são plantinhas abençoadas por Deus. Na música, Dona Ana canta como enxerga a natureza, que para as benzedeiras é sagrada, portanto, a relação delas para com a natureza é de harmonia e respeito.

Quando espacializamos os conflitos no mapa entendemos que a saúde popular não é só um processo de resistência. Olhamos para ela buscando entendê-la num ambiente assombrado pelo desencanto, mas que usa diferentes táticas e movimentos para continuar construindo essa saúde que se transforma o tempo todo. Não que não tenhamos que resistir, por vezes é só os mecanismos que nos sobram, mas ultrapassa, o fazer dessas mulheres não são apenas estratégias de resistência, envolve um processo de pesquisa e observação das mudanças em seus territórios, trata-se de uma reinvenção contínua da autonomia do cuidar.

E para isso não poderia deixar de mencionar a questão que tece todo meu caminhar nessa tese. É por ela que me encaixo, me aproximo, crio vínculos, o interesse mais que cuidadoso para com o uso e sabedoria relacionada às plantas medicinais e as farmácias vivas, preservadas por mulheres, entendendo que elas representam a ancestralidade viva, as memórias dos antepassados que por muitos séculos utilizaram as plantas medicinais. São as plantas as grandes formadoras de pontes, são elas que acabam criando os elos, através das trocas de sementes de mudas, de conhecimento ancestral passado e geração em geração, na recita da avó, entre diferentes grupos com territorialidades e identidades distintas. E mesmo com a dificuldade de

encontrar algumas espécies, as benzedadeiras acabam fazendo das suas hortas e quintais, a extensão do território da mata das araucárias.

Segundo a antropóloga Taisa Lewitzki:

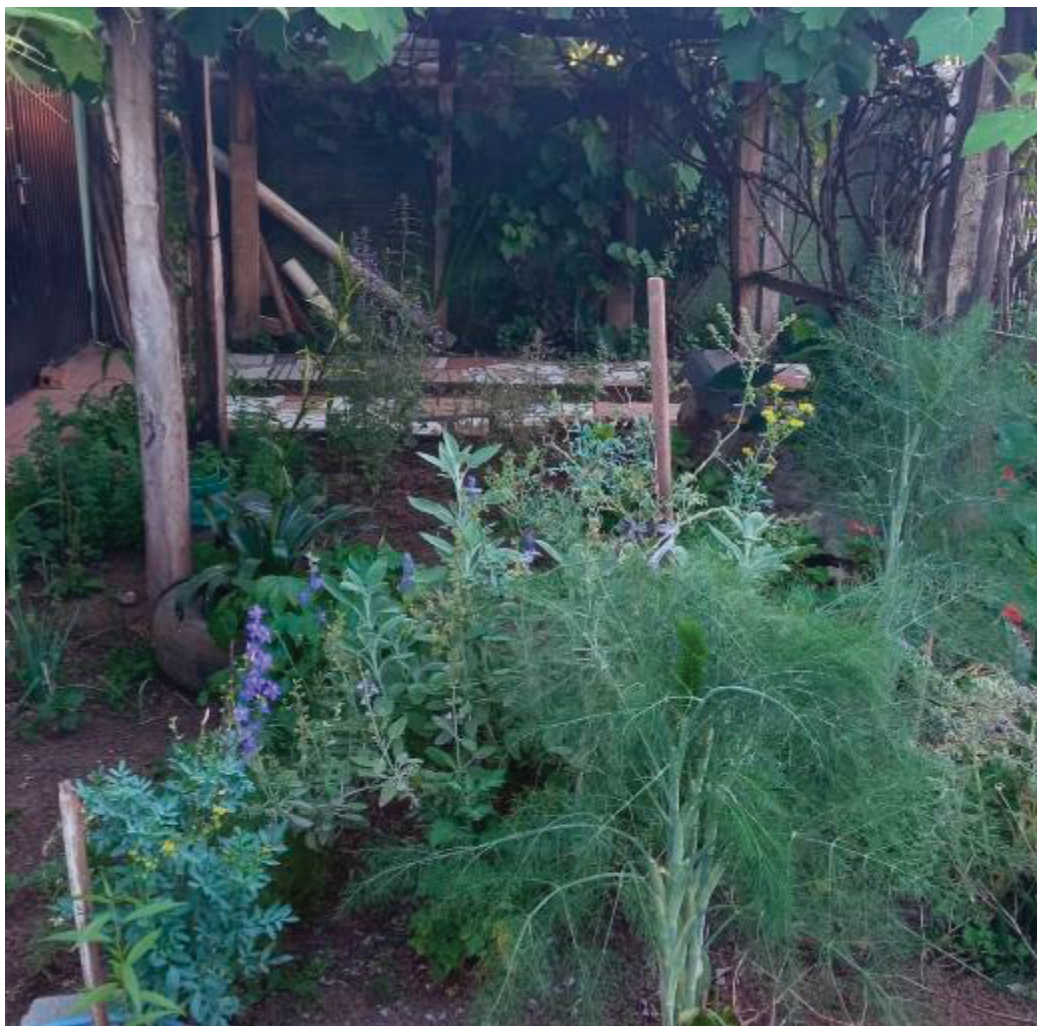
Nos quintais, hortas e jardins são replantados remédios do mato, cipós, ervas, arbustos, árvores nativas da mata de araucária, entre outras espécies mudadas para perto de casa pelo seu uso medicinal. Uma vez que são usadas constantemente para fins terapêuticos ou ainda pela dificuldade de acesso até as áreas naturais de incidência, devido à distância, extinção e restrição de acesso. Expoentes das espécies nativas nos quintais são a presença das medicinais - avenca, agrião, aroeira, cipó milome (cipó-mil-homens), cipó São João, carqueja, carrapicho-de-cameiro, catium ou maria-mole, cedro ou pau-rosa, chapéu-de-couro, copo-de-leite, espinheira-santa ou cancorosa, guiné, guaco, hortelã de cachorro, ipê-amarelo, ipê-roxo, quina, marcela, pata-de-vaca, pau d'Andrade, picão e sabugueiro. As ervas propriamente do quintal - como alecrim, alcachofra, alfavaca, alfazema, arnica, arruda, arrudão, artemísia, atroveram, babosa, bálsamo, bardana, boldo, calêndula, cânfora, camomila ou maçanilha, capim-limão, cavalinha, cebola-do-mar, cidreirão, confrei, coentro, dente-de-leão, endro, erva-cidreira, erva-doce, erva de Santa-Maria, hortelã, hortelã menta, hortelã pimenta, ora-pronóbis, incenso bento, lavanda, manjerona, manjerição, malva, mentruz, mirra, nevralgina, palma-fedida, pétala, poejo, quebra-pedra, rosário ou lágrimas de Nossa Senhora, rubim, sene, suspiro, tanchagem, taquarinha ou cavalinha - são encontradas em meio a pés de frutas, flores, verduras e pequenos animais, principalmente aves como codornas, galinhas, galinhas de Angola, gansos e patos. Observando que muitas espécies frutíferas e alimentícias também são usadas para fins medicinais, como a amoreira, araucária, bergamota, butieiro, guabirobeira, jabuticabeira, laranjeira, limoeiro, pessegueiro, parreira, entre outras, assim como alho, cebola, couve, beterraba, mostarda e porunga. Cada espécie de planta demanda um conhecimento de cultivo, manejo, coleta, preparo e uso, como enfatiza Dona Heleninha “precisa saber que remédio é e como tirar do mato para não machucar a árvore”, assim como para potencializar seu uso conforme o horário, lua e época de colheita. (Lewitzki, 2019, p. 89-90)

FIGURA 37- Quintal de benzedeira, Dona Tila em São Joao do Triunfo-PR



Fonte: Taísa Lewitzki, 2021.

FIGURA 38: Quintal de benzedeira, casa de Dona Agda Rebouças-PR



Fonte: a autora, 2022.

O uso tradicional do território está explícito também no manejo das plantas medicinais e todo conhecimento ancestral envolvido é desse conhecimento que o ser se nutre, nas receitas passadas pelos mais velhos, o jeito de extrair e manejar as plantas, pois não basta saber para que elas servem, é necessário saber como utilizá-las, em que lua e estação se colhem. Cultivam uma relação de afeto e respeito com elas, que fornecem a dose para a cura.

Esse negócio de tirar a planta de uma região para outra, ou ainda planta de inverno querer produzir no verão, isso não cabe, e a gente precisa saber olhar e respeitar a natureza, porque nós entendemos que muitas plantas do inverno já vêm no inverno, para cuidar dos desequilíbrios de saúde que são do inverno, não é necessário que a gente a obrigue a nascer no verão. Então são coisas assim que a gente observa na natureza que são bem importantes e são nossos idosos que vão falando isso, nossas benzedeiças daqui que vão explicando isso para gente, vão falando isso, os desequilíbrios que a gente tem durante o ano, é só observar qual a estação, pois tem erva certa para cuidar dos desequilíbrios de saúde de cada estação do ano. Saber esse que é próprio das mulheres mais idosas e dos homens mais idosos, que observam a natureza (entrevista realizada com Serla, Dirigente setor de saúde MST, 2023.)

Como guardiãs das folhas (Almeida, 2018), as mulheres que fazem cotidianamente a saúde popular comunitária utilizam-se de estratégias para preservar as espécies de plantas e além do cultivo e produção em suas hortas, percebemos essa relação no processo de troca nos encontros comunitários em que participam, mas também através das próprias pessoas que as procuram para atendimento. Na indicação de um remédio, um chá, quando doa uma muda, ela sabe que está propagando aquela planta em outros quintais, então caso ocorra, ficar sem aquela espécie, sabe a quem recorrer para refazer as mudas. Nessa relação comunitária vão construindo suas territorialidades e uma forma de preservar espécies ameaçadas pelo desmatamento e pela contaminação por agrotóxicos. Fazem do seu quintal uma verdadeira farmácia medicinal viva. Por terem um conhecimento sobre o manejo das plantas, são grandes defensoras do bioma onde estão inseridas.

Nas práticas do setor de saúde observamos como uma das atividades principais, o incentivo para o resgate do uso das plantas medicinais através da implantação de hortos comunitários, viveiros, nos assentamentos e acampamentos do MST.

O que a gente vem observando dentro do próprio movimento é um interesse em saber mais sobre a saúde popular e o conhecimento sobre as ervas, muito atrelado ao interesse e olhar desde fora. O interesse das entidades que procuram, e na comercialização nossa, nas nossas feiras, na venda direta ao consumidor, percebemos uma especulação em saber mais sobre o uso das ervas e para que servem em nosso organismo, e isso é muito importante porque faz com a gente aqui na roça dê mais atenção para a produção das plantas medicinais, desperta interesse nas companheiras e companheiros na produção, e também no uso das ervas. Acredito que esse interesse faz com que nós do MST e do setor de saúde busque mais se apropriar desse conhecimento, mais formação nessa área, parcerias, o setor de saúde vem olhando com muito carinho com esse olhar para uma saúde diferenciada, de cuidado com a terra e natureza fortalecendo também a produção orgânica das agrofloresta e não é só econômico e um interesse para um cuidado mesmo nosso, o cuidar do nosso povo (Entrevista realizada com Serla, Dirigente setor de saúde MST, 2023).

Esse caminhar de resistência marca pertencimento a um saber, passado de geração em geração, perpetuado na memória das mulheres que trabalham com as plantas medicinais, memória que tem cheiro, perfume e afeto e que está na identidade cabocla camponesa das mulheres benzedeiras e assentadas da reforma agrária no Paraná. As falas nos dão pistas de que caminho seguir para preservarmos a mata residual que ainda se encontra nos territórios.

No caso do MST, sabemos também que a preocupação das mulheres com a saúde de seus filhos e da sua comunidade, e o incentivo das práticas relacionadas ao uso de plantas medicinais abriram, em muito dos casos, o caminho para a transição agroecológica das unidades familiares. São inúmeras as experiências agroecológicas de cultivo de plantas medicinais que se constituem verdadeiras farmácias vivas e são estratégias de resistência ao agronegócio e ao lucrativo mercado farmacêutico.

O cotidiano das mulheres assentadas do MST está diretamente ligado com aspectos da luta pela terra, mas também com diversos desafios no cuidado com a vida em um território impregnado por conflitos, disputas, conquistas e resistência. Os saberes de cuidado compartilhados entre as mulheres têm se estendido do território corpo, para o território da casa, dos espaços produtivos, através do cuidado com a natureza pelas iniciativas de produção agroecológica (Trevisan, 2021).

Importante pensarmos que as mulheres assentadas que estão à frente dos coletivos de saúde, são também muitas vezes as responsáveis por grande parte da produção de alimentos agroecológicos, além de produzir e reproduzir a vida são as guardiãs de sementes e portadoras de grandes conhecimentos sobre as plantas medicinais e seus usos, sempre priorizando a biodiversidade dos espaços onde vivem (Trevisan, 2021).

[...] A produção das mulheres camponesas sempre esteve orientada pela manutenção da vida. O projeto da agricultura camponesa é agroecológico, pois significa mais que cultivar a terra, significa cultivar todas as formas de vida, do solo, das plantas, dos animais e do ser humano. A agricultura camponesa e agroecológica preza pela multiplicação e continuidade da vida. (Lima; Pereira, 2020, p. 94).

Podemos afirmar que para as mulheres que constroem em seus territórios uma saúde popular e comunitária, que seus conhecimentos são patrimônios dos povos para o bem de toda a humanidade, e devem ser defendidos da ação destrutiva do agronegócio e grandes corporações que se apropriam e mercantilizam os recursos naturais e os saberes atrelados a eles.

Além da prática popular e integrativa de cuidado representar caminhos para a saúde como alternativas de resistência frente ao modelo do veneno, da opressão e da medicalização que tanto se perpetua hoje, existe também uma dimensão política (Gaia, 2005) na reprodução dessas práticas em territórios de reforma agrária.

Para o setor de saúde do MST, não existe possibilidade de se manter uma saúde integral sem pensar no alimento que se ingere e na água que se toma. Por isso estão na frente, e não por coincidência, são as grandes produtoras de alimentos agroecológicos. Segundo Monnerat (2019), as mulheres são os corpos protagonistas nos processos de transição agroecológica dos territórios do MST “resgatando e renovando conceitos e práticas, valorizando sistemas agrícolas tradicionais e sustentáveis, na resistência aos avanços da mercantilização da vida e da natureza” (GT Mulheres ANA, 2018)

Corroboro como Rufino e Simas (2020), que o encantamento é elemento e prática indispensável nas produções de conhecimentos, na miudeza da vida comum, os saberes se encantam e são reinventados os sentidos do mundo.

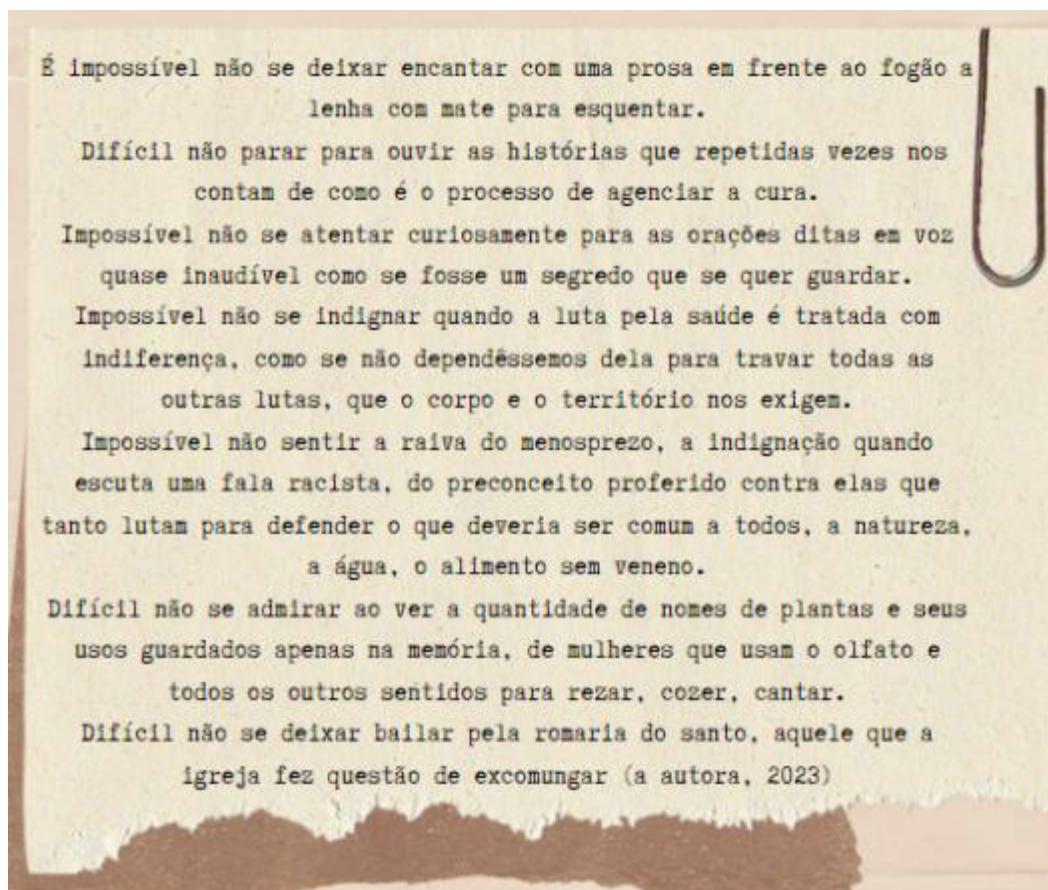
FIGURA 39: Dona Agda Colhendo limão para fazer remédio para gripe.



Fonte: a autora, 2022.

É nos bastidores onde a vida acontece e é de lá que me atrevo a escrever. E ali mesmo diante do desencanto da colonialidade essas mulheres ressignificam possibilidade de existir. Não tenho receita do encantamento, só é possível viver esse processo quem nutre relações de vínculos profundos com a terra e sua ancestralidade. Eu não tenho respostas, dicas, receitas, mas como trânsito em ambientes onde isso é vivido, e como me permiti aprofundar no miúdo eu as escuto e as enxergo, por isso escrevo. Confesso que por ora, a tentativa de colocar tudo em caixas, exigido pela universidade, me faz deslocar desse lugar que habito. Entendo meu papel desde aprendiz, e como aprendiz estou certa que erro. Ao tentar fazer esse link do que vejo com o que já foi pensando, escrito, discutido, por vezes, digo inúmeras vezes, me perco. Queria eu poder escrever esse encanto todo em forma de poesia, que fosse possível assim ser entendida, mas a tradução se faz necessária e esse foi o papel que me dispus a enfrentar e aqui estou.

Como disse, e acho que está bastante perceptível nas palavras que escrevo, o sentir perpassa a minha escrita de uma forma que não tenho como não escrever sobre.



É impossível não se deixar encantar com uma prosa em frente ao fogão a lenha com mate para esquentar.

Difícil não parar para ouvir as histórias que repetidas vezes nos contam de como é o processo de agenciar a cura.

Impossível não se atentar curiosamente para as orações ditas em voz quase inaudível como se fosse um segredo que se quer guardar.

Impossível não se indignar quando a luta pela saúde é tratada com indiferença, como se não dependêssemos dela para travar todas as outras lutas, que o corpo e o território nos exigem.

Impossível não sentir a raiva do menosprezo, a indignação quando escuta uma fala racista, do preconceito proferido contra elas que tanto lutam para defender o que deveria ser comum a todos, a natureza, a água, o alimento sem veneno.

Difícil não se admirar ao ver a quantidade de nomes de plantas e seus usos guardados apenas na memória, de mulheres que usam o olfato e todos os outros sentidos para rezar, cozer, cantar.

Difícil não se deixar bailar pela romaria do santo, aquele que a igreja fez questão de excomungar (a autora, 2023)

Essas mulheres que fazem parte dos movimentos MASA e MST, com todas as suas contradições que não são poucas, me fazem enxergar o encanto desde as brechas/ frestas. Mesmo com o aniquilamento imposto sobre seus corpos desde a colonialidade, a subjugação, o silenciamento, mesmo onde não deveriam ser, seguem sendo, construindo novas possibilidades aprendendo e ressignificando inclusive o verbo ser, mulheres que estão construindo no seu cotidiano uma saúde popular e comunitária, ressignificando também o valor da terra, o resgate dos vínculos perdidos, a defesa das águas da cultura *antiga* de um fazer que não se vê. Com elas aprendo!

A perspectiva da colonialidade do poder nos desafia a pensar sobre as mudanças e transformações sociais de uma forma que não seja redutora, e, portanto, engloba aspectos que perpassam a cultura e a economia. Por isso, olhamos para esses cercamentos desde a colonialidade do poder que atravessa a do ser e do saber.

Em nome de uma “missão civilizadora” (Grosfoguel, 2008), a pretensiosa superioridade do saber europeu, nas mais diversas áreas da vida, foi um importante aspecto da colonialidade do poder. Pois esses saberes produzidos por essas mulheres, assim como tantos outros saberes

chamados de saberes subalternos⁸⁵, foram e ainda são excluídos, omitidos, folclorizados (Mignolo, 2000). Segundo o autor, estas experiências praticadas pelas mulheres, são formas de resistência que reinvestem de significado e transformam as formas dominantes de conhecimento, do ponto de vista da racionalidade não-eurocêntrica, das subjetividades subalternas, pensadas a partir de uma epistemologia de fronteira.

Essa “cumplicidade subversiva” (Grosfoguel, 1996) me faz querer olhar para essas práticas e observar como essas mulheres, mesmo diante de uma perseguição histórica, preconceito, racismo, violência, continuam sendo. E apesar de não ter todas as respostas, acredito que elas só continuam sendo e fazendo por estarem pensando e atuando em suas comunidades, coletivamente.

Olhar para o pensamento das fronteiras, que aqui chamo de frestas, nos auxilia a compreender as resistências à colonialidade. Para Catherine Walsh (2005), o pensamento crítico de fronteira corresponde ao processo de questionamento e transformação da colonialidade do ser, poder e saber. Trata-se de um eixo intercultural de descolonização, ao passo que desvela os modos de vidas não dominantes e produz conhecimentos no diálogo com as narrativas e os pensamentos historicamente marginalizados. A posição crítica e fronteira possibilita a ampliação de perspectivas a partir do trânsito entre diferentes referenciais, cosmovisões, epistemes e ontologias (Oliveira, 2020).

É importante mencionarmos que a colonialidade entrou no imaginário das pessoas, ela oprime, dita regras sociais e estabelece verdades e certezas baseadas num único padrão homogêneo de civilização, de cultura e de desenvolvimento. Os povos do campo, da floresta e das águas que lutam pela existência em seus territórios, entendem a perversidade do silenciamento de suas histórias e de sua ancestralidade. Segundo Antonio Bispo,

A guerra da colonização nada mais é que uma guerra territorial, de disputa de territorialidades. Nesse contexto, nós, povos contra colonizadores, temos demonstrado em muitos momentos da história a nossa capacidade de compreender e até de conviver com a complexidade das questões que esses processos têm nos apresentado. Por exemplo: as sucessivas ressignificações das nossas identidades em meio aos mais perversos contextos de racismo, discriminação e estigmas; a readaptação dos nossos modos de vida em territórios retalhados, descaracterizados e degradados; a interlocução das nossas linguagens orais com a linguagem escrita dos colonizadores. (Bispo, 2021, p. 51)

⁸⁵ Os saberes subalternos são aqueles que se situam na intersecção do tradicional e do moderno. São formas de conhecimento híbridas e transculturais, não apenas no sentido tradicional de sincretismo ou mestizaje, mas no sentido das “armas miragrosas” de Aimé Césaire ou daquilo a que chamei “cumplicidade subversiva” (Grosfoguel, 1996) contra o sistema.

Por isso é importante olharmos também desde essa lente contra-colonial, pois ela me faz enxergar nesses territórios e territorialidades, processos de desencanto, mas também de encanto. Novamente aciono a necessidade de olharmos para a história, essa contada de forma linear. Os povos que não se encaixam nesse processo de corrida para o desenvolvimento são tratados como resquícios, residuais, e com eles se apaga memória e todos os processos de coletividade, de autonomia, de cuidado e afeto com a natureza, de relações saudáveis. O “Nós somos”, passa a ser “eu sou”, o pensar *individual* passa a fazer mais sentido do que o pensar *coletivo*, e o *ter* passa ter mais valor do que o *ser* (Bispo, 2021).

Por isso afirmo que minha tentativa é ir na contramão do desencanto, às vezes é preciso amiudar para enxergar possibilidades. Nas frestas, vejo uma rede que se fortalece e se retroalimenta. O mapa de práticas de cura nos mostra que as experiências estão em todos os territórios/biomas, ela se capilariza de diferentes formas, por diferentes mecanismos. As práticas de saúde popular comunitária nos mostram que a ancestralidade está presente e viva, a oralidade e a práticas que se enraízam, germinam novas sementes, através das trocas dos encontros. As memórias estão vivas e presentes, portanto, são construídas de novas possibilidades, de territorialidades distintas, desde esse lugar da saúde.

Encontrei nas leituras de Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino uma grande abertura para enxergar nas miudezas cotidianas possibilidades de reinventar o afeto, aprender com a gramática dos tambores, do cheiro que exala as plantas, dos cantos, das medicinas outras, a observar nas re-existências, possibilidades de reinventar desde uma sabedoria popular.

Luiz Antônio Simas fala da importância de se atentar para os fazeres cotidianos como caminho para escutar e compreender outras vozes, além da perspectiva do fragmento como miniatura capaz de desvelar o mundo, é “a chave da desamarração do ponto. É a miudeza que vela e desvela a aldeia, as suas ruas e nossas gentes” (Simas, 2021, p. 10). Nesse sentido das pedagogias das encruzilhadas, o cotidiano, o miúdo podem nos dar pistas de por onde se caminhar desde outros olhares, onde o viver ultrapassa as relações meramente capitalistas e coloniais, é no dia a dia que a história dos mais velhos vai sendo perpetuada, entre um chá, uma receita, uma roda de capoeira um jongo. Talvez possam nos dar pistas de como driblar as correntes do colonialismo imposto sobre os corpos e mentes. Lembrando que o “ato de desamarrear” é desfazer o que está autoimposto, é o drible, a fuga, o horizonte e as novas possibilidades.

Para Rufino a potência da encruzilhada é o devir, o movimento inacabado, o cruzo é, a rigor, uma perspectiva que mira a prática da transgressão e não da subversão. Ele opera sem a pretensão de exterminar o outro com quem se joga, mas de engoli-lo, atravessá-lo, adicioná-lo

como acúmulo de força vital. Por entender que essa força, muito mais que teoria, se trata de uma prática descolonial, que demanda outros movimentos mirando uma virada linguística e epistemológica implicada na luta por justiça cognitiva e pela pluriversalização do mundo, baseado num horizonte filosófico orientado pelo princípio da ancestralidade e do cruzo (Rufino, 2019).

Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino me fazem ler as práticas de saúde popular comunitária protagonizadas pelo MASA e MST, com uma lente descolonial, buscando o cruzo entre distintas sabedorias. Percebo nas andanças entre os movimentos sociais que existe mesmo esse cruzo do saber tradicional com o científico onde as práticas são reinventadas, ressignificadas e não se exclui conhecimento. Essas mulheres não lutam contra a medicina-patriarcal-ocidental-medicalizada, não buscam ocupar esse lugar, mas sim dialogar com, trocar, somar, confluir, e também reivindicam uma autonomia sobre seus corpos e mentes, sobre decidir o quê e quando acionar cada um desses conhecimentos. Buscam ressignificar o conceito de saúde, feito por e com a comunidade, desde um olhar que respeita a ancestralidade, o conhecimento popular e, ao mesmo tempo, não nega o conhecimento científico.

Utilizamos a ancestralidade, tecida desde a pedagogia das encruzilhadas por justamente enxergar caminhos e possibilidades para o encanto da vida, possibilidades de combater o esquecimento, justamente por invocar de alguma forma a presença. Presença nas garrafadas da Dona Lucely raizeira do cerrado, mulher negra, quilombola; presente na garrafada feita por Dona Agda, benzedeira, da região centro-sul do Paraná; presente na produção de específico, e diversas tinturas produzidas por Dona Maria, camponesa e filha de benzedeira, integrante do Coletivo de Saúde do MST-PR. Ancestralidade camponesa, migrante, que se faz presente nas trocas de mudas e receitas sobre plantas medicinais, nos ensinamentos sobre seu uso, saber esse passado e cultivado de geração em geração, presente nas simpatias, nas festas de santo, na comida, no manejo da agricultura, na receita de xarope para tosse, na forma de extração de uma raiz, planta e casca, na relação harmônica com a terra, os bichos, a natureza, presente na memória viva de cada uma dessas mulheres que constroem a saúde popular.

A vida, afinal, é aquilo que praticamos cotidianamente e está em constante ameaça. Cabe entender o encantamento como ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão. O encantamento se produz na prática cotidiana de vida e na espantosa produção de beleza diante de um projeto de produção de horror (Simas, 2021), como afirmação da beleza do ser no mundo, construindo nas brechas experiências que vão produzindo esse encantamento. É a disponibilidade do ser afirmando a vida diante da morte, a disponibilidade de se alterar como

política de vida diante da morte, para nós são as formas que encontramos para pular as cercas que insistem em nos prender.

Nas bandas daqui a noção de encantamento vem sendo ao longo do tempo trabalhada como uma gira política e poética que fala sobre outros modos de existir e de praticar o saber. A noção de encantamento traz para nós o princípio da integração entre todos as formas que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade).

Para nós, é muito importante tratar a problemática colonial na interlocução com essa orientação. Entendemos que a matriz colonial é uma das chaves para pensarmos a guerra de dominação que se instaura entre mundos diferentes. Se de um lado temos a integração dos sistemas vivos, a conexão entre as dimensões materiais e imateriais e a ética ancestral, do outro lado está a separação e a hierarquização Deus/Estado, humanos/herdeiros de Deus e natureza/recursos a serem transformados em prol do desenvolvimento humano. (Simas; Rufino, 2022)

Nos afluentes que deságuam, o que temos em confluência são as práticas, é um ser, que sendo, fazendo, constrói de forma coletiva e organizada uma saúde popular comunitária feminina. Algo que precisamos pontuar além do papel das mulheres nessas práticas é a potência que emerge do coletivo. Segundo Machado (2017, p. 5), “ao trabalharem coletivamente, essas mulheres vão redescobrando sua força política. Elas transformam-se em mulheres responsáveis por mudanças sociais em suas comunidades”.

Essas lutas que partem de um lugar específico (mulheres, lutando pela saúde enquanto um direito, enquanto um bem comum) ressignificam e mudam as relações além de ter uma potência transformadora de território. Como disse Maria Isabel Grein, “a mudança e o trabalho das mulheres nesses coletivos é silencioso”, mas provoca mudanças precisas e importantes, nos mostram possibilidades que já existiam nas frestas.

A princípio acreditava que a única semelhança entre os dois grupos eram o conhecimento e uso das plantas medicinais acreditava que o elo entre os dois mundos, eram as plantas. Mas acompanhando suas trajetórias percebo que os saberes ancestrais e as plantas medicinais, são apenas o fio condutor que as laça. O bordado final que sai desses entramados de fios é a defesa de uma categoria que para essas mulheres é o mais importante “a vida”, é a centralidade da vida que as une, que as conecta com as práticas mapeadas.

Segundo Priscila Facina Monnerat do MST- PR, em entrevista dada em agosto de 2021:

Eu penso que as benzedeiras do MASA e as mulheres do MST tem muitas semelhanças. Primeiro porque elas têm a mesma origem, geralmente mulheres ligadas ao campo que tem esses saberes de outras mulheres ancestrais do campo, muito ligado à religiosidade. Aqui a gente tem várias benzedeiras nos assentamentos, mas o movimento, como um todo, ainda não enxergou e valorizou a importância desses saberes. Os saberes ancestrais e tradicionais começam a ser enxergados com a

agroecologia, como uma coisa política importante para a autonomia, mas a questão dos saberes das benzedadeiras ainda não caiu à ficha, a não ser nos guetos presentes nos coletivos de mulheres e no de saúde, mas a tendência é ser cada vez mais valorizado. Essas mulheres têm semelhanças muito grandes, de origem de saberes, de perspectivas, na defesa da vida, do território e da saúde.

Na fala da Priscila, parceira de mestrado, que pode acompanhar juntamente comigo de algumas vivências e encontros com as benzedadeiras do MASA, percebemos a importância dos saberes tradicionais e ancestrais relacionados a essa relação com o corpo, saúde, natureza e como as coisas são juntas. Não existe saúde se temos relações doentes, se vivemos e convivemos num território doente, com veneno, desmatamento e sem relações de afeto. O MST assim como os povos e comunidades tradicionais estão trilhando caminhos que levam na mesma direção. O direito à terra, território, água, dignidade e relações saudáveis.

As lutas das mulheres do MASA e MST que protagonizam as práticas de saúde popular comunitária encerram um sentido precioso e profundo de inovação das tradições. Elas nos mostram que os seus modos de vida não estão presos ao passado, mas nos projetam para futuros alternativos.

Ao ser e fazer coletivamente essas mulheres transformam-se em sujeitos de mudanças sociais em suas comunidades. Essas práticas e cuidado se desdobram do eu para o nós, portanto ressignificam também o cuidado coletivo, reconhecendo-o em atividades que buscam dar formações sobre a importância de cultivar com respeito a terra onde se produz, com relações cíclicas com a natureza.

FIGURA 40: Dona Ana benzedeira na trilha do parque do Monge em Rebouças- PR.



Foto: a autora, agosto de 2022.

Na foto Dona Ana caminha pelo Parque do Monge, vai feliz a nos mostrar outros olhos d'água brotando na reserva. Sabe que na defesa dos olhos d'água cumpriu seu papel. As memórias, a ancestralidade viva das mulheres nas suas práticas cotidianas, nos mostram onde a saúde não foi colonizada. Dona Ana o tempo todo nos ensina a driblar as diversidades, a não se deixar esmorecer com a quantidade de preconceito e desvalorização da sua cultura. No cotidiano ela vai dando pistas de como fazer, e não são receitas milagrosas e custosas não, já adianto. O que Dona Ana, Dona Maria, Serla nos ensinam através de seus territórios é que é possível outras formas de viver em comunidade e coletividade desde o cuidar.

Seria a saúde um ente mobilizador do território a ponto de transformar as relações e ressignificar outras dimensões que perpassam o território como a política, economia e educação? Uma questão para nos aprofundar adiante.

Nas falas das mulheres, percebemos que o cuidado é transformador, nos territórios o indivíduo passa a ser comunidade, onde não existe separação da vida, natureza, território e

comunitário, tudo é junto, relacional (Escobar, 2014). O caminhar é pulsante, atravessa as relações e ressignifica o tempo todo o pensar e fazer saúde, desde uma forma comunitária e afetiva onde saúde é vida. As práticas grafam marcas nos territórios, ressignificam relações, e imprimem novas territorialidades.

Apesar de entendermos que a saúde popular ela é em si um processo inacabado e constante caminhar e transformação, constituído por identidades diversas, em diversos territórios, grafam diferentes territorialidades, importante não deixarmos de aprofundar nossas reflexões para o papel que as mulheres exercem desde essas práticas cotidianas. Como a proposta é de olhar para o miúdo, não podemos ignorar o fato de quem sabe e faz cotidianamente a prática do cuidar.

No próximo capítulo convido a mergulhar nas possibilidades outras que essas mulheres tecem diariamente desde essa construção da saúde popular comunitária, mas desde o corpo território, desde suas memórias, de um lugar situado, desde o cotidiano e desde ação do verbo cuidar e sentir.

3. GEO-GRAFIAS DO AFETO E DA SAÚDE DESDE UM CORPO-TERRITÓRIO FORJADO NO COTIDIANO E NO CUIDADO



Está provado através da investigação científica que o extrato do dente-de-leão duplica o volume da biliar produzido pelo fígado no espaço de uma hora depois de tomado. As decocções das folhas, flores e raízes são tônicas, depurativas e levemente laxantes. Estimulam os rins, o fígado e elimina a ureia, o colesterol e o ácido úrico, o que o torna um remédio fantástico para a má digestão, todos os tipos de reumatismo, arteriosclerose e distúrbios circulatórios. Na cozinha suas folhas novas combinam muito bem com saladas. Das folhas e flores se faz vinho, apreciado pelos amantes da comida muito simples e natural, e das raízes secas e trituradas é possível fazer uma bebida que lembra o café. Na cosmética ajuda nos regimes de emagrecimento, purifica o sangue e combate a celulite. Um chá bem forte clareia as sardas e é considerado um super remédio para espinhas (Bornhausen, 1991, p.98).

Não é, nem nunca foi uma tarefa fácil responder com vida a um sistema que o tempo todo nos cerca com o apagamento de memórias, com a tentativa de expropriação dos territórios e corpos. Não poderia deixar de aprofundar as questões que envolvem a saúde desde o campo popular e comunitário, com ênfase no protagonismo feminino, porque as marcas que as mulheres trazem gravadas nos seus corpos, relacionadas a suas histórias de vida, constroem e reconstroem as práticas cotidianas de resistência.

Importante mencionar que como aprendiz, aprendo, no sentir-pensar-fazer junto, na pedagogia do envolvimento, na caminhada que elas escolhem para a luta, na subversão da realidade para dar conta das violências vividas diariamente. Mulheres que desde as margens dos cotidianos, fazem ciência, história, conhecimento e sobretudo, a vida vingar.

No capítulo anterior, vimos como as mulheres do MASA e do MST, se constroem no confluir do desencanto e encanto e como nas frestas encontram possibilidades de resistir aos cercamentos impostos pela expansão capitalista/colonial no campo. Trabalhamos algumas cercas que elas enfrentam e nesse terceiro capítulo é onde essas confluências, entre o MASA e o MST, se encontram e crescem com um mergulho profundo no cotidiano, para trazer aos olhos da geografia, quais as grafias que o afeto deixa no território.

O objetivo é entender que grafias se constroem desde a ação do verbo cuidar e quais dimensões do território e corpo-território ele atravessa, com o olhar para o cotidiano. Olhando para a saúde popular feita desde o chão, as miudezas de um povo e um saber desde esse lugar, contornado pela mata das araucárias, pelo embu, o cedro, pela erva-mate. O lugar das lutas por terra e território, das constantes ameaças a sua forma de ver e viver. Histórias que marcam em seus corpos, o cotidiano da luta e a luta no cotidiano (MONNERAT, 2019) e que constroem coletivamente diferentes perspectivas do cuidado.

Tentamos nesse momento, entender e analisar as potencialidades do curar/cuidar na saúde popular a partir da experiência das mulheres do MASA e do MST, nas práticas, relacionadas ao ato de benzer e cultivar plantas medicinais, mas também na produção de alimentos saudáveis através das práticas agroecológicas. Os processos de cuidado com a natureza, o alimento, a vida e a saúde realizados, traduzem dimensões da vida desde o cotidiano até a visão ampliada de cuidado em defesa dela e apontam desafios novos para o cuidado integral à saúde, para a construção de novas relações familiares, de trabalho rural e de relação com as outras formas de vida existentes. Como mencionamos anteriormente a saúde popular comunitária ela perpassa o conceito de saúde e a relação com a doença para um conceito ampliado de saúde para relações saudáveis com a comunidade com a natureza, é romper com tudo que nos oprime.

Nesse capítulo vamos mergulhar no cuidado e no cotidiano desde esses olhares do COMO as mulheres que representam esses dois movimentos vem fazendo. No sentir pensar fazendo saúde de forma comunitária, com escuta, com sororidade, e afeto. Mulheres silenciadas, invisibilizadas, mas que desde esse olhar para o miúdo e pro cotidiano nos dão pistas de como resistir através do afeto e do cuidado comunitário.

A Colonialidade/Modernidade produziu suas formas de dominação nos limites do ser/saber/poder também capturando, subalternizando e relegando ao esquecimento uma diversidade de princípios explicativos de mundo (Simas; Rufino; 2019 p.19). A palavra falada, a história contada foi e ainda é resistência para muitos dos povos, e o que dizer das mulheres, filhas de um genocídio cultural e étnico, que trazem nos ossos violências, apagamentos e silenciamento que fundam suas existências (Losito, 2022).

Quando dizem: Todas as histórias já foram contadas, cabe a nós nos perguntarmos? Quais histórias? Quem contou? Não é verdade que todas as histórias já foram contadas, pelo contrário, apenas uma única história foi contada e ela é branca, homogênea, cis e patriarcal. E a história dos vencidos? A “*escovada a contrapelo*”⁸⁶, das minorias, que são a grande maioria dessa população, quem contou?

Digo isso porque nesse primeiro momento do capítulo vamos fazer o exercício silencioso de escuta geográfica. Para ouvir é preciso silenciar, se permitir inundar, se permitir preencher com as histórias dos outros e sentir. Nas histórias que vamos ouvir existe algo muito nosso, são essas histórias que permeiam a memória das nossas mães, avós, mulheres que estão de norte a sul esparramadas por esse Brasil. A escuta precisa ser entendida nesse momento como um processo de evento-palavra-corpo, como extensão da vida, e o testemunho enquanto escola (Losito, 2022).

No compartilhar de suas histórias, que são memórias vivas, vão também desvelando tecnologias aprimoradas diariamente, inclusive sobre o conhecimento que carregam no próprio corpo, suas grafias e forma de convívio e de cuidado com os outros seres – humanos, entidades, animais, plantas, o cotidiano vivido nos diz muito. É no cotidiano da existência que a história acontece (Menegas, 2021)

⁸⁶Walter Benjamin enuncia, em algumas palavras lacônicas, as principais linhas diretrizes de seu método anti-historicista: “O momento destruidor: demolição da história universal, eliminação do elemento épico, nenhuma identificação com o vencedor. A história deve ser escovada a contrapelo. A história da cultura como tal é abandonada: ela deve ser integrada à história da luta de classes” (Benjamin, 1981 apud Lowy, 2011, p.20).

Algo que as pedagogias têm me ensinando muito no tecer desta tese, e nesse momento mais especificamente, é a pedagogia griô⁸⁷, e o que temos a aprender com ela é o profundo compromisso teórico-metodológico com os sentidos dos afetos, do silêncio e do poder da palavra, que está no processo de reinventar a roda e inverter a estratégia epistemológica (Pacheco, 2015 p.24).

Aqui as vivências, a memória, a oralidade precedem a consciência e a escrita, por isso a inversão, a transgressão, pois o conhecimento que se dá por meio da tradição oral que é fundante. E assim será esse capítulo, primeiro o momento de escuta, para olharmos com afeto as histórias trazidas de longe de mulheres que fazem parte do MASA e do setor de saúde do MST, mas que contemplam múltiplas identidades: mulher, mãe, benzedeira, costureira, camponesa, quilombola, indígena, assentadas, militante, avó, cozinheira, mãe de santo, tia, irmã, amiga, dirigente, coordenadora, líder comunitária, agrofloresteira.

Serão nove mulheres, nove histórias, nove perspectivas de quem constrói com as mãos desde o chão. Mãos que trazem vidas à luz, fazem xaropes, tinturas, garrafadas para tirar a dor do outro. Mãos que separaram as sementes, aram a terra, calejam no segurar da enxada, no exercício repetitivo de carpir. Mãos que sustentam o contato direto com a terra, com a água, com o alimento que vai para mesa. Mãos que ensinam a colher, cortar e encontrar as ervas certas para curar. Mãos que cuidam dos idosos, das crianças, da família. Mãos que oram, que costumam, que cozinham, que lavam, que limpam, que suam, que cansam e mãos que ainda são produzidas como invisíveis, ainda que todos vemos.

Nesse momento de roda trago as histórias dessas mulheres, são elas: Dona Agda, Dona Eva, Marli, Dona Rosinha, Dona Nilza, Dona Ana, Dona Maria Dona Vera e Serla

3.1 GEO-GRAFIAS DA ESCUTA DO TERRITÓRIO

3.1.1 Dona Agda

87 Griô é um nome-síntese de trajetórias agregadoras, múltiplas, híbridas, mestiças e inovadoras do povo brasileiro. Não representa uma unidade cultural, ao contrário, expressa a diversidade de um povo que aprendeu a construir sua identidade com o outro. É um nome que age como uma metáfora de que o “eu” é sempre o resultado do diálogo com o “outro”, ou melhor, o eu é também o outro. O nome Griô, simboliza uma forte expressão tanto da valorização dos saberes orais oriundos dos recônditos rurais e das cidades do Brasil, quanto da valorização do encontro entre a brasilidade e o mundo diverso que a compôs. Nesse sentido, a brasilidade do mundo e o mundo da brasilidade são a mesma coisa. Trata-se da fertilização do diálogo, presente na hibridização dos continentes e promovida a partir de uma Epistemologia do Sul (Pacheco, 2015 p.12).

O meu pai era benzedor, era homeopático, e professor. Trabalhava na roça e de noite ele reunia as pessoas que queriam aprender a escrever, tinha lá uma casinha, se reunia a base de lampião, vela, que aquele tempo não tinha luz e ele ensinava. Ensinou bastante pessoas a escrever o nome, fazer continha. Ele ensinava à noite bastante gente que queria se qualificar, tirar o título de eleitor e não sabia assinar o nome. Ele teve paciência de ensinar. Quando ele veio de lá de Campo Largo que eles eram moradores de lá, ele contou que deu aula para o povo lá. Naquele lugar ele tinha 10, 12 pessoas que iam lá para aprender com ele. Aprenderam a fazer conta, escrever o nome. às vezes ele tinha que ensinar desde o ABC, ele tinha que ensinar, porque as pessoas não conheciam as letras. De dia ele trabalhava na roça e de noite ia até meia noite ensinando as pessoas. Ele era bem estudado, não tinha tudo de estudo que nem agora, mas ele era bem sabido. Trabalhou na Santa Casa de Misericórdia lá em Curitiba. O pai dele se tratou, fez cirurgia lá e ele ficou trabalhando lá quase um ano aprendendo. O médico de lá, que deu um livro para ele, ensinou sobre homeopatia. O pai aprendeu muita coisa lá, desde a injeção no músculo, na veia, ele entendia tudo de enfermagem, e nos ajudava. O pai fazia encanamento no braço quebrado das pessoas, colocava no lugar os nervos, os ossos, enfaixava as pessoas, ensinava os remédios para tomar e para passar e muita gente se curava assim, eu me lembro que ele fazia as tabuinhas para colocar na quebra-dura, eu o ajudava, aprendi um pouco com ele. Meu pai e o pai dele eram benzedores, os dois. Ali no Pântano Preto, o povo procurava muito ele para machucadura, curar os bichinhos, que vinham com ofensa de bicho, cobreiro. O meu pai ficou a mesma coisa que o pai dele, e daí quando ele morreu, eu já peguei para mim um pouco e tô continuando agora. Mas dos meus nenhum quer saber, já tentei, mas só uma das filhas que aprendeu cortar cobreiro e costurar machucadura. Os outros ninguém se interessou, dizem que agora não precisa, já tem médico. Os de casa ninguém quer. Só os de fora querem aprender. Hoje em dia os jovens só querem saber de festa, droga e bebedeira, é uma pena, mas tem que continuar, isso é muito bom para o povo. Mas o que eu aprendi de benzimento eu aprendi nos grupos que se reunia com as pessoas mais de idade, aprendi bastante assim, com as velhinhas que já se foram. A maioria das simpatias e dos remédios a gente pega na prática, também vai preparando os remédios, vai fazendo xarope, as pomadas, tintura e cada vez vai praticando mais e ensinando para os outros que querem aprender. Uma pena que muita pouca gente queira aprender. Eu vim embora morar aqui para Rebouças, porque eu tava doente lá (comunidade rural Rio Bonito- Rebouças), morando sozinha, depois que meu marido se foi, porque não tinha quem me ajudasse com a criação, aí vim morar para cá, se eu tivesse morando lá já tinha morrido, porque daí a gente ia muito pro rigor de chuva, frio, lidar com criação, trabalhar direto, e daí para cá, eu me resguardo do

frio e eu tô com saúde. Mas graças a Deus, no inverno peguei uma gripe bem fraca, porque eu tomo bastante própolis com salvinha, (e chá de Limão com mel e alho que é muito bom. Quase não vou ao médico, é muito difícil eu ir ao médico. O curso melhor que achei é o da bioenergia, que luta com ervas, com casca, da raiz com folha nativa, remédio do mato e principalmente a terra virgem, emplasto de terra virgem para várias coisas. Aí eu me sinto bem, eu tenho tudo gosto e o prazer de benzer as pessoas. Agora já são 8:30 chegou uma mulher agora pouco com uma menina pediu para eu benzer e dei remédio para ela, já voltou embora e me avisou que a menina já tá melhor. Aqui é assim, não tem hora, chega meia-noite, chega de madrugada, a hora que chegar eu atendo, não tenho preguiça, gosto de ensinar remédio e ninguém sai da minha casa sem tomar um remedinho ou levar um chá para tomar em casa. Tudo isso me faz bem, eu me sinto feliz de poder ajudar uma pessoa, que daí depois ela vem me agradecer “foi tão bom o remédio, foi tão bom o benzimento! Não tem um elogio maior que eu recebo do povo aí. Eu gosto de lidar com garrafada para várias coisas, para mulher de dieta, para engravidar. Algumas mulheres que fiz garrafada e engravidaram agora trouxeram o bebe para mim ver o fruto da garrafada. Eu aprendi com o meu pai a aplicar injeção e temperar homeopatia, tudo eu sei. Aprendi a aplicar no músculo, na veia. Com 12 anos eu aprendi, agora que não era mais para gente aplicar depois que teve os postos de saúde, mas primeiro era lá na minha casa que ia tudo levar as crianças para tomar injeção, as pessoas iam tomar injeção no músculo, na veia. Eu vinha para cidade e levava as vacinas para as crianças, já sabia o nome das crianças e trazia tudo anotado no papel. Era muito difícil levar as crianças, então toda vez que vinha para cá eles me davam as vacinais para eu levar era de 8 a 10 crianças, era penoso, naquele tempo era difícil vir para cá tinha que vir de carroça, não tinha como trazer as crianças, eu tinha uma caixinha de isopor para levar as injeções, era um tempo penoso. Mas o tempo passa né, a gente vence tudo isso e graças a deus eu tô aqui 78 anos completos, quase 79 e tô dando pancada por aí lutando com alguma coisa e com outra, Deus me dá força. Eu já luto desde 2008 nesse movimento. Faz 10 anos que sou do Conselho e agora tô continuando. Tivemos essa semana em reunião em Guarapuava e vão marcar mais reuniões lá para Curitiba, e nós temos que dar mais uma chegada por lá a hora que tiver a reunião. Eu gosto de ir nessa reunião, nessas reuniões que a gente aprende mais coisas e que a gente também ensina, lá eu vou ensinar bastante coisa para as pessoas.

3.1.2 Dona Eva

Eu sou nascida aqui no Pirapó e criada. A minha mãe também nasceu aqui em Pirapó. Minha mãe hoje estaria com quase 100 anos, minha avó era daqui dessa região aqui. Minha avó veio da Pedra Preta, uma coisa assim sabe, debaixo da Serra da colônia e o vô era andante. Nossa antecedência é de bugre, só minha avó paterna que veio da Europa, não sei como se achou com meu avô porque aqui era tudo mato, naquele tempo era tudo faxinal, os porco tudo solto. Meu avô era benzedor, o pai da minha mãe era benzedor também, benzia de susto, fazia de tudo. A vó era parteira e muitas crianças nasceram na mão dela e da minha mãe. Eu acho que por isso que a gente tá exercendo certas coisas, eu tô com 64 anos. Eu comecei a benzer e fazer cura quando uma vez o meu marido pegou cobreiro, e daí eu tive que perguntar para mãe, porque era numa parte que não podia ser exposto, e daí eu tive que perguntar para mãe como que ela curava cobreiro. E aí ela me ensinou como que era para fazer e se possível fosse numa fonte de água, mas se não tiver perto pode ser com água da torneira mesmo, água corrente, e aí eu aprendi curar cobreiro assim com água né e com galinho do mato. A costura eu aprendi a curar com a minha avó Paulina, as pessoas me procuram muito para costurar, até de Curitiba as pessoas procuram. Aqui vinha muita gente costurar, agora até que não vem muito porque pedem a distância e muitas delas no segundo dia de costura já ligam agradecendo. Muitas vezes a gente sabe que fica bem porque a rendidura é só com costura mesmo e o cobreiro também é na água ou cortado. Muita gente me pede também para derramar cera para arrumar a vida. Às vezes a vida tá de ponta cabeça, eu também tiro no ovo. A gente faz assim parte do ovo no copo de água e ele cozinha. Se for uma criança que tá assustada, a gente vai quebrar o ovo no nome da criança para tirar o susto, o pânico, o medo, quebrante e o mau-olhado. Se for adulto que às vezes pede devido à vida que tá difícil, cheio de inveja, gente tira no ovo e também pode ser tirado na cera, sai tudo ali, na cera, no ovo e também cozinha tudo o ovo. Eu comecei minhas plantinhas já logo no que casei também, a gente se interessou pelas árvores. Eu amo muito árvores e daí as plantinhas medicinais como a espinheira-santa, boldo, amoreira, sem contar os outros remedinhos que é o alecrim, arruda, erva-doce, hortelã, levante, alfazema. Nossa! Tem muita plantinha! E aí a gente foi lidar com coisas orgânicas né sem agrotóxico e aí que a gente começou a dar valor para as verduras orgânicas, que também são remédios, porque cada doença nossa é uma coisa na vida da gente. Digamos, eu tô com uma dor de cabeça ou a pessoa tá com dor de cabeça, tem que ver a causa da dor de cabeça. Pode ser uma dor de cabeça, de nervo, de inveja, mau-olhado, sinusite, várias causas. Então a gente tem que tentar curar a dor e a causa também. Mágoas de antigamente, causa enxaqueca. Fiz o curso

de Reiki lá em União da Vitória com o meu professor e mestre Bruno que já se foi, já é um ser de luz para mim e a Dona Caroline que ainda é viva mas já tá bem velhinha. Eu fui fazer Reiki por necessidade, porque eu tava precisando muito, eu sentia que ia morrer mesmo, eu não aguentava mais, tava explodindo, estourando e aí como a minha mãe já tinha feito o reiki e meu irmão também eu dei por fazer o primeiro nível e foi muito difícil eu chorei muito, eu vi muita coisa feia na minha vida, mas hoje eu sou outra pessoa eu não sou mais aquela pessoa de um ano atrás. Minha mãe morreu enquanto eu estava passando reiki para ela, que na hora que ela tava indo embora eu aguentei bem firme, porque o reiki era tudo na vida da gente. Fiz o segundo nível para aplicar reiki de longe, muitas pessoas têm me pedido. Muitos vem por causa da depressão, angústia, medo, pânico e várias outras coisas e também aprendi a benzer com um galhinho de arruda. Algumas pessoas pedem para benzer por causa da situação na cidade, que é uma correria, um transtorno, um corre do povo, um estresse danado das pessoas, aí eu benzo aqui na frente do portãozinho de nossa senhora.

3.1.3 Marli

A minha avó e meu avô vieram da Ucrânia de navio, mas tiveram muita dificuldade pra ter sua terra. Meu avô construía tambor, e vendia querosene, e numa dessas o paiol pegou fogo e ele morreu queimado, minha mãe só tinha 12 anos. Ela disse que foi muito penoso para minha vó. Minha mãe sofreu muito racismo junto com meu pai, porque ela casou com meu pai que era caboclo e aqui tinha muito preconceito, ainda mais um branco casar com preto, nossa, ela sofreu muito. Mas casou, teve seus filhos, e passaram um perrengue também por causa da praga dos gafanhotos. Eles não deixavam nada em pé, comiam trigo, arroz, o que tinha na terra eles comiam. eu tive oportunidade de ir para escola, então fiz até o quarto ano, porque ali em Gonçalves Júnior só tinha até o quarto ano, aí fui plantar, cuidar da roça, meu pai plantava fumo, cebola, feijão, milho. Então, nós somos da Igreja Ucrâniana Ortodoxa, comemoramos o ano no dia 06 de janeiro, temos várias tradições bem diferentes. Minha mãe nunca falou brasileiro, ela saiu da escola porque ela não conseguia falar brasileiro, então quem me ensinou tudo foi meu falecido pai. Desde pequena eu ficava atrás do sofá só observando ele benzer, até que um dia ele me chamou e disse que ia me ensinar. Quando eu tinha meus 14 anos, ele disse para mim para ir até a casa de uma mulher benzer para dor de dente. Eu disse que não sabia, ele insistiu, falou que eu já sabia sim, que era só eu lembrar das coisas que tinha me ensinado e foi assim, benzi e ensinei um remédio que tinha visto ele fazer. Até meus 15 anos a gente nunca tinha ido ao médico, remédio era só caseiro. Mas comecei a

benzer mesmo já com quase 26 anos. Um dia saí com meu irmão pra roça, colher milho, mas meu pai me chamou às pressas no portão, disse para eu voltar e benzer ele que não tava muito bem da cabeça. Não adianta falar que não sabia, ele foi me ensinando e fui benzendo. Mas depois que voltamos da roça meu pai tava na cama, ficou acamado, me chamou e falou que daquele dia em diante era eu que ia curar. Foi ali que herdei o dom dele meu irmão levou ele pro hospital, mas ele não resistiu e morreu naquele mesmo dia. Mas meu pai era muito conhecido, vinha gente de todo que é lugar benzer com ele, e olha que naquela época não tinha carro, só ônibus, então o povo vinha e às vezes ficava o dia todo esperando o ônibus pra voltar. Comecei a benzer quando meu pai faleceu, e desde então eu benzo e ensino todos os remédios que ele sabia fazer, até ajudo quem não tem muita sorte no amor. Lembro dele me dizer “Não esqueça das coisas que eu ensinei para você, vai precisar vai ter bastante gente a te procurar” Eu gosto muito de poder ajudar, esse ano eu tenho só coisas para comemorar, três mulheres a que fiz garrafadas e que não podiam engravidar vão ser mães, isso é muito gratificante. eu sou tenho a agradecer a deus.

3.1.4 Dona Rosinha

Eu nasci no Faxinal Marmeleiro, em Rebouças. Eu venho da descendência de índio e de bugre. Meu pai era rezador de romaria e eu o acompanhava desde os meus 10 anos de idade. Minha avó e bisavó eram benzedeadas. Naquele tempo, a gente se virava com os remédios do mato, era só o que tinha, então desde cedo aprendi com meus pais a usá-los. Meu pai era muito procurado para rezar a romaria, eu ia com ele, para cima e para baixo, era quase todo sábado. Até os meus 18 anos, eu só aprendi a arrumar machucadura e os benzimento eu tinha aprendido com minha mãe, com minha avó e bisavó. Vim para Irati com 15 anos e até os 21 trabalhei como empregada doméstica. Com 21 anos eu casei. Mas não entrava muito na minha cabeça esse negócio de benzimento, eu parei um pouco e quando voltei foi quando comecei a me desentender com meu marido e aí a gente foi no Centro de Jesus e Maria em Irati, foi ali onde eu desenvolvi na mesa espírita, recebi a Preta Velha Maria Conga, e acho que até hoje ela me protege porque na hora que eu vou fazer os benzimentos ela sempre me aparece. Eu fiquei por 8 anos no centro de terreiro, pouca gente sabe, desenvolvi na linha de caboclo Pena Verde, na linha de preto velho a vó Maria Conga, na linha das crianças também Cosme e Damião. Me chamavam de feiticeira, macumbeira, porque eu era do terreiro, então a gente era muito discriminado, mas mesmo nessa discriminação eu comecei atender na minha casa e nessa parte meu ex-marido me dava um apoio, meu companheiro, já tinha duas filhas, comecei a atender,

mas eu comecei a ficar doente, porque daí eu não chegava nem comer, era muita gente e clareava o dia já tinha gente na frente da minha casa, mas eu fazia assim benzimento meio quase que escondido porque naquela época a gente ia preso. Comecei a ficar com medo e aí pedi para sair do terreiro, não queria desenvolver a linha de esquerda. Quando sai comecei a frequentar a Renovação Carismática, naquela época tinha Retiro, eu aprendi fazer as mesmas oração que eu já tava desenvolvida, não é diferente a Renovação Carismática do Centro eu posso afirmar com todas as letras. Eu me sentia muito bem na renovação carismática, lá eu fiquei por 15 anos, daí comecei a servir na Igreja Católica eu já comecei a sentir que era no Rosário que eu fazia minhas simpatias e orações e pedidos eu falava em língua, sabe? Falava em línguas dos anjos. Então eu fui ganhando esse espaço de benzer, de benzer machucadura, mas mesmo assim, escondido dos padres eles não podiam saber. Às vezes tem alguém que está lá doente, não é doença, é coisa mandada e coisa feita. Então tudo isso aqui a gente aprendeu também na Renovação Carismática é bem quase igual. Acabei voltando a atender em casa, todo mundo sabe sabia que eu fazia benzimento, mas era escondido, eu tinha medo de ser presa, naquele tempo assustava, a igreja não aceitava a gente, era discriminado. Foi quando eu sair do Centro Espírita e passei para renovação carismática que eu senti que ganhei mais força ainda com as graças de Deus e eu sei que meus guias continuam a me ajudar eu sinto eles, então eu acho que eles não me abandonaram só que eles não têm poder é como se tivesse uma ajuda do meu lado.

3.1.5 Dona Nilza

A minha mãe era descendente de índios, não era pura, era mestiça e o meu pai era mestiço alemão, então a metade dos filhos puxaram o pai e a metade puxaram a mãe. O meu pai era agricultor pobre, não rico, com a minha mãe, só trabalhavam na roça. Eu nasci em Piaba, município de Imbituva e vim para Irati com 16 anos. Nós sofremos muito quando éramos pequenos, porque nós éramos muito pobres e todo meus irmãos trabalhavam na roça. Até por sinal, agora eu tô estudando, porque antigamente não era obrigado a estudar como hoje e agradeço por aprender a escrever tudo agora com 71 anos. Eu sou muito feliz sabe, o que eu faço, tudo que eu faço, eu não cobro. Faço de graça, porque eu não paguei nada. Não fiz nenhum curso, não paguei nenhum curso para saber o que eu sei e ensino para os outros. Tudo o que sei minha mãe sabia, eu faço exatamente como ela. Arrumar machucadura eu aprendi na marra, logo que meu marido morreu eu tinha que trabalhar todo dia, sai 6 horas da manhã e voltava às 6 horas da tarde. Aí meu menino caiu e destroncou o cotovelo e por medo de

apanhar escondeu. E ele caiu com o cotovelo em cima de uma pedra e destroncou o cotovelo. E ele de medo de apanhar escondeu e falou para todos os piás não me contar porque ele sabia que ele ia apanhar. Eu avisava eles para não brincar com brinquedo que se machuque porque eu não poderia deixar do serviço, era só eu, o pai deles já tinha morrido. Passou dois dias com dor e não falou nada, aí um dia eu entrei no quarto, daí eu esbarrei no cotovelo dele, mas ele deu um gritou e levantou ligeiro na cama, quando eu fui ver tava muito inchado, e o osso do cotovelo desencaixado. Eu me virei em mil, pedi tudo que é santo até para minha mãe nesse dia eu pedi para ela me ajudar. Era umas 10:30 da noite mais ou menos, fui lá no quintal eu peguei um remédio que a minha mãe fazia, porque desde os 6 anos eu observava minha mãe e os remédios dela, e se eu levasse ele no médico eu ia ouvir tanto e não tinha culpa não era descuido meu, ele escondeu. Eu fui lá fora peguei um facão tirei um pedacinho de pau para pôr no cotovelo dele sabe daí rasguei um lençol sabe fiz duas faixas e enrolei bem, passei um algodão com remédio e no outro dia ele não teve febre, sei que passou uns 5 dias tirei a faixa ele já tava bem melhor, desinchado e sem dor e foi assim que comecei a lidar com machucadura. Porque a vizinhança ficou sabendo do meu feito não tardou em me chamarem. Outra coisa que gosto muito são as romarias, lembro que bem antigamente tinha aquelas recomendações na Quaresma e eu adorava participar, ia com meus pais, eu me lembro da vizinhança sair e eu saía junto às romarias no mato, tinha de vez em quando, mas faz um tanto de tempo que já não me recordo como eram tão bem assim. Já aqui em Irati aprendi a cantar com dona Tervina que já é falecida. Ela me disse que eu ia substituir ela quando ela morresse e assim foi. Eu adorava ir à romaria, eu comecei a ir na casa da Dona Sebastiana, e comecei a aprender com dona Iracema, sempre achei muito bonito aqueles cantos de romaria, as promessas, as festas, as novenas. Sou muito amiga de Dona Sebastiana hoje, o que depender de mim não vou parar nunca, só paro quando morrer.

3.1.6 Dona Ana

Sou benzedeira aqui no município de Rebouças, mas na verdade eu nasci numa comunidade do interior chamado Rio Bonito, vim de uma família tradicional, meu bisavô, meu pai e meu avô, minha mãe eram de uma família tradicional. Meu bisavô chegou na comunidade era tudo sertão, tiveram que desbravar tudo, tanto que ela era uma comunidade faxinalense, mas faz tempo que não é mais. Meu avô era benzedor, porque vinha de uma cultura antiga, teve oito filhos e o meu pai herdou o dom de benzer do meu avô. Trabalhava bastante com ervas medicinais porque naqueles tempos nem tinha como ir ao médico, eles fizeram um trabalho

através da cura das plantas e dos milagres do monge João Maria. Naquela época, eles diziam que o Monge era o médico deles. Meu avô ia lavar as pernas nas fontes de água do monge para se curar. Curar de dor na perna, dor na cabeça, dos olhos, da garganta, a cura é pela fé. Meu pai foi o único que aprendeu. Na minha família de 6 irmãos só eu que peguei o dom, ninguém quis. Ser benzedor é uma vocação, hoje em dia já faz doze anos que ele é falecido, eu tenho esse dom da cura. Curamos através da fé, hoje meu conhecimento é através das plantas medicinais, através da oração, da fé e também do reconhecimento da nossa história, nossa cultura, nosso povo. Em especial, eu defendo as fontes de água do Monge João Maria, esse grande mestre da história que passou pela nossa região, benzendo, curando, ensinando, valorizando as plantas medicinais e vivemos assim uma cultura que é histórica. E eu venho dessa família, com esse dom de Benzedeira, caminhei até agora com o MASA com a intenção de sempre aprender mais, sempre conhecer mais, e lutando na defesa das nossas plantas medicinais e da nossa história, porque eu venho de uma cultura histórica. Eu não tive a oportunidade de conhecer meu bisavô, mas ele andava com o Monge João Maria. Eu queria ter o poder de ter conhecido meu bisavô, talvez eu tivesse aprendido mais dessa história que é o fortalecimento da nossa cultura. A nossa cultura depende de tudo que é tradicional, desde aquela prática que ainda é feita nas comunidades tradicionais de descascar o arroz no pilão. Lembro que a minha mãe fazia. Antigamente tinha mesada de anjo, romaria de São Gonçalo, fogueira, procissão, recomendações, terço de noite da santinha, festa do divino. O trabalho também não era assim não, era dividido, para tirar os pitoco de erva, de carpida, tudo era desde a fé e a oração. Se vivia numa paz e numa tranquilidade, tudo era na base do respeito e não podemos deixar hoje nossa cultura se acabar. São costumes muito sagrados. Quando começou a mudar o modo de vida foi entrando no mundo as coisas que não prestavam e é por isso que nós valorizamos essa cultura, a história de um povo que viveu a fé, que caminhou pela fé, que respeitou a religião, que acreditou num deus e nos santos e no monge João Maria. Povo que valorizou as plantas, a natureza, a floresta, água, a terra e as famílias. As famílias eram o alicerce da vida deles, que era educar, ensinar e rezar. Desde pequena, as crianças rezavam. O povo compartilhava o trabalho pesado, com os vizinhos, era tudo com respeito e é para isso que nós hoje lutamos. Para valorizar nossa cultura histórica e não deixar perder, morrer, acabar o pouco que ainda temos, que é a fonte de água, as plantas medicinais, os benzimento, simpatias e orações e nossa fé, talvez a gente ainda consiga buscar os que se perderam. Eu vivi essa coisa juntamente com meus pais eles me ensinaram que nossa cultura foi uma das melhores e tudo era a base do conhecimento fé e ensinamento e principalmente o respeito.

3.1.7 Dona Maria

Sou a mais velha de 11 irmãos e irmãs. Como filha mais velha na época, eu tinha que tomar conta dos mais novos. Meu pai ajudou naquela guerra em Francisco Beltrão, dos Colonos com a empresa que se chamava Citla. Eu era muito criança ainda né, mas eu lembro muito bem. Era muito sofrimento. Meu pai na época disse pra nós que se chegasse gente estranha era para minha mãe e nós correr para o mato. Isso foi em 1964. Nesse tempo a gente nem tinha roupa adequada, a mãe costurava um trapinho na mão, depois conseguiu comprar uma maquininha, mas eu vivia com meus vestidinhos cosido, rasgado, mas era feliz. Eu estudei só até terceira série, na comunidade. Depois da revolta meu pai vendeu lá em Francisco Beltrão e viemos para Cruzeiro do Iguaçu, Dois Vizinhos e morávamos numa comunidade chamada Pedra de Ouro, mas só tinha pedra, muita pedra, nosso terreno era sinuoso e pedregoso. Lugar difícil, ali que me envolvi, cresci e me envolvi. Casei muito nova, saí de casa muito novinha, o meu sonho era de estudar, mas meu pai não deixou a gente continuar estudando. Os irmãos homens ele deixou, mas eu não podia. Eu achei que com 15 anos eu podia fugir de casa arrumar um namorado, casar e estudar, então, assim, não estudei e com 17 anos já tive um filho. Foi lá para os anos 84 que eu me envolvi na igreja com as pastorais na comunidade, mas não dava tempo de estudar por causa dos filhos e tinha muito trabalho. A minha família tinha 13 alqueire de terra, mas nós éramos em 11 irmãos e irmãs e mais o pai e a mãe, e tem uma norma, uma lei que a família para viver bem numa família três a cinco pessoas tem que ter no mínimo cinco hectares. Então a terra deles mal dava uma florzinha para cada pessoa. Eu nessa época já tinha seis filhos, e comprar a terra nunca a gente conseguiu, toda a vida foi e é muito caro e além de ser caro, como que a gente reunia um dinheiro para comprar? Nosso serviço era todo braçal. Aquele tempo era só com tração animal, arado de boi, cavalo era tudo no serrote. Era muito difícil, então nunca que ia conseguir comprar nada de terra. Naquele tempo eu fazia o trabalho de base na comunidade, com a Pastoral da Terra, eu já era envolvida com a Igreja Católica e tinha um trabalho no sindicato dos trabalhadores rurais com as ervas medicinais, naquela época era o pai da Sirlei que era o presidente do sindicato. Minha avó era parteira, era benzedeira e meu pai puxava bastante também para os remédios naturais, comida natural e de cuidado com a natureza etc. Naquele época a gente nem sabia o que era agrotóxico. E na saúde foi porque eu já tinha um pouco de vontade, já nasci dentro, nessa linha de cuidado. Minha mãe fazia, meu pai fazia, minha avó. Mas comecei pela igreja, fazendo leitura na igreja católica e trabalhando com catequese e fui me envolvendo nessas outras coisas que já era da pastoral da terra. Até então eu não tinha descoberto que eu era uma sem-terra, mas a terra dos

meus pais não dava nem para os irmãos, não sobrava muita coisa, como ia viver com seis filhos em um alqueire de terra? Meu pai também era do sindicato, era muito envolvido na política e também na comunidade. Minha mãe era envolvida lá na igreja e também na educação, na organização comunitária. Eu ajudava encaminhar as pessoas, eu ainda tinha né, mas tinha muito mais família na própria comunidade que não tinha nada, morava de agregado, e a gente fazia esse trabalho para essas pessoas irem para o acampamento. Fiquei na casa do pai até 1988 e fui porque vi a necessidade da gente adquirir, resgatar um espaço de terra para ter um espaço para viver bem, e para criar os filhos, ensinar a trabalhar, ensinar a dignidade, os valores, a estudar, organizar as escolas, etc. Porque não é moleza. Daí comecei a pensar nisso, mas a gente também, a vida inteira na roça trabalhando, nós trabalhávamos na roça do pai e tinha uma parceria com um vizinho, que fazia cerca com ele, o que a gente plantava dava mais que a metade para ele. A gente não tinha o suficiente nunca. E daí, numa dessas chegou um dia lá em casa um deputado, um articulador, o Ovídio Constantino lá da região sudoeste, ele aparece lá em casa me falou se eu não tinha pensado que eu era uma sem-terra e se eu não queria ir, se não era a hora de eu ir para um acampamento, que só assim que eu ia conseguir um pedaço de terra. Então quando chegou esse cara lá em casa e me falou isso comecei a pensar, sabe que eu preciso adquirir um pedaço de terra para criar meus filhos e daí o pai também me deu apoio. Meus pais me deram muito apoio e como a gente tinha muita produção colhida, muito arroz crioulo, muito feijão eu decidi ir pro acampamento. Através do deputado, ele me deu esse toque, me acordei que eu era uma sem terra e nem sabia e daí foi um trabalho de base lá que a gente organizou um grupo grande 3.500 famílias para ir para uma única ocupação lá em Rio Bonito do Iguaçu, mas quando a gente foi, vazou a informação, alguém dedurou, e descobrimos que tinha um grupo de jagunço muito armado de tocaia nos esperando. Aí nós tivemos que passar e fomos parar em uma área lá em Inácio Martins. Nós fomos para Rio bonito de Iguaçu de caminhão de boiadeiro, tinha 19 famílias dentro do caminhão. Foi muito difícil, mal organizado, só levamos uma mixaria de coisa assim só os principais, colchonete, cobertor, uma chapa para fazer comida e comida. Fomos cobertos de lona para a polícia não ver que era a gente que tava lá atrás. Olha a humilhação. Quando a gente tava quase chegando lá em Rio Bonito, veio a notícia do ataque que nós ia sofrer, então a orientação foi vir para Inácio Martins, mas oh lugar difícil! Não tinha um nada, nem raditi plantado, saímos do Sudoeste com o sol de rachar, chegamos ali, geada e frio. Muito frio. Teve muita criança e gente mais velha que morreu de frio, gripe, pneumonia, foi difícil, choque térmico, a gente só tinha lona preta. Um frio de lascar. Naquela época só podia fazer lona preta. Numa certa altura, eu já era da saúde, já fui com essa função, mas peguei uma gripe muito forte e

tive que sair e ir para casa do pai para me tratar, fiquei um mês com uma pneumonia gravíssima. Ali aquelas terras eram de um grileiro de terra, ele não tinha documento nenhum e tinha expulsado e enganado os posseiros que ali viviam, foi uma luta até que conseguimos que virasse o assentamento. Mas eu não consegui ficar ali. Eu fiquei até ajudar conquistar a área. Eu falei, agora que tá tudo certinho, eu não quero ficar, não gosto desse lugar, não é para mim, mas quem quiser ficar aqui vai ficar e daí eu tava desistindo do movimento, foi quando o movimento me ofereceu um outro lugar lá em Cantagalo, era um acampamento pequeno tinha 9 famílias só, eu tava de dieta do Dionatan ainda, ele era bebezinho. Depois que eu me recuperei e venci a dieta e eu mergulhei na luta de novo e daí conseguimos que saísse o assentamento. Era uma área pequena, muito parecida com a do meu pai, era 22 hectares, e eu sempre gostei de trabalhar com agroecologia, plantas medicinais, bioenergia, mas lá todo mundo era veneneiro. O maior problema que encontrei foi a escola. Meus filhos tinham que ir para escola e era muito custoso. Eles tinham que fazer lá 5 km a pé para daí pegar um caminhão para ir para escola, porque dava 11 a 12 km. Aí surgiu a possibilidade de uma troca de terreno e foi quando eu vim para Lapa. Antigamente quem vinha para Lapa tinha que ser quem plantava sem veneno. A proposta era de agroecologia, permacultura e preservação ambiental. Quando cheguei aqui fiquei muito triste, desanimada, a terra estava muito destruída, envenenada. Demos lá 22 alqueires de terra e aqui só tinha 12, não tinha nem metade da terra, lá era uma terra muito grande, chorei muito, que quase perdi a esperança, pensei de abandonar, mas eu não tinha mais força para ir para outro lado né. Mas chorei muito, sofri muito, aqui é um povo difícil porque não se importam com o outro, cada um é cada um. Ninguém visita, não tem aquele mutirão. A gente trabalhava muito no tempo dos meus pais em mutirão, quando era para ajudar a pessoa que estava doente era auxílio, para fazer a roça, todo mundo trabalhava em prol da comunidade. Aqui nunca consegui fazer, porque é muito individualismo, mas até que conseguimos nos juntar com um grupo maiorzinho de agroecologia que era a minha cara, minha ideia né. Porque lá nós estava mergulhado no veneno. A gente já foi em 70 famílias com produção sem veneno, hoje não tem nem 50, o veneno tá tomando. Mas eu continuo na resistência de um projeto de vida do cuidado, defendendo a vida, e a produção do jeito que meus pais me ensinaram, natural. Naquele tempo não tinha isso que chamam de agroecologia, era produção natural. O que me deixa mais triste é ver o individualismo tomando conta, difícil resgatar o coletivo. Mas foi assim que eu me envolvi, e nesse projeto de vida e do cuidado não saio.

3.1.8 Dona Vera

Sou londrinense, nasci em Londrina, mas atualmente eu estou morando em Florestópolis, eu moro não bem dentro de Florestópolis. Daqui a Florestópolis da onde eu moro no acampamento tem 7 km até chegar na cidade. Eu sou benzedeira, comecei a atender no ano de 1991, com uma bebe que tinha mal de simioto. Eu vim para o acampamento na primeira vez em 2014, essa é a segunda vez que eu estou aqui. A primeira vez que eu estive aqui tinha 300 e poucas famílias, então era mais criança do que adultos, e só tinha eu de benzedeira aqui dentro. Aí eu comecei a benzer as pessoas, as crianças, adultos, os idosos, fazendo xarope para bronquite, para asma, inclusive tinha umas 10 pessoas que usavam bombinha e eu fazendo esse xarope, que são dois xaropes que eu faço, aí consegui tirar as pessoas da bombinha, hoje eles estão muito felizes, já estão esparramados por aí, uns mora aqui e outros foram para o Mato Grosso, para Maringá. Mas eu tenho contato com eles, e eles me disseram que estão bem, nunca mais precisaram de usar a bombinha. Inclusive eu creio que eu aprendi o benzimento mais foi pela religião, e também um pouco é dos meus antepassados, porque o meu pai ele era raizeiro, a minha mãe ela era espírita e meu pai sempre disse que a minha avó para o lado dele era benzedeira e nós éramos em 15 irmãos. Dos 15 irmãos, o que pegou mais para o lado da religião e pegou mais para o lado das raízes, chá, ervas, fui eu. Eu faço de tudo um pouco, xarope, pomada então no meio de 15 que herdou isso do meu pai e da minha mãe foi eu. Aprendi com meu pai, e o benzimento com a minha avó. Eu fiquei noiva com 15 anos, com 17 anos eu me casei. Foi um casamento arranjado por meu pai, ele que escolheu. Aí ele foi servir o exército e entrou para estudar enfermagem. Eu fui para São Paulo e me casei em São Paulo. Tive três filhos homens e uma mulher e nesse meio tempo, em 71, eu entrei para dentro de um terreiro, comecei a trabalhar com minha espiritualidade, era eu e o irmão meu que morava lá. Mas meu marido deixou a enfermagem e virou o Caminhoneiro aí começou a descambar, foi estragando né, eu descobri que ele tinha uma amante, aí eu me separei dele e fui embora para Londrina, cheguei lá na casa dos meus pais, meu pai me disse que não aceitava eu de volta, que era para eu voltar para meu marido em São Paulo, nessa época eu já tava com meus dois filhos, os dois mais velhos e meu pai me fez voltar para casa em São Paulo. Disse que se eu não voltasse, eu tava nessa época pensando em ir para o Rio de Janeiro, mandava a polícia me prender na rodoviária, e naquela época, 69, a gente tinha muito medo da polícia, aí voltei para São Paulo. Fiquei um tempo sem conversar com o meu marido, aí depois eu fiquei com medo do meu pai e fiz as pazes com ele, aí eu e meus filhos foram crescendo, tive mais dois filhos, continuei indo para o terreiro, trabalhando com uma raiva muito grande dele, até que viemos embora para

Londrina, para não criar meus filhos dentro de São Paulo. Trabalhei de babá, diarista e cozinheira, mas voltando para Londrina descobri outra traição e pedi a separação de vez. Eu fiquei 30 anos com ele e mais 15 anos sozinha trabalhando cuidando dos meus filhos, aí eu conheci esse segundo companheiro, nós dois ficamos 13 anos juntos ele faleceu ano passado, essa perda sim foi muito difícil para mim ele me ajudava muito e queria vir para o acampamento comigo. Em 2012 eu fui para o primeiro acampamento que é perto aqui onde eu tô. Aqui no acampamento eu voltei vai fazer um ano, fiquei fora oito anos. No acampamento eles me colocaram na área da saúde, e estamos começando uma hortinha medicinal. Na minha casa eu tenho bastante ervas medicinais que agora tem onde plantar. Eu tô fazendo uma plantaçozinha ali. Mas desde 1973 que eu venho mexendo com essas ervas medicinais. Cada lugar que eu vou, que eu vejo, que eu conheço que é uma erva medicinal eu já pego, já trago para casa, já cuido. E quanto à religião, não podemos ter o segmento da nossa religião dentro de um acampamento, não é permitido, mas como eu estou morando aqui agora uma vez no mês eu vou alugar um salão para eu poder cuidar da minha espiritualidade, só que daí eu vou ter que cuidar lá fora aqui dentro não permite. Aqui só é permitido um benzimento, um chá, uma pomada específica. Eu resido hoje no acampamento Zilda Arns. Eu tô feliz de estar aqui novamente, trabalhando na área da saúde, ensinando e aprendendo mais. Quanto mais você estuda você aprende, e eu sei que eu quero aprender mais, viver bastante, aprender mais. Eu agradeço muito as pessoas que me procuram para que eu possa fazer um chazinho, uma pomada, eu possa fazer um xarope, possa fazer o específico, e também os homens que procura para fazer garrafada de potência sexual, para anemia. Eu tô muito feliz, e assim eu vou levando né. No mês passado, dia 29, eu completei 70 anos de idade. Eu gosto do que eu faço, vou continuar fazendo e aprendendo mais e mais com as pessoas. Eu quero continuar assim, com o benzimento, a gente ajudar um ao outro, que ele não faz mal. O benzimento ajuda, as orações que muitas pessoas pedem ajuda, os banhos também para as pessoas que às vezes não se sente bem, que tá se sentindo meio pesado, aí me procura para fazer o banho para que eu possa acender o anjo de guarda da pessoa, que eu possa dar uma palavra amiga, um conselho bom. Então assim, eu sou muito feliz, como eu falei. Vai fazer um ano que eu fiquei viúva, aí eu resolvi voltar para cá, porque eu tenho a minha irmã que trabalha comigo na área da espiritualidade, então eu vim construir um cantinho para mim aqui. Quando eu vim para o acampamento foi através de um afilhado de Santo por intermédio dele que eu cheguei aqui. Eu gosto daqui, agora tô plantando ali as medicinais, mandioca, meu milho, meu feijão, carpino, cuido das minhas galinhas, fiz uma casinha aqui de quatro cômodo um banheiro mora eu e meu Deus que cuida de mim né. A minha irmã mora aqui de frente comigo eu tenho aqui meu

cachorro no meu quintalzinho, mas sei que não tô sozinha, os meus mensageiros da minha espiritualidade, eles me dão a paz, a tranquilidade, eu tenho certeza que eles me abençoam e me ajudam, e continuam me ajudando, por isso eu peço os meus mensageiros, não me desampare, me dê força para que eu possa cuidar das outras pessoas e peço a Deus que continue me dando essa linda maravilhosa força que ele me traz de eu ajudar na cura com as ervas medicinais, porque eu faço xarope eu explico como fazer inalação, faço pomada, pomada para curar ferida erisipela há mais de 20 anos. Eu cuido de quem tem bronquite asmática e precisando de mim pode bater na minha porta não importa à hora, que se eu tiver dormindo, eu acordo, eu levanto e vou ajudar a pessoa. Isso é dom que Deus me deu e o que eu recebi dos meus antepassados.

3.1.9 Serla

Então, na verdade, é assim, nós somos de família de pequenos agricultores. Nós trabalhávamos antes de vir para o acampamento, de parceleiro, boia-fria. Meu pai sempre foi sindicalista. Ele sempre trabalhou com o sindicato dos agricultores. O pai, foi uma liderança que antes de ir para o acampamento, foi sindicalista e organizava também as famílias para ir para acampamento. Ele fez parte desde o primeiro congresso do MST, e foi um dos fundadores do Movimento Sem Terra e a mãe, ela foi essa pessoa líder comunitária, ela participava da igreja, do movimento mais da igreja então ela também teve sempre nessa tarefa junto. Minha mãe sempre foi benzedeira e acompanhou as vizinhas que faziam isso. Em 1989, nós fomos para o acampamento. Foi a mãe que tomou a iniciativa de ir para o acampamento e acompanhar a primeira ocupação que o pai ajudou organizar, na região de Mangueirinha, no sudoeste do Paraná. Era um período que o movimento tava com muitas lutas e já tava tendo as primeiras táticas de organização quanto movimento sem terra, que era fazer as ocupações a nível de estado, quer dizer que no mesmo dia que você fazia uma ocupação em uma região já fazia em outras também para evitar o despejo e para fortalecer as lutas. Então se ocupavam em vários lugares no mesmo dia. Foi no dia 27 de agosto de 1989 que entramos no sudoeste do Paraná já com articulação e outra ocupação que teve Inácio Martins é outra região no Norte do Paraná, então assim se deu outras ocupações nesse mesmo dia e o pai já fazia parte dessa articulação. Nós fomos pro acampamento com a mãe, que levou só os pequenos e os mais velhos ficaram na casa dos avós estudando, porque foi a ocupação foi na metade do ano e o pai e a mãe não quiseram tirar os mais velhos da escola, daí nós fomos para o acampamento. O acampamento era de 800 famílias, era um acampamento grande e lá a mãe fazia parte do

grupo que ajudava a organizar essa parte de alimentação. Ela já era envolvida na alimentação e ali que a minha mãe conheceu um grande estudioso da medicina popular das ervas medicinais, o irmão Cirilo. Ele teve nesse acampamento, era um padre ali de Francisco Beltrão, ensinou a mulherada a trabalhar com as plantas, a fazer as medicações e a mãe fazia parte desse grupo que na época no acampamento os grupos era de higiene e alimentação, pois ainda não tinha o setor de saúde.

Naquele tempo a mãe conta que era muita fome no acampamento e morria muita criança de fome. Eu me lembro que a mãe quando foi para o acampamento ela não quis deixar uma vaquinha que nós tinha que dava leite, e eu me lembro que ela tirava aquele leite e ela dividia uma xícara para cada criança que vinha buscar e ela entregava para as crianças que menos tinha comida. Eu me lembro que nesse acampamento a mãe fazia parte de um grupo que fazia comida, elas faziam uma sopa, e arrecadavam osso e coisas na cidade. Ali que elas aprenderam a fazer alimentação alternativa que era multimistura, que tinha uma Freira lá dentro que ajudava elas a fazer. Elas faziam com pó de semente, aquela sopa bem nutritiva e servia uma vez por dia para as crianças, mas era muita criança. Tinha um barracão e um fogão a lenha e umas panelonas, e elas ficavam lá cozinhando e fazendo aquela comida ali para tratar das crianças. Elas colocavam aquele broto de taquara, a tansagem, era várias ervas assim, nativas lá e que elas usavam nas sopas. Então isso tudo era ainda o jeito de cuidar da saúde. Tinha uma freira que ficava dentro do acampamento e que ajudava as mulheres a fazerem o parto, porque o acampamento era muito longe da cidade. A gente via história de mulher que ganhava seus filhos, no meio do mato, no meio da Taquara porque não dava tempo e não tinha outra opção nem onde se esconder, tem vários relatos assim, bem difícil. A saúde ela veio desses grupos né, ela foi se expandindo a partir desses grupos, dessas mulheres que cuidavam da alimentação, que olhavam para essas crianças que estavam morrendo de doente, era esse grupo que cuidava, que produzia comida, que fazia essa parte da higiene. Porque eu me lembro que tinha muita criança com piolho, pulga, carrapato e eu me lembro que era essa mulherada que buscava fazer e criar alternativas. Teve uma época que elas faziam sabão devido à falta de higiene e elas se reuniam e faziam aquela tachada de sabão para as mães lavarem roupa e tomarem banho, era aquele sabão caseiro. Foi daí que foi se iniciando esse trabalho com a saúde e foi a partir desse acampamento de que a mãe começou a trazer as plantas medicinais para dentro de casa. Eu me lembro dessa palestra com o irmão Cirilo eu era menina, mais jovem, mas eu já acompanhava bastante ela no acampamento, e foi aí que elas começaram a usar as ervas que eram nativas e depois cada uma foi fazendo sua horta e aí elas tinham uma horta perto da cozinha onde ela colhiavam os chás. Começou assim muito pequeno os trabalhos,

mas de muita importância e de bastante representatividade. A mãe já era uma pessoa que gostava de fazer simpatia, que gostava de fazer benzimento. E aí a gente começou a conhecer mais o uso das plantas, através do irmão Cirilo, que segundo ele se curou de câncer só com o uso das plantas medicinais, hoje ele já é falecido, mas tem muito livro dele espalhado por aí.

sobre a minha chegada no setor de saúde....A minha chegada na saúde e foi através da pastoral da criança, quando vim aqui para Região Norte do Paraná que fiquei no pré-assentamento e tinha um trabalho chamado Pastoral da Criança eu comecei a participar desse trabalho que era com as plantas feito por uma Freira, chamada irmã Rosa, que vinha aqui trazia uma equipe da cidade e trazia tudo prontinho pro pessoal. Ela trazia chás, multimistura, pó de casca de ovo. Sabe que aqui no assentamento onde moro até hoje, também tem um histórico de muito sofrimento dentro dessa área aqui. A gente sofreu três despejos. O primeiro e o segundo despejo foi com policiamento e o terceiro com jagunços, e nesse terceiro despejo foi muito sofrimento, foi bem conflituoso, com bastante destruição daquilo que as pessoas tinham. O assentamento voltou a zero, e levou um tempo para as famílias recuperarem aquela vontade de viver e ter as coisas. Eu comecei a me envolver dentro do assentamento, comecei uma animação para continuar a sopa, mas incentivei cada mulher trazer o que tinha na casa de verdura, para incrementar e nós começamos a fazer a sopa. Assim nasceu o primeiro grupo das mulheres do assentamento Guanabara, aqui com esse trabalho e se fortaleceu com a luta por banheiro. Aqui o pessoal não tinha banheiro, não usava banheiro porque era uma área de muito mato, e faziam tudo no mato. Aí eu comecei a discutir com as mulheres, a necessidade de fazermos banheiros e foi através dessa Freira que conseguimos o primeiro banheiro, eu me lembro que ela trazia o vaso e a gente tinha que cavar o buraco e fazer a casinha. Tivemos que fazer um trabalho de conscientização para as pessoas quererem usar, porque não queriam. Outra coisa também era o banheiro de tomar banho, o pessoal tinham hábito de tomar banho no rio e as mulheres que tinha criança pequena tinha maior dificuldade, então foi outra discussão em construir uma casinha para fazer um chuveiro de latão com chuveirinho de água para tomar banho e só que naquele tempo eu não me dava conta eu não me sentia uma liderança de saúde. Eu gostava de me envolver, então surge aqui eu acredito a minha dedicação com saúde. Outra coisa também que é bem interessante daqui do nosso assentamento é que tinha benzedeira aqui dentro e mais que uma, e que trazia uma cultura muito antiga que era de fazer farinha de monjolo, fumar cachimbo, tinha um grupo de famílias aqui que eram negros e eles tinham o costume de fazer as rezas, mas eu via eles fazendo as rezas deles escondida. Discuti bastante aqui dentro e eu percebi que naquele tempo eu não fazia isso por liderança, mas eu fazia porque eu achava bonito e eu achava bonito e me encantava, e comecei a discutir a valorização desse

costume. Nesse período me aproximei dessa família e comecei a trabalhar com alfabetização de adulto, a partir daí também que fui indicada aqui pela brigada para ir para saúde depois desse trabalho da alfabetização, mas eu já coordenava aqui dentro do assentamento o grupo de mulheres que trabalhavam com a pastoral e por ali eu que encaminhava consultas eu organizava os eventos que tinha fora, que nós íamos participar , e os que vinha para O assentamento então a gente já passou a ser uma liderança nessa parte de saúde e aí eu ia participar da reunião fora representando a Pastoral, e fui entendendo, eu tava dentro do movimento também eu ia olhando esse outro lado que já vinha surgindo da Saúde popular e daí do setor de saúde, eu comecei a participar das reuniões, e no primeiro curso de agentes que era fora eu não fui fazer porque tinha filhos pequenos e porque achava que não me encaixava, eu queria encaminhar outras pessoas e eu vejo que foi um dos meus grandes erros não ter ido estudar. Eu sempre fui uma liderança dentro do próprio assentamento, né/ Aí eu me envolvi com o município, fui a primeira conselheira municipal das áreas rural aqui do município, comecei no conselho desde os primeiros trabalhos de conselheiro, eu fiz, eu ajudei fazer formação de estudo de conselheiro nas comunidades rurais do município, e tô até hoje no conselho. E hoje sou referencia na questão da farmácia Viva, a gente acaba se envolvendo muito nessa parte e daí, meu vínculo é muito forte com a base, a minha raiz é muito colada aqui do município até do assentamento, até o município, assim é muito forte essa ligação, é muita gente que me procura e às vezes ultimamente, esses últimos anos tenho fugido bastante porque é muita tarefa né? Eu vivo nos meus espaços da minha produção até hoje eu nunca tive interesse em dizer eu vou entrar numa universidade pública estudar, não tenho isso, eu gosto mesmo desse trabalho voluntário. Então é minha trajetória é essa, não sou nenhuma especialista, eu não tenho nenhum curso técnico, nada, eu tenho Ensino Fundamental e várias formação políticas. Eu já fiz algumas coisas que me anima e a mudança foi muito grande e eu tô com a gente me procurando querendo e eu não consigo parar para mim continuar meus estudos e me aprofundar cada vez mais e ajudar mais, mas já tô ajudando pessoas aqui em volta de mim e ajudando eu mesmo né? Tanto que essa coragem de falar hoje eu nunca falei para ninguém eu não sei a primeira pessoa que eu consegui abrir alguma coisa assim do que eu faço eu acho que isso daqui até então nunca vi isso como uma questão tão boa, mas ultimamente eu tô conseguindo olhar para mim e ver nessas coisas que eu faço, elas são boas, elas trazem melhoria e qualquer melhoria que aconteça a felicidade traz harmonia, sabe? E isso faz um bem danado para a gente faz um bem danado para quem tá em volta.

3.2 GRAFIAS AFETIVAS: DIÁLOGO DESDE O CORPO-TERRITÓRIO. “NÓS PELAS QUE VIERAM ANTES DE NÓS”

Como se colocar na roda após esse momento muito silencioso de escuta? Como atravessar processos? Como encaixar conceitos, quando o que se tem é o vivido. Todo o tempo a vida nos possibilita encontros. Quando me deparo com esses momentos, que em muito se conecta com as histórias de minha família também marcada pela violência do campo, me coloco reflexiva a pensar, poderia ter sido diferente a nossa história?

Mulheres que através do conto, nos contam suas histórias marcadas pela luta, preconceitos, desvalorização, perseguição, mas também de encontros, sejam eles na religião, na fé, sejam eles na luta por direito à terra e à moradia. Por mais que se tratem de histórias distintas, têm um fio comum que entrelaça cada uma dessas falas. As mulheres falam, mas permanece o desejo por um espaço de enunciação em que sejam de fato escutadas (Christo, 2018, p.69).

A fala tem uma importância fundamental: romper o silêncio empodera, porque cura, e a cura de si é parte essencial das lutas comunitárias (CABNAL, 2018). Já dizia Freire (1989) que a palavra antecede a escrita que é geradora de mundo⁸⁸. Nego Bispo, (2023) ainda afirma que as palavras são germinantes de novas ideias.

Trazer essas falas para o início da roda nos faz entendermos a importância das histórias na construção desses corpos-territórios, na politização do cotidiano e nas grafias da saúde popular comunitária. Digo isso pois através das histórias de vida de cada uma das nove mulheres que aqui estão nessa roda, pudemos, talvez pela primeira vez, ouvi-las desde suas particularidades, mas que confluem no sentido comunitário de pensar uma saúde outra construída desde o miúdo e desde baixo.

Nos contos pudemos acompanhar a expropriação da floresta e de toda vida que nela continha, com o avanço do agronegócio no campo, que expulsou suas famílias e também apagou muitas histórias, mas que faz da memória seu principal caminho de conexão com seus antepassados. Como já dizia a frase “tentaram nos matar, mas não sabiam que éramos sementes”, que enraízam o chão através do cultivo do alimento conectado com o chão, com a saúde e com a memória de quem nasceu, se criou e na terra permanece. Terra que antes de tudo é mãe e morada, portanto, os laços e as relações estabelecidas com ela são grafias de afeto.

⁸⁸ Segundo Freire (1989), “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Ou seja, antes de aprender a ler e a escrever, ou mesmo de a criança ser alfabetizada, deve, primeiramente, ler o mundo que está a sua volta, entender seu contexto e fazendo uma ponte entre a linguagem e a realidade.

Nessa escuta atenciosa podemos perceber alguns pontos de destaque que atravessam todas as mulheres. O primeiro está relacionado às grafias no corpo, pois o corpo é o primeiro a sentir. Sente o preconceito, a desvalorização, a superexploração do trabalho, a sobrecarga do cuidado. corroboramos com a leitura pensada por lentes feministas e decoloniais, que se propõe a desconstruir noções abstratas de ética, justiça e cidadania, implicando na intersecção com a colonialidade de gênero e da natureza⁸⁹. Segundo algumas autoras como Svampa (2015), Cruz et al. (2017), Sofia Zaragocin (2018 a), Yuderkis Espinosa Minoso(2019)e Lorena Cabnal (2010; 2015) as mulheres camponesas, negras e indígenas do sul global são as mais afetadas pelo agravamento das desigualdades e violências sociais e por conflitos socioambientais, e mostram em seus estudos como as mulheres desenvolvem processos de r-existência ancoradas em novas experiências coletivas e comunitárias(CORADIN, 2022, p.64), como as que observamos nos movimentos que estamos acompanhando desde o chão.

Evidenciamos nos próximos passos as confluências entre a natureza, a ancestralidade na construção de outro viver desde esse lugar da saúde popular. O olhar atento será para a força das relações das mulheres com o seu território, e a dimensão afetiva com ele, que é viva.

A territorialidade nos constitui e constitui a maneira como nos relacionamos com o mundo. O território encarna em nosso corpo como extensão da vida e dos laços afetivos. As mulheres têm uma relação indissociável com o território que habitam. As práticas cotidianas, as paisagens dos territórios se confundem com os próprios corpos. Nada que acontece a um território deixa de ser sentido pelo corpo de uma mulher que faz daquele lugar morada. Qualquer impacto causado a um território afeta não só o cotidiano experienciado como o corpo e a maneira de ser e estar no mundo. As mulheres sentem de forma particular as lutas territoriais, pois vivenciam a opressão estrutural do patriarcado sobre seus corpos. É no território que as mulheres parem seus filhos e plantas. É no território que se juntam e ganham força. É no território com seus corpos que enfrentam as arbitrariedades de um sistema que não foi feito por nós e nem para nós. A dimensão do morar e plantar na vida das mulheres agricultoras é prática de resistência e afirmação da vida nos territórios (LIMA, PRAÇA,2018)

A vida em si já é uma resposta para todo sistema de desencanto que insiste em nos aprisionar, nos apagar e nos emudecer. Portanto, novamente olhando para o chão onde meus pés caminham, ao lado de mulheres benzedeiças do MASA e das companheiras de luta do MST, que minhas observações serão feitas.

O que as conectam? Quais os fios? Histórias de vida, de expropriação, de silenciamento, apagamento, conflitos, fome, miséria, mas também muita cultura viva, ancestralidade perpetuada na memória e na oralidade.

89 Segundo Coradin (2022) “O cuidado e a ética do cuidado acontecem, dessa forma, em inter-relação ativa dentre humanos e não-humanos, da Terra e com a Terra. Não como princípio exclusivo das mulheres, mas como responsabilidade e desejo de ambos os sexos-gêneros com a construção de uma noção ética democrática, de justiça e de cidadania.”

Nessa escuta atenciosa podemos observar alguns pontos de destaque que atravessam todas as mulheres. O primeiro está relacionado às grafias no corpo, pois o corpo é o primeiro a sentir. Sente o preconceito, a desvalorização, a superexploração do trabalho, a sobrecarga do cuidado.

Essas mulheres convivem com inúmeras negações, cercamentos, controle, relacionados a violências patriarcais históricas, a começar pelo âmbito familiar. Nos relatos podemos observar a importância de se ampliar as perspectivas analíticas⁹⁰ que consideram a unidade familiar vinculada à chamada “família tradicional”⁹¹. Também como espaço de tensões, de relações hierárquicas e de dominações, dos homens sobre as mulheres e dos pais sobre as filhas. Segundo Herrera, 2019:

Na organização familiar, os papéis sociais são negociados entre os membros com desigualdade de poderes, assim como os interesses, os desejos e as necessidades de cada membro são disputados e, deste modo, observa-se as diferenciações dos papéis sociais, condicionados através de vivências, símbolos e representações que se reproduzem no cotidiano familiar, resultando em uma situação de opressão e subordinação de alguns de seus membros, principalmente de mulheres e seus dependentes.

No processo de escutar a história, observamos nas falas uma repetição no processo de opressão dentro da unidade familiar: “*Casei muito nova, saí de casa muito novinha, o meu sonho era de estudar, mas meu pai não deixou a gente continuar estudando. Os irmãos homens ele deixou, mas eu não podia*”. Nessa fala observamos um papel de subordinação em que as mulheres eram postas. “*Eu fiquei noiva com 15 anos, com 17 anos eu me casei. Foi um casamento arranjado por meu pai, ele que escolheu*”. Na fala é evidente o cerceamento inclusive sobre o direito de escolha. Notamos que a unidade familiar é a primeira a produzir e disseminar as desigualdades de gênero através da reprodução de relações hierárquicas (Ávila; Ferreira, 2014).

Notamos ainda nos relatos, a negação de acesso ao estudo tanto por parte da família, traços do patriarcado inserido na sociedade, como por parte do estado, com a falta de acesso às escolas no campo: “*O maior problema que encontrei foi a escola. Meus filhos tinham que ir para escola e era muito custoso. Eles tinham que fazer lá 5 km a pé para daí pegar um*

90 Estudos realizados por Paulilo (1987, 2004, 2010, 2016), Stropasolas (2006), Menezes (2012), Abramovay et.al. (1998)

91 Nesse modelo, o homem é o chefe da casa, é responsável pelo trabalho remunerado, exercendo autoridade sobre a mulher e os filhos. A mulher entra nesse contexto como a responsável pelas funções domésticas, dedicando-se aos filhos e ao marido. E assim, o pai assentava a legitimidade da autoridade na condição de provedor financeiro da família; no saber adquirido que permitia articular passado e presente, projetando-se no futuro; nas posições hierárquicas de marido e de pai, e no caráter institucional de representante da unidade doméstica (Pinheiro, 2008, p. 2).

caminhão para ir para escola, porque dava 11 a 12 km”. Impedindo que a população do campo mantivesse seus estudos: “Naquele tempo não tinha escola, era difícil chegar, o pai não deixava ir muito longe, mas, agora eu tô estudando, porque antigamente não era obrigado a estudar como hoje e agradeço por aprender a escrever tudo agora com 71 anos”.

Um outro ponto que merece destaque é a dificuldade de acesso aos estudos devido à sobrecarga de responsabilidades impediu inclusive que as mulheres tivessem autonomia para buscar esse conhecimento:

“eu comecei a participar das reuniões, e no primeiro curso de agentes que era fora eu não fui fazer porque tinha filhos pequenos e porque achava que não me encaixava, eu queria encaminhar outras pessoas e eu vejo que foi um dos meus grandes erros não ter ido estudar”

O cotidiano das mulheres do campo, na casa, no lote que incluem muitas vezes a produção de alimentos para consumo da família e para comercialização, e os cuidados com animais e plantas, incluindo a sobrecarga de trabalho a que estão submetidas, muitas vezes, se constitui em um impedimento para prosseguir na formação escolar, e para poder usufruir de tempo para si, e construir um projeto de vida independente das necessidades de suas famílias. Neste ritmo, as mulheres geralmente disponibilizam permanentemente o seu tempo para o serviço da família, sendo que, em muitas situações, esta dedicação se estende para além da família, envolvendo a rede de sociabilidade das mulheres (HERRERA, 2019, p.67). Importante mencionarmos, visto que historicamente existe uma desvalorização e invisibilização desses trabalhos na sociedade e uma naturalização do papel das mulheres rurais, o que precisamos desconstruir.

Corroboramos com Oliveira (2023, p. 122) e Monnerat (2019, p.70) que desde meninas, as mulheres camponesas são incentivadas, preparadas e obrigadas a assumir a responsabilidade da educação dos filhos, estendendo muitas vezes aos netos, e pelo cuidado da casa. Assumem a responsabilidade com a reprodução da vida, e uma das questões mais importantes na reprodução da vida é o cuidado e a alimentação. “O controle sobre a esfera doméstica é um dos focos em que o sexo feminino evolui seus planos de comportamento e reação à dominação masculina” (Oliveira,2023).

Nos anos acompanhando o movimento de benzedeiras pude observar as violências que atravessam seus corpos no âmbito doméstico, com restrições em benzer impostas por seus companheiros, motivados por ciúmes, foram obrigadas a restringir os benzimentos a crianças para não atender homens. E no âmbito do coletivo, muitas deixaram de participar dos encontros por imposição do marido, ou quando participam nas suas comunidades, não assumem o papel

de liderança por conta das viagens e pernoites fora de casa, situações que motivam ciúmes e desentendimentos. Na fala das mulheres do MST, essa violência também é explicitada pela negação ao direito ou imposição do marido, que responsabilizam às mulheres das tarefas com os filhos, com a casa, com o lote, e acabam impedindo que elas participem também de alguns espaços e cargos públicos e inclusive de liderança. Segundo Monnerat 2019:

As mulheres camponesas relatam além da violência física e sexual, muitos outros tipos de violências, como violências verbais, ameaças de agressão e agressões de fato, proibição de participar de atividades coletivas e o controle financeiro. E muitas outras formas de violências mais naturalizadas como chantagem emocional, desmoralização, grosserias, xingamentos, controle da vida pessoal, invasão de espaços de privacidade, ameaças de abandono e subestimação das capacidades. Tudo isto são fatos relatados pelas mulheres camponesas (MONNERAT, 2019, p.26).

Coletivamente, o movimento tem avançado em algumas questões com muito trabalho de base. Segundo Monnerat, as dirigentes e coordenadoras dos acampamentos têm feito o trabalho de chamamento de casa em casa, muito parecido com o que vimos no primeiro capítulo da metodologia utilizada também pelos agentes de saúde. Existem vários coletivos de mulheres formados dentro dos acampamentos e assentamentos para organizar estudos, oficinas, artesanato, atividades recreativas, organização e beneficiamento da produção, comercialização e luta, e são nesses momentos em que o setor de saúde também consegue trabalhar questões relacionadas a violências de gênero também com as companheiras do movimento, algo que vamos trabalhar mais a frente quando adentrarmos na luta cotidiana por saúde.

Nesse momento queremos mostrar que o corpo é o primeiro a sentir essas violências e que não existe o território destituído do corpo.

Nas reuniões, estudo e debate da conjuntura se misturam com as questões locais: como mobilizar mais mulheres; como superar as dificuldades que as mulheres têm de sair de casa por causa da quantidade de tarefas que têm na produção, na casa, com os filhos e às vezes nas estruturas mais coletivas. Vez em quando sai o assunto sobre alguma companheira que tem mais dificuldade ou que enfrenta alguma situação mais crítica. Algumas mulheres não conseguem participar de nada por causa dos maridos que não deixam, de algumas desconfia-se que sofrem violência física em casa e outras simplesmente não participam pelo acúmulo de afazeres em casa. Contudo, nesses momentos coletivos das mulheres também se conversa sobre os avanços, tudo o que estão fazendo na produção, na educação, na saúde, no lote e em relação às questões de família. Trocam receitas e dicas, saberes e consignas, compartilham quitutes, chimarrão e abraços e saem das reuniões mais animadas (Coradin, 2022).

É importante mencionar ainda que o setor de gênero do MST começou a se organizar no estado do Paraná, através do setor de saúde⁹². Nos encontros de saúde também se faziam

92Os setores de saúde e de educação do MST se constituíram como portas de entrada para que muitas mulheres protagonizassem processos de autonomia pela mobilização de saberes e de fazeres ancestrais, que permitem a construção de novos aprendizados, pelos diálogos e experiências em torno dos cuidados com a vida das pessoas e com o meio ambiente. Dessa forma, muitas das mulheres que se consolidaram como referências sociais dentro do

debates de gênero, uma estratégia utilizada para que os maridos das companheiras assentadas e acampadas, permitissem às mulheres participar desses encontros, com a justificativa de que eram encontros de saúde (CORADIN, 2022). Mais uma vez gostaria de enfatizar o poder do coletivo, das redes, do fazer junto, inclusive nas questões delicadas que exigem escuta, e acolhimento. Tanto as mulheres do MST como as do MASA se fortalecem no coletivo, nas trocas, no compartilhar, e inclusive nas divergências e diferenças constantemente apresentadas. “Somos diversosais”⁹³, diria Nego Bispo (2023)

Trago esses relatos das grafias relacionadas à violência patriarcal que os corpos sofrem para não idealizar também o cuidado, a saúde e os ofícios de cura. Acho importante enaltecermos que a construção de uma saúde popular comunitária se faz a muitas mãos, e todas elas já possuem marcas na pele, no corpo, de suas trajetórias de vida e da luta cotidiana do que é ser mulher camponesa. Muitas dessas mulheres se reconhecem como ser e como corpo político, quando se inserem nos coletivos, nos movimentos que fazem parte.

Acho importante trazer a leitura desde o corpo para entendermos que o corpo é atravessado por memórias, da construção de pertencimento a um determinado lugar, bioma, território, da ancestralidade viva e também da espiritualidade, heranças carregadas também na sabedoria coletiva dos povos (Mbaniwa, 2023 p.7). As mulheres camponesas que estão aqui presentes desde suas falas, carregam os traços dessa memória das lutas dos territórios em seus corpos também, por isso nesse momento vamos acionar as grafias da saúde desde o cotidiano.

3.3 GRAFIAS AFETIVAS DA ESCUTA E DA SAÚDE: DIÁLOGO DESDE O COTIDIANO - “NÓS POR NÓS”

Quando adentramos no cotidiano entendemos que por mais que o cotidiano se dê de alguma forma no vivido nos coletivos das relações familiares e sociais ele está inerente a cada indivíduo e revela mais do que costumes e hábitos, revelam a personalidade e as identidades de cada sujeito (Menegas, 2021 p.15).

De acordo com Heller (2014, p. 32), fazem parte na constituição da vida cotidiana a “organização do trabalho e da vida privada, o lazer e o descanso, a atividade social

MST têm, entre as marcas de atuação, domínios de saberes sobre plantas medicinais, cuidados e saúde(Costa; Marin, 2022 p.2)

⁹³Diversais de diversos. Segundo Bispo dos Santos, (2023 p.29), enquanto a sociedade se faz com os iguais a comunidade se faz com os diversos, Somos diversosais.

sistematizada, o intercâmbio e a purificação”. São ações que todo ser humano desenvolve, mas sem se ater que, ao praticá-las, revela as suas características subjetivas, segundo a autora:

A vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico. Considerado em sentido naturalista, isso não o distingue de nenhum outro ser vivo. Mas, no caso do homem, a particularidade expressa não apenas seu ser “isolado”, mas também seu ser “individual” (HELLER, 2014, p. 34).

Trago esse olhar para o cotidiano pois ele nos faz refletir a importância das particularidades de cada história do “ser particular” e das confluências relacionadas ao “ser genérico” que ampliam para a perspectiva do coletivo (Heller, 2014). Importante analisarmos que o cotidiano parte da vivência em si de cada indivíduo, mas em construção com o coletivo por meio de ações o que demonstra que as identidades são dinâmicas e em constante construção.

Importante olhar para o cotidiano das mulheres do MASA e do MST desde o território que habitam e que fazem morada. Por isso se faz necessário entender que histórias essas mulheres carregam em sua memória, como constroem sua identidade. Pois elas não só nos dão pistas, mas mostram o quanto a história pessoal e coletiva interfere na forma de se pensar o comunitário e como as relações desde o corpo transformam e grafam afetos nos territórios.

Olhar para o cotidiano me traz a seguinte reflexão. Será que o dia a dia não é no fundo, a chave que precisamos para entender determinados processos, apagamentos, violências e inclusive subversões e resistências? Será que o cotidiano é a receita para encontrar as frestas que o colonialismo deixou, principalmente quando pensamos em saúde popular, comunitária? Vamos ao cotidiano!

3.3.1. Cotidiano da luta e a luta no cotidiano

É a partir do e no cotidiano que se dão as mudanças históricas. É no cotidiano da existência que a história acontece (ULRICH, 2006; MENEGAS, 2021, SIMAS, 2021) e são nessas trocas que as identidades se constroem. Desse cotidiano vivido e sentido, da luta política cotidiana⁹⁴ e do cotidiano da luta, que vamos olhar para analisar os processos que auxiliam na

⁹⁴Trabalho intitulado “As mulheres camponesas e a agroecologia no MST do Paraná :Territórios do cotidiano da luta e a luta no cotidiano”, onde a autora a partir de reflexões individuais e coletivas em vários espaços, decide mostrar como o cotidiano das mulheres que optaram pela agroecologia é politizado, cheio de conflitos e tem elementos importantes para um novo projeto para o campo e para a sociedade, por outro lado como a luta política das mulheres está impregnada de um cotidiano outro (Monnerat, 2019).

construção de outras formas de pensar e fazer saúde. Nos relatos temos algumas narrativas que convergem.

A participação de familiares nas atividades relacionadas a luta dos sindicatos rurais: *“Meu pai também era do sindicato, era muito envolvido na política e também na comunidade”* (Serla). O que comprova que as lutas que narram a história do campo paranaense também marcam os corpos das mulheres dos movimentos aqui trabalhados.

Como exemplo também trago a importância das pastorais da terra, para a entrada nos trabalhos de base dos movimentos narrados em suas falas (Serla e Dona Maria): *“Naquele tempo eu fazia o trabalho de base na comunidade, com a Pastoral da Terra, e tinha um trabalho no sindicato dos trabalhadores rurais com as ervas medicinais”* (Dona Maria, 2023). Nota-se nessas falas o trabalho das pastorais também na disseminação, inserção e no resgate do uso das plantas medicinais nas comunidades rurais: *“Minha chegada na saúde foi através de um trabalho chamado Pastoral da Criança eu comecei a participar desse trabalho que era com as plantas feito por uma Freira, chamada Irmã Rosa”* (Serla, 2023).

Percebemos ainda as frentes na organização comunitária, como a organização de base, as cozinhas comunitárias para a distribuição de sopas. A luta pelas melhores condições dentro dos acampamentos como a instalação de banheiro, chuveiros, que facilitou a vidas das mulheres que tinham crianças pequenas, e que usavam o rio para tomar banho, o setor de saúde foi se fortalecendo assim também na luta por serviços básicos.

Outro importante papel na construção dessas memórias do cotidiano de luta foram o papel das instituições religiosas na organização dos territórios do campo, e sua ação como protagonistas na organização de movimentos de base como o próprio MST. Portanto, ao ouvir as histórias, percebemos que elas são atravessadas pelos conflitos relacionados à questão agrária paranaense, marcada pela Revolta dos posseiros⁹⁵, comentada por Dona Maria, que vivenciou o conflito já que seu pai participou efetivamente do conflito:

Meu pai ajudou naquela guerra em Francisco Beltrão, dos Colonos com a empresa que se chamava Citla. Eu era muito criança ainda né, mas eu lembro muito bem. Era muito sofrimento. Meu pai na época disse pra nós que se chegasse gente estranha era para minha mãe e nós correr para o mato. Isso foi em 1964 (Dona Maria, 2023)

95 A revolta dos posseiros, na década de 1950, foi uma das mais importantes lutas por terra no Paraná, representou uma “guerra por território”, envolvendo empresas privadas, o Estado e posseiros. O conflito envolveu principalmente a empresa colonizadora Clevelândia Industrial e Territorial Ltda (CITLA), politicamente articulada com o governador Moisés Lupion, que pressionava os posseiros a pagar pelas terras que ocupavam ou sair delas sempre com violência. Os posseiros se organizaram em frentes, e lutaram para resgatar seus direitos territoriais, em 10 de outubro de 1957 avançaram sobre a cidade de Francisco Beltrão expulsando as autoridades e tomando a estação de rádio da cidade, no dia 11 de outubro cerca de 1.000 posseiros expulsaram os jagunços das empresas imobiliárias (Atlas da Questão Agrária do Paraná, 2021).

Uma marca impossível de apagar trata-se da história contada relacionada às primeiras ocupações de terras do MST⁹⁶, e às condições precárias em que estavam submetidos como o frio intenso, a violência que perseguia as famílias, a constante ameaça de morte, o medo, a miséria e a fome. E os despejos, também marcados por muita violência:

A gente sofreu três despejos. O primeiro e o segundo despejo foi com policiamento e o terceiro com jagunços, e nesse terceiro despejo foi muito sofrimento, foi bem conflituoso, com bastante destruição daquilo que as pessoas tinham. O assentamento voltou a zero, e levou um tempo para as famílias recuperarem aquela vontade de viver e ter as coisas (Serla, 2023).

O papel da mulher foi, e é, de extrema importância para se manter viva a luta nos acampamentos e assentamentos rurais, representam a frente de massa, as primeiras a irem para o *front*⁹⁷, defendendo seus filhos, sua casa, seus ideais, seus sonhos diante da violência policial (Deere, 2004; Bordalo, 2011; Santos, 2019). As mulheres fazem parte do cotidiano dos territórios da reforma agrária, participando ativamente das atividades como percebemos nos relatos apontados. Isso não quer dizer que tenham sua voz ouvida e que estejam nas posições de liderança, algo que vem mudando internamente nas discussões trazidas pelo setor de gênero para dentro do MST desde a década de 2000⁹⁸ e que vem alcançando avanços desde as reivindicações do setor de Gênero.

96A maior ocupação de terra no Brasil foi realizada em rio Bonito do Iguaçu, em 1996 cerca de 3 mil famílias acamparam na fazenda Giacomel (atual ARAUPEL), com área de 83 mil hectares. Nesse período o MST contava com apoio dos sindicatos dos trabalhadores rurais, e principalmente pela CPT, Comissão Pastoral da Terra, além de organizações como o Movimento de atingidos por barragens (Atlas da Questão agrária, 2021).

97 Elas se encontravam presentes no rompimento das cercas e nas ocupações dos territórios, nos acampamentos levantados debaixo da lona e na construção dos assentamentos. Elas sempre estiveram presentes na busca da fonte de água, no carregamento dos alimentos e móveis em caminhões para a montagem do acampamento, na montagem das barracas de lona. No plantio e na colheita. Foram também vítimas da violência dos latifundiários e jagunços, e se fizeram presentes nas negociações com os governos e o judiciário, nas marchas e protestos (Mendes, 2021 p.88).

98 Nas décadas de 1990 e 2000, as mulheres e LGBTQs Sem Terra realizaram diversas lutas para seu reconhecimento no interior do MST, apresentando a gama de contradições sociais que também se encontram presentes no Movimento, que geram ausências das mulheres na participação cotidiana dos lotes e da organização da luta pela terra, como das lideranças e decisões tomadas pelo MST. A partir de 2000 começam um movimento das mulheres e LGBTQs na compreensão das contradições sociais e as opressões e passaram a traçar uma linha política de organização, embasando a participação paritária de homens e mulheres desde a base na organicidade dos territórios, até os setores nacionais. Através dessa organização o Setor de Gênero efetivou a participação de 50% das mulheres nas formações do Movimento, nos encontros e também no trabalho de base. Na Direção Nacional está paridade foi efetivada em 2006. Esse processo ocorreu da construção de uma estrutura interna (de cursos específicos com estudo da diversidade de temas referentes a luta social e o lugar social e político das mulheres, e intervenção em espaços internos) para que essa participação fosse no real sentido, efetiva. Ainda é um caminho em consolidação que as mulheres nestes lugares não sejam cerceadas e sejam reconhecidas, como apontam pesquisadoras militantes do MST no livro “Cultivar afetos, derrotar as violências: as mulheres do campo e a construção de novas sociabilidades”, em que denunciam as múltiplas faces das violências estruturais sobre as mulheres, além das violências cotidianas inclusive nestas escalas da organicidade do Movimento (CADERNO DE FORMAÇÃO SETOR DE GÊNERO, 2018).

São também portadoras do fio que entrelaça os laços comunitários e o pensar coletivo, muito vivo na vida e no cotidiano de mulheres que constroem diariamente a saúde popular do campo. Carregam em suas memórias a história de luta dos povos e comunidades tradicionais, dos faxinais, *“Meu bisavô chegou na comunidade era tudo sertão, tiveram que desbravar tudo, tanto que ela era uma comunidade faxinalense, mas faz tempo que não é mais”*. A identidade faxinalense ainda permeia a memória: *“Nossa antecendência é de bugre, só minha avó paterna que veio da Europa, não sei como se achou com meu avô porque aqui era tudo mato, naquele tempo era tudo faxinal, os porcos tudo solto”*. Histórias como a dos imigrantes ucranianos desassistidos pelo estado:

A minha avó e meu avô vieram da Ucrânia de navio, mas tiveram muita dificuldade pra ter sua terra. Meu avô construía tambor, e vendia querosene, e numa dessas o paiol pegou fogo e ele morreu queimado, minha mãe só tinha 12 anos. Ela disse que foi muito penoso para minha vó, era muita pobreza.

Relembrem através da história viva dos seus antepassados a vida comunitária, as florestas em pé, a cultura que era presente através das festas de santo: *“Meu pai era muito procurado para rezar a romaria, eu ia com ele, para cima e para baixo, era quase todo sábado”*. Vale lembrar a potência do sentido comunitário presente nos mutirões, dos ajutórios, comum para os povos tradicionais e também presentes na memória das mulheres camponesas do MST: *“A gente trabalhava muito no tempo dos meus pais em mutirão, quando era para ajudar a pessoa que estava doente era ajutório, para fazer a roça, todo mundo trabalhava em prol da comunidade”*.

Essa luta política no cotidiano foi sendo forjada no acionamento de uma identidade coletiva. As benzedeadas pelo reconhecimento de um ofício tradicional de cura e as camponesas do MST que lutam pelo direito a terra, produzir seu alimento, cada qual com seus costumes, suas crenças, sua cultura desse vínculo muito forte com a terra, com o roçado, com a espiritualidade e com a natureza. São essas histórias que as formam enquanto mulheres sem-terra, mulheres benzedeadas, mulheres camponesas.

Não poderia deixar de mencionar o racismo, o preconceito e a intolerância religiosa que historicamente as perseguem: *“me chamavam de feiticeira, macumbeira, porque eu era do terreiro, então a gente era muito discriminado. Todo mundo sabe sabia que eu fazia benzimento, mas era escondido, eu tinha medo de ser presa, naquele tempo assustava, a igreja não aceitava a gente, era discriminado, denunciado e preso”*. Os casos expostos são de duas mulheres que relatam sua caminhada na espiritualidade, ligadas a religião de matriz africana, sofrem e sofreram perseguição, discriminação, a estigmatização, o racismo e a intolerância

religiosa⁹⁹, que historicamente persegue a religiões afro no Brasil. Sofrem no corpo as marcas do preconceito, nas suas trajetórias de vida, nas suas escolhas, nas suas mudanças de trajetos, na negação do direito de viver sua espiritualidade em seu próprio território, algo marcante em suas falas.

“E quanto à religião, não podemos ter o segmento da nossa religião dentro de um acampamento, não é permitido, mas como eu estou morando aqui agora uma vez no mês eu vou alugar um salão para eu poder cuidar da minha espiritualidade, só que daí eu vou ter que cuidar lá fora aqui dentro não permite. Aqui só é permitido um benzimento, um chá, uma pomada específica”.

Percebemos que existe uma barreira relacionada com a perseguição histórica que essas mulheres sofreram ao longo do tempo pela medicina-moderna-patriarcal-colonial-medicalizada, mas também pelas instituições religiosas (Andrade, 2019; Oliveira, 1989, Iyagunã, 2018). Muitas delas vivenciaram com seus familiares as denúncias, as acusações incentivadas pela sociedade que por um longo tempo da história tentou banir as práticas, reforçado pela criminalização com a punição vigente no código penal¹⁰⁰ (como já mencionamos no capítulo 2). Seus corpos são violentamente marcados por essa higienização que a sociedade moderna tentou aplicar no campo e na cidade, desconsiderando todo trabalho feito por essas mulheres em suas comunidades como erveiras, parteiras, benzedadeiras¹⁰¹ e apesar da tentativa de desconstrução dessa imagem, existe ainda um apagamento e uma negação dos ofícios tradicionais de cura (Del Priori, 2004).

99 No que tange ao direito da liberdade de manifestação religiosa, este é essencialmente um direito subjetivo, mas que encontra dificuldades concretas quando a intolerância e o desrespeito afetam as religiões dos grupos sociais minoritários, principalmente os de matriz africana. O Brasil já possui normas jurídicas que visam punir a intolerância religiosa [...]. A Lei nº 7.716/1989, alterada pela Lei nº 9.459/1997, considera crime a prática de discriminação ou preconceito contra religiões. Em tal Lei, são considerados crimes de discriminação ou preconceito contra religiões as práticas prescritas nos seguintes artigos: artigo 3º ‘Impedir ou obstar o acesso de alguém, devidamente habilitado, a qualquer cargo da Administração Direta ou Indireta [...]’; artigo 5º, IV ‘é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato’, pelo artigo 5º, VI, ‘é inviolável a liberdade de consciência e de crença’, pelo artigo 5º, VIII, ‘ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política [...]’ (Bernardo, Vieira, 2013; Iyagunã, 2013).

100 Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940.

101 As mulheres desprovidas dos recursos para combater as doenças cotidianas recorriam a curas informais, perpetrando uma subversão: eram elas que, por meio de fórmulas gestuais e orais ancestrais, resgatavam a saúde. A constante recorrência à magia, o emprego de ervas e raízes acompanhadas de outras substâncias e de métodos baseados em supostas analogias existentes entre as várias partes do corpo com plantas cujas formas eram semelhantes a partes do corpo humano, eram empregadas em chás, banhos e compunham a farmácia caseira das Benzedadeiras. Cabiam aos detentores do ofício de cura (Benzedadeiras, Rezadeiras, Parteiras, Curandeiros, Sangradores) o devido cuidado de zelar pela saúde dos mais pobres e para exercer esta função não mediam esforços, percorrendo às vezes longas distâncias a cavalo ou a pé para fazer um parto ou atender uma criança doente utilizando de sua farmácia caseira, composta por ervas medicinais de todos os tipos (Del Priori, 2004 p. 90).

Importante olharmos também para essa construção da saúde popular comunitária desde o cotidiano, para as ações do fazer- fazendo- do ser-sendo e do cuidar-cuidando desde as relações, pois elas também estão cheias de atravessamentos, de apagamentos de memória, de silenciamento de histórias e afetam diretamente os corpos territoriais das mulheres que constroem no miúdo outras formas de saúde popular comunitária.

3.4 GRAFIAS DA SAÚDE POPULAR DESDE O CUIDADO- “PARA AS QUE VIRÃO DEPOIS DE NÓS”

Mas eu continuo na resistência de um projeto de vida do cuidado, defendo a vida, e a produção do jeito que meus pais me ensinaram, natural. Naquele tempo não tinha isso que chamam de agroecologia, era produção natural.

Agroecologia é produção de vida. É o primeiro dos muitos laços que essas mulheres constroem nos seus territórios. Não existe saúde integral, plena, sem a alimentação saudável, esse é um dos principais apontamentos das mulheres. É nessa perspectiva que peço licença aos mais velhos para falar sobre agroecologia. Agroecologia é resistência, é subversão. Agroecologia é o encantamento da vida perante a morte, perante a necropolítica do estado, ao sistema capitalista que insiste em precificar e mercantilizar o alimento, a água, a floresta e o trabalho, as sementes.

O trabalho ecológico defendido por Ana Primavesi é uma opção para a produção saudável de alimentos. Segundo a autora:

“A ecologia se refere ao sistema natural de cada local, envolvendo o solo, o clima, os seres vivos, bem como as inter-relações entre esses três componentes. Trabalhar ecologicamente significa manejar os recursos naturais respeitando a teia da vida. Respeitando as características locais do ambiente, alterando-as o mínimo possível, se aproveita o potencial natural dos solos” (Primavesi, 2006).

Uma escolha que muitos camponeses fazem, mesmo com dificuldade, para produzir comida de verdade, em contraponto ao agronegócio, que agride o meio ambiente, produz monocultura e *commodities*, envenena a terra e trabalhadores/as no campo e na cidade, provoca doenças físicas e psíquicas, além de potencializar as desigualdades sociais e a fome no Brasil (Primavesi, 2006).

No miúdo, no cotidiano, a agroecologia é saúde, é remédio, é vida, é afeto é força feminina. Impossível falar sobre agroecologia sem mencionar o protagonismo das mulheres na defesa da vida e dos territórios:

A agroecologia desde a perspectiva do morar e plantar se coloca como resposta ao neodesenvolvimentismo, na medida em que produz vida em resposta aos danos causados pelo projeto destruidor do capital para as comunidades e povos. Primeiro porque se coloca como perpetuadora de uma prática que vem de longe e é marcada

pela resistência dos povos e comunidades tradicionais. Além disso, contraria o sistema ao acontecer como prática natural, saudável e sustentável pra terra. A agroecologia contraria toda a estrutura que sustenta o capitalismo quando reconhece o trabalho da mulher como palco de grandes feitos. Ela se coloca, por fim, como resposta territorial às arbitrariedades impostas pelo grande capital. (Lima; Praça, 2018)

A luta da saúde perpassa os territórios quando exige uma posição do MST na produção e incentivo de alimentos saudáveis e sem veneno. As mulheres camponesas têm um conjunto de práticas e saberes, que refletem uma concepção de saúde integral, que inclui a alimentação diversificada e saudável e com alimentos limpos de agrotóxicos, acesso à água limpa, o cuidado com as pessoas e com o ambiente é um conjunto de terapias da medicina popular. “O cuidado é uma questão central na agroecologia, tudo o que se faz no manejo do lote está relacionado ao cuidado, agroecologia provoca um deslocamento ontológico que coloca a vida no centro, e com isto amplia a relacionalidade”(Monnerat, 2019).

Nos espaços sob responsabilidade das mulheres, em geral, pequenos, elas combinam hortas, árvores frutíferas, criação de pequenos animais, plantas alimentícias, medicinais e decorativas. Constituem um espaço privilegiado de experimentação e contam com enorme diversidade. As mulheres dedicam tempo e energia na agroecologia porque avaliam que lhes traz resultados. Elas valorizam a produção para o autoconsumo de alimentos sadios e variados que asseguram a boa saúde das pessoas com quem convivem. Além do mais, sua produção é distribuída em circuitos mais amplos de doação e troca que envolvem vizinhos, família extensa - inclusive aqueles que vivem em áreas urbanas-, comunidades religiosas, instituições de ensino e assistência social (NOBRE, 2020, P.3).

Na concepção das mulheres sem-terra a falta de uma alimentação saudável é apontado como um dos principais vilões para uma saúde integral. Na luta pela defesa da produção sem veneno e saudável, está também a defesa das fontes de água, das nascentes e do seu uso como nivelador de saúde como já vimos no capítulo 2. Não é possível manter a saúde sem esses dois elementos básicos, e sabemos o quanto isso provoca diferentes situações, conflitos nos territórios onde essas mulheres habitam, mas, ao mesmo tempo, apontam a necessidade de transformações principalmente deixados pela modernização do campo e o uso de agrotóxicos.

FIGURA 41: Barraca Setor de Saúde MST na Romaria da Terra - Ortigueira -PR- Agosto de 2023.



Foto: Coletivo Saúde MST, 2023.

Neste sentido, é preciso olhar e cuidar da biodiversidade para além do que se faz na agricultura. Para se ter saúde é preciso viver em um ambiente saudável, e ter uma relação saudável com o território que é de cuidado. As mulheres que trabalham com saúde popular têm um olhar de afeto com a terra que é considerada como um ser vivo, cuidado com a água que é considerada como “fonte de vida”. Conforme já vimos no capítulo anterior, há várias tecnologias sociais sendo desenvolvidas, testadas e aprimoradas para o manejo adequado da água, entre estes filtros biológicos, biofossas, banheiros secos, cisternas para captação e armazenamento da água e proteção de fontes (MONNERAT, 2019)

Uma das principais atividades protagonizadas pelas mulheres camponesas do MST e benzedeiras do MASA é o cuidado dispensado às plantas medicinais, como já apontamos no segundo capítulo. Muitas delas desenvolveram esse olhar atento como uma espécie de herança familiar: *“Minha avó e bisavó eram benzedeiras. Naquele tempo, a gente se virava com os remédios do mato, era só o que tinha, então desde cedo aprendi com meus pais a usá-los”*. Em todas as falas existe a presença dessa herança familiar, do olhar atento para o uso das plantas

medicinais: *Minha avó era parteira, era benzedeira e meu pai puxava bastante também para os remédios naturais, comida natural e de cuidado com a natureza etc. Meu pai era raizeiro, fui a única a herdar o conhecimento.*

Como vimos anteriormente, a maioria das casas das mulheres que fazem saúde popular comunitária tem em seu quintal uma grande farmácia viva, com plantas para diversos males, muitas delas usadas para fazer chás, emplastros com plantas e com barro, banhos. Em seus lotes observamos que existe um costume de se plantar uma grande variedade de ervas medicinais e aromáticas em torno da casa, que são usadas para enriquecimento da alimentação e para tratamento de problemas de saúde. No espaço do acampamento, ao mesmo tempo em que a valorização do trabalho com as plantas transforma as mulheres, o trabalho no espaço coletivo reformula a compreensão de mundo; daí que a planta é transformada em remédio e também pode transformar as concepções de quem o recebe (Costa; Marin, 2021).

Quando não se resolvem os problemas com os chás existe também a procura pelas benzedeiras, as curandeiras e as pessoas responsáveis pela saúde na comunidade (MONNERAT, 2019). Trago relato abaixo da Dona Vera, pois ele nos mostra essa estreita ligação com as plantas medicinais e seus usos:

No acampamento eles me colocaram na área da saúde, e estamos começando uma hortinha medicinal. Na minha casa eu tenho bastante ervas medicinais que agora tem onde plantar. Eu tô fazendo uma plantaçãozinha ali. Mas desde 1973 que eu venho mexendo com essas ervas medicinais. Cada lugar que eu vou, que eu vejo, que eu conheço que é uma erva medicinal eu já pego, já trago para casa, já cuido.

As benzedeiras, além de terem um apreço considerável pelo cultivo de plantas medicinais, têm na agroecologia uma prática, associada aos conhecimentos da sociobiodiversidade, tanto na casa das benzedeiras que residem no interior como as da que mudaram para a cidade. No relato da Dona Eva, podemos ver essa estreita relação de afeto:

Eu amo muito árvores e daí as plantinhas medicinais como a espinheira-santa, boldo, amoreira, sem contar os outros remédinhos que é o alecrim, arruda, erva-doce, hortelã, levante, alfazema. Nossa! Tem muita plantinha! E aí a gente foi lidar com coisas orgânicas, né? Sem agrotóxico e aí que a gente começou a dar valor para as verduras orgânicas, que também são remédios, porque cada doença nossa é uma coisa na vida da gente. Digamos, eu tô com uma dor de cabeça ou a pessoa tá com dor de cabeça, tem que ver a causa da dor de cabeça. Pode ser uma dor de cabeça, de nervo, de inveja, mau-olhado, sinusite, várias causas. Então a gente tem que tentar curar a dor e a causa também. Mágoas de antigamente, causa enxaqueca. E os alimentos também são remédio!

Muitas produzem alimentos para consumir e distribuir entre familiares e vizinhos, e a prática em guardar e trocar sementes crioulas¹⁰². Em seus quintais são plantadas uma grande diversidade de plantas medicinais, alimentos, árvores e flores (LEWITISKI, 2019)

FIGURA 42: Dona Agda separando sementes crioulas de feijão



Fonte: a autora, 2022.

Tanto as benzedadeiras como as mulheres camponesas do MST, através dos relatos anteriores pudemos observar que possuem um amplo conhecimento baseado em suas observações e herdados pelos seus ancestrais. Usam técnicas para salvar as plantas da estiagem, como irrigar diariamente, transpor mudas em lugares sombreados e cobrir com galhos de árvores as plantas para evitar a exposição direta ao sol. A casa das benzedadeiras muitas vezes

102São variedades nativas e/ ou tradicionais, desenvolvidas, adaptadas e melhoradas por agricultores familiares, comunidades camponesas, indígenas ou quilombolas. Eles são guardiões de sementes que por meio de práticas milenares de seleção, uso, conservação, troca e melhoramento, garantem a manutenção do nosso patrimônio genético vegetal para a agricultura. Essas sementes permitem preservar a diversidade herdada dos nossos antepassados como garante a adaptação progressiva das variedades às mudanças climáticas locais e à agricultura familiar, trazendo independência econômica, qualidade produtiva e sistemas de produção completamente agroecológicos (da semente ao Alimento) - (Atlas da Questão Agrária do Paraná, 2021).

acabam sendo um refúgio da biodiversidade¹⁰³ encontrada na mata das araucárias, os quintais são demonstrativos da agrobiodiversidade local, que engloba saberes locais, modos de vida, territorialidades, as quais se vinculam à diversidade de ecossistemas, populações e culturas, agregando valores, conhecimentos, práticas e serviços à biodiversidade (Rodrigues, 2016).

A resistência desses saberes, associados aos modos de vida, está diretamente relacionada com as atividades das mulheres. Elas são consideradas responsáveis pela criação e educação das(os) filhas(os), dessa forma, é a primeira e principal responsável pela transmissão de conhecimento para a nova geração. É importante notar que essas mulheres não apenas transmitem conhecimento, elas criam novos saberes, trocam entre si em busca constante de novas formas de aprender (Kempf, 2023p.94)

Tentam manter viva a diversidade de espécies em seus quintais e jardins e contam com ajuda inclusive dos consulentes que as presenteiam muitas vezes com espécies de mudas nativas, ervas, cascas e raízes secas, sementes nativas. Tal movimento permite uma diversificação de seus quintais, o que também é bastante sustentado pelas trocas comuns de mudas e sementes que acontecem nos encontros que organizam, fortalecem e constroem relações comunitárias.

O quintal que produz remédios e alimentos de origem animal e vegetal, revela o valor que estas agregam à comida caseira, o alimento crioulo que tem como base a produção local, seja realizada por elas, familiares ou vizinhos. Arroz, abóbora, banha de porco, batata-doce, carne crioula, feijão crioulo, frutas, galinha caipira, leite de vaca, mandioca, manteiga, mel, ovos caipiras, pinhão e verduras em geral, estão entre os principais alimentos que as benzedadeiras produzem e recebem em retribuição aos seus atendimentos, animando o processo de troca-dádiva gerado pela economia do benzimento (Lewitiski, 2019).

O MASA, para fazer contraponto ao agronegócio, têm encontrado parcerias para suas bandeiras de luta junto aos sindicatos de agricultores rurais, grupos de agricultores agroecológicos e associações de produção de alimentos orgânicos. As associações (conforme já mencionamos no primeiro capítulo), desde a década de 1990, fazem frente ao modelo da fumicultura, da monocultura e do uso de agrotóxicos, buscando a retomada e preservação de sementes crioulas e a diversificação produtiva.

O setor de saúde do MST defende a agroecologia como princípio básico de saúde e vida. Não é possível pensar saúde num território adoecido pelo veneno, onde se cultivam relações doentes. Segundo Izabel Grein, da Direção Estadual do Movimento “a luta na saúde é muito

103 Relacionado a diversidade e variabilidade das formas de vida existentes nos mais diversos biomas, nos campos, nas águas e nas florestas, mas também nas lavouras, cidades, nos quintais, nas feiras, nos mercados e na nossa alimentação. São utilizados como alimento, remédio, fonte de energia e de matérias primas, proteção contra as intempéries, entre outras necessidades. Embelezam espaços de vida e adquirem para muitas pessoas significados espirituais. [] considerada como um bem comum, a serviço da humanidade, fator essencial para a soberania e autodeterminação dos povos e para garantia da segurança alimentar e nutricional das populações urbanas e rurais (ATLAS DA QUESTÃO AGRÁRIA DO PR, 2019).

ampla. Não é só na doença, é também na construção de uma sociedade menos opressora”. O cuidado é a chave central e está ligado ao corpo físico, à mente, à sociedade, do viver e do se relacionar consigo mesmo, com o outro, no coletivo e com a natureza” (MST, 2023).

Para a luta cotidiana, são essas relações estabelecidas desde a casa, o lote, na comunidade. O conhecimento passado através das gerações também se transforma e se ressignifica com as vivências da luta pela terra. Compreendemos que essas experiências das práticas populares do cuidado auxiliam na cura do corpo e da saúde mental (Coletivo Saúde nacional, MST,2023).

As mulheres entendem a necessidade de se inserir em diferentes frentes na luta pelo direito à saúde e historicamente vem ocupando espaços de debate. Citamos o caso das conferências nacionais de saúde em específico a 8ª Conferência Nacional de Saúde¹⁰⁴, que teve grande relevância para os movimentos sociais, mas também participam em diferentes instâncias nacionais, estaduais, conselhos municipais que garantem o aprender fazendo, e contribui para alargar o conceito de saúde que deixa de ser só a ausência de doenças, e amplia para pensar na qualidade de vida das pessoas e da sociedade, lutar por relações sociais, econômicas, políticas, emocionais, mais saudáveis. Segundo o MST o conceito engloba os seguintes fatores:

104 A 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada entre 17 e 21 de março de 1986, foi um dos momentos mais importantes na definição do Sistema Único de Saúde (SUS) e debateu três temas principais: ‘A saúde como dever do Estado e direito do cidadão’, ‘A reformulação do Sistema Nacional de Saúde’ e ‘O financiamento setorial’. Cinco dias de debates, mais de quatro mil participantes, 135 grupos de trabalho e objetivos muito claros: contribuir para a formulação de um novo sistema de saúde e subsidiar as discussões sobre o setor na futura (Constituinte 9<https://conselho.saude.gov.br/>)

FIGURA 43: Conceitos de saúde MST



Elaborado pela autora, Fonte Cartilha Saúde MST Paraná, ACAP e a Secretaria de Saúde do Estado do PR.

Ao acompanhar o setor de saúde do MST e o MASA podemos afirmar que alimentação saudável e sem veneno é sem dúvida uma pauta prioritária para o se fazer e pensar saúde no campo. Inúmeras vezes pude observar no atendimento a consulentes que vinham buscar ajuda na casa de uma benzedeira ou nos espaços coletivos de saúde nos encontros do MST, o questionamento sobre a alimentação, como sendo prioridade na consulta. Essa percepção das mulheres na busca por alimentos sem veneno é algo de longa data no MST. Luta que começou nas frestas e que devido seu potencial de transformação, tem ganhado protagonismo nas pautas políticas que o movimento enfrenta. Naturalmente a pauta é defendida também pelos povos e comunidades tradicionais, na defesa de seus territórios e formas de vida. Não existe possibilidade de se construir saúde num ambiente onde predomina o veneno, os agrotóxicos e as relações doentes. Para uma saúde integral é necessário que todos esses itens sejam prioridades nas comunidades e assentamentos, e o modo de produção agroecológica é com certeza o nó do arremate final.

Nota-se ainda uma relação estreita entre saúde popular e agroecologia na verdade uma não existe sem a outra, são componentes de uma mesma prática, e não restringe ao âmbito comunitário, são pautas que se articulam politicamente. Agroecologia para essas mulheres é um projeto de vida no qual terra, água e alimento não são mercadorias e, portanto, podem contribuir para a autonomia dos povos do campo e da floresta e da soberania alimentar para toda população (Atlas da Questão Agrária no Paraná, 2021).

De modo especial, ao tratar de práticas de cuidado em saúde no campo, é importante levar em consideração como se constituem os vínculos territoriais nos quais transitam saberes, culturas, memórias, relações sociais, políticas, com a natureza, com a saúde pública, dentre outros aspectos. É de extrema importância no planejamento de ações e políticas públicas de saúde reconhecer as diferentes práticas ancestrais de cura que já estão enraizadas nesses territórios, e dialogar com elas, validá-las, instigando o reconhecimento dessas práticas nas ações educativas em saúde. A perspectiva Freiriana de educação popular e saúde permanece atual, nessas construções, buscando a dialogia pautada no reconhecimento dos diferentes saberes e validação das práticas populares, em uma dimensão conscientizadora e potencializadora de ampliação de leituras de mundo.

As mulheres do setor de saúde compreendem que o cuidado é apenas uma das dimensões da saúde e que está segue estritamente vinculada às questões que dizem respeito ao modo de produzir a vida, ou seja, são determinadas pelas condições socioeconômicas, políticas e culturais da sociedade. entendimento que só foi possível através da compreensão de que a saúde não é um campo neutro, mas sim um lugar de disputas políticas (Herrera, 2019)

Por esses motivos mais uma vez se faz necessário acionar a importância de se pensar a saúde popular como um saber ancestral e comunitário, construindo no fazer junto novas concepções de saúde. Esse, saber-fazer-ser comunitário alarga o conceito de saúde e doença, que era pensando nos primeiros anos do setor de saúde, buscando não apenas remediar o problema, mas entender as mediações que se expressam nas relações humanas de solidariedade, cooperação, companheirismo e que fazem parte do processo de doença -cura- saúde e que grafam nos territórios outras formas de viver saúde.

Segundo Herrera (2019, p. 76), em suas discussões sobre os trabalhos cotidianos das mulheres no meio rural, o cuidado é um fato no cotidiano das pessoas, um elemento organizador de suas relações e mantém-se inseparável da pessoa que o realiza. Nos relatos extraídos das histórias de cada uma das mulheres podemos observar a dimensão que cada uma tem do cuidado e como ele atravessa as dimensões das suas vidas.

Aí eu me sinto bem, eu tenho tudo gosto e o prazer de benzer as pessoas. Aqui é assim, não tem hora, chega meia-noite, chega de madrugada, a hora que chegar eu atendo, não tenho preguiça, gosto de ensinar remédio e ninguém sai da minha casa sem tomar um remedinho ou levar um chá para tomar em casa. Tudo isso me faz bem, eu me sinto feliz de poder ajudar uma pessoa, que daí depois ela vem me agradecer “foi tão bom o remédio, foi tão bom o benzimento! Não tem um elogio maior que eu recebo do povo aí. Eu gosto de lidar com garrafada para várias coisas, para mulher de dieta, para engravidar. Algumas mulheres que fiz garrafada e engravidaram agora trouxeram o bebe para mim ver o fruto da garrafada.

O objetivo do cuidado não se resume a um produto acabado, pois consubstancia-se nas relações entre pessoas ou entre pessoas com outros seres vivos, como animais e plantas. Ou seja, constitui-se em uma etapa determinada do ciclo da vida ou em momentos que podem mudar ao longo da vida, dependendo do grau de vulnerabilidade das pessoas, dos animais e das plantas. Assim, o seu objetivo não se direciona para a produção de um serviço ou de um bem, mas antes, e de forma mais relevante, visa a relação que se estabelece entre as pessoas durante o processo de interdependência, ou seja, um vínculo criado em relação a outros. Além de visar as necessidades que se pretende satisfazer, é impulsionado por uma motivação na relação que advém do ato de cuidar, atrelada ao afeto e/ou à obrigação e responsabilidade (Herrera, 2019).

Comecei a benzer quando meu pai faleceu, e desde então eu benzo e ensino todos os remédios que ele sabia fazer, até ajudo quem não tem muita sorte no amor. Lembro dele me dizer “Não esqueça das coisas que eu ensinei para você, vai precisar vai ter bastante gente a te procurar” Eu gosto muito de poder ajudar, esse ano eu tenho só coisas para comemorar, três mulheres a que fiz garrafadas e que não podiam engravidar vão ser mães, isso é muito gratificante. eu sou tenho a agradecer a deus.

Nos relatos que geo-grafam a vida, observamos a estreita relação das mulheres do MST e do MASA com o cuidado que ultrapassa as relações de trabalho. Para as benzedeadas e mulheres que trabalham com as plantas medicinais:

Quanto mais você estuda você aprende, e eu sei que eu quero aprender mais, viver bastante, aprender mais. Eu agradeço muito as pessoas que me procuram para que eu possa fazer um chazinho, uma pomada, eu possa fazer um xarope, possa fazer o específico, e também os homens que procura para fazer garrafada de potência sexual, para anemia. Eu tô muito feliz, e assim eu vou levando né. No mês passado, dia 29, eu completei 70 anos de idade. Eu gosto do que eu faço, vou continuar fazendo e aprendendo mais e mais com as pessoas. Eu quero continuar assim, com o benzimento, a gente ajudar um ao outro, que ele não faz mal. O benzimento ajuda, as orações que muitas pessoas pedem ajuda, os banhos também para as pessoas que às vezes não se sente bem, que tá se sentindo meio pesado, aí me procura para fazer o banho para que eu possa acender o anjo de guarda da pessoa, que eu possa dar uma palavra amiga, um conselho bom. Então assim, eu sou muito feliz, como eu falei.

A territorialidade produzida nas mulheres as coloca em vínculo profundo com os diversos processos da vida. O trabalho reprodutivo é a condição da existência, e a execução contínua desta tarefa ao longo de anos incute nas mulheres uma profunda sensibilidade quanto ao valor e a importância de viver (Christo, 2018).

Sabedoria dos mais velhos, a gente aprende sentada na beira do fogão, entre um mate e outro. Assim no miúdo, entre o derramar vela, e ao ouvir conselhos, a dor vai ganhando outro espaço e o aconchego e o acolhimento protagonizam a visita. Entre as notícias do dia a dia, que vão surgindo, as previsões assertivas do tempo e sua instabilidade, o frio, os falecimentos, os acidentes, as notícias trágicas também ganham um lugar que é estranho de se observar. Entre um mate e outro, Dona Sebastiana, sai, vai até o quintal, conversa com as plantas, de longe eu só observo. E lá vem ela com duas plantas na mão, alecrim e manjericão. “- *esse aqui minha filha é pra você acabar com noite mal dormida, vocês gente jovem usam a cabeça por demais!*”. E foi colocando feijão no fogão a lenha, para esquentar. Se quer saber de uma desfeita é sair sem almoçar.

FIGURA 44: Casa da Dona Sebastiana, entre um café e uma boa prosa



Fonte: a autora, 2022.

Visitar uma benzedeira, no interior do estado, é como eu entrar na casa da Dona Tereza lá no Pilarzinho em Curitiba (aquela que resgatei nas minhas memórias) Apesar dos estilos de casa serem diferentes, ainda vejo semelhanças no cheiro de vela, no prato de virar cera (não são todas que usam essa técnica), no fogão a lenha, nos quadros espalhados pela casa, e no altar. Toda vez que adentro num mundo que é a casa da benzedeira eu me remeto à infância. Os santos são diferentes, as jaculatórias talvez também, mas aquele sentimento de acolhimento é o

mesmo. Eu não sei se para todos os consulentes é assim, não adentrei em tantos detalhes, dessas questões relacionadas à fé, os motivos que fazem as pessoas procurarem as benzedadeiras e o sentimento que elas saem quando termina a consulta. Eu posso não ter perguntado, questionado, mas eu ainda consigo observar os sorrisos, os abraços e a quantidade de agradecimentos e recomendações. O sentimento que essas mulheres grafam na comunidade é de afeto, de cuidado, acolhida. Além da benzeção, as benzedadeiras mergulham muitas vezes na vida das pessoas, dão conselhos, sobre família, estudos, alimentação saudável, vida saudável. São raras as vezes que o consulente não sai com uma plantinha na mão, e não é uma prática isolada de uma benzedeira, são praticamente todas elas que possuem esse relacionamento com as plantas, que está para além da relação ser humano. Dona Ana chama as plantas de irmãs. Para elas atravessar esse mundo mágico do poder das plantas não é para todos. Elas fazem sempre questão de mostrar o jardim com orgulho, e entre um atendimento e outro a prosa continua sem hora, o relógio parece nem existir.

O plantar e colher, o guardar semente, o ler as fases da lua, ouvir a ancestralidade, o fazer roça diariamente, o cantarolar com as plantas, a atenção para hora certa da colheita, da semeadura, o cuidado para tirar algumas folhas e não matar a planta, a conexão com as águas, o alimento, a separação de lixo, o aproveitar água da chuva, entender o clima, tudo é saúde. Servir o alimento sem veneno, beber água, se alimentar direito, dançar, exercitar-se, manter bons relacionamentos com a família, com a comunidade, sem racismo, sem violência de gênero, sem nada que nos oprima, tudo isso é saúde.

É através do trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres que a produção de alimento saudável na cidade e no campo se multiplica e ganha força. É através do trabalho das mulheres que ela nasce, se firma, brota, floresce e multiplica. É no guardar as sementes, é na troca das mudas, é no cuidado com as crianças, bichos e roças. É no trabalho das mulheres na direção do bem viver ancorado na multidimensionalidade de suas práticas e na radicalidade de suas propostas de mudança que garantirá a potência da vida e da continuidade dos povos e práticas ancestrais.

As grafias que as mulheres que praticam saúde popular comunitária desde o MASA e o MST deixam nos territórios são de vínculos afetivos com o lugar, com a comunidade, com o território. No primeiro capítulo fizemos uma imersão na praticas dos movimentos, e quais soluções eles encontraram para sobreviver a pandemia, no segundo capítulo buscamos nos aprofundar nos cruzos entre encantos e desencanto que constroem a base da saúde popular comunitária desde esse olhar para as benzedadeiras e as mulheres camponesas do setor de saúde

do MST, nesse terceiro momento a ideia foi mergulhar no cotidiano para entendermos desde as histórias contadas COMO o afeto ressignifica o território.

No próximo capítulo entenderemos saúde popular comunitária como um ente potencializador dos “comuns”, e como as práticas desde as relações estabelecidas desde o comunitário geo-grafam pedagogicamente os territórios onde estão inseridas.

4. GEO-GRAFIAS DA SAÚDE POPULAR COMUNITÁRIA FEMININA-



No aspecto mágico temos inúmeras funções para o dente-de-leão. Acredita-se, por exemplo, que para que os ventos sejam sempre favoráveis deve-se plantar dentes-de-leão na parte norte do jardim, ou para mandar uma mensagem para o ser amado é só soprar as sementes e visualizar a mensagem. Ou ainda para adquirir incríveis poderes psíquicos é só tomar aquele café feito com as raízes, e para atrair os espíritos, colocar o mesmo café em um pote embaixo da cama. (Bornhausen,1991).

Chegamos nas pedagogias do entre, dos cruzos, das frestas na forma que as mulheres que constituem o chão dessa tese se constroem, aprendem, trocam, e como eu, junto com elas, me desconstruo. Desde as frestas, é por aqui onde a saúde popular vai se transformando, no campo, nas comunidades rurais, nos quilombos, nas comunidades indígenas, nos assentamentos, nas pequenas cidades e nas periferias urbanas. Construída por mulheres que pisam leve (Krenak, 2021), que tem uma conexão com a natureza que é de respeito, e que através das suas

jaculatórias, emplastos, remédios, receitas de chás, tinturas e o cultivo de plantas medicinais vão trazendo toda memória ancestral para roda, para o presente, ressignificando-o, o tempo todo.

Saúde que ultrapassa a casa, o vilarejo, a cidade, que conecta com raízes profundas da mata das araucárias, do cerrado, da caatinga, da Amazônia, dos territórios indígenas e quilombolas de nossa Abya Ayala. Mulheres que vão nos dando receitas de como transgredir a escassez imposta pela colonialidade, que instituiu um processo de universalizar a modernidade capitalista hegemônica em vez de valorizar as pluridiversidades dos territórios. Enquanto a humanidade se distancia cada vez mais do sentir, essas mulheres nos mostram que o caminho é o contrário é o de mergulhar fundo.

Neste capítulo, buscamos entender COMO a saúde popular comunitária feminina realizada pelas mulheres do MASA e do MST, desde um fazer-ser-cuidar-sentir, conflui na manutenção dos comuns, grafando os territórios de formas muito específicas, relacionais e intencionais, e, em definitiva, como as práticas de saúde popular comunitária geo-grafam pedagogicamente os territórios onde estão inseridas.

4.1. GEO-GRAFIAS DAS PRÁTICAS DE SAÚDE POPULAR NA MANUTENÇÃO DOS COMUNS.

E porque olhar para os comuns? O que eles nos ajudam a avançar nessa rede de emaranhados que vão de alguma forma costurando essa saúde popular comunitária popular?

Corroboramos com Zibechi (2013), que comunidade é a verdadeira expressão do comum, é a organização humana mais adequada para proteger os bens comuns e não é por acaso que onde os bens comuns estão mais preservados é onde predominam os modos comunitários em suas mais diversas formas.

Segundo Rocha (2020), “os bens comuns não nascem de uma teoria, não são produtos, não são uma coisa, embora a palavra ‘bem’ facilmente nos leva a acreditar que possam sê-lo.” Portanto, não pode haver nenhum “bem comum” sem que haja comunidade porque o “bem”, seja como “coisa” ou como “condição”, não constitui em si prática social e também não é o que garante a subsistência da vida comunitária, então, o comum não é sujeito nem objeto, o comum é verbo, é atividade, é a ação baseada nas relações com a natureza (Rocha, 2020; Dietschy, 2019; Linebaugh, 2013). Segundo Rocha (2020):

O comum, seja como forma política, seja como prática de vida, é inseparável do **território da vida** em que se constrói. É a construção permanente da integralidade da

vida e do trabalho, trabalho não objetivado, processo em que ser de comunidade e ser de povo são, ao mesmo tempo, as condições primárias de pertencimento e subjetividade. Ou seja, o comum como práxis (Rocha 2020, p. 349, grifos nossos).

Acionamos os comuns para analisar os processos descritos até aqui, porque a saúde que trabalhamos nesta tese, não é apenas popular, o que a diferencia está no que é construído desde o comunitário. As práticas que aqui apresentamos são verbo, ação, e estão em permanente ressignificação e movimento. O que enxergamos desde essa saúde popular comunitária é um fazer desde/na/e com a comunidade. Nem sempre é facilmente detectável, mas o comum está imbricado nas relações das mulheres do MASA e do setor de saúde do MST, que constroem a saúde popular comunitária desde seus territórios, está no modo de vida nas suas cotidianidades, na luta, na religiosidade e se manifesta nas várias formas de se relacionarem com a natureza.

Um dos principais pontos a se analisar é que não existe saúde popular comunitária sem a prática coletiva cotidiana. A saúde é um bem comum, e não está separada da vida cotidiana e das relações criadas com a comunidade, com a terra, desde o território.

Para compreendermos o comum e tudo o que está relacionado aos processos que envolvem multiplicidade e coexistência de formas sociais comunitárias, precisamos romper com a ideia do comum como estático e coisificado, e passarmos a compreender o comum em sua multiplicidade de interações da ontologia política e relacional em permanente movimento de ressignificação e conflito (Rocha, 2020).

No MASA, o comum está presente na sua relação com a espiritualidade, com o território da mata das araucárias, expresso nas formas de exercer o ofício de cura, na retirada de seus remédios da mata, no cuidado atribuído às florestas na preservação das nascentes de água, nos vínculos afetivos com a comunidade, com a vizinhança, no cuidado dispensado a quem busca ajuda.

No setor de saúde MST, o comum está presente nas práticas de saúde realizada na e com a comunidade, nas relações formadas desde o comunitário como a luta pelo posto de saúde, para a criação de hortos medicinais coletivos, na criação de coletivos de saúde dentro dos acampamentos e assentamentos, no projeto de vida tão defendido ao colocar a vida no centro como principal projeto, desde o alimento, a água, e incluindo todas as relações.

Entendemos as práticas de saúde aqui trabalhadas como práticas do comum pois estão estritamente imbricadas em outras dimensões dos territórios, como se percebe nos processos de cuidado, como a defesa dos olhos d'água, relacionados com a espiritualidade e o catolicismo popular caboclo, com o Monge João Maria. Na forma como o cuidado atravessa as relações e cria pertencimento ao lugar transformando a luta por terra como local de produção em luta por

território como identidade. São também representações do comum no âmbito político já que incorporam identidades de lutas diversas. Os movimentos sociais cada qual com seu caminhar e seu território resistem com suas diferentes práticas devido à práxis do comum, o comunitário. É no cotidiano que notamos a territorialização do comum (Rocha, 2020).

O comum das práticas de saúde está na ação, do verbo fazer, cuidar, festejar, compartilhar, rezar, plantar, semear, colher, partilhar e lutar. É no miúdo que o comum está presente, no miúdo das relações. Na troca de mudas, de sementes e de receitas, no compartilhar o conhecimento agregado ao uso das plantas medicinais, nos mutirões para plantio de hortas. Nos encontros, nas reuniões, nos cursos onde o aprendizado é compartilhado. Nas romarias onde o sagrado é festejado, as preces são compartilhadas, o canto entoado em coletivo. Na luta coletiva por uma saúde do povo e por projetos e políticas públicas que atendam a população do campo. Confluências nas ações, e nos sentidos. Movimentos que são diferentes, porém circulam por práticas similares.

FIGURA 45: Amostra da Romaria de São Gonçalo no Encontro Municipal de Benzedeiros



Fonte: MASA, 2018.

O comum presente nas práticas de saúde está relacionado ao verbo cuidar, da terra, do lote, da casa, da comunidade, das relações, dos alimentos, da água. No exercício de semear, plantar, cultivar e conseqüentemente da ação presente no verbo lutar. Lutar por um território de vida em todas as instâncias. “Saúde é lutar contra tudo que nos oprime”, como diz a palavra de ordem do MST, nesse sentido temos um horizonte político do comum (Aguilar, 2013). Segundo essa autora, a partir deste conjunto de ações de luta, as sociedades paulatinamente recuperaram

e reconstruíram capacidades políticas, como as possibilidades de gerir coletivamente os bens comuns. Os momentos de luta são produtores e reprodutores do comum. O comum não é uma categoria classificatória que se refere à propriedade, mas é uma ideia-força central da reorganização da convivência social.

O comum é aquilo que se produz coletivamente e cujo controle e decisão não se delegam para outras mediações políticas que não sejam os mesmos que o produzem. O comum é uma maneira de nomear o “público não estatal”. Antes de tudo, o horizonte do comum é uma perspectiva de luta lançada para se reapropriar e recuperar, direta e coletivamente, o que foi retirado das mãos das coletividades. Neste sentido, o comum não é algo meramente herdado, mas, antes de tudo, é produção reiterada de sentido e de vínculo, para se acumular coletivamente capacidades de intervenção em assuntos gerais (Aguilar, 2013).

Corroboramos com a autora na perspectiva de olhar a saúde pelo horizonte político do comum, justamente na tentativa de analisarmos como também a autonomia do cuidar foi sendo cercada pela medicina-moderna-patriarcal-colonial-medicalizada e pela expansão capitalista do agronegócio no campo. Portanto, cabe olharmos a saúde popular comunitária feminina também com uma reprodução do comum. Nesse sentido, o comum é uma forma específica de organizar as relações entre as pessoas e seus fios centrais são a reciprocidade e a autodeterminação (Aguilar, 2020).

Como diz o ditado, “mulheres são como águas, crescem quando se encontram”, afluentes que deságuam, e nessa confluência de seres e saberes, na relação com a sociobiodiversidade, expressa na diversidade de paisagens, de modos de vida, de alimentação, vão grafando possibilidades outras de pensar saúde e comunidade (AGUIAR; LOPES, 2020).

Será que a saúde construída desde os comuns, constituem apenas entidades locais de resistência interna, sem capacidades políticas de transformação? Corroboramos com Aguilar (2020) na constituição das “redes comunitárias”, como uma expressão conceitual aberta e que se refere às práticas a partir das quais os vínculos entre as pessoas são produzidos, cuidados e preservados para sustentar sua vida material e simbólica. É, por isso mesmo, uma noção dinâmica que não fecha a compreensão dos sujeitos em luta. Mencionamos isso quando ampliamos a lupa para o mapeamento realizado na introdução onde observamos em distintos locais desde o Abya Ayala formas de se pensar e fazer saúde popular comunitária. Saúde, essa que se conecta através de redes, de encontros, de possibilidades, de resistir às investidas contra os comuns.

Nesse sentido, entendemos que a saúde popular comunitária feminina, não só é uma reprodução do comum, como dito acima, é produto do comum. Ou seja, só pode ser realizada no cotidiano do comunitário. Nos vínculos afetivos criados com a terra, com a mata, e também nas formas de contornar ou conviver com os inúmeros conflitos, nos processos de desencanto que se abrem tentando silenciar e apagar as práticas que são memórias vivas, de histórias vivas

de uma comunidade viva. Os movimentos através dessas práticas de cuidado nos territórios acionam outras dimensões ontológicas, onde a vida e suas inúmeras possibilidades de ser estão no centro (Escobar, 2016).

4.2 GEO-GRAFIAS DESDE OUTRAS ONTOLOGIAS RELACIONAIS E POLÍTICAS

As ontologias duais¹⁰⁵, próprias do sistema-mundo moderno patriarcal, colonial e medicalizado, através da chamada globalização neoliberal de corte capitalista e individualista, levaram à erosão sistemática da base ontológica territorial de muitos outros grupos sociais. Esta situação é mais evidente naqueles com concepções de mundo não dualistas, isto é, não fundadas nas oposições já indicadas, como o caso dos dois movimentos que me atravessam desde a encruzilhada, e que produzem outras experiências chamadas por Escobar (2016) de mundos ou ontologias relacionais.

Toda essa densa rede de inter-relações e materialidade que chamamos de “relacionalidade” ou “ontologia relacional”. [] o que existe é um mundo inteiro que se atualiza minuto a minuto, dia a dia, através de uma infinidade de práticas que vinculam uma multiplicidade de humanos e não-humanos. Para resumir: uma ontologia relacional pode ser definida como aquela em que nada (nem humanos nem não-humanos) preexiste às relações que nos constituem. Todos existimos porque existe tudo.

As ontologias que se constituem no fazimento da saúde popular e comunitária não são ontologias dualistas ou chaves da modernidade dualista, onde se separa a natureza e a cultura, mente e corpo, onde os indivíduos são autossuficientes e os objetos manipuláveis (Escobar, 2016). As ontologias dualistas moderno-capitalistas acreditam que a floresta, por exemplo, é separada do ser, trata-se apenas de um objeto substituível, portanto não há problemas em derubá-las. Se a floresta é vista como um ser pensante, integrante da família, o tratamento que se dá é completamente diferente. Outro exemplo que menciono são as plantas que são medicinais ancestrais, carregam memória, espiritualidade, portanto a relação que se constroem com elas, pelas praticantes de saúde popular comunitária, é de respeito, de cuidado. A água também como um ente que cura, que é vivo e representa a vida, o mesmo acontece com a relação da terra de afeto onde o território é um espaço vital de inter-relação com o mundo natural. Os aspectos chaves da ontologia relacional são: o território como condição de possibilidade e as diversas lógicas comunais que com frequência subjazem a ele (BLASER, DE LA CADENA e ESCOBAR, 2009; DE LA CADENA, 2010; BLASER, 2010; ESCOBAR, 2012b).

¹⁰⁵ (que separa o humano e o não humano, a natureza e a cultura, o indivíduo e a comunidade, “nós” e “eles”, o corpo e a mente, o secular e o sagrado, a razão e a emoção, etc.), essa modernidade arrogou-se o direito de ser “o” Mundo (civilizado, livre, racional)”, em detrimento de outros mundos existentes ou possíveis

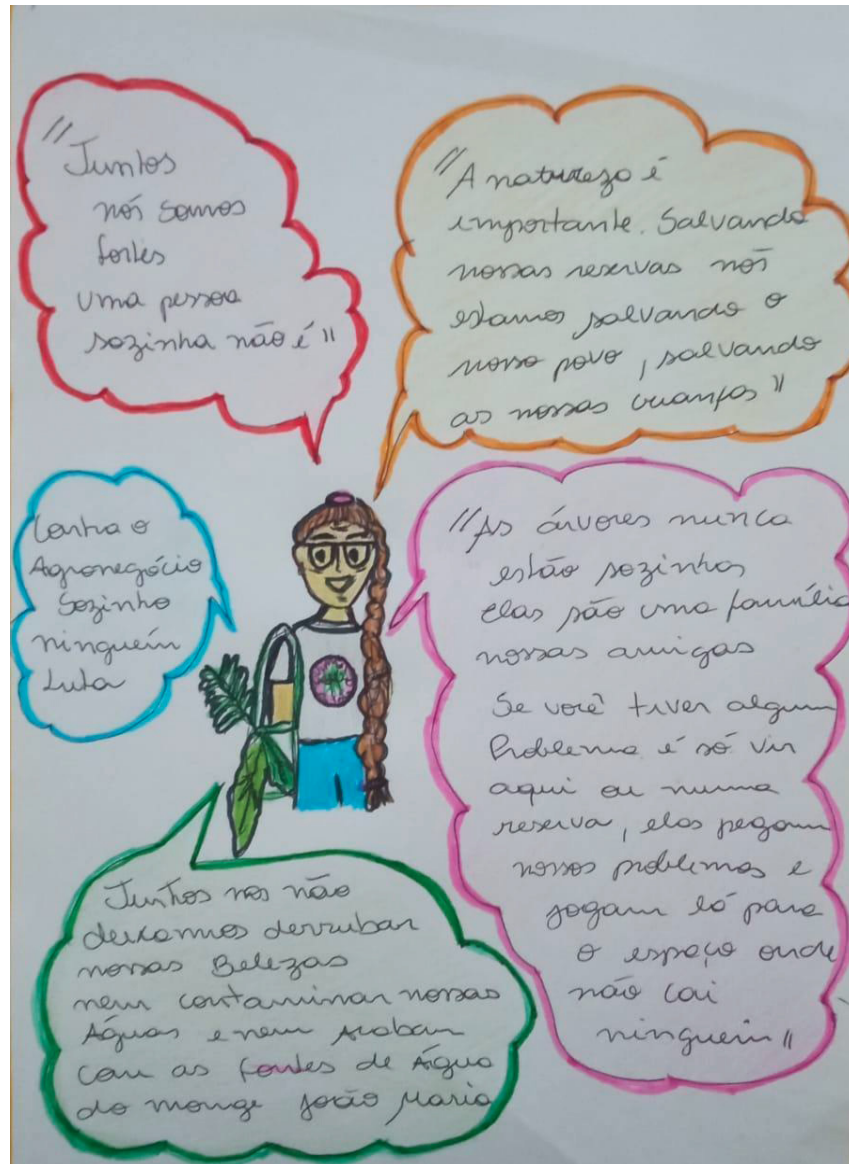
Após a foto de quem participou da festa, trago na figura, alguns trechos da fala de Dona Ana, captada na 2ª Festa do Monge, realizada no Município de Rebouças, pelo movimento das benzedeadas. A festa começa com a procissão dos participantes até o parque, seguido pelo café da partilha, muita oração, cantos, homenagens ao Monge, caminhada pela trilha do parque guiada pelas benzedeadas onde essas falas foram captadas.

FIGURA 46: II Festa do Monge João Maria, agosto de 2023- Rebouças- PR



Fonte: MASA, 2023.

FIGURA 47: Facilitação gráfica das falas de Dona Ana na festa do Monge



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Notamos uma ligação de afeto e de irmandade com a mata e de pertencimento ao território das araucárias. Para as benzedadeiras, a natureza é lar, família, e parte constituinte dos seres viventes neste planeta. As matas e reservas, são também um local de acolhida.

“Deixe seus problemas aqui, as araucárias não vão ficar sofrendo, elas pegam os problemas e devolve no espaço, onde não cai ninguém. A natureza é importante, salvando nossas reservas, nós estamos salvando nosso povo. Cada parte dessa reserva aqui representa nosso povo, salvando as nossas crianças que daqui a vinte anos não tem mais isso aqui. Deus que criou as árvores, deus que criou a natureza, deus que criou a água, deus que criou o planeta e nós fazemos parte dessa família. Se você andar aqui no mato, que nos salvamos junto com o IAT, que não era para ter mais essa reserva. Se vocês andarem por aí vão encontrar várias amigas de vocês. Elas (árvores) têm a mesma dor que você, ela chora que nem você, ela tem vida mesmo que você, ela foi criada pelo mesmo Deus. Elas são amigas que não vão brigar com você, mas vão pegar

o que você tem para ela. Que amiga que não quer o bem da outra. Ela vai tirar de você porque ela te quer bem, é assim que nós temos que viver. Assim que nós somos povo, assim que nós somos cultura, deixe todos os problemas aqui. (Entrevista de Dona Ana, Agosto, 2023)

Na mesma hora, *Dona Ana*, que é uma exímia compositora, entrou numa cantoria que criou naquele instante:

*não deixa a floresta morrer
não deixe a floresta acabar
contra o desmatamento o que nos resta é rezar (2x)*

*não deixe a água sofrer
não deixe ela contaminar
enquanto estiver nessa terra, com certeza não vamos deixar (2x)*

*não deixa o conflito na terra
terra tem que repartir
enquanto tivermos na terra não iremos desistir (2x)*

*Não deixe a cultura morrer
a cultura não pode acabar
Enquanto estiver nessa luta, com certeza eu não vou deixar (2x)*

Dona Ana em suas falas e cantos demonstra o afeto à terra, seus vínculos mais profundos com a mata das araucárias, com esse lugar tão vivo, sobre as memórias inclusive da mata, que respira vida e luta, e que também sofre com o avanço dos monocultivos, do uso intensivo de agrotóxicos. Esse é o lado político da ontologia, porque os povos e as próprias práticas de saúde para se manterem, acabam conflitando com as ontologias dualistas. Essa fala representa o comunitário vivo nas relações inclusive não humanas, com a espiritualidade, presente também no MST.

No acompanhamento do setor de saúde do MST percebemos essa relação, na forma de colher, cantar e pedir licença, agradecer o alimento que está na mesa, entender sobre ciclos da natureza e proporcionar à terra o cuidado necessário na hora de plantar, e na escolha dos alimentos com relação aos ciclos da natureza. Na luta política para manter territórios agroecológicos nos assentamentos, na defesa de um projeto de vida. A saúde praticada pelas mulheres do MST expressa na relação de cuidado com o outro e com a terra, que as relações não são duais e sim relacionais.

Nessas ontologias, os territórios são espaços-tempos vitais de toda comunidade de homens e mulheres; entretanto, não é apenas isso, mas também o espaço-tempo de inter-relação com o mundo natural que circunda e é parte constitutiva dele. Ou seja, a inter-relação gera cenários de sinergia e de complementaridade, tanto para o mundo dos homens e mulheres como para a reprodução do resto dos outros mundos que circundam o mundo humano. Dentro de muitos mundos indígenas e em algumas

comunidades afrodescendentes da América Latina, esses espaços materiais se manifestam como montanhas ou lagos que são entendidos como tendo vida ou como espaços animados. (Escobar, 2016)

Para as praticantes de saúde popular comunitária feminina, é habitual as relações que se estabelecem com o mundo não humano. Todos fazemos parte da natureza e as relações que estabelecemos com ela são de respeito e afeto. Umas mais imbricadas nas questões espirituais passadas pelos seus ancestrais relacionadas à água e às florestas e outras relacionadas ao respeito à vida e à natureza como provedora dessa importante relação, terra-alimento, terra-moradia, terra-água, terra-cuidado, terra-afeto, saúde e bem viver. O território concebe-se como algo mais do que uma base material para a reprodução da comunidade humana e suas práticas. Quando as mulheres acionam o termo mãe-terra, ou árvores-irmãs, tratando a natureza como entidades vivas, o que observamos são relações sociais e não relações de sujeito e objeto. E a comunidade expande-se para incluir os não humanos (De La Cadena, 2010, 2015).

(...) el terreno de la política se abre a los no-humanos. ¿Qué impacto tiene para la concepción moderna de la política que ésta no quede restringida a los humanos? (De la Cadena, 2008, 2010 y en imprenta). La forma en que los humanos y los no-humanos manejan sus relaciones sociales y su comunicación en un determinado territorio varía; pero, en cada caso, la participación de no-humanos es un aspecto (relativamente) “normal” de la política relacional. Esto no es así en la política representacional que prevalece en cierto tipo de modernidad, en la que la oposición a un proyecto minero en términos de “el cerro es un ser sensible y no se lo puede destruir”, solo puede ser aceptada como una demanda cultural en términos de “creencias”. Es posible que se dé alguna consideración a estas “creencias”, pero lo que cuenta en última instancia es la “realidad (verdadera)”, y esta solo nos la da la ciencia (o cuando menos el sentido común moderno que nos dice que el cerro es una formación rocosa inerte y nada más). Al proceder de esta manera, estamos ignorando la naturaleza ontológica del conflicto en cuestión.

Trago essa passagem para refletir sobre a importância de considerar as ontologias dos povos do campo das águas e das florestas e como ainda essas ontologias são ignoradas quando se pensa em um conflito. O exemplo disso se dá na própria instalação do parque municipal do Monge João Maria. Para as benzedadeiras, o foco principal na defesa da construção do parque é que se tratava de um lugar que para elas é considerado sagrado, baseado na forma de viver e enxergarem o mundo, e que por si só já seria um bom motivo para o não aterramento da área e a transformação em um conjunto habitacional pela prefeitura. Mas, mesmo estando Dona Ana como representante na Comissão dos Povos e Comunidade Tradicionais do Paraná, e ter levado essa demanda aos órgãos estaduais competentes o que se usou como argumento principal na defesa dos olhos d’água do monge foi o argumento ambiental relacionado à reserva de mata de araucária onde o olho do monge estava localizado, e não à utilização do local sagrado para as benzedadeiras. Ou seja, foi preciso acionar os saberes científicos e ambientais em defesa do local

para que o parque fosse instalado. A demanda de *Dona Ana* na defesa dos olhos d'água como um território, por ser um local sagrado, é aceita na política moderna apenas como uma demanda “cultural” em termos de crença, mas não como algo validado sobre a realidade, que só é oferecida pela ciência, ignorando a natureza ontológica do conflito em questão (Escobar, 2016).

A ontologia relacional e política do MST está marcada por uma ancestralidade camponesa (cabocla) que mistura europeu, negro e indígena. Marcada pelas lutas políticas contra o agronegócio e pelo reparto da terra. Pelos alimentos saudáveis. Por instrumentalizar a ciência a seu favor. Esse é a sua forma de ser e estar no mundo. O setor de saúde do MST, que tem como pauta de luta a importância da alimentação saudável, os alertas relacionados ao uso de agrotóxicos nas plantações, a importância do cuidado com a terra que é mãe, portanto merece respeito, tem claro seu papel político e exerce isso também através das denúncias de contaminação mas apenas esses argumentos parecem não serem validados, encontram dificuldades para apontar as relações do uso dos agrotóxicos com os problemas de saúde nos territórios do movimento. O embate não é só fora do movimento é uma luta que também está, como erva daninha, enraizada nos territórios onde elas atuam e são pautas deslegitimadas.

Ao questionarmos a existência de outros mundos possíveis, e valorizarmos outras ontologias, segundo Blaser (2013, 2010), criamos outra possibilidade de campo de uma ontologia política capaz de nos tirar das armadilhas epistêmicas da visão dominante da modernidade. Nos mostra ainda, que existe uma pluriversidade de mundos que se entrelaçam, se entremeiam inclusive com o mundo moderno ocidental, mas que não põem ser simplesmente reduzidos uns aos outros, ou seja, explicado por uma ciência universal que redundantemente universaliza em vez de pluriversal (La Cadena, 2015).

Por isso, desde o segundo capítulo acionamos a condição de encanto e desencanto e como proposta do arrebate epistêmico de reivindicar a ciência encantada¹⁰⁶ ao invés das ciências humanas.

A fundamentação de uma ciência encantada nos provoca a problematizar as ciências humanas e o conceito de humanidade assim como foram veiculados ao longo do tempo, dessa forma partimos da orientação de que ambas as noções padecem de uma condição de desencantamento, ou seja, de não vitalidade. Os desencantamentos das ciências humanas e da noção de humanidade assenta-se, basicamente, na incapacidade que os modelos alicerçados nos paradigmas do ocidente europeu têm de não reconhecer outras perspectivas ontológicas, epistemológicas, cosmogônicas e filosóficas produzidas fora do eixo que ele julga se encontrar (ocidente europeu como ideologia) (Simas; Rufino, 2018 p.31).

¹⁰⁶ essa provocação é encarnada das sabedorias negro-africanas transladas pelo atlântico, traçadas junto as sabedorias ameríndias e as demais contribuições que aqui cruzaram (Simas e Rufino, pg.31)

As práticas realizadas desde esse lugar do miúdo, dos cruzos nos faz entender a necessidade de se credibilizar as inúmeras formas de experiências, como mantenedoras e produtoras de saber. Então as araucárias, o milome, o embu, a água, o rio, a terra, os animais, são na relação que inventamos da vida, formas de manutenção, produção e orientação de saberes assentados em outras lógicas. As ontologias relacionais nos desafiam a pensar o mundo de outras formas (Simas, Rufino, 2018).

Apesar de Escobar (2016) utilizar o termo ontologias relacionais para caracterizar os povos étnico-territoriais, ele mesmo afirma que não se restringe a eles. Por isso reconheço a pertinência dessa discussão, pois entendo que tanto o MASA como o setor de saúde do MST, desde esse lugar da saúde popular comunitária também sofrem ataques relacionados aos seus mundos relacionais.

Ainda que essas ontologias caracterizem muitos povos étnico-territoriais, não se restringem a eles (de fato, dentro da mesma experiência da modernidade ocidental existem expressões de mundos relacionais não dominantes). É importante destacar, desde nossa perspectiva, que a pressão sobre os territórios que se está evidenciando hoje em dia a nível mundial — especialmente pela mineração e os agrocombustíveis — pode ser vista como uma verdadeira guerra contra os mundos relacionais, e mais uma tentativa de dismantlar tudo o que é coletivo. Dentro dessa complexa situação, as lutas pelos territórios tornam-se luta pela defesa dos muitos mundos que habitam o planeta. Nas palavras do pensamento zapatista, trata-se de lutas por um mundo no qual caibam muitos mundos, isto é, lutas pela defesa do pluriversos (Escobar, 2016).

Desde esse lugar que é a saúde popular comunitária, e como já vimos no segundo capítulo sobre os conflitos evidenciados, que existe uma pressão sobre os territórios onde essas práticas de saúde popular são realizadas, entendemos que os conflitos são ataques contra os mundos relacionais, e mais uma tentativa de dismantlar tudo o que é comunitário. Apesar de a relação ser complexa, as lutas desencadeadas pelas protagonistas da tese, nos apontam que a defesa das práticas de saúde popular comunitárias, estão também relacionadas à defesa dos territórios e das diferentes formas de existir.

Acho importante trazermos as práticas para o olhar ontológico, pois ele enriquece nossa compreensão sobre as lutas dos povos camponeses e traz pontes de diálogo destes para algumas tendências contemporâneas da teoria crítica (ESCOBAR, 2016), principalmente em relação à luta por território, tão expressiva desde os povos do campo das águas e da floresta, mas também desde a luta dos movimentos sociais da Abya Ayala.

As lutas por território defendem a existência desses mundos relacionais, dessas formas de vida que comportam múltiplas possibilidades epistêmicas e que são suprimidas e deslegitimadas dentro do paradigma da modernidade. Os conflitos étnicos e os conflitos ambientais encontram-se entremeados, pois a possibilidade de múltiplas

existências étnicas hoje se apresenta como importante contribuição às transições ecológicas e à continuidade da vida no planeta. As comunidades tradicionais e camponesas apresentam como reservatórios de outros modos de vida, construídos em maior equilíbrio com a natureza, o pela modernidade já não se completa. No cotidiano, há um modo de reproduzir vida boa em conexão com o território que persiste nas margens e nos interstícios da modernidade colonial. A existência coletiva sinaliza a resistência da comunidade e do lugar habitado (Montenegro Gómez, 2018).

Corroboramos com Porto-Gonçalves que o território além de material, simbólico, biofísico e epistêmico é antes de tudo, um processo de apropriação sociocultural da natureza e dos ecossistemas que cada grupo social executa desde sua “cosmovisão” e “ontologia”. Para o autor “estamos perante as geo-grafias, ou seja, o desafio de geografar as nossas vidas, o nosso planeta, formando novos territórios, novas territorialidades” (2002, p. 247). Depois desse olhar aprofundado para os comuns, e as relações comunitárias desde as ontologias relacionais, vamos buscar entender que saúde ampliada se constrói desde essas grafias nos territórios.

4.2.1 COMO a saúde popular comunitária se constrói desde o cotidiano do comunitário?

Como diante de um cenário de escassez, de silenciamento de suas práticas, encontram formas para continuar com seus ofícios com suas formas outras de se relacionar com a vida com o tempo e com a natureza? A resposta que tenho é que elas apenas continuam fazendo, independente das críticas, apontamentos, conflitos, fazer é o verbo chave, é a ação necessária na construção dessa saúde que vem de uma comunidade que é viva. As práticas só se mantêm vivas por estarem relacionadas aos vínculos que elas criam nas comunidades onde estão inseridas e os vínculos de alguma forma são as grafias que a saúde popular comunitária feminina imprime nos territórios desde baixo.

Porto-Gonçalves (2015) nos desafia a pensar que a Geografia não deve ser entendida como um substantivo, mas como verbo. A ação que permite geografar, representar o espaço de vida das pessoas, desde baixo, no cotidiano e nas miudezas. Geografar é uma forma de se aproximar do sentido de território/territorialidade/ territorialização (Haesbaert, 2005, 2007, 2009) como fazem os movimentos sociais de resistência e de luta. Precisamos, segundo o autor, entendermos as lutas territoriais como lutas ontológicas, nada escapa do território. O território é a categoria chave para os diferentes pluriversos existentes.

Por esse motivo, essa tese busca grafar as possibilidades de uma saúde popular comunitária que está presente nas ações, no fazimento do sentir-pensar-ser, ou seja, sentindo, pensando, sendo, fazendo, cuidando. Ativando o gerúndio, que é a forma nominal do verbo que indica continuidade. Assim, ele mostra o desenvolvimento de uma ação em andamento ou

duradoura. As grafias da saúde popular se encaixam exatamente nesse sentido de continuidade como vimos no terceiro capítulo, desde o cuidado e desde o cotidiano do fazer.

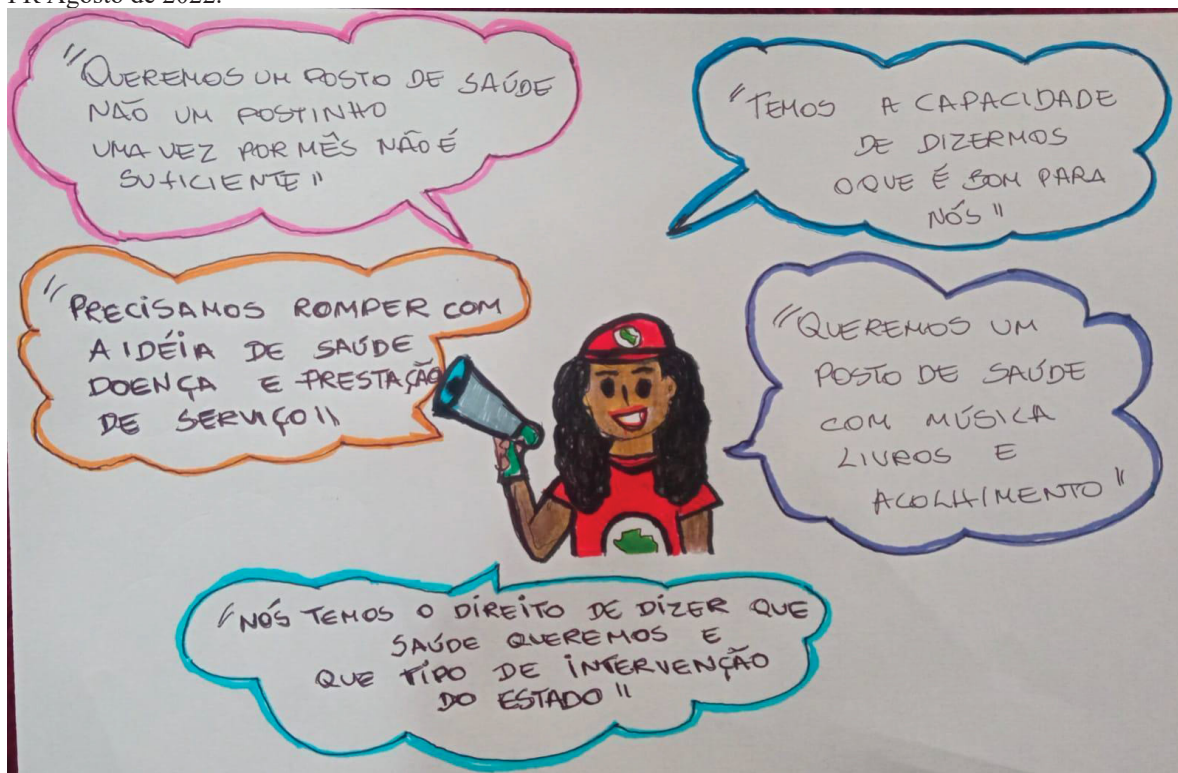
Por isso, a saúde é sim um ente mobilizador de comunidade, de criação também de pertencimento de vínculos. Uma das principais conclusões aqui postada é que não existe saúde popular comunitária sem a prática coletiva cotidiana. A saúde é um bem comum, e não está separada da vida cotidiana e nas relações que as mulheres criam e estabelecem com a vida em si. Com grafias na terra, no território, no corpo através de suas territorialidades distintas criando comunidades vivas e em movimento.

Essas mulheres que acessam tecnologias ancestrais para tratar a saúde de si, dos seus e da comunidade, entendem que não somos fora da natureza, não existe a possibilidade de pensar e construir saúde sem o respeito à terra, à água, à floresta e a todos os seres que habitam no planeta, independente se essa saúde tem vínculo institucional com o estado ou não.

As técnicas e práticas ancestrais de cura, como vimos nos mapeamentos realizados no primeiro capítulo, são vastas e numerosas. Temos os benzimentos dentro dos terreiros, os torés, as práticas com jurema, ayahuasca, as medicinas praticadas por diferentes povos indígenas, quilombolas, raizeiros, mezinheiros, parteiras e tantos outros povos e comunidades tradicionais que se relacionam com a natureza desde seu lugar de pertencimento e desde esse pensar o território como lar, afeto e respeito, só existem porque estão vinculados e pertencem ao território e com identidades que conformam, constroem o lugar.

Novamente menciono o caso das mulheres do MST que além dos usos e cultivo de plantas medicinais e lutarem pelo direito à saúde desde políticas públicas de acesso, elas ampliam o conceito de saúde como vimos no segundo e terceiro capítulo. Para isso trago uma facilitação gráfica com as principais falas captadas durante os encontros relacionados à saúde, lembrando que esse quadro traz apenas algumas das demandas que me deparei no caminho, mas importante trazer para esse momento que discutimos a questão da saúde sem cercas e ampliada.

FIGURA 48: Desenho baseado nas falas das companheiras do MST no Encontro Estadual de Saúde em Ortigueira-PR Agosto de 2022.



Elaborado: pela autora, 2023.

Nas cartilhas do movimento, nos encontros estaduais de mulheres e de saúde essas falas ecoam. Não se trata apenas do acesso ao SUS, mas através de uma construção coletiva e colaborativa, quais serviços e como podem ser entregues. Trata-se de uma demanda coletiva, buscando uma transformação da forma inclusive em que o serviço é prestado, visando uma melhoria nos locais de acolhimentos, como os postos de saúde e UPAS, trata-se de uma verdadeira alteração na forma de se fazer, pensar e entregar o serviço de saúde, inteiramente ligada à sua forma de construir e praticar saúde, nos cruzos e nas confluências também entre as práticas de saúde convencional e a alternativa.

São mulheres que falam de um território específico e de uma identidade negada e marginalizada que é a identidade sem-terra, essas mulheres buscam através da luta por saúde em seus territórios uma forma de se manter nele. Não basta ter apenas a terra, para se manter nela é preciso que o território seja vivo, pulsante, que seja possível vislumbrar possibilidades inclusive de se manter nele e o acesso à saúde, é sem dúvida uma delas. Ter acesso ao direito básico como saúde, com dignidade é sem dúvida um dos principais incentivos para que as famílias e principalmente as mulheres se mantenham na luta pela terra e pelo território.

Como vimos no decorrer dos capítulos, é impossível querer analisar o conceito alargado de saúde popular comunitária campesina, sem compreender as relações intrínsecas e subjetivas,

relacionadas ao ser e ao seu território cotidiano. Não há como vislumbrar um horizonte onde as políticas públicas do Estado, abarque todas as necessidades dos povos do campo, das florestas, e das águas, sem pensar em suas especificidades sem ter o entendimento da pluriversidade existente nesses povos.

São nas territorialidades vivas que precisamos mergulhar, para entendermos o que é essa saúde viva, alargada que se faz desde um território próprio, desde um corpo-território, desde um lugar de pertencimento do que é tangível e não tangível. Trago as grafias dos territórios nesse momento para aprofundarmos o olhar para as pedagogias que elas apresentam. Lembrando que as grafias convivem em conjunto com os cercamentos que essa saúde sofre todos os dias. Cercamentos ocasionados pelo racismo, preconceito e desvalorização, na tentativa de silenciamento das práticas, do apagamento das histórias, da negação às oralidades, o conhecimento e sabedoria dos mais velhos vindo da tradição oral, na surdez proposital que o Estado institui perante os direitos dos povos do campo, da floresta e das águas, relacionados ao direito e acesso à saúde digna e respeitosa.

A saúde popular feita desde o comunitário pelas mulheres do MASA e do MST nos mostram possibilidades, nos dão pistas, de COMO transgredir a escassez, mesmo com um projeto de morte e aniquilamento dos saberes e dos comuns.

4.3 AS PEDAGOGIAS POTENCIALIZADORAS DE OUTRAS GEO-GRAFIAS E GEO-APRENDIZADOS DESDE A SAÚDE

O fazer do primeiro capítulo, no sentir-pensar-ser das comunidades mostramos um território carregado de subjetividades, de movimento, de memória e de afeto. Território construído no dia a dia das comunidades tradicionais, camponesas, território que é vivo, com memória, ancestralidade, lar, onde tudo é junto. No mapeamento de práticas que se conectam com as práticas de saúde realizadas pelas mulheres do MASA e do MST, entendemos que os processos de re-existir são pedagógicos quando nos mostram a potência das relações afetivas, dos vínculos, nas receitas que os povos encontram para transgredir a escassez, para subverter a lógica da modernidade e encontrar possibilidades na presença da ancestralidade na forma que os conhecimentos são transmitidos de geração em geração, oralmente, nas festas de santo, na cultura que é viva, em movimento. Nos movimentos constantes de ensinar-aprender, a inclusive sobreviver, resistir, transformar e criar outras conexões, laços e formas de subverter a escassez da monocultura, incluindo a de pensamentos.

As mulheres que tecem essa tese nos mostram através da pedagogia da folha o cantar para encantar a planta, no tecer a forma que as plantas estão dispostas em seu quintal, nas trocas de mudas, no aprendizado contido no semear, plantar e no colher. Nos coletivos de mulheres que vão se formando no caminho e onde a subversão acontece. Na escuta atenta e no compartilhar da sabedoria ancestral, das histórias das mestras griôs, no sentar em roda, no compartilhar o chimarrão, no se dispor a ouvir, acolher e cuidar.

Quando pensamos em saúde sabemos que a subversão está no “cotidiano da luta e na luta do cotidiano” como vimos no capítulo três. É ali que as práticas vão grafando os territórios, grafando territorialidades desde a saúde sem cercas, comunitárias, nos laços que são firmados toda vez que uma mãe procura ajuda para seu filho em uma benzedeira, busca os conhecimentos de uma planta para aliviar a dor, e assim continua a ensinar sua prole sua geração. Na alimentação sem veneno plantada nos quintais e nas hortas, alimentos que as mulheres entendem que são essenciais para manter o corpo e a alma saudáveis. A água defendida desde as fontes, sangas, conforme vimos nos segundo e terceiro capítulos, de um uso coletivo e um acesso livre a todos, e na integração entre alimentação, água e plantas de uma saúde desde o chão que vai se fortalecendo, ali onde a vida acontece, nas relações comunitárias e no miúdo.

As territorialidades da saúde popular comunitária feminina são pedagógicas pois nos ensinam possibilidades desde as encruzilhadas de saberes, desde a pedagogia do território, que nos auxilia inclusive a pensar outros modos de fazer-ciência, desde a escuta geográfica e do território (Malheiros, 2020). Segundo Souza e Cavalcante (2021, p.2):

Modo de fazer ciência que reconhece, respeita e valoriza o conhecimento dos sujeitos, advindos da experiência, dos sentidos, das lutas, dos afetos uns com os outros e, também, com o território e a natureza, orientando para uma construção compartilhada de conhecimentos entre pesquisa(dor/a) e sujeitos, a fim de que esse conhecimento passe a fornecer uma contribuição real para as demandas levantadas por e com esses sujeitos, valorizando todo tipo de diálogo de saberes e experiências

Trago a questão das pedagogias pois elas atravessam o caminhar e o desenhar dessa tese, como mencionei na introdução, foram as pedagogias que me auxiliaram a pensar possibilidades de escrita em meio ao caótico momento de pandemia em que nos encontrávamos quando iniciamos essa pesquisa. Mesmo já vindo com possibilidade de continuidade de uma pesquisa desenvolvida desde o mestrado, pela inserção desde o movimento de benzedeadas, as pedagogias me deram aporte na possibilidade de construir essa pesquisa de forma horizontal (Freire, 1989), descolonial (Walsh, 2017) e anticolonial (Bispo, 2023).

Desde sempre, o processo de ensino aprendizagem atravessa esses movimentos, seja através da troca de saberes instituída nos intercâmbios comunitários, seja nas formações que

elas participam para fora de sua comunidade, mas ainda mais forte, desde o seu cotidiano. O aprender está relacionado com o ato de escutar, de carregar a memória viva de seus ancestrais mais de se permitir os cruzos das novas possibilidades de fazer.

As mulheres que praticam a saúde popular comunitária nos apresentam possibilidades diversas de fazer saúde. Não se cansam de aprender e de ressignificar inclusive os ensinamentos passados de geração em geração. Nos mostram as potências encontradas nos cruzos e nos reafirmam a necessidade de nos atentarmos para o desperdício de experiências. Nas frestas reagem ao apagamento colonial, ao silenciamento imposto pela medicina-moderna-patriarcal-colonial-ocidental-medicalizada e tudo que opera no sistema-mundo moderno-colonial-ocidental que insiste em dizer o que é certo o que é verdade sem entender a pluriversidade de mundos existentes desde abaixo.

Insisto em enxergar nas frestas possibilidades pedagógicas de resistência. Na luta por um local sagrado (como o Olho d'água do Monge), na ação da pedagogia do território, observamos como a luta política atravessa os territórios. Água que para o MASA é remédio, cura e alimento. Água que pulsa, verte em fontes onde a mata ainda está em pé e preservada, Água que é memória, história viva. Ao defenderem os olhos do monge João Maria, as benzedadeiras estão exercendo também o papel de proteção e preservação da natureza, preservando as nascentes d'água e garantindo para as próximas gerações a possibilidade de ter água potável e floresta em pé. No exercício de sua fé elas estão preservando as distintas territorialidades relacionadas às práticas de cura no território das araucárias, tão ameaçadas pela expansão capitalista no campo.

É necessário aguçar a escuta para ouvir e aprender com o território. O território é vivo. A luta por território desde o setor de saúde do MST, rompe com a ideia da terra enquanto luta por redistribuição apenas, para abarcar também a luta pelo reconhecimento e pertencimento. Importante pensarmos que as práticas pedagógicas advindas desses territórios de saúde popular comunitária nos possibilitam enxergar a importância da construção da luta coletiva, da articulação. Nos faz extrair do âmago das relações a potencialidade que as frestas nos possibilitam enxergar, como as hortas comunitárias e coletivas, as práticas relacionadas a se pensar a saúde da comunidade e não de forma individualizada, a formação dos agentes populares de saúde, todo esse processo nos ensina a potência das redes e da coletividade a forma como através dos vínculos a terra vai se transformando em território e vai criando o valor de pertencimento.

A pedagogia das encruzilhadas mostra a potência nas frestas, nas pequenas ações, nas lutas cotidianas, das mulheres por saúde popular comunitária que vão assim como o dente de leão se capilarizando nos territórios onde se encontram, criando redes, se alimentando de novas

possibilidades vindas dos cruzos inclusive com a medicina ocidental, potencializando a luta por direito a saúde integral e também popular e comunitária ampliando o conceito de saúde como vimos nos capítulos dois e três.

As pedagogias decoloniais estão presentes nas formas de produção agroecológica, pois essa subverte a lógica do monocultivo e do colonialismo. No cotidiano das práticas de saúde popular comunitária o colonialismo não ganha potência, mesmo que atravesse as práticas e as cerque por todos os lados, ele perde força no miúdo onde a vida realmente acontece. No miúdo a comunidade ganha diferente força e escala. As práticas realizadas desde o cotidiano vão nos dando pistas de como construir saúde com diálogo e autonomia, confluindo entre as diferentes possibilidades e caminhos e ainda entre o encanto e o desencanto que as ronda.

Na economia solidária em roda, nas trocas estabelecidas entre as comunidades, entre as mulheres, sobre receitas passadas de geração em geração para controle de pragas dos quintais, vão carregando nesse saber comum empírico, a memória viva das mulheres que vieram antes. Memória presente também nas simpatias, rezas, e o uso das plantas medicinais, sabedoria essa baseada no fazer diário, relacionadas aos problemas cotidianos das comunidades. Nesse caminhar em roda, elas nos mostram possibilidades outras de semear os dentes de leão pelo caminho, semeando e cultivando outras possibilidades de existência, sem excluir conhecimentos novos, elas vão ressignificando o ancestral.

As práticas de saúde popular nos mostram na verdade uma estratégia de insurgência da memória ancestral que nos permite construir e reconstruir laços comunitários danificados pela colonialidade. “As mulheres que praticam as pedagogias para a vida, a alegria e a reexistência não são apenas vítimas indefesas, também podemos ver que exercem poder além da mera resistência e sobrevivência. Eles são insurgentes” (Lozano Lerma, 2017 p.280). Para Catherine Walsh (2006; 2010):

ha venido trabajando la noción insurgencia como una que da cuenta del propósito de intervenir y trasgredir lo social, lo cultural, lo político y, muy especialmente, el conocimiento. Por eso ella habla de “insurgencias políticas y epistémicas” para dar cuenta de la acción de movimientos, grupos y organizaciones que no se limitan a una resistencia defensiva ni a la confrontación de clase, sino que van más allá en términos de proponer y construir una nueva sociedad, cuestionando la colonialidad del poder y del ser, esto es, proponiéndose la descolonización. Insurgencia se propone ir más allá de la resistencia defensiva pues no se trata de la reacción que se opone, como en la física, al paso de la corriente, no es oposición ni tampoco capacidad de soportar por largo tiempo un esfuerzo o una situación opresiva, tampoco se trata de desafiar, sino de construir.

As experiências de saúde comunitária praticadas desde as frestas pelas mulheres, na confluência entre o encanto e o desencanto, com a construção desde pedagogias distintas são insurgentes, porque são formas e estratégias utilizadas pelos povos do campo da floresta e das

águas para re-existir as investidas da expansão capitalista no campo e da medicina-moderna-patriarcal-colonial-medicalizada.

As geo-grafias dos territórios nos ensinam a importância da coletividade, no compartilhar que elas também se fortalecem enquanto coletivo, enquanto práticas ancestrais de cura, enquanto um conhecimento comum que é de todos e está disponível a quem tem interesse de aprender. Na coletividade se entendem enquanto grupo, se fortalecem para buscar os direitos a viver com dignidade e exigir reconhecimento, respeito e leis de acesso à saúde institucionalizada também. Em coletivo aprendem umas com as outras a importância das redes, mas principalmente a importância na força política, que resulta da coletividade.

Foi, e é, nesses espaços, onde encontro abertura e possibilidades de me fortalecer também. Foi por onde entrei na roda para me tornar aprendiz. Portanto os espaços de troca onde o aprender e o ensinar tornam-se potência transformadora de laços e grafias nos territórios. São nesses espaços, quando uma benzedeira, parteira troca uma muda de planta, que a magia acontece. São nesses espaços que as trocas vão se fortalecendo, se resignificando, pois ninguém é algo pronto, sozinho, todos somos um pouquinho do que deixamos e o que somos atravessados no caminho. Somos essa costura de retalhos, aprendendo juntos desde a escuta geográfica e afetiva dos territórios.

Menciono ainda os espaços que são construídos desde dentro, de troca do MST, que são espaços onde as mulheres se fortalecem na luta, no exercício de escutar, aprender, ensinar. Tive a oportunidade de participar junto com o MST-PR da 1ª Escola de Mulheres do MST-PR, que aconteceu em quatro etapas no ano de 2019. Na escola foram trabalhados temas como violência de gênero, saúde, conjuntura política, agroecologia, onde o ensinar e o aprender era a principal metodologia, e criou momentos de muito diálogo, troca e afeto.

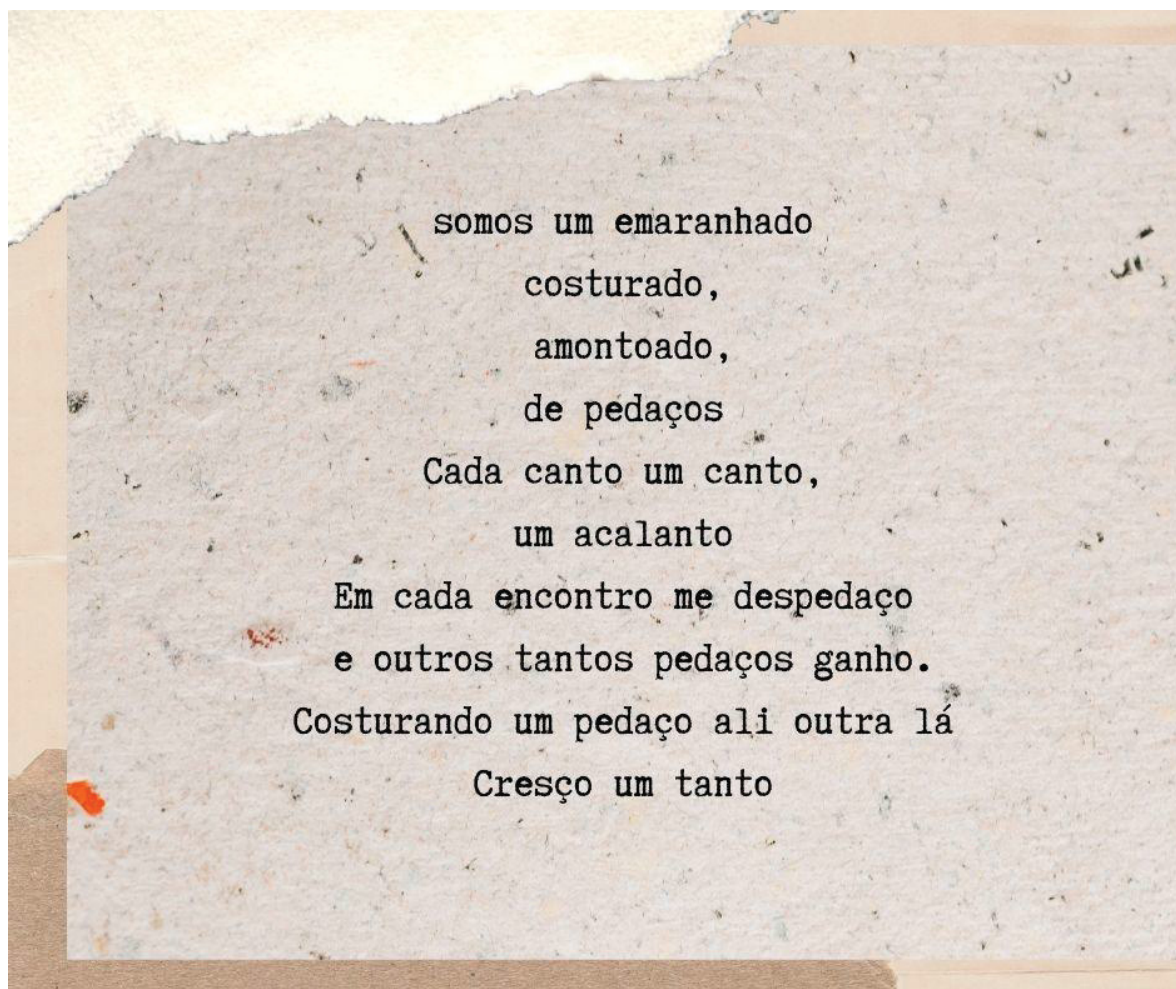
FIGURA 49: Oficina de Cosméticos Naturais- Assentamento Contestado, Lapa- PR- julho de 2019.Fonte: A autora, 2019.



Fonte: a autora, 2019.

As fotos são da oficina de cosméticos naturais, além das receitas e explicações teóricas a prática sempre ganha destaque, é no fazimento que as mulheres vão entendendo o processo, vão perguntando sobre os produtos que podem ou não serem utilizados e vão aprimorando as receitas passadas. Nesse dia, todas puderam experimentar a máscara de argila feita e o exercício de uma passar a massa na outra vai criando afinidade, respeito, como se realmente uma fosse espelho da outra.

Lembro que na mística final fiquei a refletir no poema que escrevi abaixo:



O ensinar e aprender, desde o emaranhado de pedagogias (encruzilhadas, griô, popular, decolonial) dos movimentos sociais me fazem corroborar com Carlos Brandão, que afirma que a educação:

(...) é todo conhecimento construído na (con)vivência nos espaços sociais, nos territórios, independentemente do tipo que for, isto é, ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias, misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (BRANDÃO, 1985, p. 7).

Gosto de refletir com Rufino, que traz a ação pedagógica do educar como possibilidade de encantamento, de batalha e cura: “repertório de práticas miúdas, cotidianas e contínuas, que serpenteiam no imprevisível e roçam possibilidades para plantar esperanças, amor e liberdade (2021, p,5). A educação é um caminho inventivo de possibilidades. Rufino ainda traz que a principal tarefa da educação é a descolonização, pois estaria nela a experiência e prática de vir a ser, o que nos possibilita que sejamos capazes de gerar outras respostas ao mundo e diferentes formas inclusive de habitar. (Rufino, p.23, 2021).

Não me cabe trazer aqui neste momento já de despedida um amplo debate, das dimensões filosóficas, epistêmicas, sociológicas, históricas, antropológicas da educação, mas sim quero trazer a educação enquanto radical vivo, que emerge na contramão do desencanto, do silenciamento e aniquilação produzidas pelo colonialismo.

Krenak nos faz uma indagação bastante importante para essa discussão:

Será que não chegou a hora, ou passou da hora, de olharmos para a pluralidade de epistemologias e buscar um movimento de confluências das experiências. Invocar outros saberes e cosmovisões onde a ideia da vida pode ser uma afirmação produtora de vida? A sociedade moderna ocidental patriarcal medicalizada, sequestrou a saúde que é um bem comum aos povos ao tentar gerenciar, administrar, higienizar, medicalizar e diagnosticar a saúde que sempre foi, e é um bem comum de todos os seres, ter a vida em abundância, a vida como produção de vida onde a possibilidade de alguém adoecer acontece inclusive em outros corpos subjetivos e não está aprisionado nessa visão moderna de sociedade com verdades universais. As práticas ancestrais de cura e cuidado estão implicadas com outras cosmovisões de mundo, outras formas de pensar a cura, manipuladas pelos humanos ou não, como a potência de cura das plantas medicinais, dos benzimentos, dos remédios caseiros, pomadas, unguentos, tinturas, chás que estão presentes na vida doméstica, nos jardins, nos terreiros, nas comunidades, nas florestas. Seria muito bom pensar a confluência dos nossos saberes ancestrais e práticas cotidianas nas comunidades tradicionais, que a gente possa ouvir e abrir a nossa escuta para todas as potências e diferentes capacidades associados a nossos encantados pajés, benzedores mestres de saberes. (KRENAK, 2019- FALA SABERES ANCESTRAIS AULA 1).

Acho que o próprio Krenak nos dá pistas de como pensar a saúde sem cercas, em confluência com os demais saberes. As experiências com práticas ancestrais de saúde nos fazem refletir sobre as possibilidades de encantamentos nas frestas. As experiências inspiram e orientam políticas que estreitam a relação público-comunitário confrontando a lógica da mercantilização da vida e da saúde. Por isso, confio na urgência de pensar o território enquanto um lugar educativo.

Novamente friso a importância de se pensar saúde com, no cotidiano, no miúdo, e no dia a dia de cada um dos povos e comunidades tradicionais, e a importância de fazer o exercício de olhar para as particularidades que se encontram no campo brasileiro. Não se pode pensar saúde e dignidade sem diálogo e sem principalmente efetivar uma política de forma horizontal que exerça como principal metodologia o escutar. Saúde é mais do que tratar ou remediar a doença. Neste trabalho, a saúde está na potência das relações, e isso afeta diretamente os territórios, através das grafias que imprime nas comunidades, e nos movimentos sociais.

Não podemos mais enfrentar os desafios que a saúde nos impõe, homogeneizando e universalizando territórios. Não temos como ignorar o fato de que precisamos urgentemente aprender com os povos do campo da floresta e das águas e principalmente escutar os territórios. Alargar seu conceito para a ação proposta nos verbos habitar, conviver, educar, aprender, amar, fazer, ser, estar e sentir. Saúde é a potência geradora de cura, encantamento e vida.

Saúde alargada, ampliada, não está em disputa com a medicina-moderna-patriarcal- colonial-medicalizada porque ela é também parte disso, não ignora o conhecimento, mas dialoga com sabedoria. Nesse caminho do compartilhamento ela se fortalece.

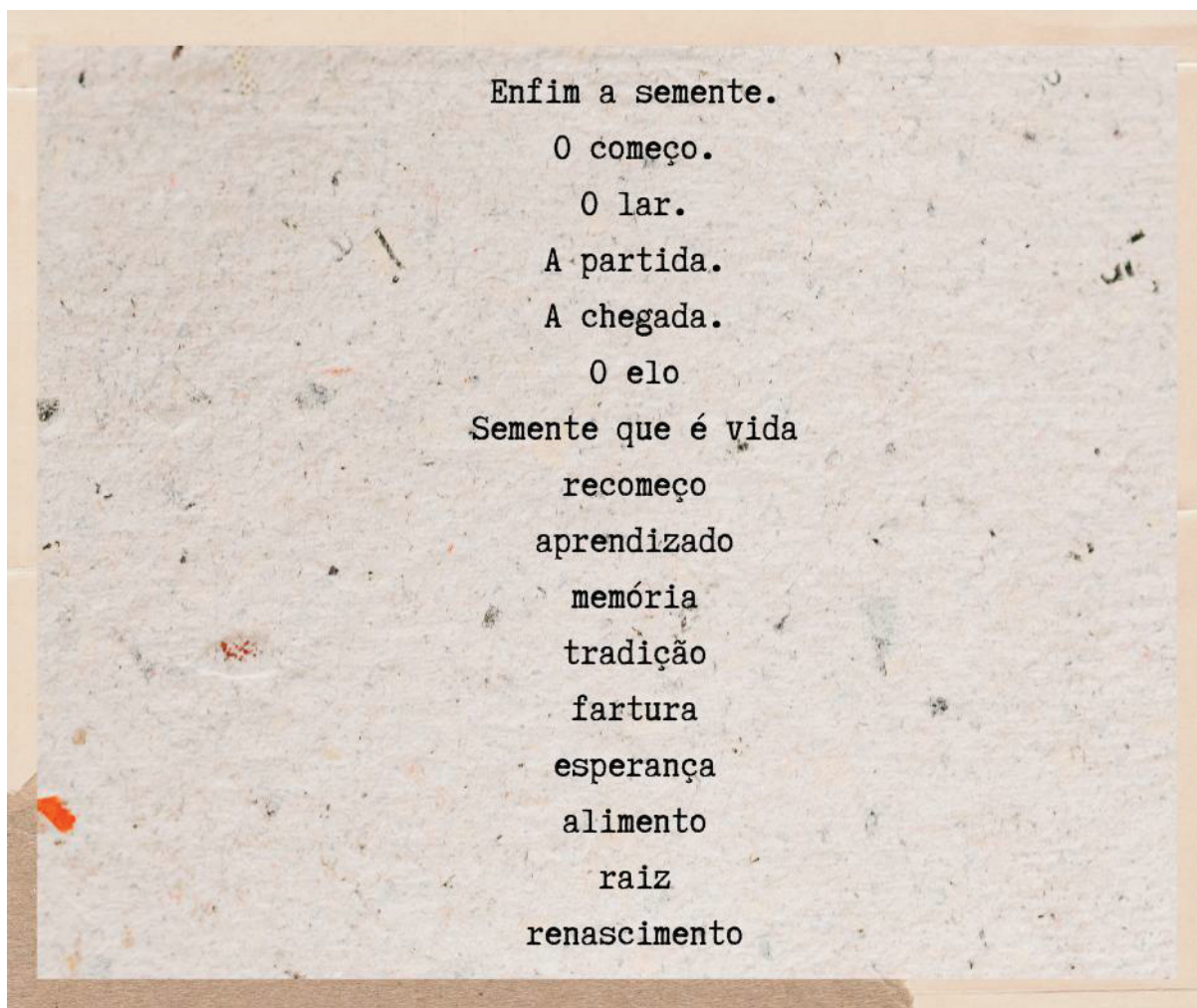
Precisamos ouvir inclusive os silêncios, o apagamento das memórias, a perseguição, o racismo religioso e epistemológico. Quando entendermos a necessidade de respeitar os que viveram antes e toda sua trajetória, entendermos o lugar que o outro ocupa no mundo e não homogeneizamos todas as formas de vida desse planeta, vamos entender que só se vive bem compartilhando espaço, território, lugar e sentimentos.

Ninguém é sozinho, todos precisamos uns dos outros e esse também é um grande desafio da saúde popular comunitária, manter a comunidade ativa, viva, respirando e em pé. Aciono aqui a potência transformadora das redes, elas são essenciais no caminhar desses movimentos que desenharam e tecem ao longo de todos esses capítulos.

Não tive a intenção em nenhum momento de descobrir o que estava coberto, dar luz, dar voz, muito pelo contrário o meu trabalho tem a intenção de aprofundar os nossos conhecimentos acadêmicos no sentir. Sentir-se parte, sentir-se dentro, sentir(-se) comunidade. Nesses anos acompanhando os dois movimentos eu pude perceber que saúde não anda sozinha, assim como todos os processos que envolve os movimentos sociais com que trabalho desde o início dessa tese, saúde envolve luta, dignidade, terra, território, conflito, racismo, violência, apagamento, silenciamento, e destruição de memórias.

Epistemicídio orquestrado desde os tempos da invasão das terras que chamamos de Brasil, pelo colonialismo que hoje em dia, muitas vezes somos nós o próprio colonizador. Que tenhamos esclarecimento de nos perceber o algoz. Que possamos trilhar outros caminhos principalmente do respeito e dos reconhecimentos das memórias dos povos que construíram a Abya Yala, e que aqui nessas terras derramaram sangue, suor, mas persistiram passando de geração em geração um conhecimento ancestral, perpetuando na memória dos nossos, toda uma outra forma de viver, cuidar, habitar. Como diz Krenak (2020) já é tempo de ouvirmos o que os povos da floresta têm a nos dizer, buscar outras epistemologias, outras metodologias, outras formas de escrever, outras formas de fazer ciência porque não? Por isso acredito na potência da escuta afetiva, para que possamos ouvir e aprender o que os territórios têm a nos dizer *“Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver.”*

5-O PONTO QUE FINDA NÃO É O PONTO FINAL



E então voltamos à semente...

As sementes do dente-de-leão, que se capilarizam na terra e vão como um fio por baixo dela em busca de brechas onde o sol apareça para então despertar. O despertar, ou acordar, a semente, esse é o presente. Estamos nesse exato momento despertando, acordando a semente.

Mas, e que semente? A semente de cada uma de nossas ancestrais, das que vieram antes e que plantaram uma semente sem saber se ela ia ou não vingar. Estamos nesse exato momento fazendo com que ela desperte, acorde para que outros frutos sejam gerados e assim a semente seja lançada novamente em outros solos.

Novamente me remeto ao começo. Começo turbulento onde uma pandemia que nos assolava não dava indícios de fim. Por vezes me pus a refletir se essa pesquisa chegaria ao fim, e sinceramente acredito ainda que não. Comecei ela no meio de uma pandemia, onde perdemos

muitos dos nossos, e me encontro aqui no fim dela positivada com o vírus que parecia naquele primeiro momento, mortal.

Me pus a refletir o que escrever nesse momento, doente e nesse turbilhão que é finalizar um trabalho que enche meu coração e preenche meu sentir, mesmo com tantas vírgulas, com tantas “e se...”? Mas, se eu fizesse assim? E assim? Mesmo tendo escolhido rotas totalmente diferentes das quais imaginei traçar, ela nasceu rodeada de muito afeto, carinho e amor. Ela nasceu. Num dia em que a voz já não queria mais falar, sussurrando em prantos, num ímpeto de um grito assustado, ela nasceu.

Poético ou não, nem sempre é fácil falar sobre o fim, e mais que tudo chegar ao fim e por esse motivo não entendo essa tese como acabada. Mesmo porque acredito na circularidade das coisas onde tudo tem começo, meio e começo (Bispo, 2023), e por esse motivo acredito que o ponto que finda, é apenas o início de novos começos, de outras possibilidades, portanto não é o ponto final.

Me sinto novamente no começo. Lembro que a primeira coisa que me passou na cabeça no início da tese, foi que tipo de pesquisa faria, se nem no campo eu podia estar. Fiquei quase dois anos sem encontrar as mulheres que alimentam e oxigenam meu caminhar. Na escrita travei diversas vezes, pensei em desistir outras tantas. Sofri por ter tanto a dizer e simplesmente não conseguir muitas vezes dizer. Senti as dores da pandemia que se alastrou rapidamente no mundo e que dizimou milhões de pessoas.

Sofri com a perda de pessoas amigas, conhecidas, e principalmente fui atravessada pelo cuidado. Mergulhei no cuidar, e nessa escolha tive que abdicar de momentos cruciais para o desenvolver da pesquisa. Foram inúmeros os momentos que tive que sair dos momentos de imersão na escrita para ir ao médico, acompanhar minha mãe em duas cirurgias do coração, e eu entre gripes, crises de mastite de repetição, socorro! O corpo pedindo pausa.

Além disso, para mim era inconcebível fazer pesquisa sem estar, sem fazer, sem sentir. E não por coincidência iniciei a tese pelo fazer. No chão com o MST, e com esse olhar para as práticas de saúde popular que as mulheres estavam fazendo em seus diferentes territórios e as soluções que elas encontraram para driblar a pandemia.

A intenção desta tese foi metodologicamente falando, evidenciar possibilidades de construir uma geo-grafia desde o chão, a partir do encante pelo miúdo, do fazer junto, da maneira de buscar e criar vínculos com a pesquisa e se deixar atravessar por ela. Mas novamente afirmo, não é uma receita de bolo. Não tenho como indicar caminhos possíveis para se iniciar ou construir uma pesquisa, a forma que fiz foi aproveitar as oportunidades que a vida foi me dando, desde a minha curiosidade e o vínculo afetivo com o benzer, com as plantas medicinais

e com a luta das mulheres sem-terra. Talvez a única dica que posso realmente dar é mergulhar no sentir.

Por mais que a academia nos ensine a observar de longe o sujeito (objeto), a se debruçar nas análises desde um ponto neutro, eu não consegui deixar o sentir. Antes de pesquisadora, sou Adriane, e carrego no meu corpo as marcas da minha história, as memórias da minha família, meu caminhar na vida e nos tantos encontros e cruzos que me atravessam desde essa pesquisa. Me sinto ainda nessa encruzilhada de possibilidades que fui costurando no caminho, no despir, no desprender, no inventar possibilidades outras, e foi no olhar para as miudezas que estão no cotidiano que encontrei o encantamento da tese, da vida, das plantas e das relações.

Essas mulheres que compartilham suas trajetórias, são um pouco do que sou hoje. Impossível ouvi-las e não se encorajar, reagir, agradecer e se transformar. As histórias nos movimentam, nos fazem criar empatia, vínculos e são de um imensurável sentir.

Sei que muitas vezes deixei o coração sentir, e o pensar não vem separado dele. Está no ar que respiro e nas letras que digito nesse teclado. Foram oito anos, desde a graduação até o fim do doutorado, trabalhando com o tema. Desde as primeiras conversas com o Jorge, meu orientador, quando juntos escolhemos aprofundar nas metodologias que me atravessam o caminho, sabia que não seria fácil. Porque não tinha uma receita a seguir, e desconstruir essa ideia de fazer pesquisa, foi também um dos maiores desafios. Pois querendo ou não, é uma pesquisa acadêmica, onde desconstruo o olhar do pesquisador de fora para dentro, e é também uma pesquisa militante.

Pois tão quão esses saberes são silenciados, eu sentia que talvez eu não fosse ouvida, e entendida nesse sentir exagerado. Novamente, não tentei essencializar os movimentos nem romantizar suas relações e práticas. O desencanto está presente em todo o tempo, mas foi nas frestas, no olhar a resistência e resiliência do dente de leão, que me inspirei. A praga do jardim, para mim, o santo remédio.

Comecei a tese mergulhada nas potencialidades que encontrei desde o fazer junto, com os movimentos sociais. Foi olhando para o que essas práticas desde os agentes populares de saúde do MST e desde as práticas territoriais do MASA que pude escutar o que o território ia dizendo, e principalmente observar as potências transformadoras do cuidado e do afeto nos territórios.

Me perguntei: o que as frestas nos gritam? O que as diferentes experiências mapeadas nos contam? Para encontrar as respostas espacializei no mapa algumas práticas de cura em diferentes territórios desde abya yala e busquei analisar conexões. Por mais que o mapeamento de práticas fosse me mostrando a potência das práticas em rede, foi no chão no cruzo dos dois

movimentos que pude observar desde o cotidiano as transformações que a saúde popular comunitária estava grafando nos territórios. Várias indagações foram me acompanhando nesse caminhar: O que essas experiências apontam? Políticas públicas? Luta por reconhecimento? Ou táticas de re-existência e autonomia? Qual a potência transformadora das ações? O que os movimentos sociais querem nos dizer, que grafias estão imprimindo desde o olhar para a saúde popular? Quais são esses corpos, que são impedidos de pensar de forma autônoma a saúde da sua comunidade, relacionada a seu modo de vida? Quais são as cercas que nos cercam? O que elas querem nos dizer?

Desde o fazer a gente vai entendendo também quais são as cercas que nos prendem. Desde o SER observamos os processos de encanto e desencanto que assombram as práticas de saúde e os processos de resistência. Desde o corpo território percebemos que o ser que conflui no encanto (resistências) e desencanto (cercamentos) é transgressor, mais que sobrevivente ele transgride possibilidades de existir. Para enxergá-las usei as lentes descoloniais. As cercas são compostas pelos inúmeros conflitos existentes desde o silenciamento, negação de direitos pelo estado, mas também o racismo, intolerância religiosa, desmatamento, envenenamento e destruição do território como é o caso da floresta das araucárias que hoje tem menos de 12% da mata em pé, resultando na extinção de espécies e também no desaparecimento de populações tradicionais que vivem e têm seus habitats relacionados a esse território e bioma. O encanto possibilitado pelas resistências convive com o cenário de desencanto, as mulheres que fazem as práticas populares de cura utilizam seu espaço, seu quintal, para guardar espécies ameaçadas e disseminar nos encontros e trocas de sementes por aí. O SER conflui o tempo todo entre encanto e desencanto, nos mostrando a possibilidade de ser desde o miúdo e desde as frestas.

Novamente acionei a escuta geográfica para entender as questões que iam aparecendo no caminho. Me atentei principalmente para o dito (de forma audível) e o não dito, mas não dito. O que eu escuto? O MST, demarca a luta por políticas públicas de acesso (direito ao SUS, práticas integrativas), mas no não dito escancara, amplia o sentido de saúde (alarga o conceito, dignidade, respeito, direitos). No não dito está a luta do coletivo de saúde, das mulheres, por território e não apenas por terra. Território vem carregado de pertencimento, de afetividade, de subjetividades, respeito à natureza, a água, ao alimento, as relações saudáveis (saúde é o direito de lutar contra tudo que nos oprime!).

O MASA luta pelo reconhecimento formal de um ofício (leis, carteirinhas, patrimônio imaterial), contra preconceito, descriminalização. No não dito, o grito de re-existência – “nós estamos aqui, e existimos, e aqui queremos continuar existindo, nessa terra, com nossa cultura, com nossas festas, com nossa forma de se relacionar com a terra, com a água e com a natureza

que é sagrada. Nosso tempo é outro, e ele é vivo, as relações são outras e não queremos pertencer ao mundo que não seja esse, nossa ancestralidade está viva nas plantas, nos cantos, na vela nos santos, em nós

E então outros questionamentos vão surgindo: Como existir diante de uma desistência atual? Quais são os processos de encantamento da vida, praticadas pelas mulheres desde o saber comum? Como reinventar os processos e práticas desde baixo comunais e coletivas? Como ser aonde não querem que sejamos? Como esse SER constrói cotidianamente uma saúde popular comunitária? Como vencer o desencanto?

Não é, nem nunca foi uma tarefa fácil responder com vida a um sistema que o tempo todo nos cerca com o apagamento de memórias, com a tentativa de expropriação dos territórios e corpos. Não poderia deixar de aprofundar as questões que envolvem a saúde desde o campo popular e comunitário, com ênfase no protagonismo feminino, porque as marcas que as mulheres trazem gravadas nos seus corpos, relacionadas a suas histórias de vida, constroem e reconstroem as práticas cotidianas de resistência. Como vimos esse “Ser” vai se construindo como sujeito político de direitos desde o desencanto, mas também desde o cotidiano miúdo, nos quintais, no lote, nos assentamentos, comunidades e nos espaços de encontros do MASA e dos coletivos de saúde do MST presentes em cada território para trazer aos olhos da geografia, quais as grafias que o afeto deixa no território.

Por isso, mergulhamos no verbo CUIDAR, porque ele nos mostra desde o SER o FAZER como as mulheres protagonistas da tese enxergam seus territórios e como o cuidar atravessa seus cotidianos de vida e de luta e o geo-grafam outras possibilidades de pensar saúde e território através dos vínculos afetivos no território. O mergulhar fundo no cotidiano dessas mulheres nos possibilita entender como inclusive a sobrecarga do cuidado que atravessa o caminhar e novamente nos mostra que as práticas confluem sempre entre o encanto e desencanto, de ser mulher inclusive, portanto as práticas só re-existem porque são feitas nas frestas onde há possibilidade de transgredir, resistir, mesmo com inúmeras cercas. Não existe receita, elas simplesmente fazem, são, sentem, cuidam, e reverberam suas práticas nas suas realidades cotidianas, nas suas comunidades, vilas, assentamentos, só são percebidas quando olhamos para o miúdo. para as pedrinhas miudinhas.

Pudemos observar também onde o comunitário e as relações ganham força, não que eles não estejam presentes desde o início, mas é onde ganha força o entendimento das outras formas de pensar e viver o território, onde o relacional ganha potência transformadora, e o comunitário tão quanto. Acredito que a saúde popular comunitária feminina feita por esses dois movimentos

onde me encontro na encruzilhada só é possível ser realizada pois encontra no comunitário, no coletivo, possibilidades de transgressão.

Essas mulheres que acessam tecnologias ancestrais para tratar a saúde de si, dos seus, da comunidade e do território ao redor, entendem que não somos fora da natureza, não existe a possibilidade de pensar e construir saúde sem o respeito à terra, à água, à floresta e a todos os seres que habitam no planeta, independente se essa saúde terá vínculo institucional com o estado ou não. As técnicas e práticas ancestrais de cura, como vimos nos mapeamentos realizados no primeiro capítulo, são vastas e numerosas. Temos os benzimentos dentro dos terreiros, os torés, as práticas com jurema, ayahuasca, as medicinas praticadas por diferentes povos indígenas, quilombolas, raizeiros, mezinheiros, parteiras e tantos outros povos e comunidades tradicionais que se relacionam com a natureza desde seu lugar de pertencimento e desde esse pensar o território como lar, afeto e respeito, só existem porque estão vinculados e pertencem ao território e às identidades que conformam, constroem o lugar.

As práticas ancestrais de cura são tecnologias usadas por toda população até a chegada da medicina-moderna-patriarcal-colonial-medicalizada. Não podemos esquecer o papel importante da memória dos povos, expresso através da transmissão oral dos saberes empíricos, trazidos de geração em geração. Não podemos ignorar o fato de que, a medicina moderna e a indústria farmacêutica, usufruem desses conhecimentos até hoje, e isso não está, de forma alguma, a negar os avanços da ciência nas áreas de saúde, mas, reconhecer o papel importante dessas mulheres, que por um longo tempo da história foram médicas sem título, parteiras, erveiras, que auxiliam, através do seu amplo conhecimento das práticas de cura e os usos das plantas medicinais, auxiliavam no tratamento de várias enfermidades. Precisamos enfatizar a importância do diálogo entre as práticas, e o reconhecimento e respeito pelo que desempenharam na história e nas comunidades.

Não é necessário dicotomizar, colocar em evidência as diferenças e os benefícios de uma em relação a outra, o fato é que elas existem e que podem e devem ser acessadas em conjunto. Precisamos ampliar o conceito de saúde, e buscar a equidade do acesso e respeito aos direitos, para que as pessoas tenham no mínimo autonomia e liberdade para buscar a prática (moderna ou ancestral) que tenha interesse. As práticas em saúde popular, não retiram o dever do Estado para com a população do campo e das cidades. Porque, antes de tudo, saúde é um direito a se ter uma escolha.

Ao mergulhar nas geo-grafias que a saúde popular comunitária vai imprimindo nos territórios observamos que sim a saúde é um ente mobilizador de pertencimento e nesse fazer desde o coletivo fortalece a manutenção dos comuns.

Quero reiterar minha opção em não me adentrar no campo da Geografia da saúde, essa tese não abarca as discussões encaminhadas nesse campo teórico da geografia. O que tentamos evidenciar foi a potência das práticas de saúde comunitária nas geo-grafias do território.

Não sinto que as possibilidades de pesquisa no tema estão ou foram esgotadas, muito pelo contrário, marcam apenas meu caminhar e meu olhar desde o que chamo aqui de escuta geográfica do território.

Percebemos no decorrer da tese que as experiências com saúde popular comunitária desde o campo paranaense *não* nos dão pistas de como descolonizar a saúde, mesmo porque as práticas contracoloniais¹⁰⁷ nos mostram que no fazimento das coisas, no miúdo, no cotidiano, elas, as práticas, sempre existiram e se constroem diariamente, se movimentam, se ressignificam e muitas vezes silenciam, mas nunca deixaram de ser, ou seja, não precisamos descolonizar o que de fato nunca foi colonizado.

Insisto em dizer que se trata apenas de uma possibilidade de enxergá-las desde o lugar onde me encontro, mas os caminhos possíveis são inúmeros. Impossível inclusive me adentrar em todas as possibilidades mapeadas desde o mapeamento de experiência na Abya Ayala. O exercício realizado no mapeamento foi justamente entender que essas práticas não são isoladas, elas estão presentes em diferentes territórios e nos mostram inclusive a possibilidade de entendê-las desde a rede que as conecta, e as particularidades que lhe são atribuídas. O território que abarca a saúde popular comunitária e feminina é cheio de confluências, entre distintas experiências, movimentos sociais, identidades e territórios. Cada grupo fala do seu local, de sua experiência, então mais uma vez impossível universalizar o que é pluriverso. Outros mundos não só são possíveis, eles já existem e é necessário tirar as vendas que nos cegam para poder enxergá-los.

Como mencionei, as mulheres que protagonizam essa tese representam as mulheres do campo, da floresta e das águas, mas desde um lugar situado que é o Estado do Paraná, com suas particularidades pois trata-se de dois movimentos bem distintos e ainda não abarcam a totalidade de experiências que existem em nosso estado. O que escrevo aqui, é o chão de uma saúde popular comunitária feita por mulheres que estão constantemente ressignificando os saberes ancestrais, as possibilidades de fazer saúde desde o comunitário e em diálogo com as práticas da medicina ocidental-patriarcal- medicalizada. Além de transformar seus territórios e

ressignificar a luta da terra por luta por território essas mulheres através das redes, capilarizam o saber-fazer em outros territórios, são agentes multiplicadores de ações, utilizam como uma das principais estratégias de encanto e resistência, a potência das trocas comunitárias, dos encontros regionais e as redes.

Sobre os caminhos possíveis que percebo que se abre, a partir de aqui, aponto alguns, lembrando que esse é apenas o meu olhar de alguém desde a encruzilhada, desde dentro.

A discussão iniciada sobre políticas públicas de saúde e a construção de educação popular em saúde que acompanha o caminhar desses movimentos, é sem dúvida, um caminho a se pensar para desenvolver uma visão aprofundada sobre geografia e saúde popular no campo. Já que as políticas públicas sempre foram pensadas e desenhadas de cima para baixo e a proposta desta tese foi evidenciar a necessidade de *escutar os territórios*, para se construir políticas participativas e comunitárias de saúde.

Novamente menciono que as práticas ancestrais de cura brasileiras não estão integradas às políticas de práticas integrativas do SUS, não possuem respaldo institucional, nem reconhecimento. Mesmo estando presentes em praticamente todas as regiões do país, as práticas realizadas pelas benzedadeiras, mezinheiras ou parteiras, por exemplo, estão longe de serem incluídas e reconhecidas. A desvalorização, preconceito, intolerância, racismo epistêmico, religioso e ambiental que as praticantes de saúde popular comunitária são vítimas, são também temas que merecem destaque e análise mais profunda, mas que infelizmente não dei conta de abarcar.

As práticas ancestrais envolvem diferentes subjetividades e, com certeza, esse caminho da espiritualidade, da fé, das práticas e suas religiões, são, diante de várias possibilidades, outro caminho possível com discussões que levariam a conclusões e outras possibilidades de encontro.

O que aponta novos horizontes que me interessa ainda pesquisar são as relações que a agroecologia e os movimentos relacionados aos povos do campo, das águas e das florestas me tocam, entender as relações das redes, as práticas relacionadas aos guardiões de sementes e à ancestralidade viva no plantar, colher, servir e alimentar que está relacionado com a saúde, é com certeza o caminho que apostaria continuar por entender a afetividade vinda nas geo-grafias dos territórios de luta, dos vínculos afetivos com a mata e o bioma em que estão inseridas.

Acho imprescindível mencionar ainda, quase no final, como a pedagogia das encruzilhadas me atravessou nessas páginas e me faz exercitar a possibilidade de territorializar a esperança.

A perspectiva do cruzo parte da implicação de que não há como pensar as produções de saber presentes em determinadas práticas culturais sem que nos afetem e nos alteremos por aquilo que é próprio delas. A perspectiva de cruzo na produção de conhecimento configura-se como uma resposta responsável, orientada pelo reconhecimento de que nós formamos sempre, a partir da relação e do acabamento que nos é dado pelos outros, o cruzo produz efeitos de encantamento, e as consequências advindas de suas operações são compreendidas enquanto possibilidades.

No confluir desses dois importantes movimentos (MASA e MST), na minha caminhada enquanto pesquisadora pude observar a importância do cruzo, do confluir, e da necessidade de mergulhar fundo. Novamente acho importante mencionar que não tive a intenção de universalizar essas práticas mesmo porque são baseadas em um momento histórico de dois movimentos sociais com os quais tive a grata oportunidade de acompanhar e que mesmo me sentindo fazendo parte, construindo junto, a história começa muito antes da minha chegada, e, com certeza, outra pessoa com diferentes sensibilidades pode ter conclusões e caminhos a seguir muito diferentes do meu.

Acionei a pedagogia das encruzilhadas nesse caminho de quatro capítulos justamente por estar no cruzamento, exatamente no entre de um movimento e outro, sem deixar de entender que cada uma se constitui em uma história distinta, mas que se cruzam nas possibilidades de luta por saúde e território. Foi nesse lugar de encruzilhada que fiz minhas análises que construiu a fundo a poética do texto, foi entendendo desde esse lugar de encantaria e desencanto onde pude me adentrar no cotidiano vivo dessas mulheres com as quais compartilho minha caminhada e foi desde esse lugar que me deixei envolver por outras pedagogias que me auxiliaram na construção desse texto.

Mas o que quero deixar nessas páginas finais é que me tornei pesquisadora no caminho. Me joguei no que as experiências estavam me oferecendo e não me preocupei em ser observadora, fui apenas eu, deixei o sentir tomar conta e aqui estou imersa nas coisas que esse fazer juntas me trouxe.

Optei em expor minhas dificuldades, pois o texto não nasce pronto, nem a pesquisadora a gente vai se transformando no caminho. Fugir das regras, quebrar paradigmas, se jogar na pesquisa, que mesmo sendo muitas vezes difícil, descalça em caminhos pedregosos, ainda sim é possível, e mais que necessário que outros olhares sejam escritos, que outras pesquisas sejam realizadas, que outras pesquisadoras cheguem até a universidade pública, que novos olhares para as mesmas coisas sejam também relatados. Somos diferentes e não há porque esconder ou apostar em um caminho único.

O tempo todo falamos de confluir, da confluência, a pesquisa pode seguir diferentes caminhos, cruzar diferentes formas, mas não se pode de forma alguma esquecer os princípios de ética, bom senso, responsabilidade com quem nos lê e sobre quem falamos, aliás não sobre quem, mas com quem. Descolonizar é um exercício contínuo de desconstrução, de ver o mundo de ponta cabeça e se preciso for, de rodopiar e ainda assim se encontrar muitas vezes amarrado ao colonizador. Não é fácil, não é simples, mas eu diria que aqui tive a oportunidade de tentar.

Para os que continuarão escrevendo sobre o tema, só tenho a dizer que existem muitos caminhos ainda a serem apontados, o caminho é difícil muitas vezes solitário, mas vale a pena.

Deixei o sentir falar, e aqui estou nessas últimas linhas, finalizando essa tese, que jamais achei que ia ser tão doloroso me desapegar. O ponto que finda, com certeza não é o ponto final. Logo ali, na encruzilhada onde eu me encontro, vislumbrando possibilidade de continuar a fazer junto com essas mulheres é onde eu quero ficar.

*Lá vem Dona Maria com o mel e o açafraão na mão
pra imunidade ela tem a solução*

*Dona Evinha indica
peixinho, guaco e sálvia,
pra gripe ir embora rapidinho*

*No quintal aqui da roça tem de tudo um pouco
alho, couve, beringela, arruda
gingibre, alecrim, camomila e urtigão
lavanda, artemísia, pata de vaca, macelinha e o hortelã
Tem a erva cidreira e o capim limão
essas e tantas outras fazem parte da farmácia do sertão*

*As plantas são as queridinhas da vovó, que pra uma criança doente sempre encontra uma solução
pra susto, bicha, cólica, febrão e até pro amarelo.*

*Tem os que insistem em chamar de credice o que é puro conhecimento popular
Esse não imagina que o conhecimento é milenar
E que salvou a humanidade de mazelas que é bom nem lembrar*

*Dor de dente, febre, osso quebrado, rendidura, ferida aberta, gripes, partos e até mordidas de bichos
peçonhentos*

*Lá vai a benzedeira, a parteira, a curandeira,
Que foi perseguida, torturada, queimada e chamada de feiticeira*

*Lá vai ela buscar nas ervas a cura
Conhecimento esse que é mistura de magia, sabedoria e pura alquimia*

*Esse conhecimento é herança dos nossos ancestrais e por isso meu filho riqueza hoje em dia é fazer no quintal
sua própria farmacinha*

Ter de tudo um pouco

*Alecrim, Guiné, espinheira santa,
Babosa, alfazema, boldo e cavalinha,
essas e todas que você puder*

*São inúmeras as vantagens de se ter uma farmácia no quintal, só é necessário cuidar com a dosagem para não
parar no hospital*

É preciso saber identificar, entender as propriedades e seus usos, afinal a insulina e a novalgina é do quintal.

*Confia na sabedoria da vovó, que afinal o que ela sabe e diz é coisa ancestral. E ela só quer ver a sua família
com saúde e feliz.*

(Poema feito pra mística da formação de agentes populares de saúde do MST)

REFERÊNCIAS

- Agentes populares de saúde: ajudando minha comunidade no enfrentamento da pandemia de Covid-19 / Coordenação Livia Milena Babosa de Deus e Mélo ... [et al.]. - Recife: Fiocruz-PE, 2020. 1 recurso online (76 p.): PDF.
- AGUIAR, D.; LOPES, H. (Orgs.). Saberes dos Povos do Cerrado e Biodiversidade. Rio de Janeiro: Campanha em Defesa do Cerrado e ActionAid Brasil, 2020.
- AGUILAR, Raquel. G. (2015). Horizonte comunitario-popular: antagonismo y producción de lo común en América Latina. Madrid: Traficantes de Sueños.
- AGUILAR, Raquel. G. (2016). Horizontes popular-comunitarios en México a la luz de las experiencias contemporáneas de defensa de lo común. En: Linsalata, L. (org.) Lo comunitario-popular en México. Puebla: BUAP.
- AGUILAR, Raquel. G (2017). Horizontes comunitario-populares: Producción de lo común más allá de las políticas estado-céntricas. Madrid: Traficante de Sueños.
- AGROECOLOGIA EM REDE. Plataforma colaborativa de experiências agroecológicas no Brasil e América Latina. Disponível em: <https://agroecologiaemrede.org.br/>. Acesso em: 17 de fevereiro. 2020.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. 2012. Territórios e territorialidades específicas na Amazônia: entre a “proteção” e o “protecionismo”. Caderno CRH 25 (64): 6371. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792012000100005>.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner B. Agroestratégia e desterritorialização: direitos territoriais e étnicos na mira dos estrategistas dos agronegócios. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Breno de (et. al.) Capitalismo globalizado e recursos territoriais. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010, p.101-144.
- _____. Processos de territorialização e movimentos sociais na Amazônia. In: OLIVEIRA, A.U. & MARQUES, M.I. (Orgs.). O campo no século XXI: território da vida, da luta e da justiça social. São Paulo: Paz e Terra e Casa Amarela, 2005.
- _____. Antropologizados Archivos da Amazônia. Rio de Janeiro: Casa 8 /Fundação Universidade do Amazonas, 2008.
- _____. Terras tradicionalmente ocupadas, processos de territorialização e movimentos sociais. Estudos Urbanos e Regionais, 6(1):9-32 maio de 2004.
- ALMEIDA, Denner Mariano. **A comunicação pública e o capital social do Movimento Aprendizes de Sabedoria**: da (in) visibilidade ao empoderamento. (Dissertação) Programa de Pós-graduação em Comunicação Social. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- ALMEIDA, Sabrina Soares. *Guardiãs das folhas: mobilização identitária de raizeiras do cerrado e a autorregulação do ofício*. 2018. 330 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018
- ALVAREZ, Sonia.e;DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo.O Cultural e o Político nos movimentos sociais latino-americano.Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

ALVES, Rubem. **Escutatória**. In: O amor que acende a lua. 8ª edição. Ed: Papirus. 214 p., 1999.

ANDRADE, Adriane de. Benzedeiras, Saberes Ancestrais de Cura e a Disputa no Campo do Saber, Um Olhar Decolonial. Revista Latino Americana de Geografia e Gênero, v.14, n.1, o.77-97, 2023.

ANDRADE, Adriane. O movimento aprendizes de sabedoria (MASA): tecendo territorialidades de cura na disputa de saberes comuns. F.143. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós – Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.2019.

ANDRADE, A. Conflitos Socioambientais ocasionados por pequenas centrais hidrelétricas no município de Prudentópolis-PR: o caso da PCH dois saltos. Monografia (Bacharel em Geografia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná. p.87. 2014.

ANEPS BRASIL. Perfil oficial da ANEPS Brasil no Instagram. *Instagram*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/anepbrasil/>. Acesso em: 21 fev. 2020.

ANZALDÚA, Gloria. Borderlands/La Frontera: The New Mestiza. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

ATLAS DA QUESTÃO AGRÁRIA DO PARANÁ: diálogos em construção/org: Observatório da questão Agrária do Paraná. Vaviraí, MS: Ipuvaiva 2021. ePUB.
Disponível em: <http://questaoagrariapr.blogspot.com/p/atlas-daquestao-agraria-no-parana.html>

ATLAS DOS AGROTÓXICOS: Fatos e dados do uso dessas substâncias na agricultura. Org: Heinrich Boll Stiftung. Rio de Janeiro, Brasil, 2023.
Disponível em: <https://br.boell.org/pt-br/2023/12/01/atlas-dos-agrotoxicos>

BANIWA, Braulina. **Mulheres: corpos-territórios indígenas em resistência!**/Braulina Baniwa, Joziléia Kaingang, Giovana Mandulão ; organização Kassiane Schwingel. – Porto Alegre : Fundação Luterana de Diaconia : Conselho de Missão entre Povos Indígenas, 2023.

BARBOSA, Aline Miranda. Geo-grafias racializadas: comunidades quilombolas e natureza em disputa (Seabra - Bahia). Tese – UFPR. Curitiba, 2022.

BARRETO, Alexandre. Curso de Saberes ancestrais e práticas de cura. Aula 01. Práticas Indígenas de Produção de Cuidado - Convidado : Ailton Krenak. 22:59 a 29:07min. 2022
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FEnc2arDpJg> acessado em Março de 2021.

BISPO DOS SANTOS, Antônio.Quilombos: modos e significados. Teresina: Grafset, 2007.

BISPO DOS SANTOS, Antônio.Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: INCT/Ipea, 2015.

BISPO DOS SANTOS, Antônio et al.Composto Escola: comunidades de sabenças vivas. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BLASER, Mario. **Reflexiones sobre la ontología política dos conflitos medioambientales**. América Crítica. p63-79 ,2019.

BLASER, Mario. 2009. La ontología política de um programa de caza sustentable. Red de Antropologías del Mundo. E-journal 4: 81-107.

BLASER, Mario. 2010. **Storytelling Globalization from the Chaco and Beyond**. Durham: Duke University Press.

BLASER Mario, DE LA CADENA, Marisol e ESCOBAR, Arturo. 2009. **Convocatória à Conferência Política más allá de “la Política”**. Realizada em Bogotá, em Abril de 2010, patrocinada pela Universidade Javeriana e a Fundação Wenner-Gren.

BOMBARDI, Larissa Mies. Geografia do Uso de Agrotóxicos no Braisl e Conexões coma União Européia. São Paulo: FFLCH – USP, 2017. 296p.

BORNHAUSEN, Rosy L. *As ervas do sítio: história, magia, saúde, culinária e cosmética*. 3. ed. [S.l.]: [s.n.], 1991

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS /Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRUSCHETTA, Caian Alberto. Mello.Cura e devoção: A vida e a sabedoria das Benzedeiras de Rebouças.182p. Monografia (Departamento de Ciência Sociais). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

CABNAL, Lorena. Acercamiento a la construcción del pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala. In: ACSUR-Las Segovias. Feminismos diversos: el feminismo comunitário. Espanha, 2010.

Disponível em: <https://porunavidavivible.files.wordpress.com/2012/09/feminismos-comunitario-lorena-ca-bnal.pdf>. Acesso em: 02 out. 2023

CABNAL, L. Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala. In:Feminismos diversos: el feminismo comunitário, ACSUR, 2010, p. 11-25. CABNAL, Lorena. Especial: Territorio, cuerpo, tierra.29 jan. 2017. (28min46s).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6uUI-xWdSAk>.Acesso em: 27 set.2018.

CABNAL, Lorena. TZK'AT, Red de Sanadoras Ancestrales del Feminismo Comunitario desde Iximulew-Guatemala.Ecología Política –Cuadernos de debate internacional,Catalunha, n. 54, p. 100-104, 2017.

Disponível em: <https://issuu.com/entmediambient/docs/54>. Acesso em: 26 out. 2018.

CABNAL, Lorena. Defender o território-terra e não defender o território corpo das mulheres é uma incoerência política. In: Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS). Outras economias: alternativas ao capitalismo e ao atual modelo de desenvolvimento. Insituto PACS : Rio de Janeiro, 2018.

CARNEIRO, Fernando Ferreira. **A saúde no campo: das políticas oficiais à experiência do MST e de famílias de “bóias frias” em Unaí, Minas Gerais, 2005**. Tese de doutorado Escola de Veterinária Universidade Federal de Minas Gerais(UFMG)- Belo Horizonte-MG. 2007. 143 p.

CARNEIRO, F.F., PESSOA, V.M., and TEIXEIRA, A.C.A. eds. Campo, floresta e águas: práticas e saberes em saúde [online]. Brasília: Editora UnB, 2017, 464 p.

CALVINO, Italo. **Coleção de Areia**. Companhia das letras, 2010

CHRISTO, Cristina . Dirce. **As vidas que as mulheres criam: caminhos de resistência e luta pelo território na comunidade quilombola Macaco Branco.2018** 121f.Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós graduação em Desenvolvimento Rural, Porto alegre RS.

CORADIN, Cristiane. **Etre Buvas e Flores vermelhas: Autorias das Mulheres sem terra na Ecologização da Reforma Agrária no Paraná** 239f. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente de Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná. UFPR. Curitiba- PR.2020.

CRUZ, Valter. C. .R-existências, territorialidades e identidades na Amazônia. Revista Terra Livre. Goiânia. Ano 22, v.1, n.26 – p.63-89, jan-jun-2006.

_____.As lutas por redistribuição de terra às lutas pelo reconhecimento de territórios: uma nova gramática das lutas sociais?In: ACSELRAD, Henri org. Cartografia social, terra e território. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ, p.119-173, 2013.

_____. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. Niterói: UFF, 2021.

DEERE, Carmen Diana. *Empoderamento e propriedade da terra: o papel das mulheres rurais na América Latina*. Brasília: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), 2004.

DE LA CADENA, Marisol. 2015. **Earth Beings. Ecologies of Practice Across Andean Worlds** . Durham: Duke University Press.

DE LA CADENA, Marisol. 2010. “Indigenous Cosmopolitics in the Andes: Conceptual Reflections Beyond Politics”. **Cultural Anthropology**, 25(2): 334-370

DELGADO, G. C. Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária. Estudos avançados, v.15, n.43, p.157-172. 2001.

DEL PRIORI, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In: **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

DORNELES, Dandara rodriques. Palavras Germinantes: Entrevista com Nego Bispo. Identidade. São Leopoldo. V.26, n.1 e 2, p.14-26, jan./dez. 2021.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. Escrivência: a escrita de nós - Reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Leticia Ayumi. Resistir e retomar, o nosso mar; os comuns como planejamento e gestão territorial subversivos em Guaraqueçaba. 446p. Tese(doutorado) Programa de Pós Graduação em Geografia UFPR. Curitiba, PR.2018.

ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. Memórias do IV Encontro Nacional de Agroecologia: agroecologia e democracia unindo campo e cidade. 1ed. Rio de Janeiro: Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), 2021.

ENCONTRO RAÍZES. Grande Encontro de Raizeiros, Parteiras, Benzedeiras e Pajés na Chapada dos Veadeiros. Disponível em: <https://encontroraizes.com.br/>. Acesso em: 21 jul. 2020.

ESCOBAR, Arturo. Territórios de diferença: a ontologia política dos “direitos ao território”. Revista CLIMACOM. . Ano 03. N.06. 2016

ESCOBAR, Arturo. Sentipensar con la tierra : nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia.Universidade Autonomia Latinoamericana UNAULA, 2014. 189p

ESCOBAR, Arturo. **Territorios de diferencia: la ontología política de los “derechos al territorio”**. Cuadernos de Antropología Social,Buenos Aires, n.41, p. 25-38, 2015.117

ESCOBAR, Arturo (2012) Más allá del desarrollo: postdesarrollo y transiciones hacia el pluriverso. Revista de Antropología Social, Núm. 21, pp. 23-62. Disponible en: http://dx.doi.org/10.5209/rev_RASO.2012.v21.40049

ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys (Org.). **Feminismo descolonial: nuevos aportes teórico-metodológicos a más de una década**. Quito: Editorial Abya Yala, 2019.

ESTEVA, GUSTAVO. **La insurrección in curso**.In:Civilizatoria y superación del capitalismo.Primer edición. – UNAM, Instituto de Investigaciones Económicas, 2013. 218 pg.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água - 1 ed. - Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FABRINI, João Edmilson. Latifúndio e agronegócio: semelhanças e diferenças no processo de acumulação de capital. Presidente Prudente, Revista Pegada, vol. 9, n.1, Jun. 2008.

FALCADE-PEREIRA, Iara Beatriz. A Centralidade da vida no(s) planejamento(s) dos territórios de reforma agrária: Experiências do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- Paraná. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós –Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.2023.

FALS BORDA, Orlando. **La crisis, el compromiso y la ciencia**, 1970. In: MONCAYO, V. M. Orlando Fals Borda una Sociología Sentipensante para América Latina, CLACSO, ed. Século XXI, Buenos Aires, 2013, p. 219-252.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Tradução de Antônio Martins. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora.

FRAGA, Nilson.C. *Contestado: Redes no geográfico*. Florianópolis: Insular, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra. 1987.

_____. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo, UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. Nogueira, Adriano. **Que Fazer- Teoria e prática em educação popular**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora vozes, 1993.

FIOCRUZ / FARMANGUINHOS. *RedesFito – Farmanguinhos/Fiocruz*. Disponível em: <https://redesfito.far.fiocruz.br/>. Acesso em: 3 jun. 2021.

FUNDAÇÃO CAPES. *Pibid – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência*. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em: 12 out 2019.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ. *IdeiaSUS Fiocruz – Plataforma Colaborativa*. Disponível em: <https://ideiasus.fiocruz.br/>. Acesso em: 13 jun. 2022.

GARCÉS, Marina. *Scuola di apprendisti*. Ed. Nutrimenti. 222pg. 2022.

GAIA, Marília Carla de Mello. *Saúde como Prática da Liberdade: as Práticas de Famílias em um Acampamento do MST e o Desenvolvimento de Estratégias de Educação Popular em Saúde*. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde do Centro de Pesquisas Rene Rachou. Área de concentração: Saúde Coletiva. Belo Horizonte, 2005.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos póscoloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 80, p.115-147, 2008.

GT MULHERES – Articulação nacional de Agroecologia – ANA. *Sem Feminismo não há Agroecologia* (boletim impresso), IV Encontro Nacional de Agroecologia, Belo Horizonte, 2018. INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 23 mar. 2018.

HAESBAERT, Rogério. **Território**. Revista GEOgraphia, vol 25, n55, 2023

HAESBAERT, Rogério. **Identidades Territoriais**. In: RODENHAL, Z. & CORR A, R. L. (Orgs.) Manifestações Culturais no Espaço. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1999

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HERRERA, Karolyne M. Rompendo dicotomias: o cotidiano do trabalho das mulheres rurais. Revista Raízes, Campina Grande, v. 39, n. 1, jan./jun. 2019.

IAGUNÃ, Dalzira M. A .Templo religioso, natureza e avanços tecnológicos: os saberes do candomblé na contemporaneidade.160p.Dissertação de Mestrado em Tecnologia na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2013.

IYAGUNÃ, Dalzira. M. A Candomblé, tradição e resistência negra frente à intolerância religiosa no Brasil e no Paraná. In: Raggio, Ana; Bley, Regina; Trauczynski, Silvia. (Org.). ABORDAGEM SOCIOLÓGICA SOBRE A POPULAÇÃO NEGRA NO ESTADO DO PARANÁ. 1ed., 2018, p. 274-284.

INSTITUTO PACS. Mulheres-território. Mapeando conflitos, afetos e resistências. PACS, Rio de Janeiro, 2021.

JORNADA DE AGROECOLOGIA. Plataforma colaborativa de experiências agroecológicas no Brasil e América Latina. Disponível em: <https://jornadadeagroecologia.org.br/>. Acesso em: 12 de ago,2019.

KARSBURG, Alexandre (2016). Em busca dos monges históricos: fontes e historiografia. Domínios da Imagem. Vol. 10, Núm. 18.

KEMPF, Renata Borges. **Saberes e Fazeres de mulheres camponesas e quilombolas nas agri-culturas: produzindo formas de reexistência e existências**. 266 p. Tese (doutorado). Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Agrárias, Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente e desenvolvimento, UFPR, PR.Curitiba, PR. 2022

KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. Curso saberes ancestrais e práticas de Cura. Aula 01. Práticas Indígenas de Produção de Cuidado - Convidado: Ailton Krenak 2018. Fala inicia em: 36min 23s e termina em 01h e 48 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FEnc2arDpJg> Acesso em: 28 mar. 2023.

_____. A Vida não é útil. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras,2020. 68p.

LEWITZKI, Taisa (org.). Da invisibilidade social, para o reconhecimento formal: o Direito de afirmação da Identidade de Benzedeadas e Benzedores, municípios de Rebouças e São João do Triunfo, Paraná. Boletim Informativo Nova Cartografia Social, nº 5, agosto 2011.

LEWITZKI, Taisa. *A vida das benzedeadas*: caminhos e movimentos. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

LIMA, Aline; PRAÇA Marina. A terra ensina a gente a se defender e a vida insiste em viver: construção coletiva de conhecimento desde os corpos-territórios das mulheres. Massa Crítica. Instituto PACS, Rio de Janeiro, 2018.

LIMA JUNIOR, Luis G. Cuidado em saúde e colonialidade do ser: perspectivas para um saber-fazer corporificado. Humanidades em Contextos: Saberes e Interpretações. UFMT 2017.

LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A Hidra de Muitas Cabeças: Marinheiros, Escravos, Povos Comuns e a História Oculta do Atlântico Revolucionário*. 2. ed. Boston: Beacon Press, 2013.

LOSITO, Lucila. **Mulheres da terra e água**. São Paulo: Elefante, 2022. 180p.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant; tradução das teses de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005

LOZANO LERMA, Betty Ruth. Tejiendo con retazos de memorias insurgencias epistémicas de mujeres negras/afrocolombianas. Aportes a un feminismo decolonial. In: WALSH, Catherine E. (Org.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito: Abya-Yala, 2013. p. [inserir página inicial–final].

MACHADO, Paulo Pinheiro. Lideranças do Contestado: formação e atuação das chefias caboclas(1912-1916)Campinas: Editora Unicamp, 2004.

_____. Guerra, cerco, fome e epidemias: memórias e experiências dos sertanejos do Contestado. Topoi, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 178-186. 2011

MALDONADO-TORRES. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. In.:Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Março 2008, pp. 71-114.

_____. Pensamento Crítico desde a Subalternidade: os estudos étnicos como ciências descoloniais ou para a transformação das humanidades e das ciências sociais do século XX. In.: Afro-Ásia. Vol. 34, n. 105. 2006, pp. 105-129.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.) *El giro decolonial*. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.

MALHEIRO, B. Ouvir o território e pensar por outras (geo)grafias: territorialidades em existência à mineração na Amazônia. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 15, n. 3, p. 188–205, 2021.

MARMITAS DA TERRA. Perfil oficial do projeto Marmitas da Terra no Instagram. *Instagram*, [s.d.]. Disponível em: https://www.instagram.com/marmitas_daterra/. Acesso em: 3 jun. 2020.

MBEMBE, Achille. Necropolítica, soberania, estado de exceção, política da morte. Traduzido por Ranata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MELUCCI, Alberto. A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2021.

MENDONÇA, Francisco. Tradição e modernidade nos cuidados com a saúde humana: Desafios e potencialidade à geografia da saúde. In: GURGEL, Helen; BELLE, Nayara (orgs.). Geografia e Saúde: Teoria e Método na Atualidade / Helen Gurgel, Nayara Belle - Brasília: Universidade de Brasília, 2019.

MENEGAS, Cassiê K. **Mulheres camponesas, agroecologia e cotidiano: um estudo de caso do assentamento oito de junho de Laranjeiras do Sul/PR sob o aspecto do desenvolvimento rural sustentável**. 99f. Dissertação de Mestrado Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Laranjeiras do Sul, PR. 2021.

MIGNOLO, Walter D. Local histories/global designs: coloniality, subaltern knowledges, and border thinking. Princeton: Princeton University Press, 2000.

MINISTÉRIO DAS CIDADES. *Periferia Viva – Urbanização de Favelas*. Disponível em: <https://www.gov.br/cidades/pt-br/novo-pac-selecoes/periferia-viva-urbanizacao-de-favelas>. Acesso em: 6 jun. 2020.

MONDARDO, Leandro Marcos Os Caboclos no Sudoeste do Paraná: de uma “Sociedade Autárquica” a um grupo social excluído Marcos Leandro Mondardo Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 2, n. 3 – UFGD - Dourados Jan/Jun 2008.

MONNERAT, Priscila Facina. Mulheres camponesas e agroecologia no MST do Paraná: os territórios do cotidiano da luta e da luta no cotidiano. Curitiba: UFPR, 2019. página 44 - 51, 2019.

MOVIMENTO APRENDIZES DA SABEDORIA – MASA. Perfil oficial no Instagram. *Instagram*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/movimentobenzedeirasparana/>. Acesso em: 3 jun. 2018.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA- MST. Página na internet desenvolvida pelo MST. Apresenta histórico e dados gerais sobre o movimento. Disponível em: Acesso em: junho de 2022.

MUSEU DO CERRADO. Articulação Pacari. *Museu do Cerrado*, [s.d.]. Disponível em: <https://museucerrado.com.br/medicina/cura-do-corpo/articulacao-pacari/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

NAJUA. Curso para benzedeiros começa sábado em setembro de 2019. *Najua*, 2019. Disponível em: <https://www.najua.com.br/2019/09/curso-para-benzedeiros-comeca-sabado-em.html>. Acesso em: 10 out 2019.

NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/>. Acesso em: abril de 2021

NOBRE, Miriam. AGROECOLOGIA E ECONOMIA FEMINISTA: TECENDO A SUSTENTABILIDADE DA VIDA. SEMPRE VIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA, 2020. Disponível em: <https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/09/8-Texto-do-Artigo-87-1-10-20200612.pdf> acessado fevereiro de 2023.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é medicina popular?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, L. F. Da Ancestralidade à Opção com nossa própria história Decolonial: O Que Aprendemos COM NOSSA PRÓPRIA HISTÓRIA. *RevistAleph*, 1(38). (2022) <https://doi.org/10.22409/revistaleph.v1i38.51573>

ORTÍZ, Daniela. Partera Vital: así es el proyecto que reconoce la sabiduría de la medicina ancestral. *El Tiempo*, 11 ago. 2023. Disponível em: <https://www.eltiempo.com/salud/partera-vital-asi-es-el-proyecto-que-reconoce-la-sabiduria-de-la-medicina-ancestral-795469>. Acesso em: 3 jun. 2025.

PACHECO, Lilian. **Dossiê Pedagogia Griô. A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade**. Revista diversitas, 2015. pg.12.

PAIM, Jairnilson Silva. *A saúde pública no Brasil: história, avanços e desafios*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

PAULA, Adriano. M. Conflitos socioambientais In: Observatório da Questão Agrária do Paraná(org.), Atlas da questão agraria no Paraná: diálogos em construção. Navirai, MS: Ipuvaíva, 2021. Cap.6., p. 177-205.

PERUZZO, Cecilia.M.K. Epistemologia e método da pesquisa-ação. Uma aproximação aos movimentos sociais e à comunicação. COMPOS: Goiânia.p.1-22, 2016. Disponível:http://www.compos.org.br/biblioteca/epistemologiaem%C3%A9tododapesquisaa%C3%A7%C3%A3o...ciciliaperuzzo.modelocompos2016._3270.pdf. Acesso em Fev/2021

PIMENTA, Tânia Salgado. **Entre sangradores e doutores**. Práticas e formação médica na primeira metade do século XIX. Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 59, p. 91-102, abril 2003.

PINHEIRO, Maria. Gênero e relações familiares no contexto contemporâneo. *Revista Brasileira de Sociologia*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 45-60, 2008.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. 2002. “Da Geografia às geografias. Um mundo em busca de novas territorialidades”. En: A. Ceceña y E. Sader (comps.) **La guerra infinita: hegemonía y terror mundial**. Buenos Aires: CLACSO. pp. 217-256.

PORTO GONÇALVES , Carlos Walter (2006). A Reinvenção dos Territórios: a experiência latinoamericana e caribenha. En: Ceceña, Ana Esther (org.). Los desafíos de las emancipaciones en un contexto militarizado. Buenos Aires: CLACSO, pp. 151-197.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *Amazônia, Amazônias*. São Paulo: Contexto, 2012

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter (2015). Pela vida, pela dignidade e pelo território: um novo léxico teórico político desde as lutas sociais na América Latina/Abya Yala/Quilombola. En: Polis, Santiago, Vol. 14, Núm. 41, pp. 237-251.

PRIMAVESI, A. Manejo ecológico do solo. 18 ed. São Paulo: Nobel, 2006.

PRIMAVESI, O; ARZABE, C; PEDREIRA, M. dos S. Aquecimento global e mudanças climáticas. São Carlos: EMBRAPA, 2007.

PULEO, A. Ecofemismo para otro mundo possible. Kobo Editions. Espanha.2013.]m

REDE PUXIRÃO DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS. **Povos e comunidades tradicionais**: visibilidade social, reconhecimento das identidades coletivas de construção da política estadual de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais do Paraná. Guarapuava, 2010.

RIGOTTO, R. M. & ROCHA, M. M. Da crítica à ciência moderna à construção de novas práxis acadêmicas: a Pedagogia do Território e a Ecologia de Saberes. In: Anais do Colóquio internacional Epistemologias do Sul: Aprendizagens globais Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul, 2014.

ROCHA, Otávio Gomes. Por uma Geografia de lo comum: Territorio, Trabajo e Subjetividade comunitária em contextos de conflitos territoriales. 525p. Tese de Doutorado em Desenvolvimento Rural da Divisão de Ciências sociais e humanidade da. Universidade Autônoma do México.2020.

ROSS, Djoní; et al. A geografia das Lutas Camponesas do Paraná. In: Atlas da questão Agraria no Paraná: diálogos em construção. Navirai, MS: Ipuvaíva, 2021. Cap.1, p. 47-72.

RUCKERT, Bianca. O cuidado em saúde por mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: saberes, competências e práxis / Bianca Rückert. – Belo Horizonte.192 f. Tese de doutorado em saúde coletiva, Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva do Instituto René Rachou. Fiocruz, 2018.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019 .163p

RUFINO Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial,2021.84p.

SANTOS, Antonio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: UBU Editora/. PISEAGRAMA, 2023 .112pp.

SANTOS, Marilena Chauí. *Democracia e violência nos movimentos sociais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019.

SCOREL, S. Reviravolta na saúde: origem e articulação do movimento sanitário. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998. 208 p.

SONDA, Cristina. Reforma Agrária, desmatamento e conservação da biodiversidade no Estado do Paraná. In: Sonda, C; TRAUCZYNSKI, S.C. (org.) Reforma agrária e meio ambiente.: teoria e pratica no Estado do Paraná. Curitiba, ITCG, 2010, p.83-100.

SOUZA, Rafaela Lopes; CAVALCANTE, Leandro Vieira. Práxis epistêmica da pedagogia do território: contribuições decolonias à Geografia. Geografia. Rio Claro SP. V.46, n.1, 2021.

SOUSA, Roberto Luiz. *Faxinais: formas tradicionais de uso e conservação do território no sul do Brasil*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

SVAMPA, M. Feminismos del Sur y ecofeminismo. Nueva Sociedad N.256, marabr.2015. p.127-131.

SILVA, Camila. G; PRADA, Clara. A. Saúde no campo: caminhos percorridos pelo Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Saúde e debate. Rio de janeiro, v.43, n. especial, p. 50-65, dez 2019.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; JESUS, Anderson R.; MATTOS, Geovana T. de. *Epistemologias negras, indígenas e outras insurgências: por uma política do conhecimento*. In: MATTOS, Geovana T. de; SILVA, Petronilha B. G.; JESUS, Anderson R. (org.). *Educação, alteridade e diferenças: epistemologias negras, indígenas e outras insurgências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 59–78.

SIMAS, Luiz Antonio. *Umbandas: uma história do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. ISBN 978-65-5802-044-8.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz; HADDOCK-LOBO, Rafael. *Arruaças: uma filosofia popular brasileira*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. ISBN 978-65-86719-34-5.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. Encantamento: sobre política de vida. Mórula Editorial, 2020.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018. 124p.

SIMAS, Luiz Antonio; Rufino, Luiz. **Flecha no tempo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. 112p.

SOUZA, ROBERTO M. Identidade coletiva e conflitos territoriais no sul do Brasil. Manaus, AM: UEA Edições, 2014. 250p.

TAMANO, Luana Tieko. O movimento Sanitarista no Brasil: a visão da doença como mal nacional e a saúde como redentora. Khronos. Revista história da ciências. USP. n.4. 2017.

TERRA DE DIREITOS. *O Brasil e a 14ª Convenção da Diversidade Biológica: a tragédia anunciada à biodiversidade*. Curitiba: Terra de Direitos, 2018. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/acervo/publicacoes/boletins/49/o-brasil-e-a-14-convencao-da-diversidade-biologica-a-tragedia-anunciada-a-biodiversidade/22992>. Acesso em: 3 jun. 2025.

TREVISAN, Janaina. G. Práticas de Cuidado e a vida como centralidade no assentamento Dom José Gomes em Chapecó/Santa Catarina: a escala do corpo na reforma agrária popular. 225p. Dissertação (Mestrado) na Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, programa de Pós-graduação em Geografia, Curitiba-PR, 2021.

ULRICH, Claudete Beise. Recuperando espaços de emancipação na história de vida de ex-alunas de escola comunitária luterana. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

VANDRESEN, José C; BUTI, Rafael.P; SOUZA, Roberto.M. Narrativa sobre a sistematização das experiências da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais. In:SOUZA, Roberto Martins et al. **Identidade Coletiva e conflitos territoriais no sul do Brasil-Manaus**, AM: UEA Edições 2014.

WALSH, Catherine. (2005). *Interculturalidad y colonialidad del poder: un pensamiento y posicionamiento "otro" desde la diferencia colonial*. In **Edgar Isch (Ed.)**, *Políticas públicas y derecho a la educación en América Latina: el reto de la interculturalidad* (pp. 47–62). Quito: Ediciones Abya-Yala.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver; In: Educação Intercultural na América Latina:entre concepções tensões e propostas,2009.

WALSH, Catherine. 2015. **Saberes ancestrales y economía del conocimiento**. Seminario internacional. Capitalismo cognitivo y economía social del conocimiento. Centro Internacional de Estudios de Comunicación para America Latina. Acessado em 8 maio 2021.

WALSH, Catherine. Pedagogías decoloniales caminando y preguntando: notas a Paulo Freire desde Abya Yala. *Entramados: Educación y Sociedad*, Mar del Plata, v. 6, n. 6, p. 166–181, 2019.Disponível em: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/entramados/article/view/1075/1118>. Acesso em: 3 jun. 2022.

WALSH, Catherine. Gritos, grietas y siembras de vida: entretejer de lo pedagógico y lo decolonial. In: WALSH, Catherine. *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo II. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2021. p. 17–39. Disponível em: <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2018/03/catherine-walsh-pedagoc3adas-decoloniales-volume-ii.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2022.

_____.**Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WEDIG, Josiane Carine. **Conhecimento não se vende: a colonialidade e o embate de perspectivas sobre os conhecimentos tradicionais**. CIVITAS. v.21, n.2, p. 334-343, maio./ago.2021.

WEDIG, Josiane Carine e João Daniel Dorneles Ramos. 2020. **A colonialidade nas práticas de saúde e as resistências de benzeiras e mães de santo**. Revista Mediações 25 (2): 488-503. <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2020v25n2p48>.

ZARAGOCIN, Sofia. La Geopolítica del útero: hacia una geopolítica feminista decolonial en espacios de muerte lenta. In: CRUZ, D., BAYON, M. (orgs.). *Cuerpos, territorios y feminismos*. Quito: Abya Yala y Estudios Ecologistas del Tercer Mundo, 2018.

ZIBECHI, Raul. **La emancipacion como produccion de vinculos**. En publicacion: Los desafios de las emancipaciones en un contexto militarizado. Ceceña, Ana Esther. CLACSO, Consejo Latinoamericano de ciencias sociales, Ciudad Autonoma de Buenos Aires, Argentina. 2006. pp. 123-149